

PANORAMA DO ENSINO RELIGIOSO NO BRASIL. RELATÓRIO 2024

ORe OBSERVATÓRIO DA RELIGIÃO
NA ESCOLA

Carlos Esteban Garcés



fundação sm

Expediente | Ficha técnica

Panorama do Ensino Religioso no Brasil. Relatório 2024

Autor: Carlos Esteban Garcés

Coordenação da pesquisa: Ariana Pérez Coutado

Gestão do projeto: Erica Gabriela De Carvalho

Apoio técnico-pedagógico: Janaina Pinto Paim e Humberto Herrera Contreras

Apoio institucional: Comissão para a Cultura e a Educação – CNBB

Trabalho de campo: Hello Group

Análise de dados: Instituto IDEA

Revisão: Humberto Herrera Contreras

Capa e projeto gráfico: Sara Rioja

Diagramação: Laura Escobedo Murata

© Fundação SM, 2024

Av. Paulista, 1842, 18 andar – Condomínio Cetenco Plaza,
Torre norte – Bela Vista, São Paulo/SP. CEP: 01310-945.

<https://br.fundacion-sm.org/>

<https://ore.fundacion-sm.org/>

ISBN: 978-65-996010-4-0

Impresso no Brasil / Printed in Brazil

Fica proibida a reprodução total ou parcial deste livro, assim como a sua digitalização, transmissão de qualquer forma ou por qualquer outro meio, seja ele eletrônico, mecânico, por fotocópia, por registro ou outros meios, sem a autorização prévia por escrito dos titulares.

PANORAMA DO ENSINO RELIGIOSO NO BRASIL RELATÓRIO 2024

ORe OBSERVATÓRIO DA RELIGIÃO
NA ESCOLA

Carlos Esteban Garcés



Apresentação da diretora da Fundação SM

Desde a origem do Observatório da Religião na Escola da Fundação SM, em 2020, realizamos estudos e pesquisas visando proporcionar informações precisas para análise e tomada de decisões posteriores. Nesta ocasião, tenho muito orgulho de apresentar o relatório intitulado Panorama do Ensino Religioso no Brasil. Relatório 2024. Esse estudo representa uma radiografia rigorosa de opiniões de três grupos essenciais Ensino Religioso: professores, estudantes e suas famílias.

Esse relatório é pioneiro, pois, pela primeira vez no Brasil, esses grupos tiveram a oportunidade de expressar simultaneamente suas percepções sobre o Ensino Religioso no sistema educacional. Através de uma metodologia completa e de uma análise sociológica de qualidade, obtivemos uma visão integral e precisa de como o Ensino Religioso é visto em vários contextos educacionais.

Os dados revelam que o Ensino Religioso contribui decisivamente para a formação integral dos estudantes, fomentando valores essenciais como assertividade, empatia, liberdade e responsabilidade. Os perfis consultados também destacam seu papel na inclusão social e cultural e na construção de uma cidadania democrática.

Entre as descobertas mais importantes, observa-se uma satisfação generalizada de professores, estudantes e famílias com o Ensino Religioso. Os professores avaliam positivamente sua contribuição educacional e se sentem competentes e satisfeitos com

seu trabalho, o que tem um impacto positivo em sua saúde emocional e profissional. Por sua vez, os estudantes gostam do Ensino Religioso e reconhecem sua importância em seu desenvolvimento pessoal e acadêmico. Por fim, as famílias estão satisfeitas com a formação que seus filhos e filhas recebem no Ensino Religioso e valorizam sua contribuição para a educação integral.

O relatório também identifica oportunidades de melhoria no Ensino Religioso, como a necessidade de superar estereótipos e de valorizar adequadamente o saber religioso nos sistemas educacionais. Essa valorização não só melhorará a consideração social do Ensino Religioso, mas também deverá inspirar decisões políticas e educacionais que fortaleçam sua presença no sistema educacional.

Com humildade, propomos que este relatório não seja um ponto final, mas que estimule a capacidade de diálogo e o trabalho conjunto que trará melhorias contínuas no Ensino Religioso no Brasil, e que seja uma fonte de inspiração para os responsáveis pela política educacional, que verão reforçada sua importância e, conseqüentemente, a necessidade do Ensino Religioso no desenvolvimento das pessoas.

Agradecemos a todos os que participaram do estudo por sua valiosa colaboração e esperamos que os resultados e as conclusões aqui apresentados contribuam para o bem comum e para uma educação mais inclusiva e de qualidade.

Mayte Ortíz Vélez
Diretora da Fundação SM



Apresentação do relatório

A presença do Ensino Religioso nos sistemas educacionais é uma realidade histórica e diversificada nos estados de nosso país, que responde a compromissos diferentes e complementares das partes envolvidas. Por um lado, o Brasil, como todos os países avançados e democráticos, desenvolve políticas educacionais comprometidas com uma educação integral para todos os(as) estudantes, que desenvolva suas habilidades e aptidões, que vise ao **pleno desenvolvimento de sua personalidade** e que inclua a dimensão religiosa e espiritual que faz parte da natureza humana. Trata-se de um compromisso alinhado com a Declaração Universal dos Direitos Humanos que, em seu artigo 26, primeiro parágrafo, garante que o objetivo da educação deve ser a formação plena e integral de todos os(s) estudantes, ou seja, o pleno desenvolvimento de sua personalidade. Portanto, entendemos que o sistema educacional brasileiro está alinhado a essa declaração quando trabalha para a educação integral de todos e incorpora o Ensino Religioso. Consequentemente, a presença do Ensino Religioso nas escolas responde a esse compromisso com o mandato da educação integral que provém dos direitos fundamentais e da dignidade humana.

Por outro lado, esse direito universal à educação integral, em cuja gestão os órgãos políticos têm um papel insubstituível, deve ser realizado em coordenação e harmonia com o **direito fundamental das famílias** de escolher o tipo de educação que preferem para seus filhos e filhas, especialmente no que diz respeito às convicções morais e religiosas. Como consequência dessa coordenação, o Ensino Religioso é estabelecido como parte do sistema educacional de várias maneiras e, até

certo ponto, também é escolha das famílias que seus filhos sejam matriculados ou dispensados de cursos na área. Uma responsabilidade das famílias garantida pela Declaração Universal dos Direitos Humanos, em seu artigo 26 que, após reconhecer o direito universal à educação e à formação integral, primeiro e segundo parágrafos, proclama em terceiro lugar o direito de preferência das famílias de escolher o tipo de educação religiosa e moral que preferem para seus filhos e filhas. Portanto, entendemos que o sistema educacional brasileiro está em consonância com os direitos humanos quando incorpora o Ensino Religioso em suas escolas e as famílias aceitam essa proposta educacional, a menos que manifestem opinião contrária.

Nesse sentido, a realidade do **Ensino Religioso** é o resultado de um compromisso cooperativo, por um lado, dos órgãos políticos do Ministério da Educação do país e, por outro, de cada um dos Estados que, como unidades federativas, compõem o país e garantem o direito à uma educação integral. Além disso, a Igreja Católica e outras denominações religiosas presentes na sociedade brasileira cooperam com as políticas educacionais para atender à educação integral e à demanda das famílias. Uma realidade complexa e diversificada que valorizamos positivamente porque está alinhada com o direito internacional e a Declaração Universal dos Direitos Humanos.

Sendo assim, a **cooperação** da Igreja Católica e das denominações religiosas com as autoridades educacionais responde a uma escolha das famílias para que seus filhos recebam uma educação de acordo com suas próprias convicções religiosas e morais e com um sistema educacional comprome-

tido com a educação integral de todos. Isso harmoniza de maneira exemplar o papel insubstituível do Estado na gestão do direito à educação com o direito das famílias, como principais responsáveis de escolher o tipo de Ensino Religioso que preferem para seus filhos. Tudo isso, como vimos, dentro de uma estrutura de respeito aos direitos humanos.

Bem, concentramos o objetivo deste estudo sociológico nesse compromisso dos sistemas educacionais que inclui, de várias maneiras, um **Ensino Religioso** reivindicado em uma educação de qualidade para todos. Consideramos necessário ter um diagnóstico que nos permita descrever com certo rigor acadêmico como é sua realidade. A fim de conhecer a situação e detectar a percepção social do Ensino Religioso em nosso país, realizamos uma ampla pesquisa, cujos resultados apresentamos agora.

Em nossa pesquisa sobre o Ensino Religioso nas escolas, demos a palavra a **professores(as), estudantes e suas famílias**. Este relatório apresenta um capítulo dedicado a cada um dos três grupos entrevistados, revelando as percepções de cada um deles, tanto sobre aspectos gerais da educação quanto sobre Ensino Religioso. Esses resultados são, sem dúvida, o estudo mais completo e abrangente sobre a presença do Ensino Religioso realizado até o momento no Brasil.

Temos certeza de que a soma das descobertas e evidências obtidas em cada um dos três estratos fornecerá um **panorama completo** de todos os protagonistas do Ensino Religioso no Brasil. Até o momento, não dispúnhamos de dados tão completos sobre a percepção social do Ensino Religioso, o que nos permitirá ver como, na opinião

de seus protagonistas, o Ensino Religioso no Brasil vai bem.

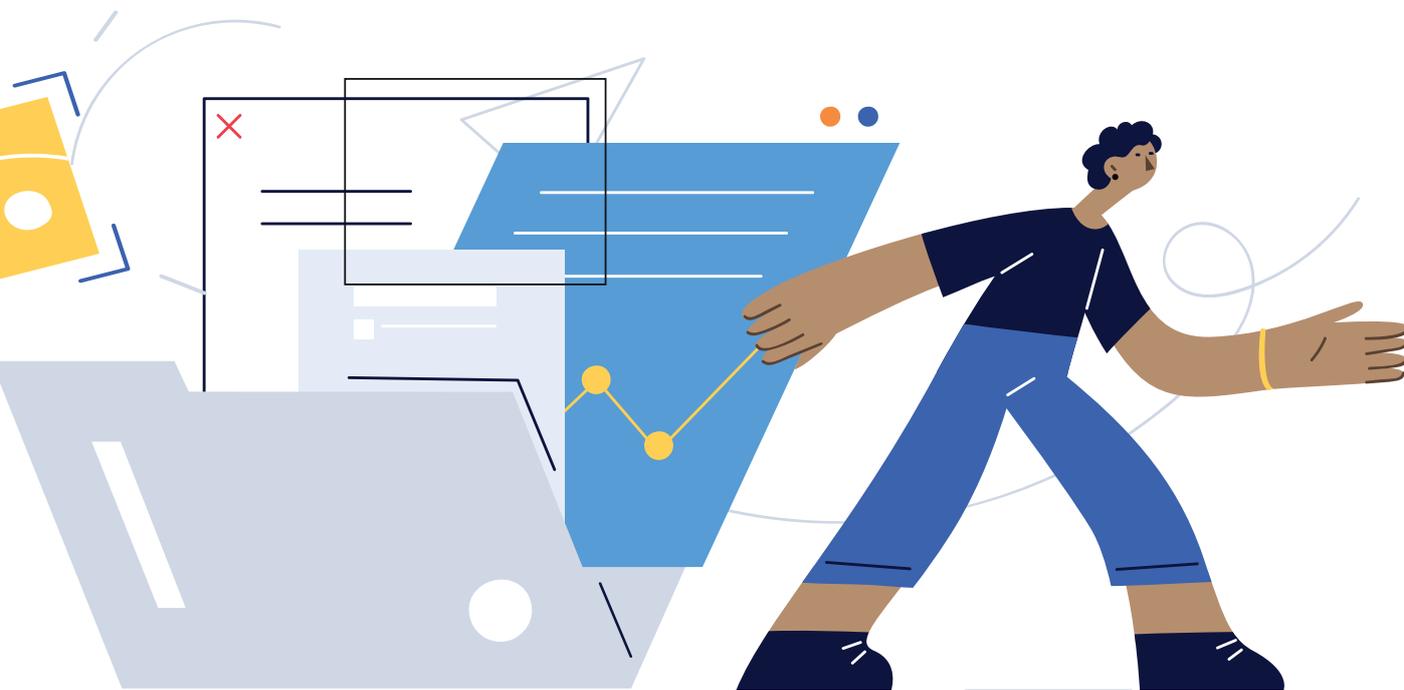
Nosso estudo conclui que o Ensino Religioso **não é um problema** para seus protagonistas, professores(as) e estudantes. Também não é para famílias ou instituições escolares. Pelo contrário, os resultados das pesquisas e as considerações que apresentamos aqui sugerem que essa é uma realidade educacional que funciona, de modo geral, razoavelmente bem. Os dados obtidos mostram uma satisfação generalizada com o trabalho docente, com o desenvolvimento do processo de ensino-aprendizagem em sala de aula e com a valorização das contribuições educacionais tanto das famílias quanto dos(as) estudantes.



Este relatório é um dos estudos realizados pelo Observatório da Religião na Escola da Fundação SM. Através da educação, a arma mais poderosa para mudar o mundo – como disse Nelson Mandela e que nos inspira – queremos nos comprometer com a construção da Casa comum de todos e acreditamos que o **conhecimento religioso, bem entendido, é um bem comum** e pode contribuir para melhorar essa educação capaz de transformar a realidade e alcançar a emancipação de todas as pessoas e todos os povos. Assim, nossa proposta será tornar o conhecimento religioso “um cidadão do mundo”, porque acredita-

mos que seu ensino, devidamente entendido, é um bem comum. Essa é a linha do Observatório de Religião na Escola.

Sem dúvida, esse novo relatório do Observatório nos permitirá descrever a percepção do **Ensino Religioso no Brasil**. Esse relatório é adicional a outros relatórios que fazem parte de seu serviço de educação e Ensino Religioso nas escolas. Nesse sentido, parece apropriado compartilhar, por meio de uma estrutura conceitual, a educação que queremos em geral e o Ensino Religioso que queremos, em particular.



1. A educação que queremos

A convocação do Papa Francisco sobre educação, seu chamado para um Pacto Educativo Global, é uma iniciativa para nos conscientizarmos da responsabilidade que temos de levar a educação a todos os confins do planeta e, através dela, fazer deste mundo uma Casa comum compartilhada por toda a humanidade. O convite é para que todos os setores educacionais se unam para compreender a educação como uma verdadeira humanização, cuidando das pessoas e da natureza.

1.1. Melhorar o mundo requer um caminho educacional

O pacto educativo propõe, como deixa claro nas palavras da mensagem inicial, um compromisso global para melhorar o mundo, em particular com suas propostas éticas para uma ecologia integral e fraternidade universal. Convoca todos os cristãos, todos os fiéis de outras tradições religiosas e todos os homens e mulheres de boa vontade a construir a Casa comum da humanidade.

Esse compromisso com a transformação social envolve todas as religiões, conforme expresso na declaração de Abu Dhabi sobre a fraternidade humana, que mais tarde foi confirmada na encíclica *Fratelli tutti* (Papa Francisco, 2020), que esclarece o diálogo inter-religioso a fim de criar pontes de encontro entre povos e pessoas: “Chegou o momento de as religiões se engajarem mais ativamente, com coragem e audácia, com sinceridade, para ajudar a família humana a amadurecer a capacidade de reconciliação.”

Essas propostas éticas de escopo global de ecologia integral e fraternidade humana precisam de:

“um caminho educacional que amadureça uma nova solidariedade universal e uma sociedade mais acolhedora.”

Dessa forma, a educação revela-se como o melhor caminho para a construção da dignidade humana e da fraternidade universal, categorias culturais e antropológicas que sustentam todo o pontificado de Francisco e que, na educação, consideramos pedagógicas.

1.2. Convocados a colocar a pessoa no centro da educação

Com um horizonte humanista de dignidade humana e fraternidade universal, esse pacto global pela educação propõe: “ter a coragem de colocar a pessoa no centro.” Partindo desse princípio humanizador, são propostos os seguintes eixos programáticos para uma nova educação:

- procurar outras formas de entender a economia, a política, o crescimento e o progresso, colocando o valor próprio de cada pessoa no centro;
- investir as melhores energias na educação de pessoas abertas, responsáveis, dispostas à escuta, capazes de melhorar as relações humanas;
- formar pessoas que se coloquem a serviço da comunidade, especialmente estendendo a mão com ternura e compreensão àqueles que mais precisam.

Esse chamado é um convite para reumanizar a vida no planeta, para construir um mundo melhor,

para promover o que dá sentido à história, para transformar o mundo em algo melhor, para cultivar juntos o sonho de um humanismo solidário que responda às melhores esperanças das pessoas e ao sonho de Deus de fraternidade humana.

Estamos bem cientes de que, no fundo, esse debate é mais antropológico do que pedagógico, porque sabemos que o que torna a pedagogia e a inovação educacional contribuições positivas não são seus meios, mas seus fins, seus horizontes. E propomos os mais altos ideais de dignidade humana e fraternidade como os objetivos finais da educação, a fim de promover um novo humanismo pedagógico que alcance todo o planeta.

A principal tarefa da humanidade é produzir mais humanidade, ou seja, nossos melhores objetivos não são a produção de riquezas, nem o progresso infinito, nossa melhor finalidade é que, nas palavras de Mounier, a educação desperte o ser humano em todos nós e que ele possa construir sua personalidade livremente, mas com responsabilidade por si mesmo e por todos os demais. Sonhamos com uma educação em que todos os estudantes sejam capazes de descobrir um significado para suas vidas, em que cuidar de si mesmos e da Casa comum sejam fins a que todos aspiram.

Do nosso ponto de vista, para alcançar os objetivos dessa aliança educacional, para promover essa mudança antropológica no sentido da fraternidade aberta e da responsabilidade no cuidado da Casa comum, é necessário fortalecer a aprendizagem essencial relacionado às ciências humanas em geral e ao Ensino Religioso em particular. “Precisamos de uma consciência de uma origem comum, de um pertencimento humano comum e de um futuro compartilhado por todos”, um projeto que

talvez somente as ciências humanas e as tradições religiosas possam propor.

A educação humanizadora de que tanto precisamos, como o Papa Francisco explicou na Pontifícia Academia de Ciências Sociais: “deve ensinar a viver, a defender a vida, a assumi-la como uma tarefa, como um projeto. Esse projeto deve responder ao sonho que temos de nós mesmos, deve antecipar a pessoa que queremos nos tornar.”

1.3. Educar não é só transmitir conceitos

Entender a educação não é uma tarefa só da escola, também envolve toda a família humana. O conceito de educação não pode mais ser reduzido à mera transmissão de conhecimento ou instrução. O que está em jogo na educação, portanto, é o desenvolvimento de todas as potenciais de cada ser humano. É o que tantas vezes reivindicamos como o pleno desenvolvimento da personalidade do estudante ou como educação integral, mas que, pela repetição, parece ter perdido seu potencial.

A educação não é só transmitir conceitos, o Pacto Educativo Global propõe três linguagens: da mente, do coração e das mãos. Porque educar é fazer referência a tudo o que compõe a vida sem esquecer as raízes, os valores, por exemplo, a verdade, a bondade, a criatividade e a beleza. Mais especificamente, esta é a proposta:

Educar não é só encher a cabeça de conceitos. É necessário que as três linguagens entrem em ação: a linguagem da mente, a linguagem do coração e a linguagem das mãos, de modo que pensemos em harmonia com o que sentimos e fazemos; sintamos em harmonia com o que pensamos e fazemos;

façamos em harmonia com o que sentimos e pensamos. Uma harmonia global, não separada do todo (Papa Francisco, 2020).

A educação, portanto, exige integrar a linguagem da cabeça com a linguagem do coração e a linguagem das mãos.

Que um educando pense o que sente e faz, sinta o que pensa e faz, faça o que sente e pensa. Ao fomentar o aprendizado da cabeça, do coração e das mãos, a educação intelectual e socioemocional, a transmissão de valores e virtudes individuais e sociais, o ensino de uma cidadania comprometida e solidária com a justiça, e ao transmitir as habilidades e o conhecimento que moldam os jovens para o mundo do trabalho e da sociedade, as famílias, as escolas e as instituições se transformam em veículos essenciais para o empoderamento da próxima geração (Papa Francisco, 2020).

Não podemos, portanto, manter a educação reduzida à mera instrução, porque se tornaria alienação. Acreditar que o conhecimento pode ser transmitido sem qualquer referência à sua dimensão ética é renunciar à verdadeira educação. É por isso que, apesar da importância dos saberes técnicos, exige-se que hoje, mais do que no passado, lembremos que todo ensino envolve também o questionamento dos porquês, ou seja, requer uma reflexão sobre os fundamentos e os fins de cada disciplina.

Por isso, a educação não pode abordar apenas conceitos e dados, ela deve explorar as questões dos porquês e para quês de cada um dos passos que nós, como humanidade, estamos dando. Por-

tanto, não são apenas os meios que importam, mas também os fins.

Para educar o ser, para colocar a pessoa no centro da educação, para acompanhar os processos formativos de cada pessoa, entendemos que a presença de valores e ideais, crenças e convicções é absolutamente necessária nos processos educacionais, porque são a espinha dorsal da identidade pessoal que cada pessoa escolhe e molda como resultado de sua formação.

1.4. Preocupados com o acesso universal à educação

Com um olhar responsável sobre a situação da educação no mundo, como faz o Pacto Educativo Global, surge imediatamente como uma preocupação fundamental o fato de que nem todos têm as mesmas oportunidades. Encaramos essa realidade como um fato desolador. Como podemos aceitar, em um mundo considerado desenvolvido, que um número excessivo de crianças e jovens ainda não tenha acesso à educação básica, muito menos à educação de qualidade?

Apesar dos avanços de escolarização em todo o mundo, uma conquista louvável, a educação continua desigual entre a população mundial. A pobreza, a discriminação, a mudança climática, a globalização da indiferença, a coisificação do ser humano, debilitam o florescimento de milhões de criaturas. De fato, para muitos, representam um muro quase intransponível que impede a realização dos objetivos e metas de desenvolvimento sustentável e garantido estabelecidos pelos povos.

Os dados dessa pobreza educacional nos atingem em cheio. Não é possível encarar essa realidade

sem dor, porque todas essas crianças e jovens sem voz são excluídos dos direitos essenciais de sua dignidade. É uma experiência dolorosa que nos abala e que o Pacto Educativo Global denuncia mais uma vez.

A educação, além da emancipação pessoal, deveria ser o fator mais importante para garantir a igualdade de oportunidades e de condições para usufruir das mesmas. Além de ser um direito fundamental, a educação contribui para o desenvolvimento da própria dignidade e promove emprego, renda, saúde e redução da pobreza.

Hoje, somos convocados a renovar e reintegrar os esforços de todos — indivíduos e instituições — para que a educação chegue a todos os confins do mundo, para que nenhum menino e nenhuma menina sejam excluídos de seus benefícios.

1.5. Acreditamos na necessidade de formação ética

Na educação que queremos, temos consciência de que as pessoas nascem, de certa forma, inacabadas, como se não estivessemos completamente programadas, nem biológica nem socialmente, mas com amplas possibilidades de realização. É como se nós, seres humanos, começássemos a viver e tivéssemos que decidir como queremos fazer isso. Bem, a origem da tarefa moral encontra-se precisamente na necessidade de que a educação ajude a responder a essa indeterminação humana básica. Trata-se de encontrar respostas para as perguntas sobre como queremos e como escolhemos viver.

Nesse sentido, o objetivo da necessária educação ética e em valores é fazer com que nossos estu-

dantes aprendam a viver. Aqui reside o principal desafio das pessoas: escolher um modo de vida que realmente desejamos para nós mesmos e para todos os que nos rodeiam. A vida se revela como uma obra de arte que cada um de nós molda no exercício de nossa liberdade e na construção de nossa identidade. Esse processo também é um espaço para a cristalização de valores, cosmovisões e de sentido.

Aprender a viver exige uma educação integral e completa que inclua as principais áreas da experiência humana. Claro, deve incluir uma formação moral, que certamente não é apenas outra dimensão, mas todas as áreas da vida envolvem necessariamente um aprendizado ético.

Vejamos qual é essa formação moral nas áreas vitais que constituem momentos essenciais no processo educacional: aprender a ser, aprender a conviver, aprender a fazer parte da sociedade e aprender a habitar o mundo.

- **Aprender a ser.** Neste processo, além de escolher como se deseja ser, é preciso usar a personalidade escolhida para abordar as questões da vida.

Aprender a ser é, essencialmente, construir *uma ética de si mesmo*: não deve ser entendido como uma forma de individualismo, mas como uma personalização do que se conhece nos contextos da vida, com seus paradigmas ideológicos, culturais e morais; embora também seja possível ir além do que se conhece e superar a presença da uniformidade.

Por isso, o resultado de aprender a ser é uma formação ética, porque é escolher o modo dese-

jado de ser com o maior grau possível de autonomia e, ao mesmo tempo, de responsabilidade.

- **Aprender a conviver.** Esse processo formativo sempre ocorre dentro da comunidade, na qual os vínculos se estabelecem com base na abertura e na compreensão dos demais, também são gerados compromissos com realização conjunta.

Aprender a conviver é socializar, superar a tendência ao isolamento para se recuperar de um excesso de individualismo que não é estranho ao ser humano.

Assim, o resultado de aprender a conviver é uma educação ética, porque é construir uma ética relacional preocupada com a criação de vínculos entre as pessoas, uma ética da alteridade.

- **Aprender a fazer parte da sociedade.** Esse processo educacional consiste em fazer parte da comunidade, alcançando um bom nível de civismo — respeito às normas e hábitos públicos — e tornando-se um cidadão ativo — reivindicar seus direitos e, ao mesmo tempo, cumprir os deveres de convivência.

Esse aprendizado da vida em sociedade é o esforço para se tornar um membro cívico e um cidadão ativo em uma sociedade democrática e participativa.

Assim, o resultado de aprender a participar da sociedade é uma ética cívica que nos torna cidadãos responsáveis uns pelos outros. Esse processo deve incluir a preocupação e o cuidado com a humanidade e a natureza. Hoje, mais do que nunca, nosso planeta clama por essa edu-

cação ética universal de responsabilidade pelo presente e pelo futuro das pessoas e da Terra.

- **Aprender a habitar o mundo.** Esse processo educacional exige uma educação para o desenvolvimento da competência global e cidadã. É necessário desenvolver uma ética global de responsabilidade pelo presente e pelo futuro das pessoas e do planeta.

A cidadania global significativa é uma corrente social que promove um novo modelo educacional de cidadania comprometida com a conquista de um mundo mais justo e sustentável. Na educação que queremos, o desenvolvimento da competência global e cidadã pode ser uma alavanca de transformação social.

Essa necessária formação ética, de acordo com a educação que queremos, tem atualmente uma presença frágil e indefinida no sistema educacional, embora ninguém negue sua importância. Acreditamos que merece mais atenção tanto na matriz curricular quanto na tutoria.

A crescente globalização do nosso mundo exige que demos um passo a mais na atenção necessária que a educação deve dar à formação moral, já que aprender a viver em um mundo global requer a formação de cidadãos globais, com uma ética universal de preocupação e cuidado com a humanidade e a natureza, com sensibilidade para enfrentar os desafios globais.

Além de aprender a viver e habitar o planeta global, a educação que queremos aborda necessariamente uma dimensão emocional. Essa dimensão responde a perguntas como: somos pessoas que pensamos ou pessoas que sentem? As emoções influenciam a aprendizagem dos estudantes? O

que há por trás do comportamento inadequado, da má gestão emocional ou de um problema cognitivo de um estudante? O que são emoções e sentimentos e como influenciam nossa vida?

Hoje sabemos bem que a vida humana acontece em uma mistura do emocional e do racional e que todas as nossas ações têm como base o emocional. Sentir e pensar, emoção e cognição são funções que se misturam e interagem e raramente são expressas de forma totalmente independente.

Compartilhamos que não há aprendizagem sem cuidar da dimensão emocional; que tudo o que fazemos tem, até certo ponto, uma emoção na base; que as emoções influenciam a saúde, para o bem ou para o mal, e que o conhecimento das próprias emoções e sua regulação melhoram os resultados educacionais.

1.6. Estamos comprometidos com o cuidado da dimensão espiritual

A educação que queremos, além de ensinar a viver e a habitar o planeta, bem como cuidar da dimensão ética e emocional, deve necessariamente levar em conta a inteligência espiritual entre seus valores. Para nós, esse desenvolvimento espiritual desempenha um papel essencial na formação integral e está essencialmente ligado a aprender a viver a vida de forma significativa, talvez uma das propostas educacionais mais complicadas.

Desde as primeiras aproximações, a inteligência espiritual é definida como a capacidade de compreender a vida humana, de se situar diante dos demais, diante do mundo, diante do significado da vida e da morte e diante de outras questões existenciais da vida. Mas o ponto essencial é que a inteligência espiritual levanta a questão do signi-

ficado da vida, de cujas respostas dependerá, em grande parte, a realização e a felicidade humanas.

A inteligência espiritual é, em suma, uma realidade latente na pessoa, uma realidade antropológica que deve ser educada para desenvolver todo o seu potencial. Além das religiões, acrescenta Torralba, todo ser humano tem significado e necessidades espirituais, e podem se desenvolver tanto dentro da estrutura estabelecida das tradições religiosas quanto fora delas.

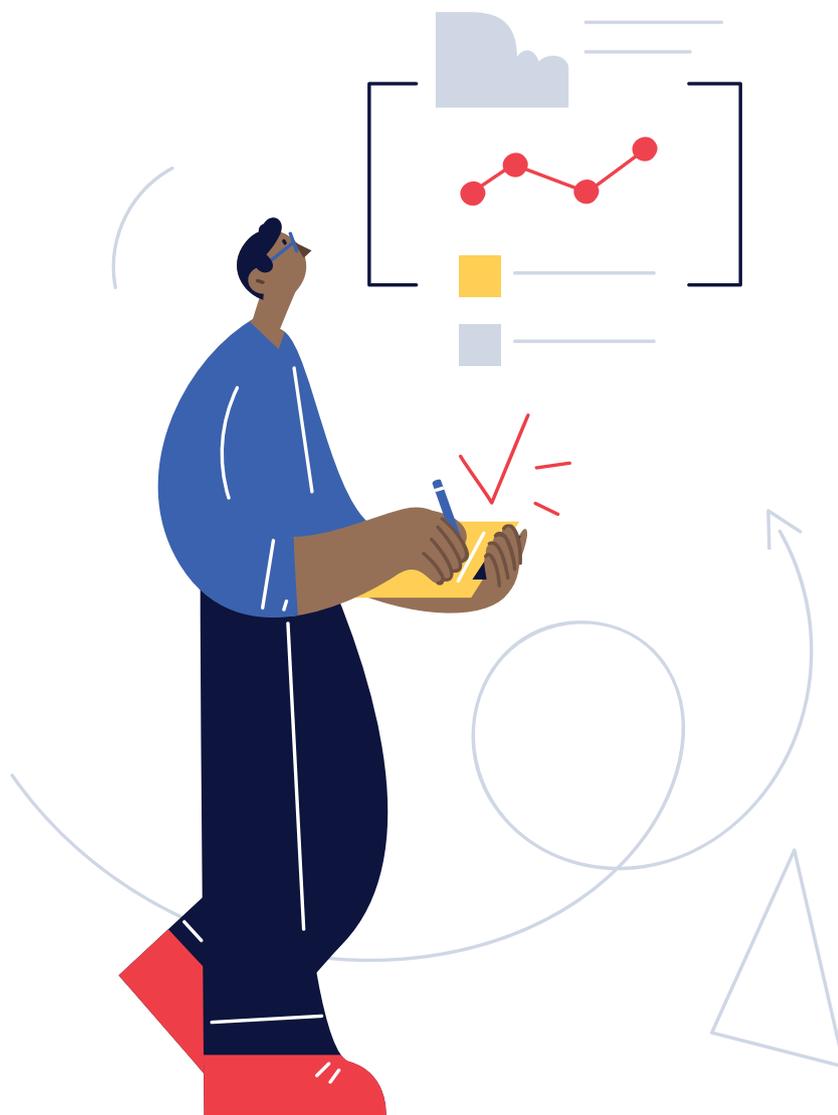
A interioridade converge aqui como o lugar íntimo da pessoa, onde o “eu” participa de todos os acontecimentos da própria vida. Neste interior, acontece um diálogo em que o “eu” é o protagonista, confrontando desejos, afetos, paixões, emoções, sentimentos, valores e ideais, crenças e convicções. É o resultado desses diálogos que determina as decisões pessoais e o comportamento humano, moldando, assim, a identidade pessoal.

O desafio educacional é justamente desenvolver essa capacidade de modo que esse diálogo interior não apenas ocorra, mas que seja realmente rico e autenticamente humanizador. O objetivo de uma educação de inteligência espiritual consiste em enriquecer todos os elementos interiores com os quais o “eu” estabelece sua conversa mais íntima.

A educação que queremos inclui a atenção à inteligência espiritual, convencidos de que ela favorece o desenvolvimento da pessoa em todas as suas dimensões. A educação dessa inteligência espiritual não leva necessariamente a uma experiência religiosa, faz sentido como uma realização humana, mas desperta preocupações e buscas que só podem ser atendidas pelo absoluto.

A educação que queremos, em resumo, está centrada no estudante e em seu aprendizado de ser, em vez de fazer, mas também em aprender a viver com os outros. Aspiramos a uma educação que não apenas forme a dignidade humana e prepare para a cidadania global, sonhamos com uma educação capaz de despertar em cada um de nossos

estudantes um sentido enriquecedor da vida, que inclua a ética e a cidadania, mas que vá além disso, e que surja do aprendizado de ser uma pessoa, uma formação em que cada passo, reiteramos mais uma vez, seja proposto, não imposto; seja cuidado, acompanhado e incentivado, porque é nisso que consiste a educação que queremos.



2. O Ensino Religioso que queremos

Entendemos o Ensino Religioso na escola como um serviço à sociedade e como uma contribuição à educação integral, portanto, um bem comum e um caminho para melhorar o mundo. Acreditamos em um Ensino Religioso centrado na pessoa e na dignidade para contribuir com esse novo renascimento do humanismo de que nosso mundo precisa.

Com o Ensino Religioso que queremos, nós nos comprometemos a renovar o pensamento ético, regenerar a democracia, cultivar a justiça e as liberdades, recuperar as humanidades, desfrutar da poesia e da música, de todas as linguagens artísticas, reivindicar uma ecologia integral e a solidariedade fraterna. Esses elevados fins são essenciais para a viabilidade da educação como um serviço para a emancipação pessoal e social. Ensinar como, mas não o porquê e para quê, pode nos levar a baixar a cabeça e obedecer a ordens, no entanto, sonhamos com a emancipação de todos as pessoas e todos os povos. E o Ensino Religioso se junta a esse renascimento humanista.

Portanto, acreditamos que o Ensino Religioso revela todo o potencial do ser humano ao explorar até mesmo além de seus limites aparentes e contribui para fortalecer os propósitos da educação. Compartilhamos a denúncia de Nuccio Ordine de que o utilitarismo tem invadido espaços onde nunca deveria ter entrado, por exemplo, a educação. Bem, se não entendermos a utilidade do aparentemente inútil, a arte, a poesia, a cultura, o ético ou o espiritual, construiremos uma sociedade de escravos ou robôs, de pessoas infelizes que não sabem rir. “Sem brincadeiras, sem risos, sem alimentar o espírito, estamos condenados a

sofrer com a raiva, a fúria, o ódio, a nos tornarmos apenas escravos e a realizar atos automatizados”, conclui Ordine.

2.1. Um Ensino Religioso centrado em aprender a ser e aprender a viver

Acreditamos que o Ensino Religioso com foco no aprendizado da vida contribuirá definitivamente para a educação no ser e não tanto no fazer ou na empregabilidade. Como proporemos nos caminhos futuros para o Ensino Religioso, nos juntamos ao futuro da educação centrada no aprender a ser, como já apontado por Edgar Faure na década de 1970, que foi um visionário dessa abordagem na educação. Mesmo hoje, cinquenta anos depois, ainda não respondemos à sua pergunta: “Não está na hora de exigir algo bem diferente dos sistemas educacionais? Aprender a viver; aprender a aprender, de modo que novos conhecimentos possam ser adquiridos ao longo da vida; aprender a pensar de forma livre e crítica; aprender a amar o mundo e a torná-lo mais humano.” Bem, o Ensino Religioso pode contribuir para responder a essa questão pendente, apoiando o desenvolvimento do ser pessoal.

O Ensino Religioso compartilha a proposta de Jacques Delors, na década de 1990, quando ele propôs que “uma nova e mais ampla concepção de educação deveria levar cada pessoa a descobrir, despertar e aumentar suas possibilidades criativas, atualizando assim o tesouro oculto de cada pessoa”. Ele é muito claro ao afirmar que “a finalidade da educação é o pleno desenvolvimento do ser humano”. Bem, o Ensino Religioso pode contribuir para encontrar esse tesouro escondido e,

assim, poderíamos completar a interpretação da fábula de Jean de La Fontaine com outro texto semelhante com ressonâncias bíblicas.

O Ensino Religioso se sente convidado para a educação no século 21 quando a UNESCO constata, no relatório Delors acima mencionado, que “o mundo, muitas vezes sem sentir ou expressar isso, tem sede de ideais e valores que chamaremos de morais para não incomodar ninguém. Que tarefa nobre é a da educação para que cada pessoa, de acordo com suas tradições e convicções e com total respeito pelo pluralismo, consiga essa elevação do pensamento e do espírito para o universal e para uma certa autossuperação! A sobrevivência da humanidade depende disso.”

O Ensino Religioso é um bem comum, de acordo com o relatório de Irina Bokova, quando coloca a educação como um bem comum do mundo. A religião, em um entendimento saudável, superando seus riscos de fundamentalismo e proselitismo, faz parte do melhor do mundo, do comum do mundo. E pode contribuir, através da educação, para a construção da Casa comum da humanidade, a fraternidade universal, como veremos em outro dos caminhos para o Ensino Religioso que abriremos mais adiante. O Ensino Religioso é um bem comum e isso se tornará mais evidente a cada dia que passa.

2.2. Uma educação inspirada no paradigma da interioridade

O Ensino Religioso pode ajudar a complementar algumas das tendências culturais predominantes do nosso tempo, os imperativos do politicamente correto e o pragmatismo neoliberal que têm nos levado a um modelo de vida voltado para o exterior. Não entendemos o exterior como sinônimo

de superficialidade; temos uma percepção positiva do exterior, incluindo a corporalidade, e do entorno físico e natural da Casa comum que nos acolhe. O exterior e o interior compõem a imensa beleza do ser humano e do nosso mundo; todas as suas linguagens são imprescindíveis para inspirar a comunicação e a interdependência.

O Ocidente foi o pioneiro nessa polarização da exterioridade em nossos costumes. Assumimos costumes como a importância da imagem, do imediatismo, da eficiência, do pragmatismo ou da produtividade, que nos levam a caracterizar a vida de forma superficial, banal e, às vezes, até frívola. O narcisismo tem ocupado muitos espaços vitais. Bem, os sistemas educacionais têm sido contaminados por essas tendências e têm inculcado uma superficialidade excessiva, às vezes desconectada da interioridade.

Nesse contexto, o Ensino Religioso contribui para a recuperação de uma abordagem voltada para o interior. Propomos, como já indicamos, cuidar da profundidade da alma (Santa Teresa) e cultivar o estrato mais profundo da nossa vida formado por crenças (Ortega y Gasset). Propomos olhar para dentro, porque é aí que a vida começa. “Se Deus habita em nossos corações”, somos chamados a repensar rigorosamente a experiência religiosa como uma realidade antropológica, em primeiro lugar, porque suas expressões culturais e sociais virão depois. Nesse sentido, a proposta deve ser mais mística do que moral. A fé não é mais transmitida de fora para dentro, não é mais imposta de cima para baixo, é um processo de crescimento de dentro para fora, mas sem o crescimento das raízes, a expressão da fé não germina.

Essa virada antropológica que propomos para a experiência religiosa não significa, de forma

alguma, um confinamento do religioso ao âmbito privado. Trata-se de cultivá-la dentro da pessoa com a convicção de que essa experiência de fé, quando atingir a maturidade, emergirá nas esferas social e cultural como uma manifestação da identidade pessoal, da personalidade, e construirá a Casa comum com responsabilidade.

2.3. Ensino Religioso como como área de conhecimento

Acreditamos em um conceito escolar de Ensino Religioso que se desenvolve na instituição escolar de acordo com seus próprios objetivos e métodos. Ou seja, uma área de conhecimento necessária para a educação integral que assumirá a responsabilidade pela aprendizagem que pode não ser abordada em outras áreas. Para nós, o Ensino Religioso na escola é uma proposta escolar que não visa explicitamente à iniciação religiosa, que corresponde aos âmbitos próprios das comunidades religiosas.

Especificamente, entendemos o Ensino Religioso como parte integrante do currículo escolar, pois é uma exigência da educação integral. Pode ser confessional ou não confessional, conforme disposto pelo sistema de ensino e/ou unidade educacional. Nesse sentido, como área de conhecimento é uma síntese da experiência da fé em diálogo com a cultura oferecida ao estudante de forma inseparável da formação humana.

- É uma *área* porque é desenvolvida dentro do contexto da instituição escolar com a intenção de formação humana e não de iniciação religiosa. Reconhece-se, portanto, o papel da escola de transmitir a cultura de forma sistemática e crítica e sua finalidade de educar o estudante integralmente. Reconhece-se também a

competência insubstituível do Estado na gestão do sistema educacional. Nesse contexto, propõe-se o componente curricular Ensino religioso que assuma as finalidades próprias da escola.

- É componente curricular devido à abordagem cultural e acadêmica. Descreve-se como componente curricular comum, comparável a outros componentes curriculares escolares. O Ensino Religioso pauta-se na contribuição das Ciências Humanas e Sociais e das Ciência(s) da(s) Religião(ões), e entre elas, a Teologia.
- É uma área curricular, que pode ser confessional, não confessional ou interconfessional. Esta é sua peculiaridade: propõe como compatível e complementar o diálogo entre fé e cultura – seu estatuto original – e a formação humana própria da escola da qual faz parte. Essa será uma peculiaridade dessa nova forma de compreender o Ensino Religioso na escola e, justamente por isso, faz parte do direito das famílias.

Em síntese propomos esta definição de Ensino Religioso: o Ensino Religioso na escola é, com toda a sua legitimidade - sem prejuízo da própria peculiaridade - um componente curricular próprio e rigorosamente escolar, comparável a outros componentes curriculares pela abordagem de seus conteúdos, pelo caráter formativo de seus métodos e pelo significado educacional do programa escolar como um todo.

Em 2020, foi publicado um novo Diretório Geral de Catequese, que dedica seus números 313-318 ao Ensino Religioso Confessional Católico e confirma essa mesma linha. O documento atesta a diferença, mais uma vez, entre a catequese na comunidade cristã e o ensino da religião católica, e até acrescenta que, se essa distinção não for man-

tida, há o perigo de ambas perderem sua própria identidade.

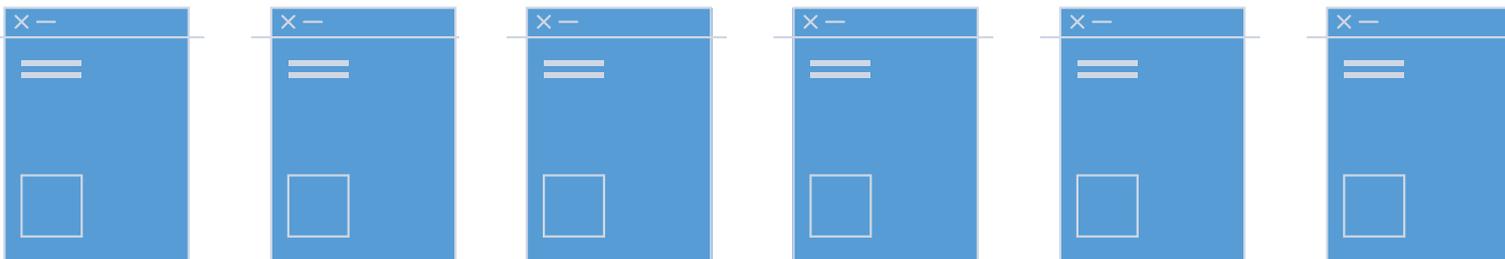
Como disciplina escolar, é necessário que o ensino da religião católica apresente a mesma exigência de sistematicidade e rigor das outras disciplinas, uma vez que, de modo especial neste âmbito, a improvisação é prejudicial e deve ser rejeitada. É forçoso que os seus objetivos sejam realizados de acordo com as finalidades próprias da instituição escolar.

Em relação às outras disciplinas, o ensino da religião católica é chamado a amadurecer a disponibilidade para um diálogo em clima de respeito e abertura, especialmente neste tempo em que as posições facilmente se crispam até desembocar em violentos choques ideológicos. Através da religião pode passar, portanto, o testemunho-mensagem de um humanismo integral [...] (nº315).

2.4. O Ensino Religioso ajuda a entender a cultura

O Ensino Religioso, enquanto área de conhecimento, propõe um aprendizado cultural, de acordo com a finalidade própria da escola de transmissão sistemática e crítica da cultura. Portanto, sem se afastar das finalidades próprias da instituição escolar, o componente curricular Ensino Religioso proporciona um aprendizado cultural que, além de fazer parte do nosso patrimônio material e imaterial, surgiu como uma expressão social ou cultural, em qualquer uma das linguagens artísticas, da experiência e das tradições religiosas e que está presente em nosso entorno nos dias de hoje.

Deve-se observar que, além de compreender a cultura, essa finalidade do Ensino Religioso, não diferente dos objetivos da escola, ressalta um caráter de lucidez e autonomia nos estudantes, que poderão assumir ou se distanciar da cultura herdada. Mas que precisa da interação com uma determinada cultura para moldar sua própria identidade pessoal.



Bem, essa finalidade educacional de transmitir a cultura e seu significado revela-se como uma nova característica da identidade do Ensino Religioso na escola, e também se acrescenta a necessidade do cultivo formativo da autonomia e do critério para se situar com lucidez diante dessa tradição cultural. É nesse desenvolvimento da autonomia pessoal, de critérios e valores escolhidos pessoalmente, próprios do Ensino Religioso, que encontramos uma concordância com a formação humana e a educação integral, que também apontam para o pleno desenvolvimento da identidade pessoal como uma de suas contribuições específicas.



Em nossos contextos culturais, tão condicionados pela economia de mercado, pelo pragmatismo ou utilitarismo, pela produtividade ou competitividade, pelo crescente domínio de componentes curriculares aparentemente prático e por um irreversível desprezo pelas humanidades, está em jogo a sobrevivência do conhecimento humano, no qual não podemos prescindir do que há de mais propriamente humanista. Ensinar o como, mas não o porquê e o para quê, nunca é uma ideia inocente. Sem as humanidades, não saberemos para onde ir, como indicamos, só poderemos abaixar a cabeça e obedecer a ordens, como nos mundos de George Orwell ou Aldous Huxley. É exatamente essa humanização que o Ensino Religioso tem como objetivo.

Portanto, percebemos a sinergia entre o Ensino Religioso e a educação integral no cultivo da lucidez e da autonomia dos estudantes e em sua interação com as culturas. A formação pode ajudar a abraçar a realidade cultural em todas as suas expressões sociais e linguagens artísticas, mas também a entender o significado profundo que as fez surgir. Do nosso ponto de vista, essas contribuições culturais na formação de cidadãos, tanto em suas expressões quanto em seus significados, não são apenas uma questão pedagógica, são, acima de tudo, uma contribuição antropológica.

Essas ênfases educacionais podem ser fortalecidas pela contribuição do saber religioso nos processos formativos que visam às mais altas aspirações educacionais da dignidade humana e da Casa comum.

Nesse contexto de formação cultural, devemos assumir a responsabilidade de fortalecer a ética e a estética na educação, pois são absolutamente necessárias para moldar artesanalmente o ama-

durecimento dos estudantes entre o respeito à autonomia e à liberdade, legítimo e necessário, e a socialização na comunidade de referência, também moral. Porque a comunidade e os valores próprios de um sujeito moral não são instrumentais e ocasionais, não podem ser dissociados do ser da pessoa. As questões comunitárias não são meros ornamentos na pessoa, emergem da dignidade humana. A identidade pessoal adquire significado moral combinando autonomia e comunidade.

Em conclusão, acreditamos que o Ensino Religioso contribui precisamente para esses fins culturais da educação, em todas as suas linguagens, e para esse fortalecimento da lucidez pessoal, em toda a sua profundidade. São desafios educacionais que, para nós, emergem da antropologia cristã em suas altas aspirações de dignidade humana e Casa comum.

2.5. O Ensino Religioso incentiva o protagonismo na sociedade

O Ensino Religioso, como componente da matriz curricular, propõe, propõe aprendizados sociais e éticos que os estudantes precisam para compreender a realidade social e assumir a responsabilidade por sua transformação e melhoria. Sem dúvida, essa característica do Ensino Religioso está de acordo com a função social da escola. Portanto, sem se afastar das finalidades próprias da escola, o Ensino Religioso propõe aprendizados sociais que não apenas têm a finalidade instrumental de aprender a conviver em sociedade, pela proposição de valores pessoais e sociais, mas também cultivam a motivação e a responsabilidade individual necessárias à dignidade humana e à construção social, pois, além de valores e ideais, o Ensino Religioso propõe crenças e convicções.

Deve-se observar que, além de uma inserção bem-sucedida na sociedade, essa finalidade do Ensino Religioso, em consonância com as funções próprias da escola, propicia o senso crítico e os valores para capacitar os estudantes em suas responsabilidades pessoais e sociais; promove-os como sujeitos da realidade social e como protagonistas na construção ética e política da sociedade, e não como meros espectadores ou objetos das decisões dos demais.

Assim, tanto a escola quanto o componente curricular Ensino Religioso podem desempenhar um papel essencial na realização dessa imprescindível tarefa cívica de aprender a viver com os outros e a ser responsável por fazer do planeta a nossa Casa comum. Essa será uma nova característica do Ensino Religioso, além das descritas anteriormente.

Para nós, o Ensino Religioso é uma jornada interior para conhecer, construir e cuidar das raízes da identidade pessoal, que culmina em outra jornada de volta à realidade social para transformar e melhorar a realidade. Obviamente, essa jornada educativa para dentro e para fora converge com a abordagem formativa do Ensino Religioso.

Portanto, se o Ensino Religioso for bem compreendido, com essa jornada em direção à interioridade e esse retorno à realidade, poderemos ver as contribuições formativas que apontam para o aprendizado de valores sociais, não apenas como hábitos de comportamento exterior, mas como experiências íntimas que mais tarde serão expressas pessoal e socialmente. Basicamente, referimo-nos a valores e ideais próprios do pensamento social cristão e compartilhados pela ética universal derivada dos direitos humanos.

A expressão de valores como compromisso ético, tendo cultivado um senso crítico, fruto da experiência pessoal, é o que torna o comportamento uma realização humana e não um automatismo que reduz antropológicamente os seres humanos e instrumentaliza seu comportamento a partir do exterior. Dessa forma, aprender a conviver se soma a aprender a ser, pilares das propostas educacionais que são o foco de nosso trabalho.

Concluindo, acreditamos que o Ensino Religioso converge para a necessidade de superar o reducionismo antropológico e mostra o caminho para a plena realização humana, unificando experiência e comportamento, significado e ética. Porque não se trata apenas de ensinar hábitos e normas éticas, nem apenas de cumprir as normas legais, aspiramos a uma exigência ética que nasce da experiência pessoal e interior. Assim, além do comportamento normativo, poderá ser uma realização pessoal de acordo com a dignidade humana e social da Casa comum. Para nós, essa integração pessoal de significado e ética também é derivada da antropologia cristã.

2.6. O Ensino Religioso aborda o sentido da vida

O Ensino Religioso, como componente curricular, pode contribuir com seus aprendizados vitais e significativos para permitir que os estudantes formem suas próprias personalidades, aprendam a administrar suas emoções e a moldar projetos de vida capazes de realizá-los como pessoas e torná-los felizes. Como o desenvolvimento pleno da personalidade do estudante é a principal finalidade da educação, o Ensino Religioso, com o objetivo de desenvolver a pessoa como um todo, pode, portanto, de acordo com as finalidades da escola, cultivar a formação da ética e o sentido da vida.

Esse desenvolvimento da própria consciência levanta questões existenciais que as religiões e filosofias de vida têm feito em todas as civilizações desde o início da humanidade; também as respostas que surgiram ao longo da história e que foram estruturadas como culturas e religiões podem ajudar os estudantes a desenvolver essa dimensão do sentido da vida.

Um dos objetivos mais importantes do Ensino Religioso é suscitar e esclarecer, de acordo com a capacidade do estudante, suas perguntas radicais sobre o sentido último da vida.

Deve-se observar que essa abordagem da ética e do sentido da vida, própria da identidade do Ensino Religioso, é proposta como uma probabilidade e uma pergunta, e não como uma resposta fechada que é imposta, como era o caso no passado.

Portanto, essa finalidade do Ensino Religioso, que não está desvinculada da educação, proporciona uma dimensão interior que pode dar significado aos valores e ao comportamento ético. Em todo caso, esses valores capazes de dar sentido à vida são propostos, mas não impostos. As perguntas e respostas também não são impostas, são levantadas, cultivadas e educadas. Se as respostas para o sentido da vida forem encontradas, a realização humana será, sem dúvida, mais completa e harmoniosa, e o comportamento ético não se limitará à conformidade com a lei ou à ética mínima. Estamos, portanto, diante das mais altas aspirações humanas, sem reducionismo antropológico.

Então, mais uma vez, propomos a convergência dessas finalidades, tanto do Ensino Religioso na escola quanto dos pontos fundamentais da educação integral. Ambas concordam com a proposta formativa de entrar em si mesmo, conhecer seus

próprios pensamentos e sentimentos, essa jornada rumo à interioridade se torna uma caixa de ressonância para tudo o que acontece no exterior. Nessa profundidade vital, o ser humano é capaz de vivenciar experiências estéticas, éticas e religiosas.

“Na medida em que a pessoa se aprofunda no mundo interior, a questão do sentido, as questões existenciais, surgem com veemência”, descreve Francesc Torralba. Essa imersão na própria interioridade ativa a questão do sentido da existência humana.

A principal missão educacional do Ensino Religioso é acompanhar os estudantes no reconhecimento desses desejos e anseios internos, acompanhá-los na conscientização do que são, de si mesmos e dos outros, do entorno e do mundo. O Ensino Religioso é, portanto, caracterizado por uma abordagem educacional que desperta perguntas existenciais e busca respostas. E é aqui que o Ensino Religioso oferece oportunidades de sentido mais do que em qualquer outro componente curricular.

Enfim, o Ensino Religioso educa com estas chaves para a vida. Quando nos conhecemos por dentro, podemos viver com mais consciência e liberdade, podemos respeitar e abraçar a diversidade sem sermos arrastados por aquilo que não coincide com quem somos. Educar para a vida é ensinar como estar bem consigo mesmo, conhecer e desenvolver seus próprios recursos e saber como integrar as dificuldades sem colocar em risco sua identidade pessoal. É ensinar como perceber o bom, o belo e o autêntico.

Em conclusão, acreditamos que o Ensino Religioso consiste em despertar nossos estudantes para experiências estéticas, éticas, espirituais e religio-

sas que lhes permitam moldar sua autonomia e identidade pessoal. São altas finalidades educacionais que, para nós, como nas propostas anteriores, têm seu fundamento na dignidade humana tão constitutiva da antropologia cristã.

2.7. O Ensino Religioso abre as portas para a espiritualidade

Conhecendo as contribuições culturais e sociais, cultivando a interioridade com suas contribuições éticas e estéticas, fazendo perguntas existenciais e perguntas de significado, é inevitável bater à porta da espiritualidade. Porque a formação integral e harmoniosa da dignidade humana, como a mais alta aspiração da educação, não é instrumentalizada, nem para por aqui; por sua própria natureza e potencial, está aberta a outras aspirações que acompanham a humanidade desde seus primórdios. E essas grandes aspirações se abrem inexoravelmente para a espiritualidade e as religiões. Assim tem sido a história da humanidade em todas as suas civilizações e em todos os seus tempos e, apesar de inúmeras previsões não cumpridas, esta ainda é a realidade atual para a grande maioria dos habitantes do planeta.

Entendemos que o Ensino Religioso se caracteriza por seu potencial de despertar uma espiritualidade capaz de alicerçar a identidade pessoal, de superar a dualidade entre interioridade e exterioridade, de articular sentimentos e compromissos éticos necessários à vida pessoal e em sociedade. A descoberta da experiência pessoal e da alteridade é um caminho necessário para a educação da personalidade que, no mínimo, abre a possibilidade de espiritualidade.

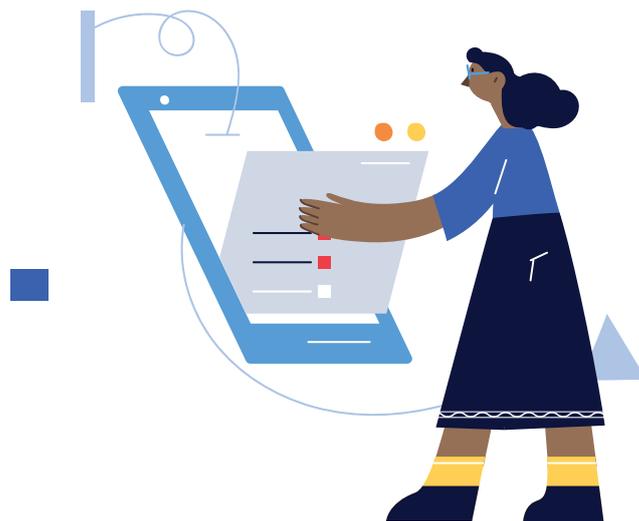
A relação entre a interioridade e a dimensão espiritual, tão decisiva para a dignidade e a felicidade

humanas, e tão característica do Ensino Religioso, convida-nos a ir além dos axiomas clássicos da educação e do que hoje vemos como seus limites, por exemplo, acreditar que a justiça atual ou uma legalidade baseada em direitos garante uma convivência harmoniosa entre os cidadãos e sua felicidade. Por isso, o desafio é superar uma educação instrumentalizada que só prepara para a cidadania; aspiramos a uma educação capaz de propor um sentido de vida, que inclua ética e cidadania, mas que vá além delas.

Portanto, cultivar questões existenciais de sentido, alimentar experiências de interioridade, promover a estética e a bondade, aprofundar a inteligência espiritual, já é um novo horizonte humano que a educação não pode mais evitar. E não será o último, porque alcançando esse ponto, inevitavelmente surgirá outro em que a questão de Deus virá à tona.

2.8. O Ensino Religioso confessional católico propõe o Deus de Jesus Cristo

Definimos o Ensino Religioso na escola como componente curricular, equiparável a outros componentes na abordagem de seus objetivos, no rigor acadêmico de seus conteúdos, na natureza formativa de seus métodos e no significado educacional do programa escolar como um todo; destacamos que ele ocorre no ambiente escolar e, como consequência, indicamos que ele assume os propósitos educacionais próprios da instituição escolar; descrevemos seu aprendizado essencial relacionado à cultura, à questão social, à ética e ao sentido; também nos referimos à sua peculiaridade epistemológica, das Ciências Humanas e Sociais, notadamente da(s) Ciências(s) da(s) Religião(ões), e também da Teologia, que não apenas não impede seu rigor acadêmico, mas também permite um diálogo do saber religioso com outros componentes curriculares.



Uma vez que a porta para a espiritualidade foi aberta, chegamos ao ponto culminante de entender o Ensino Religioso. Chegou o momento em que sua peculiaridade epistemológica dá um nome ao que encontramos na intimidade ou interioridade da dignidade humana e que a educação pretende despertar e desenvolver ao máximo possível. Porque quando se alcança a formação integral e o pleno desenvolvimento da personalidade, quando a vida emerge como um projeto do ser pessoal, é porque se atingiu uma realidade última que encontramos no mais pessoal e que não é apenas mais um pensamento, nem uma lembrança que aflora na memória.

O Ensino Religioso propõe, portanto, como o ápice da formação integral, o encontro com uma interioridade habitada, na adequada expressão de Francesc Torralba. Porque o caminho para a construção da identidade pessoal, o processo do despertar da dignidade pessoal, não se contenta mais com o que foi humanamente alcançado. Algo emerge com força interior que transcende o material e se abre para o espiritual. Até mesmo a espiritualidade parece ficar aquém em suas respostas e vislumbra outra presença que chamaremos de Deus.

Bem, o encontro com Deus é uma das questões essenciais com as quais o Ensino Religioso lida. É um de seus temas, de seus aprendizados essenciais. Mas se há ou não um encontro, certamente está além do escopo do que constitui um componente curricular.

Em suma, estamos diante de uma característica essencial e constitutiva do Ensino Religioso confessional católico, sua peculiaridade, seu caráter próprio, o que sua epistemologia, a Teologia e a Fenomenologia trazem. No nosso caso, sem excluir nenhuma outra abordagem, falamos de Deus, mas não de qualquer deus, e sim do Deus que acreditamos habitar no humano, o Deus de Jesus Cristo.

Em suma, com a apresentação deste relatório, renovamos nosso compromisso com a educação e com o Ensino Religioso; esperamos que os bons dados revelados aqui sobre professores, estudantes e suas famílias sejam um reconhecimento significativo de seu compromisso, cada um em seu próprio lugar, de contribuir para o bem comum. Assim, reafirmamos mais uma vez que o Ensino Religioso, devidamente entendido, é um bem comum.

Carlos Esteban Garcés

Diretor do Observatório sobre a Religião na Escola



Índice

Capítulo 1.

Professores(as) de Ensino Religioso	35
1. Introdução	37
2. Descrição dos(as) professores(as) de Ensino Religioso do Brasil	38
2.1. Alguns dados pessoais e sociais dos(as) professores(as) de Ensino Religioso	40
2.2. Formação acadêmica dos(as) professores(as) de Ensino Religioso	42
2.3. Desempenho profissional dos(as) professores(as) de Ensino Religioso	44
2.4. Compromisso social dos(as) professores(as) de Ensino Religioso	49
3. Perfil religioso dos(as) professores(as) de Ensino Religioso	50
3.1. A prática religiosa dos(as) professores(as) de Ensino Religioso	50
3.2. Compromisso eclesial dos(as) professores(as) de Ensino Religioso	54
4. Perfil pedagógico dos(as) professores(as) de Ensino Religioso	64
4.1. Livros didáticos e materiais próprios no Ensino Religioso	64
4.2. Metodologias que são aplicadas no Ensino Religioso	66
4.3. Técnicas de avaliação dos(as) professores(as) no Ensino Religioso	71



5.	Percepção do sistema educacional	74
5.1.	Sobre a primeira responsabilidade na educação	74
5.2.	Sobre o funcionamento do sistema educacional	79
5.3.	Sobre a formação dos(as) professores(as) de Ensino Religioso	80
6.	Avaliação do Ensino Religioso no sistema educacional	83
6.1.	Opinião a respeito da presença do Ensino Religioso no sistema educacional	83
6.2.	Debate sobre um Ensino Religioso de uma única religião ou da diversidade religiosa	93
6.3.	Avaliação positiva das contribuições educacionais do Ensino Religioso	95
6.4.	Percepção a respeito do perfil dos(as) professores(as) de Ensino Religioso	106
6.5.	Quem deve decidir sobre a matriz curricular de Ensino Religioso	107
6.6.	Percepção a respeito da presença da igreja local, dos padres e religiosos(as)	114
7.	Autoavaliação e estado emocional dos(as) professores(as) de Ensino Religioso	118
7.1.	Autoavaliação da tarefa realizada e sua consideração social	118
7.2.	Estado emocional dos(as) professores(as)	133
7.3.	Principais dificuldades e qualidades como professores(as)	136
7.4.	Avaliação da formação pedagógica dos(as) professores(as)	140
7.5.	Avaliação da formação teológica dos(as) professores(as)	141



Capítulo 2.

Estudantes de Ensino Religioso	145
1. Introdução	147
2. Alguns traços gerais dos(as) estudantes no Brasil	149
2.1. Perfil social dos(as) estudantes	151
2.2. Perfil religioso dos(as) estudantes brasileiros(as)	154
2.3. Estudantes e Ensino Religioso	156
3. Algumas opiniões de estudantes brasileiros(as) sobre educação e religião	160
3.1. Sobre a primeira responsabilidade na educação	160
3.2. Sobre o sistema educacional	161
3.3. Sobre as instituições religiosas na sociedade	162
4. Avaliação do Ensino Religioso na matriz curricular	165
4.1. Os(as) estudantes gostam e estão interessados(as) em Ensino Religioso	165
4.2. Os(as) estudantes gostam do Ensino Religioso por razões familiares e religiosas	169
5. Contribuições educacionais do Ensino Religioso	176
5.1. Contribuições do Ensino Religioso para a cidadania democrática	176
5.2. Contribuições do Ensino Religioso para a dimensão espiritual	182
5.3. Sobre a abordagem interdisciplinar no Ensino Religioso	190
6. Tópicos e conteúdos do Ensino Religioso	192
6.1. Que conteúdos devem ser ensinados no Ensino Religioso	192
6.2. Avaliação dos temas abordados no Ensino Religioso	194
7. Os responsáveis pelo Ensino Religioso	201



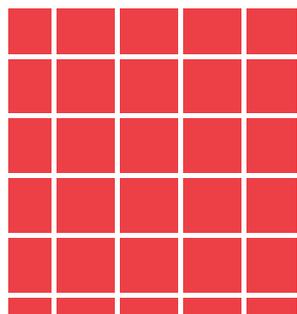
Capítulo 3.

Famílias de estudantes de Ensino Religioso	209
1. Introdução	211
2. Perfil sociológico das famílias com filhos em idade escolar no Brasil	213
2.1. Perfil religioso das famílias	217
2.2. Perfil social das famílias	219
3. A primeira responsabilidade na educação é das famílias	221
4. Percepção das famílias sobre o funcionamento do sistema educacional brasileiro	223
5. Avaliação das contribuições educacionais do Ensino Religioso	226
5.1. Percepção a respeito da obrigatoriedade do Ensino Religioso	226
5.2. Contribuições educacionais do Ensino Religioso nas escolas	230
6. Motivações das famílias sobre o Ensino Religioso de seus filhos em instituições educacionais	234
7. Satisfação das famílias com o Ensino Religioso	238
7.1. A título de conclusão	241



Capítulo 4.

Conclusiones	245
1. Os professores e professoras valorizam as contribuições educacionais do Ensino Religioso e estão com boa saúde emocional e profissional	248
2. Os(as) estudantes gostam do Ensino Religioso no sistema educacional e os(as) ajuda a serem mais religiosos(as)	252
3. As famílias estão satisfeitas com o Ensino Religioso de seus filhos e valorizam sua contribuição para a educação integral	255
Nota metodológica	257



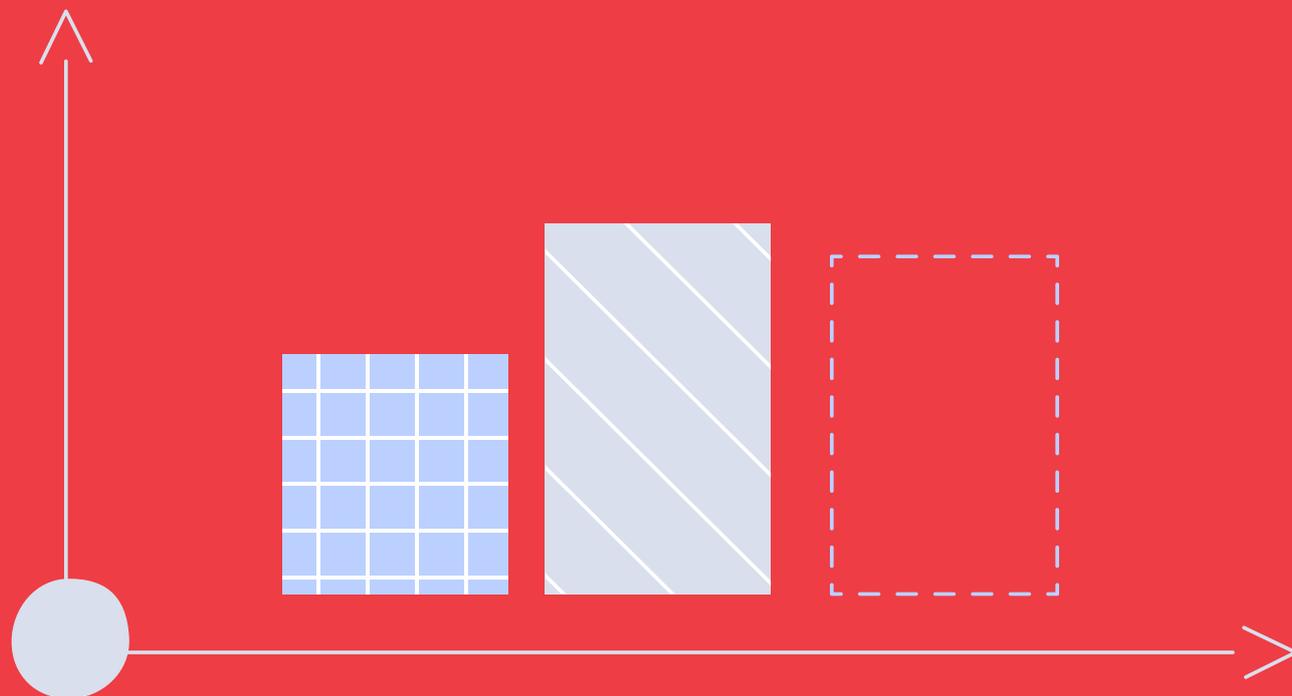


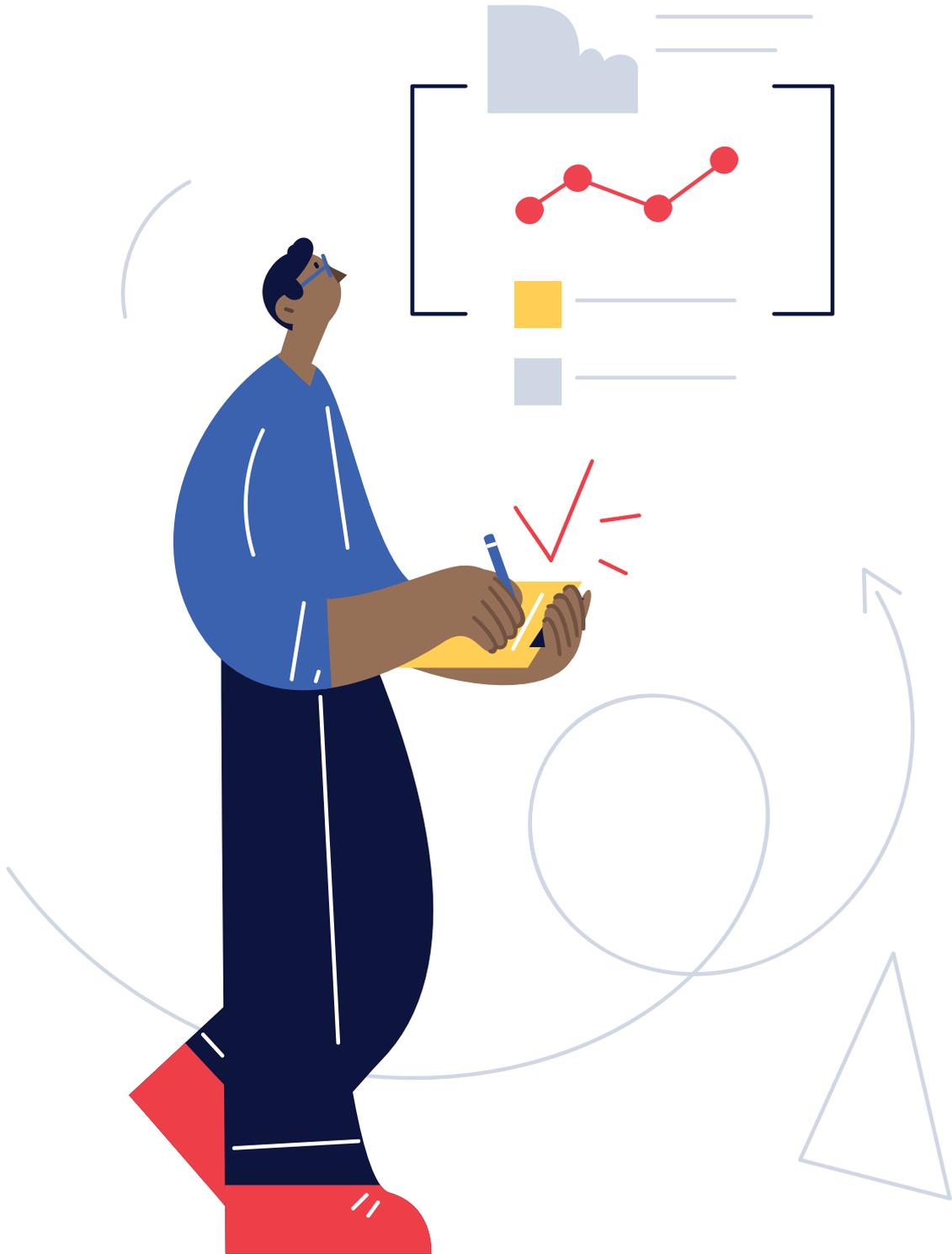


Capítulo 1

Professores(as) de Ensino Religioso

1. Introdução	37
2. Descrição dos(as) professores(as) de Ensino Religioso do Brasil	38
3. Perfil religioso dos(as) professores(as) de Ensino Religioso	50
4. Perfil pedagógico dos(as) professores(as) de Ensino Religioso	64
5. Percepção do sistema educacional	74
6. Avaliação do Ensino Religioso no sistema educacional	83
7. Autoavaliação e estado emocional dos(as) professores(as) de Ensino Religioso	118





1. Introdução

Um dos principais objetivos de nossa pesquisa era descobrir como os professores e professoras do Brasil percebem e avaliam o sistema educacional e o lugar do Ensino Religioso. Para isso, elaboramos um questionário com algumas perguntas que nos permitiriam ter alguns dados básicos sobre seu perfil pessoal, profissional, religioso e pedagógico; também queríamos conhecer sua percepção sobre o sistema educacional, especialmente sua opinião sobre seu funcionamento e quem são os primeiros responsáveis pela educação.

Nesse contexto educacional, nossa prioridade era pesquisar suas avaliações sobre o Ensino Religioso nas instituições educacionais brasileiras, o que ocupou grande parte das entrevistas. Para completar o questionário, também perguntamos sobre sua autoavaliação, suas principais qualidades ou dificuldades e como percebem a consideração social e das denominações religiosas de seu trabalho; por fim, perguntamos sobre sua opinião a respeito da formação teológica, na área de Ensino Religioso e pedagógica que os professores de Ensino Religioso deveriam ter.

A realidade do Ensino Religioso no Brasil é complexa. A oferta do componente curricular para os diversos segmentos acontece de formas diferentes

de acordo com as disposições de cada sistema de ensino e a modalidade de ensino (confessional ou não confessional) também é uma realidade. Bem, o público-alvo da nossa pesquisa foi justamente os professores da área de Ensino Religioso, tanto no Ensino Fundamental quanto no Ensino Médio do sistema educacional.

As respostas a esta pesquisa nos proporcionam descobertas interessantes e uma radiografia das percepções dos(as) professores(as) sobre a educação e o Ensino Religioso que podem nos fornecer um ponto de partida sólido para analisar possíveis deficiências e oportunidades nessa realidade, bem como detectar possíveis áreas de melhoria na consideração pedagógica e política do Ensino Religioso .

As conclusões serão o resultado da análise das respostas ao questionário anexado ao final e nos fornecerão uma descrição do perfil social, religioso e pedagógico dos(as) professores(as), um panorama da sua percepção sobre o funcionamento do sistema educacional e a avaliação do Ensino Religioso no sistema educacional do Brasil. A metodologia da pesquisa foi explicada na própria nota deste relatório.

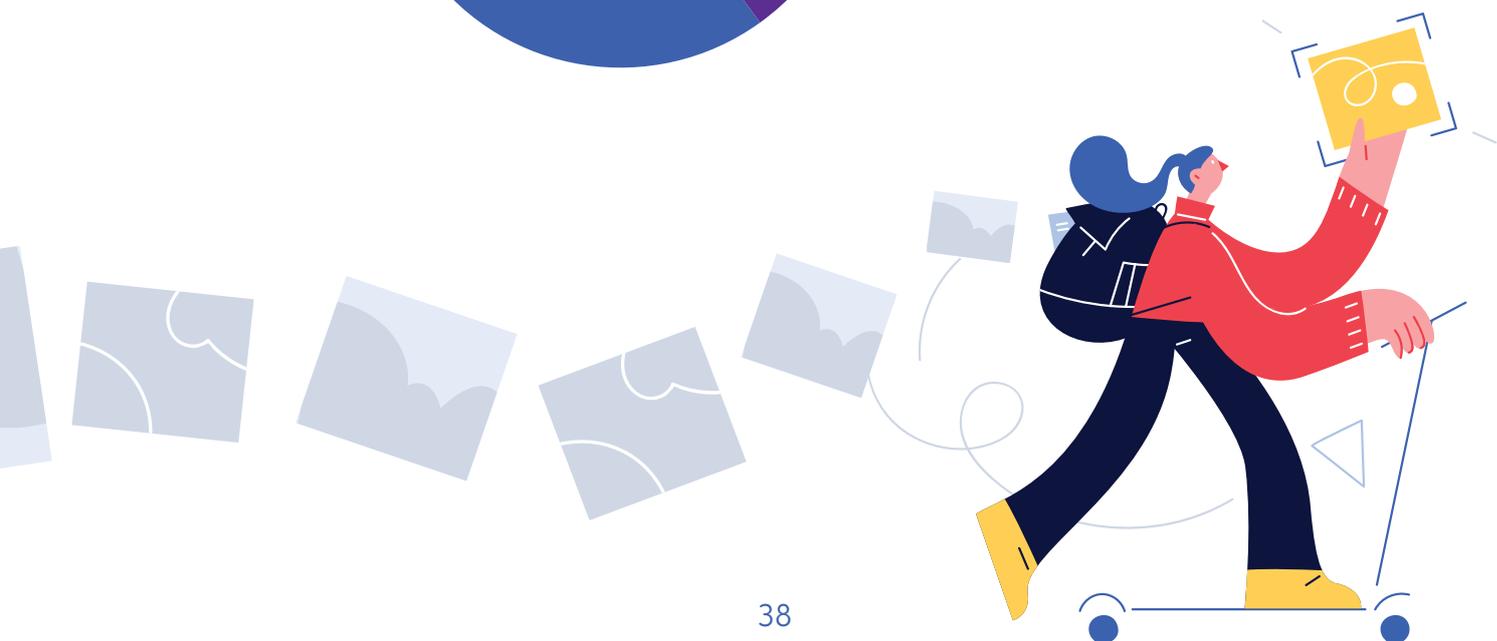
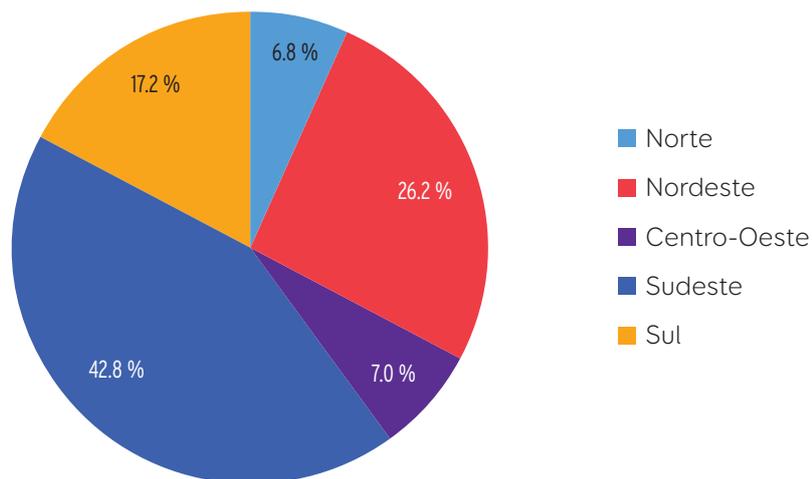
2. Descrição dos(as) professores(as) de Ensino Religioso no Brasil

Para obter alguns **dados básicos** sobre os 500 professores e professoras que entrevistamos em nossa pesquisa, inicialmente foram feitas algumas perguntas muito básicas e, progressivamente, indagamos sobre seu perfil pessoal, religioso e pedagógico. Aqui descreveremos as respostas obtidas que nos permitem traçar uma radiografia

dos professores do Brasil em relação ao tema de que tratamos.

Professores de todas as **regiões** foram representados na amostra da nossa pesquisa, sendo os da região Sudeste os mais numerosos (42,8%) e os do Norte (6,8%) e Centro-Oeste (7%) os menos.

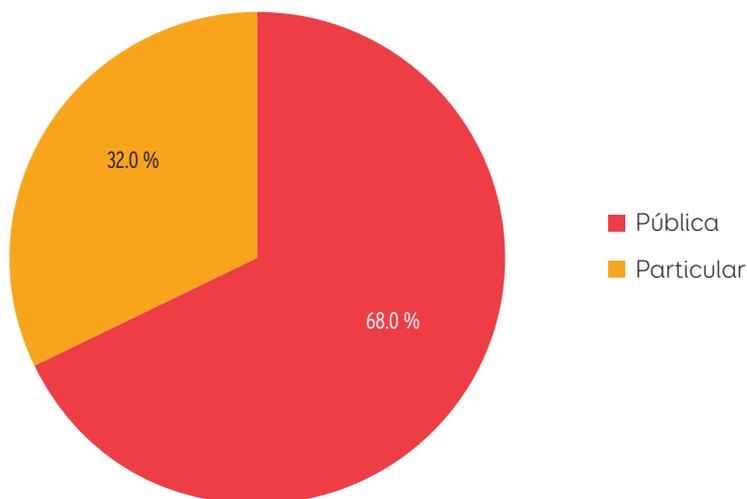
Gráfico 1. Região | Dados totais



Em nossa amostra, entrevistamos 68% de professores(as) de **instituições** públicas e 32% de

escolas particulares, representando proporcionalmente sua realidade.

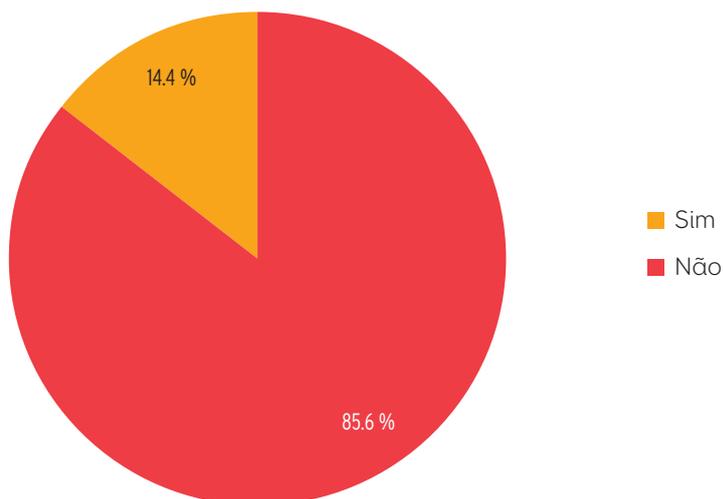
Gráfico 2. Tipo de instituição educacional | Dados totais



Os professores e professoras que lecionam Ensino Religioso em instituições particulares responderam que sua escola é **católica** em uma porcenta-

gem muito alta, de até 85,6%. Era uma pergunta feita apenas aos professores que lecionam em instituições particulares.

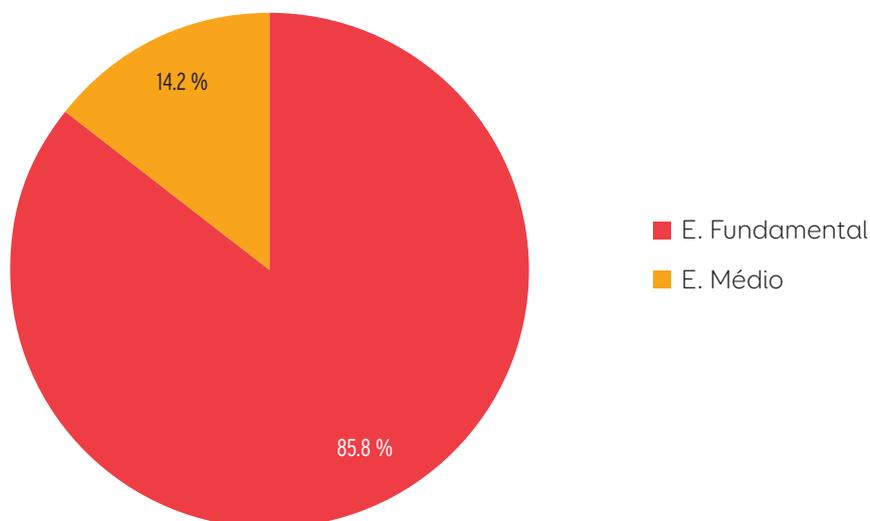
Gráfico 3. Sua escola é católica? | Dados totais



Também perguntamos sobre o nível educacional em que lecionam Ensino Religioso e, se lecionassem em mais de um nível, que nos indicassem aquele com maior carga horária. Os professores

de Ensino Religioso da amostra são consideravelmente mais numerosos no Ensino Fundamental (85,8%) e menos no Ensino Médio (14,2%).

Gráfico 4. Nível onde leciona Ensino Religioso com maior carga horária | Dados totais



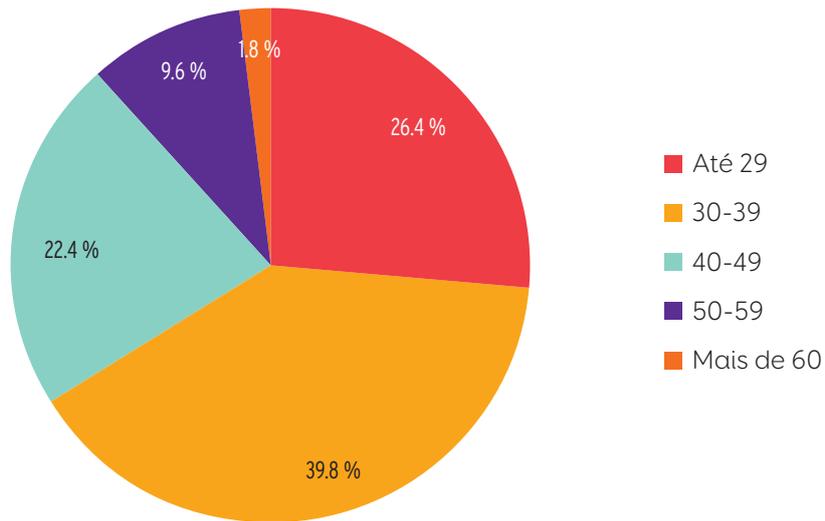
2.1. Alguns dados pessoais e sociais dos(as) professores(as) de Ensino Religioso

Para conhecer o perfil mais pessoal dos professores, perguntamos sua idade e gênero. Em termos de **idade**, as respostas revelam predominantemente professores(as) jovens, com um em cada quatro com até 29 anos (26,4%), aos quais deve-se somar um bom número de professores(as) com até 39 anos (39,8%). As duas porcentagens somadas confirmam que a grande maioria dos(as) professores(as), dois terços (66,2%), está na primeira metade de sua vida profissional. Essa realidade se confirma com os dados de idade mais avançada: apenas 1,8% têm mais de 60 anos e apenas 9,6% têm mais de 50 anos. Em resumo, estamos diante

de professores(as) de Ensino Religioso jovens ou de meia-idade.



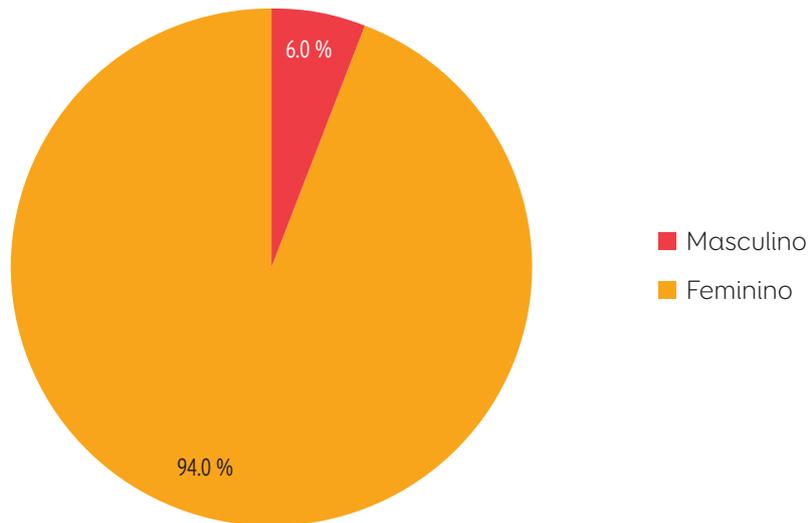
Gráfico 5. Idade | Dados totais



Em termos de **gênero**, os dados de resposta indicam uma ampla maioria de mulheres (94%), com um número muito reduzido de homens (6%). Trata-se de uma tendência bastante generalizada em

outros países, a predominância de mulheres como professoras, mas aqui encontramos uma proporção maior.

Gráfico 6. Gênero | Dados totais

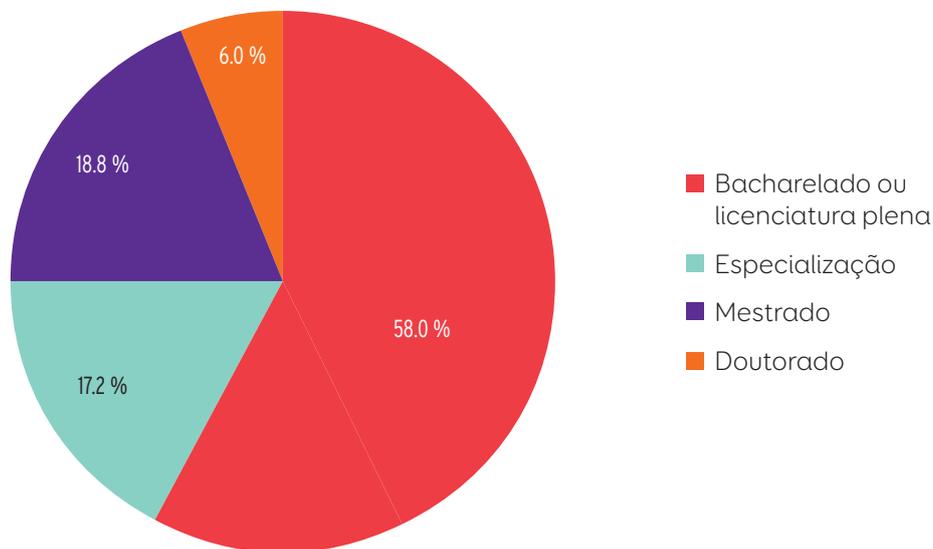


2.2. Formação acadêmica dos(as) professores(as) de Ensino Religioso

Quanto à **formação universitária** dos(as) professores(as) de Ensino Religioso, nossa pesquisa revela que a maioria deles tem diploma de bacharel (42,8%) ou licenciatura plena (15,2%), o que

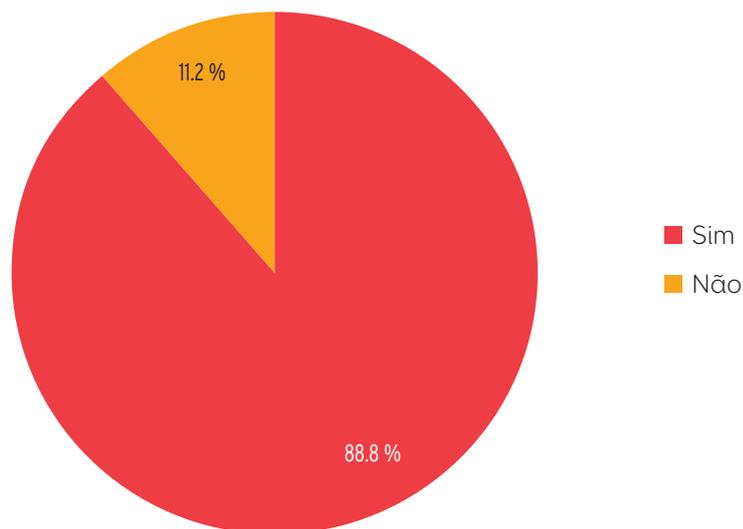
corresponde a 58% do total. Os professores com especialização (17,2%) ou mestrado (18,8%) também representam uma porcentagem significativa, já que representam cerca de um terço do total. Os dados revelam uma formação acadêmica que está acima do mínimo exigido para a profissão.

Gráfico 7. Formação acadêmica | Dados totais



Uma descoberta importante foi a alta porcentagem de professores(as) que, além de suas qualificações acadêmicas, afirmam ter **formação específica em Ensino Religioso**. 88,8% confirmam essa formação, o que evidencia uma preparação suficiente, certificada e especializada para lecionar Ensino Religioso. Sem dúvida, um indicador de qualidade no perfil acadêmico dos(as) professores(as).

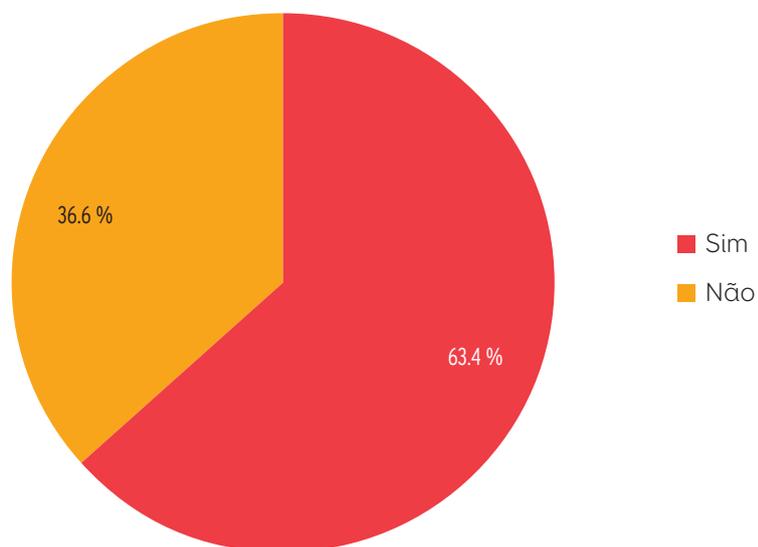
Gráfico 8. Você tem formação acadêmica em Ensino Religioso? | Dados totais



Os indicadores positivos sobre o perfil acadêmico dos(as) professores(as) de Ensino Religioso são confirmados pelos resultados da próxima pergunta

da nossa pesquisa. Quase dois terços dos(as) professores(as) têm **outro diploma universitário**, além do exigido para exercer o cargo.

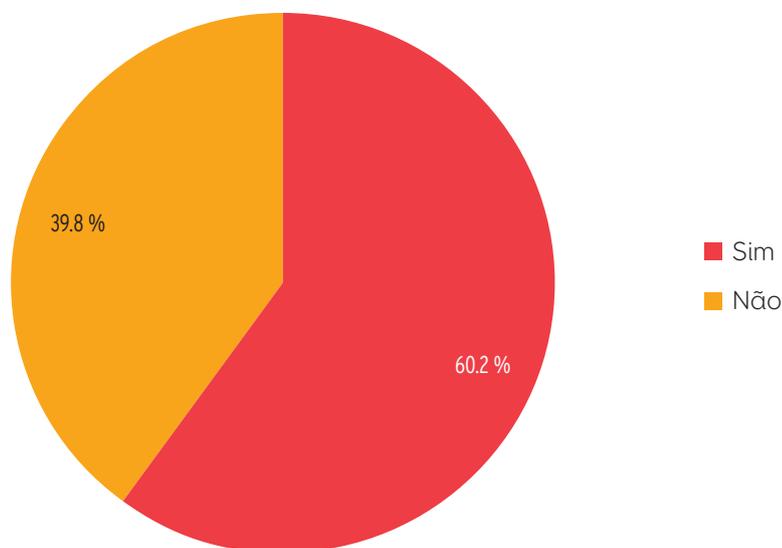
Gráfico 9. Você tem outro diploma universitário? | Dados totais



Os dados obtidos até agora são consistentes com os seguintes dados mostrados em nossa pesquisa. 60,2% dos(as) professores(as), além de lecionar Ensino Religioso, **lecionam outros componentes curriculares** no sistema educacional. Em

certa medida, essa realidade é muito compartilhada no Ensino Fundamental por todo o grupo, mas é relevante o fato de os(as) professores(as) de Ensino Religioso serem capacitados e estarem ministrando outras disciplinas.

Gráfico 10. Além de Ensino Religioso, você leciona outros componentes curriculares? | Dados totais



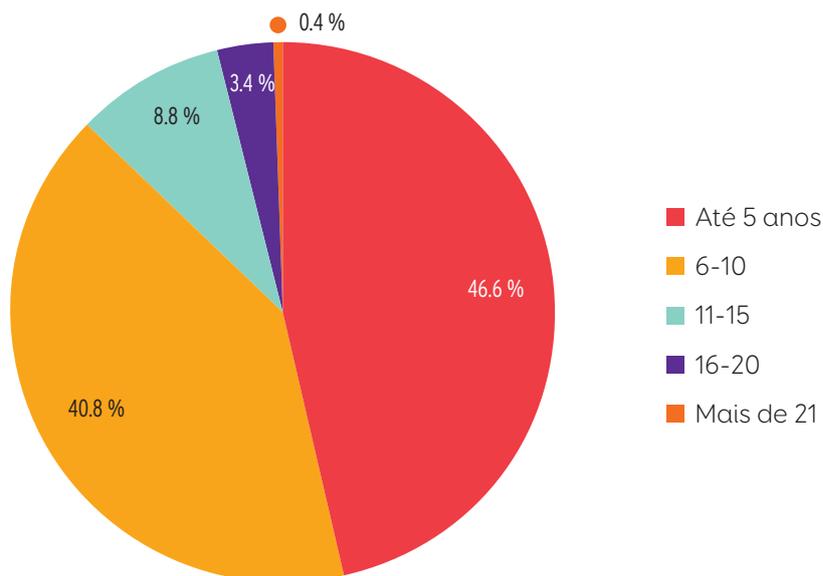
2.3. Desempenho profissional dos(as) professores(as) de Ensino Religioso

Para completar o perfil profissional dos professores de Ensino Religioso, perguntamos sobre o número de **anos que acumulam como professores(as) de Ensino Religioso**. As respostas indicam que quase metade está em seus primeiros anos como professor(a) de Ensino Religioso 46,6% até cinco anos. Se somarmos os 40,8% que lecionam Ensino Religioso até dez anos, encontramos uma ampla maioria de professores(as) com poucos anos de experiência profissional. A tendência

se confirma com os que lecionam há mais tempo, menos de 5% lecionam há mais de 16 anos.

Trata-se de um fato que deve ser considerado em relação a outro que já mencionamos: dois terços têm menos de 40 anos. Isso nos leva a concluir que estamos diante de professores(as) jovens que lecionam Ensino Religioso há poucos anos. É possível que esses dados possam inspirar políticas de formação contínua consistentes com as necessidades que veremos mais adiante.

Gráfico 11. Anos lecionando como professor(a) de Ensino Religioso | Dados totais



Perguntamos a esses professores jovens, com poucos anos de trabalho, sobre seu desempenho em outras **tarefas de gestão** no âmbito escolar. As respostas revelam que quase metade (53,8%) já exerceu tarefas de responsabilidade nesse nível educacional, além de porcentagens muito altas de tutores (44,6%) e responsáveis por áreas de conhecimento (43%). Especificamente, cerca de metade (43,8%) já desempenharam funções de gestão em sua instituição educacional. São dados muito interessantes, porque evidenciam o perfil comprometido dos(as) professores(as), que, apesar de terem poucos anos de experiência, são profissionais que já exerceram funções de gestão, além de lecionar em sala de aula. Sem dúvida, são indicadores positivos do perfil profissional dos(as) professores(as) de Ensino Religioso.

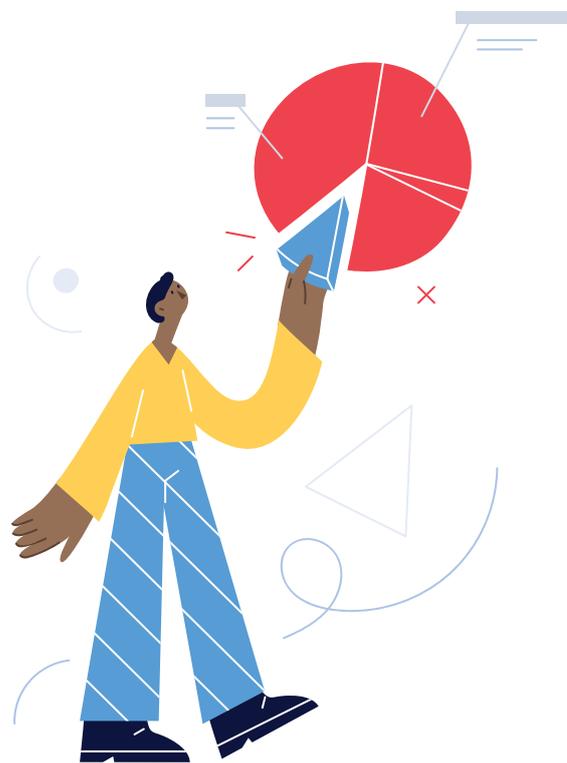
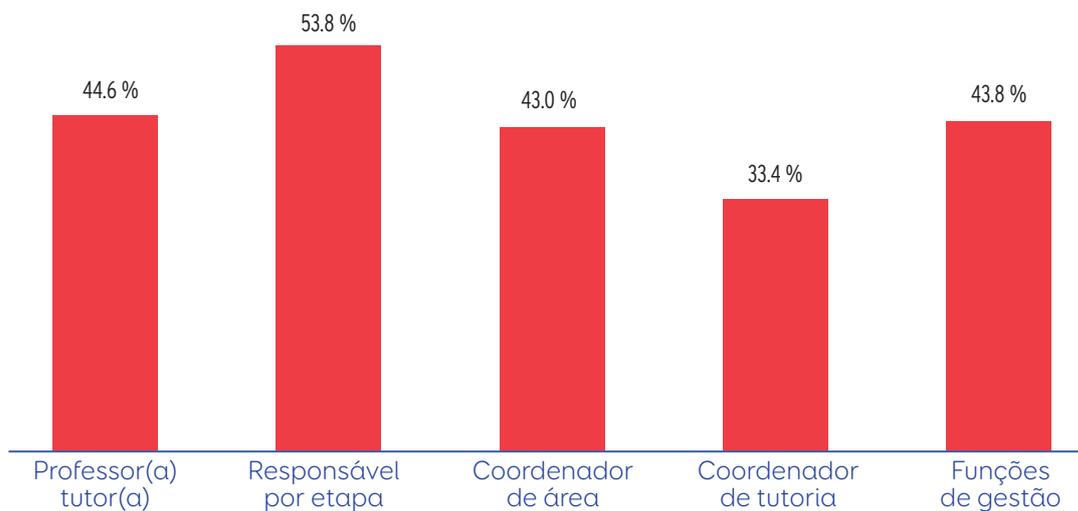


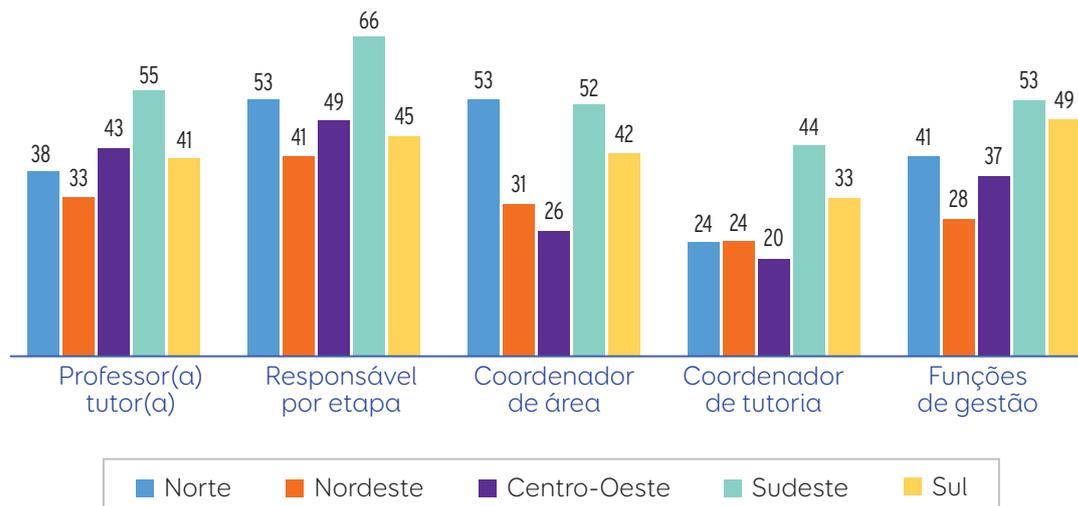
Gráfico 12. Desempenho das seguintes funções durante os anos como professor(a) | Dados totais (%)



A análise desses resultados das funções de liderança e gestão com a variável das regiões revela que, em termos gerais, os(as) professores(as) de Ensino Religioso do Sudeste têm mais acesso a

cargos de responsabilidade. Por outro lado, os do Nordeste são os que menos têm desempenhado funções de gestão.

Gráfico 13. Desempenho das seguintes funções durante os anos como professor(a) | Dados por região (%)



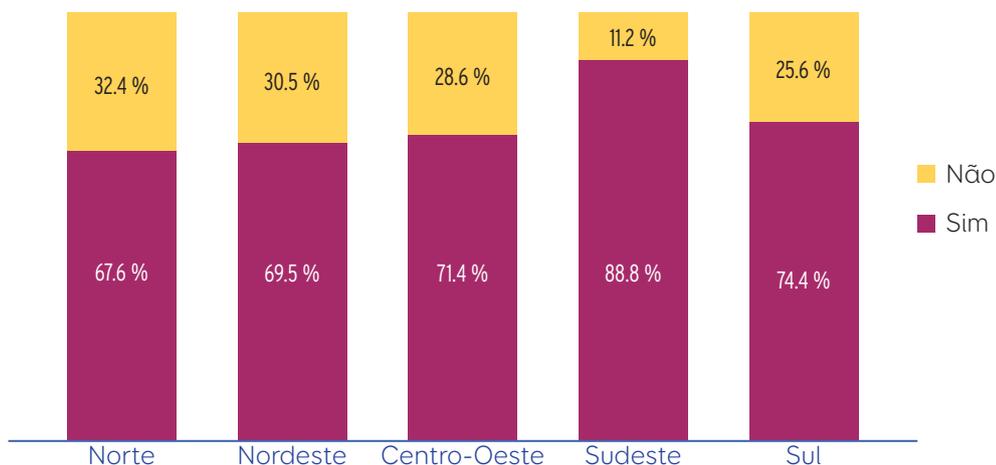
Para completar esse perfil profissional, perguntamos a esses professores sobre seu compromisso de atualização. Quando perguntados sobre cursos de **formação teológica**, as respostas mostram que 78,6% respondem afirmativamente, enquanto 21,4% respondem negativamente. É uma alta porcentagem de participação em cursos de formação e atualização teológica, portanto, um indicador positivo.

Em professores(as) de Ensino Religioso de outros países, também encontramos altas porcentagens de compromisso de formação. Praticamente mais de 92% fazem formação contínua em geral, de

acordo com dados do relatório do Observatório da Religião na Escola, realizado na Espanha em 2020. No estudo do Peru, realizado em 2021, a porcentagem de professores(as) de Ensino Religioso que participavam de cursos de formação ou jornadas de atualização teológica era menor (63%).

A análise desses resultados com a variável de instituição educacional, particular ou pública, não representa diferença alguma. A variável de região mantém a tendência geral, mas observa-se mais formação na área de Ensino Religioso entre os(as) professores(as) do Sudeste do que no restante.

Gráfico 14. Participação em cursos de formação ou em jornadas de atualização teológica | Dados por região (%)



Também perguntamos sobre seu compromisso de atualização e a realização de cursos de formação pedagógica, e as respostas são basicamente coincidentes com as anteriores. Mantém-se uma porcentagem muito parecida de 77% entre os(as) professores(as) que respondem afirmativamente. A avaliação geral, como fizemos anteriormente, é

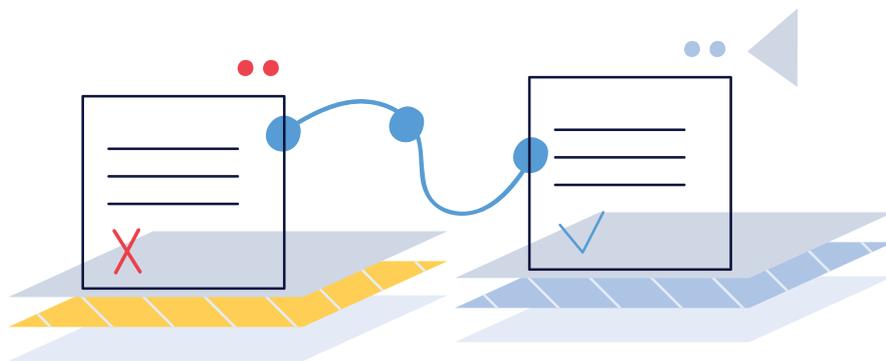
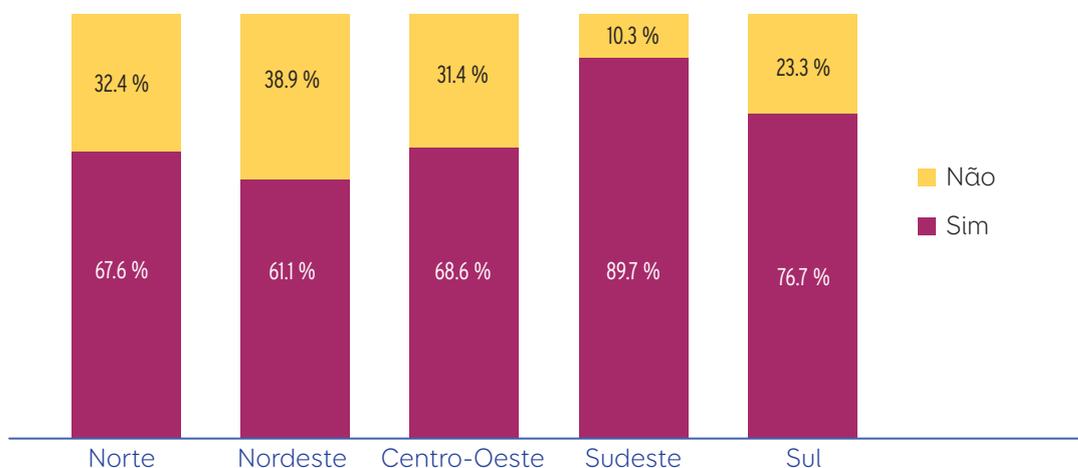
que se trata de uma alta porcentagem de participação em cursos de formação pedagógica, portanto, um indicador positivo.

A análise dessas respostas com a variável de instituição educacional mostra uma diminuição entre os professores de escolas particulares (72,5%) em

comparação com os de escolas públicas (79,1%), uma diferença que não havia acontecido na formação teológica, como comentamos na pergunta anterior.

No caso da variável das regiões, as tendências já indicadas na pergunta anterior se mantêm. Os que mais realizam formação pedagógica, como já era o caso da formação teológica, são os da região Sudeste.

Gráfico 15. Participação em cursos de formação ou em jornadas de atualização pedagógica | Dados por região (%)

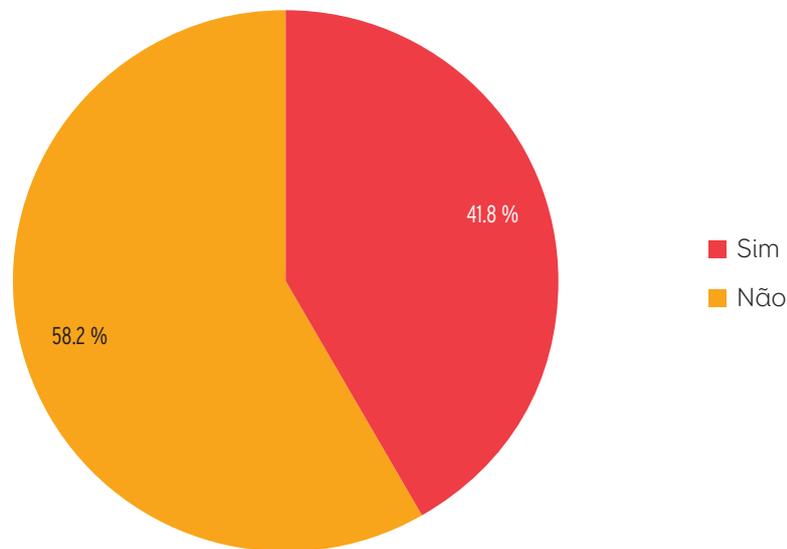


2.4. Compromisso social dos(as) professores(as) de Ensino Religioso

Também perguntamos sobre o compromisso social dos(as) professores(as) e os resultados indicam que 41,8% têm compromisso de voluntariado

ou alguma tarefa relacionada à melhoria social em termos de justiça. É uma porcentagem significativa, mas está abaixo da porcentagem de famílias que responderam que estão comprometidas com essa tarefa social de voluntariado, que chega a 48%.

Gráfico 16. Tem algum compromisso social de voluntariado? | Dados totais



No estudo do Observatório da Religião na Escola de 2020 na Espanha, os resultados dessa pergunta foram um pouco diferentes, revelando que até 71% dos(as) professores(as) de Ensino Religioso Confessional Católico tinham algum compromisso social de voluntariado relacionado à promoção da justiça. Mais alto em professores(as) do Ensino Médio do que do Ensino Fundamental.

No estudo do Observatório da Religião na Escola de 2021 no Peru, os resultados dessa pergunta foram muito parecidos com os do Brasil. No Peru, 42,4% dos professores de Ensino Religioso tinham algum compromisso social de voluntariado, em uma ONG ou em outras entidades relacionadas à promoção da justiça.

3. Perfil religioso dos(as) professores(as) de Ensino Religioso

Além dos dados sobre professores(as) de Ensino Religioso do Brasil que apresentamos na seção anterior, estávamos interessados em alguns indicadores sobre seu perfil religioso. Por isso, perguntamos sobre a situação e prática religiosa, e sua participação em alguma tarefa eclesial/religiosa. Para completar esse perfil religioso, também perguntamos sobre suas opiniões a respeito do compromisso com a sua igreja/religião, a tarefa pastoral, o testemunho e a consistência do comportamento moral com a mensagem religiosa. A última questão que abordamos neste grupo de perguntas tem a ver com a percepção do Ensino Religioso no sistema educacional e sua complementaridade e diferença com a catequese e as escolas bíblicas ou pastorais. A análise das respostas que apresentamos agora revela um perfil religioso que, como era de se esperar, indica um alto grau de aderência com a Igreja Católica.

3.1. A prática religiosa dos professores de Ensino Religioso

Uma das perguntas iniciais era qual era o compromisso com a igreja/religião em termos de **estado de vida**. As respostas revelam uma alta presença de religiosos e religiosas como professores(as) de Ensino Religioso, chegando a 65,4%. Os que não têm uma ligação com o estado de vida representam 25,4%, o que deve ser entendido como leigos, resposta escolhida por apenas 2,8%. As respostas de padres, diáconos e consagrados representam porcentagens muito reduzidas, entre 0,4% e 1,8%, e, portanto, não constituem grupos significativos.

A presença de **religiosos e religiosas** como professores(as) de Ensino Religioso no Brasil representa uma descoberta significativa, tendo em vista os resultados obtidos em outros países onde foram realizados estudos similares. No Peru, onde também encontramos uma alta porcentagem, os religiosos chegavam a 30%, de acordo com dados de 2021. Na Espanha, essa pergunta foi descartada na pesquisa de 2020 porque, em 2010, as porcentagens de religiosos e padres eram pouco significativas, 7% e 4%, respectivamente.

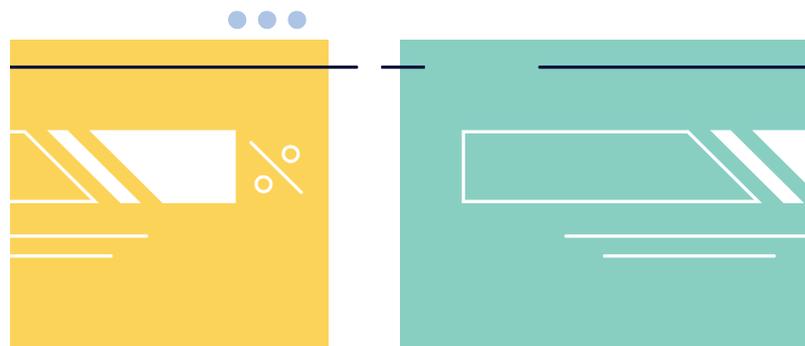
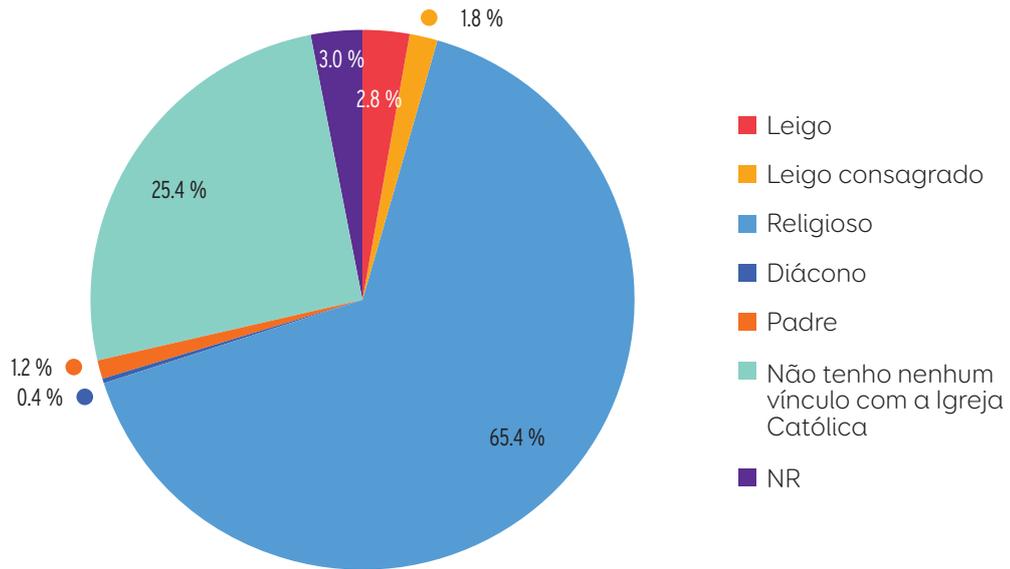


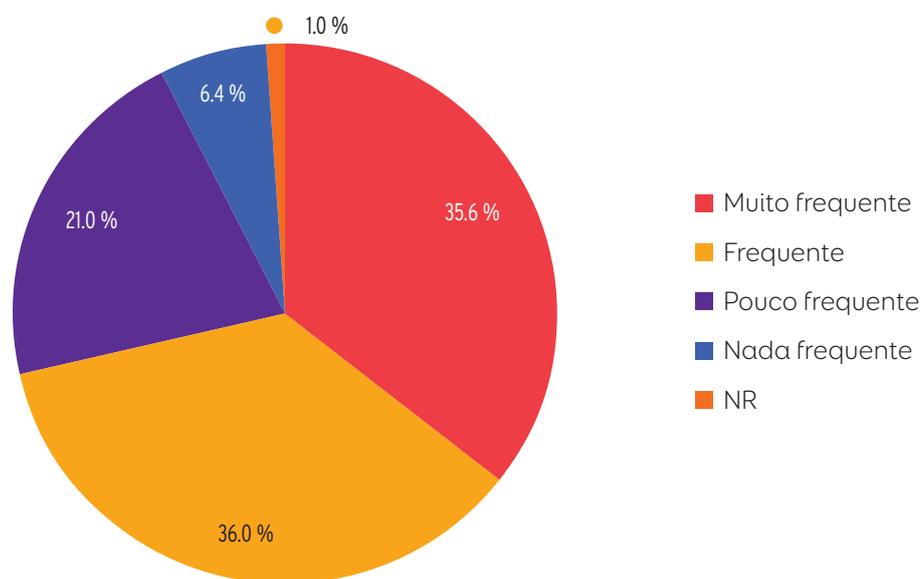
Gráfico 17. Compromisso com a igreja/religião | Dados totais



Outra pergunta do questionário tratava da **prática religiosa** dos(as) professores(as). Nessas respostas, como era de se esperar, as porcentagens que declaram alguma prática chegam a 93%. Um pouco mais de um terço (35,6%) responde que sua prática religiosa é muito frequente; uma porcentagem semelhante afirma ter uma prática fre-

quente (36%); e ainda há um grupo menor de prática pouco frequente (21%). Apenas 6,4% respondem que a prática é nada frequente. Assim, esses resultados revelam uma prática religiosa entre a grande maioria dos(as) professores(as) de Ensino Religioso no Brasil.

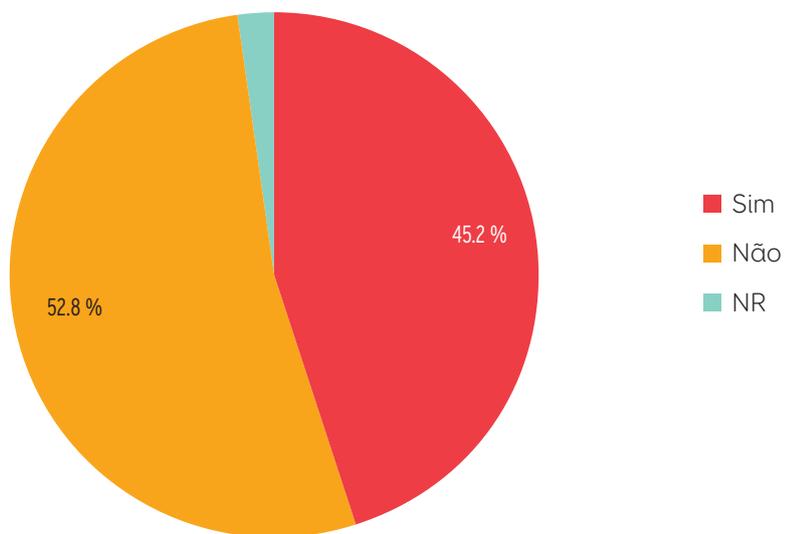
Gráfico 18. Prática religiosa | Dados totais



Perguntamos se, além da prática religiosa, esses professores têm ligação com alguma instituição ou com seus movimentos religiosos. Os resulta-

dos mostram que 45,2% respondem que sim, enquanto 52,8% não têm ligação.

Gráfico 19. Tem relação com alguma instituição ou movimento religioso? | Dados totais

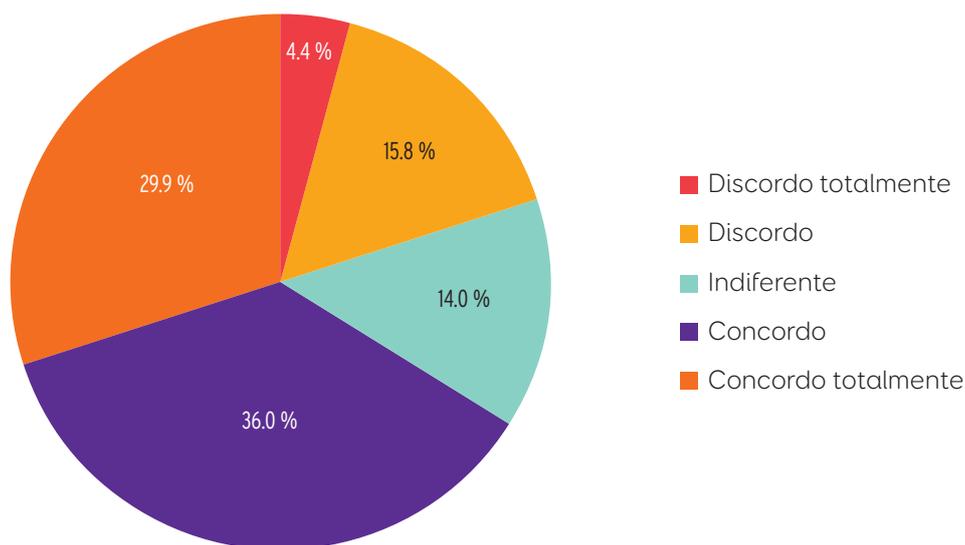


3.2. Compromisso eclesial dos(as) professores(as) de Ensino Religioso

A essas perguntas iniciais sobre o perfil religioso dos(as) professores(as) de Ensino Religioso do Brasil, acrescentamos outras para analisar sua avaliação sobre o impacto da experiência religiosa em seu exercício como professor(a).

Uma das perguntas era se os(as) professores(as) de Ensino Religioso deveriam estar **“comprometidos com as tradições religiosas”**. As respostas revelam que dois terços são a favor dessa ligação (65,8%). É uma porcentagem de 29,9% que concorda totalmente e de 36% que concorda. Os que discordam ou discordam totalmente representam 20,2%. 14% também se posicionaram como indiferentes a essa afirmação.

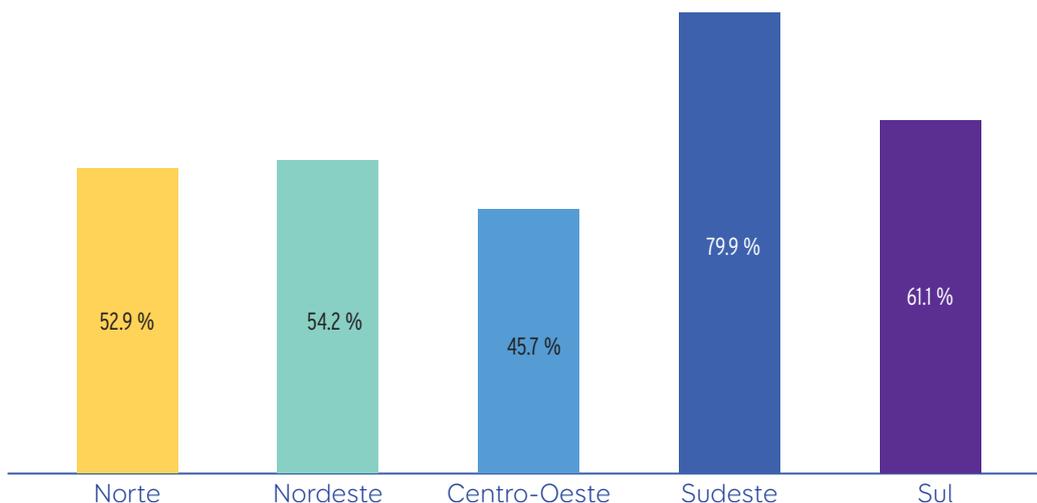
Gráfico 20. O compromisso do(a) professor(a) de Ensino Religioso com as tradições religiosas é necessário | Dados totais



A análise dos resultados com a variável de instituição mostra uma ligeira diferença de apenas quatro pontos. Os(as) professores(as) de escolas públicas respondem afirmativamente em até 67,1%, enquanto os de escolas particulares caem para 63,1%. A avaliação é que não representa uma diferença substancial.

Considerando a variável das regiões geográficas, surgem algumas diferenças significativas. Na região Sudeste, os(as) professores(as) que apoiam essa ligação dos(as) professores(as) com as tradições religiosas chegam a 79,9%, a porcentagem mais alta, quase quinze pontos percentuais acima do total. Em contraste, a região Centro-Oeste representa a menor porcentagem (45,7%), até vinte pontos percentuais abaixo do total.

Gráfico 21. O compromisso do(a) professor(a) de Ensino Religioso com as tradições religiosas é necessário | Porcentagem de “concordo” ou “concordo totalmente” por região



Outra pergunta era se os(as) professores(as) **“deveriam realizar uma tarefa pastoral sempre”**, além de seu trabalho como professores(as). As respostas mostram mais divisão. 46% são favoráveis, enquanto 31,8% discordam. Assim, quase metade dos(as) professores(as) considera necessário seu envolvimento pastoral, mas um em cada três não apoia isso, e um em cada cinco (22,2%) é indiferente a essa afirmação.

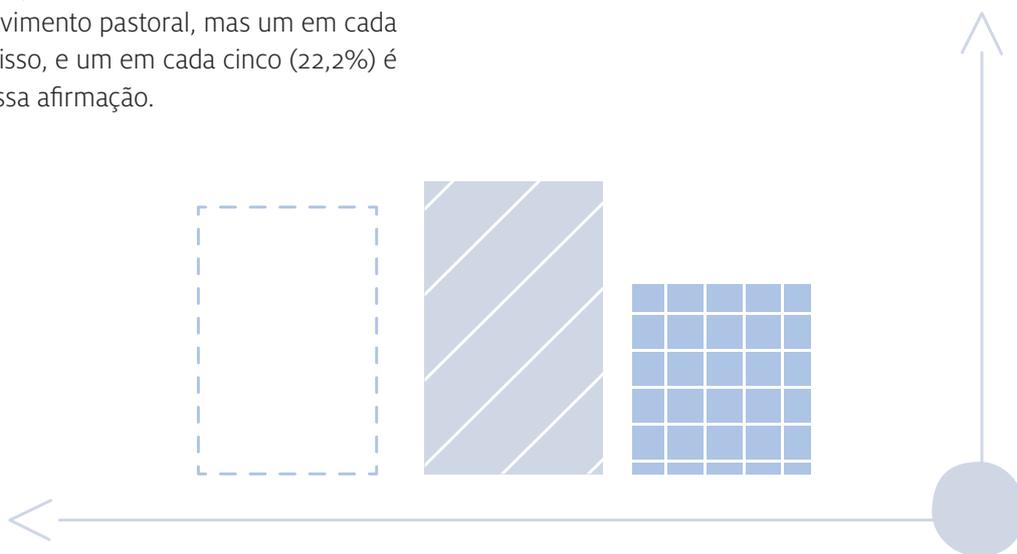
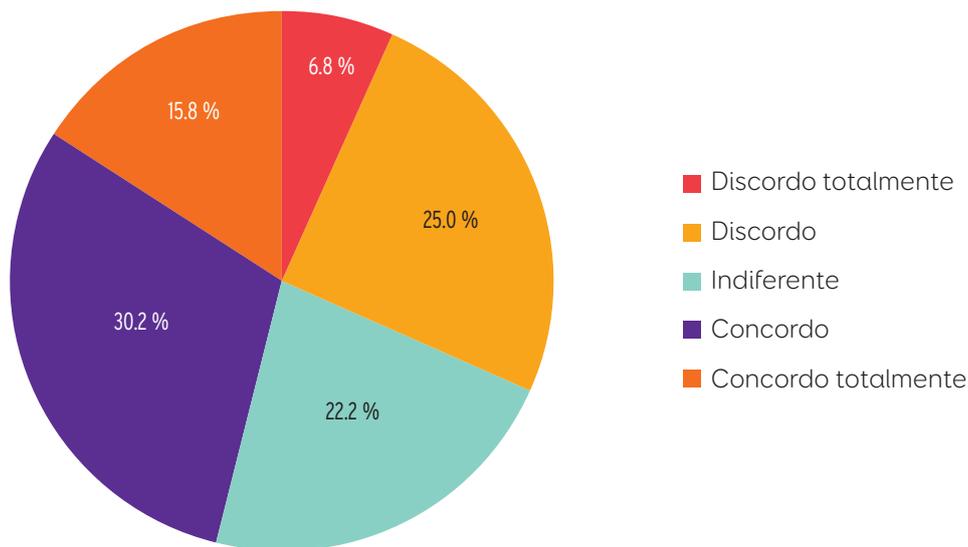


Gráfico 22. Ele(a) deve sempre realizar uma tarefa pastoral, além de ser professor(a) | Dados totais



A análise dos resultados com a variável de instituição educacional mostra uma pequena diferença de apenas quatro pontos, como no caso anterior, mas a tendência se inverte. 47,4% dos(as) professores(as) de escolas públicas respondem afirmativamente, comparados com 43,1% de escolas particulares. A avaliação, como no caso anterior, é que não representa uma diferença substancial.

Quando se leva em conta a variável das regiões geográficas, a região Sudeste se mantém como a que mais apoia essa afirmação do trabalho pastoral, com esses professores representando 53,3%, a porcentagem mais alta.

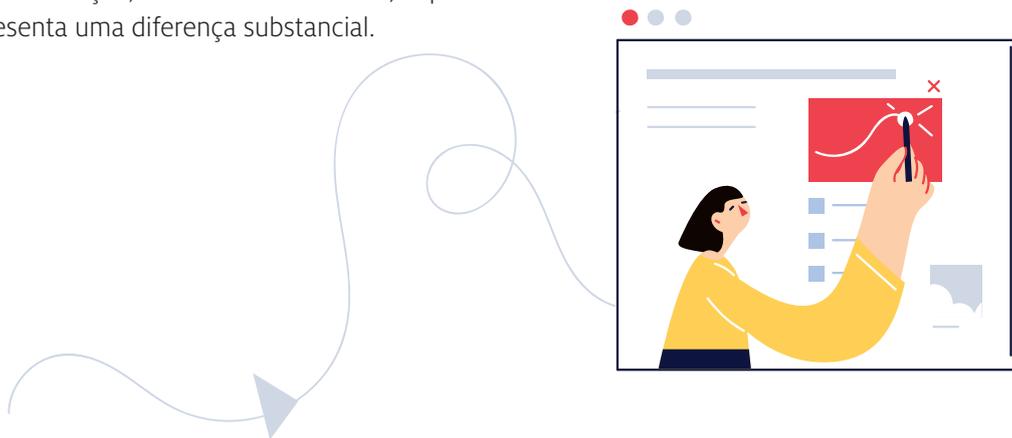
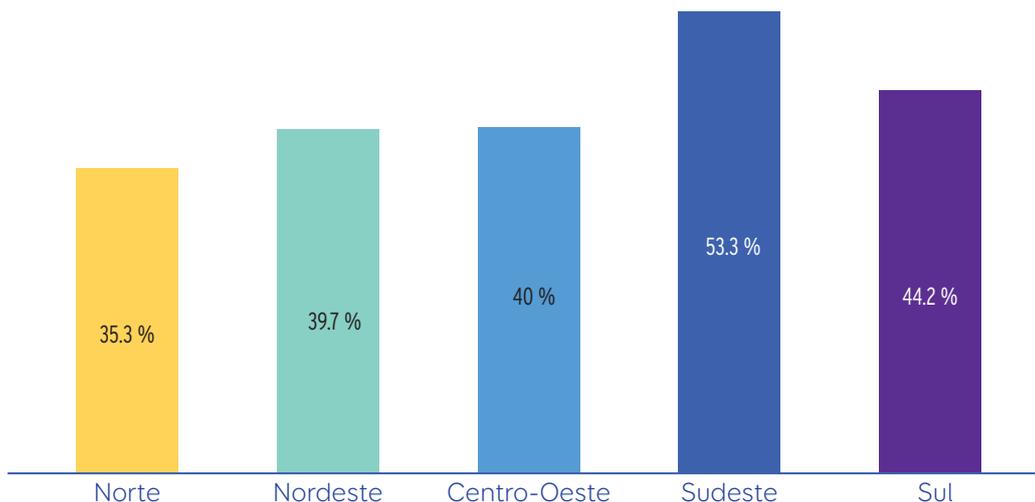


Gráfico 23. Ele(a) deve sempre realizar uma tarefa pastoral, além de ser professor(a) | Porcentagem de “concordo” ou “concordo totalmente” por região



Essa pergunta sobre se os professores de Ensino Religioso deveriam ter, além de seu trabalho como professores(as), outro compromisso pastoral em sua igreja/religião, também foi feita nos estudos do Observatório da Religião na Escola realizados em outros países. Considerando os resultados dos(as) professores(as) no Brasil, onde dois em cada três afirmam a necessidade de um compromisso com as tradições religiosas (66%) e de realizar uma tarefa pastoral (46%), lembramos os resultados de outros estudos:

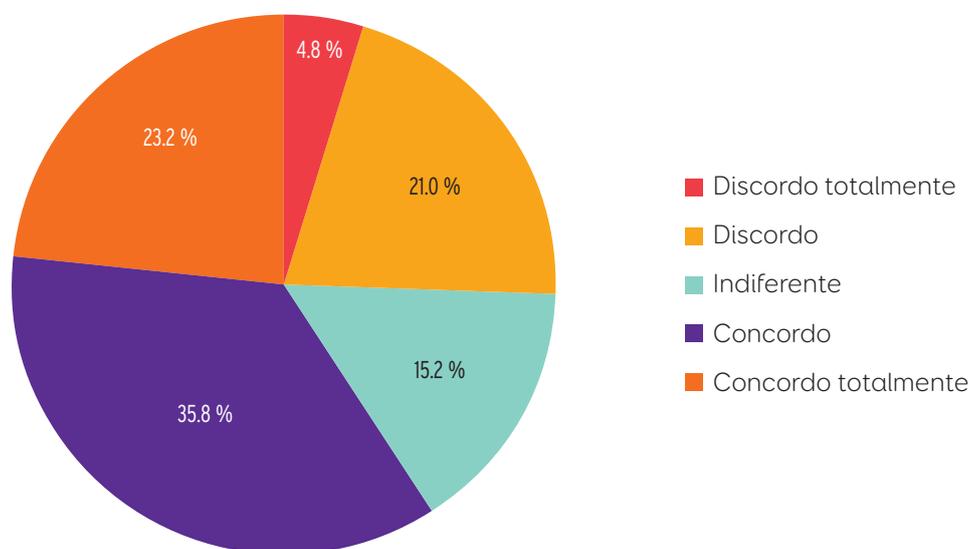
- No caso da Espanha, cujo relatório é de 2020, 41% dos professores afirmavam ter um compromisso pastoral com a instituição eclesial/religiosa. Quando perguntados se consideram que compromisso com a igreja/religião é necessária em seu trabalho, a porcentagem de respostas positivas aumentava para 83%.
- No caso do Peru, cujo relatório é de 2021, 91% de seus professores afirmavam a necessidade de estar comprometido com a instituição religiosa. Além disso, 84% de seus professores confirmavam a necessidade de realizar uma tarefa pastoral, uma porcentagem muito alta em comparação com as respostas do Brasil e da Espanha.

Também perguntamos aos professores e professoras de Ensino Religioso se **“o testemunho de vida religiosa é tão importante quanto a tarefa como professor(a)”**. As respostas revelam uma maioria a favor dessa afirmação (59%). É uma porcentagem de 23,2% que concorda totalmente e de 35,8% que concorda. Os que discordam ou discordam totalmente representam uma quarta parte significativa, 25,8%. 15,2% também se posicionaram como indiferentes a essa afirmação. Em certa medida, mantém-se a tendência indicada pelas respostas à primeira pergunta deste

grupo, quando perguntamos sobre o compromisso com as tradições religiosas; lá encontramos 66% de apoio e agora estamos nos aproximando de 59% de apoio a essa afirmação do testemunho.

Em ambos os casos, há um alto grau de ligação pessoal à tarefa realizada e à sua dimensão eclesial/religiosa.

Gráfico 24. O testemunho da vida religiosa é tão importante quanto a tarefa de ensinar | Dados totais



Quando analisamos os resultados com a variável de instituição educacional, encontramos uma ligeira diferença de apenas dois pontos. Os(as) professores(as) de escolas públicas respondem afirmativamente em até 59,7%, enquanto os de escolas particulares caem para 57,5%.

encontramos a menor porcentagem (45,7%), até treze pontos percentuais abaixo do total.

Levar em conta a variável das regiões geográficas revela algumas diferenças significativas. Na região Sudeste, os(as) professores(as) que apoiam essa ligação com a pastoral aumentam para 68,2%, a porcentagem mais alta, quase dez pontos percentuais acima do total. Na região Centro-Oeste

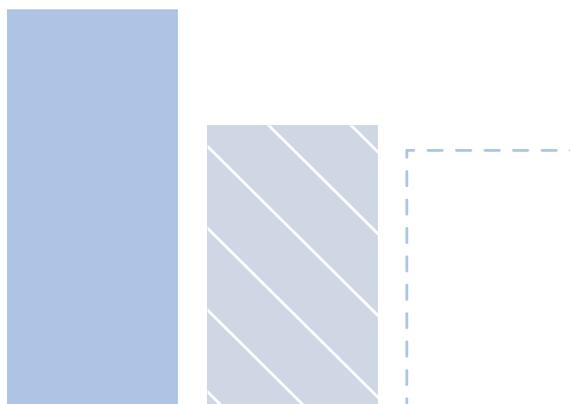
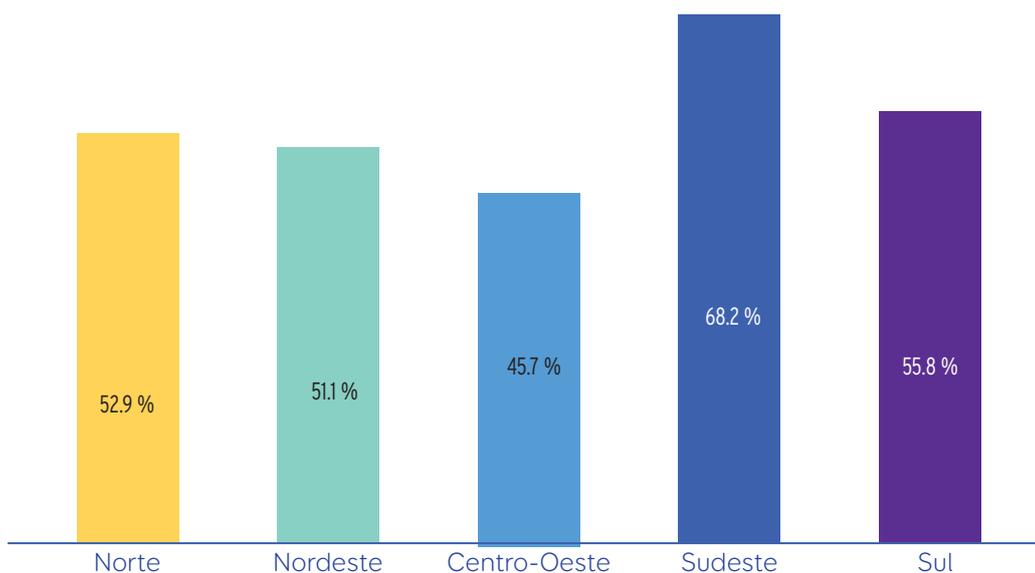


Gráfico 25. O testemunho da vida religiosa é tão importante quanto a tarefa de ensinar | Porcentagem de “concordo” ou “concordo totalmente” por região



Também fizemos essa pergunta sobre a avaliação do testemunho de vida em sua tarefa como professor(a) nos estudos do Observatório da Religião na Escola realizados em outros países. Considerando os resultados dos professores no Brasil, onde 59% classificam como importante, o que representa a maioria, lembramos os resultados de outros estudos:

- No caso da Espanha, cujo relatório é de 2020, os professores avaliaram a importância do testemunho de vida religiosa em uma porcentagem de 84%. Uma resposta que indica um maior apoio dos professores espanhóis a essa afirmação, com 25 pontos percentuais a mais do que os brasileiros.
- No caso do Peru, cujo relatório é de 2021, 93% de seus professores avaliaram a importância do

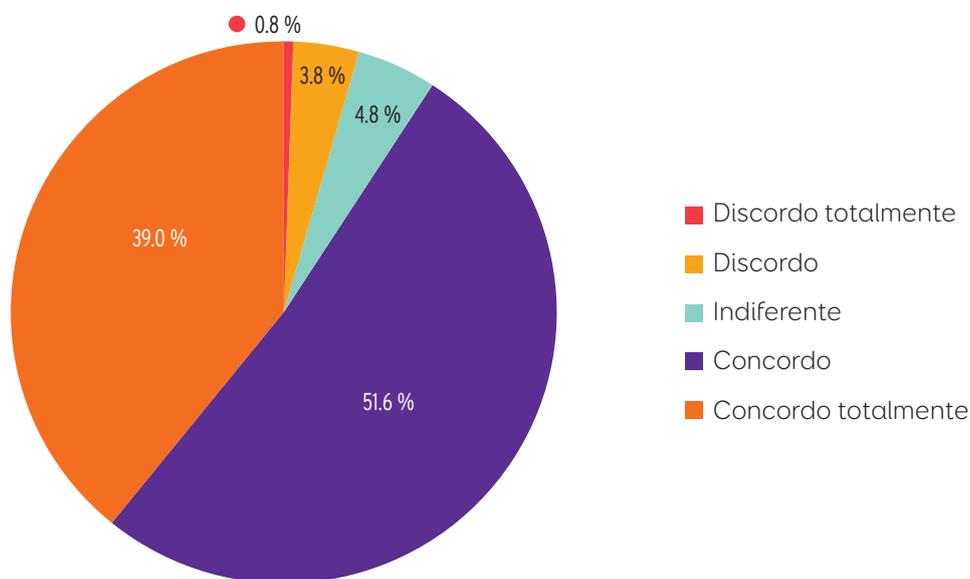
testemunho de vida religiosa como importante na tarefa como professor. Uma porcentagem maior do que a dos professores espanhóis e muito maior do que a dos brasileiros.

Outra pergunta que consideramos muito relevante era se os(as) professores(as) de Ensino Religioso consideravam **“importante ter um comportamento coerente com os valores morais que querem transmitir”**. As respostas revelam a maior porcentagem de apoio de todo este grupo de perguntas, com até 90,6% dos professores a favor dessa afirmação. 39% afirmam concordar totalmente e 51,6% afirmam concordar. Apenas 0,8% discordam totalmente dessa afirmação e só 3,8% discordam. Os que se disseram indiferentes também não representam uma porcentagem expressiva (4,8%).

Esta é uma descoberta fundamental deste grupo de perguntas. Com essas respostas, os(as) professores(as) demonstram estar em um alto grau de comunhão com os valores morais que estão

presentes em suas aulas. A coerência de vida e o testemunho aparecem claramente como indicadores de qualidade dos(as) professores(as) de Ensino Religioso do Brasil.

Gráfico 26. É importante ter um comportamento de vida coerente com os valores morais que quer transmitir | Dados totais

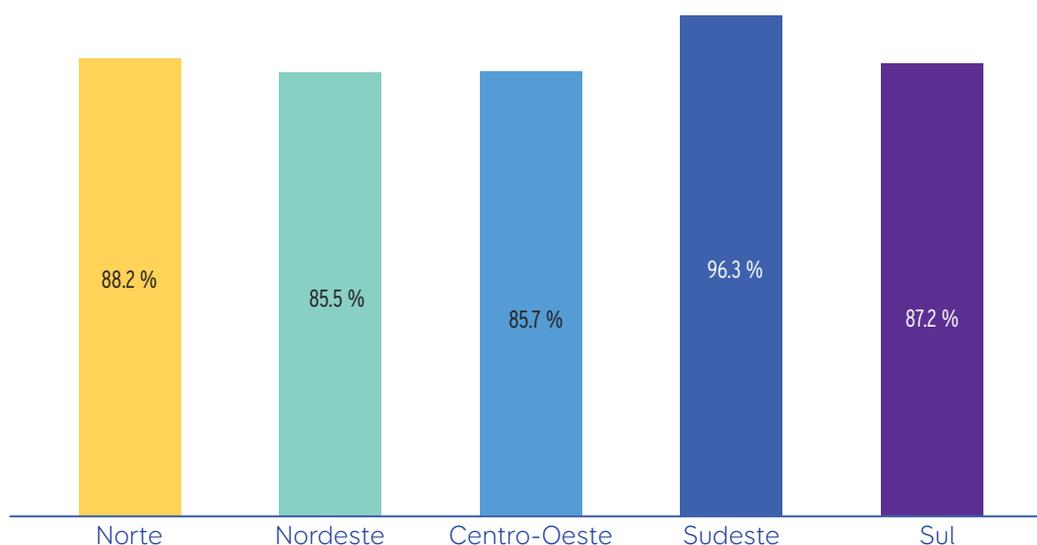


A variável de instituição educacional não revela diferenças significativas, só quatro pontos. Os professores de escolas públicas respondem afirmativamente em até 89,1%, enquanto os de escolas particulares chegam a 93,8%.

A variável das regiões geográficas também não revela diferenças significativas. Mantém-se a tendência da região Sudeste, que é a que mais apoia esses valores de coerência e testemunho, 96,3% de seus professores, a maior porcentagem de apoio encontrada até agora.



Gráfico 27. É importante ter um comportamento de vida coerente com os valores morais que quer transmitir | Porcentagem de “concordo” ou “concordo totalmente” por região



Essa pergunta sobre a importância de uma vida coerente com os valores transmitidos na tarefa como professor(a) também foi feita nos estudos do Observatório da Religião na Escola realizados em outros países. Levando em consideração os resultados dos professores no Brasil, onde 91% classificam como importante, lembramos os resultados de outros estudos:

- No caso da Espanha, cujo relatório é de 2020, os professores avaliavam a importância da coerência da vida com os valores morais em uma porcentagem de 91%. Uma resposta igual à que obtivemos dos professores brasileiros.
- No caso do Peru, cujo relatório é de 2021, 93% de seus professores avaliavam a importância da coerência da vida com os valores morais que são abordados no Ensino Religioso. Uma porcentagem

gem muito similar à dos professores espanhóis e brasileiros.

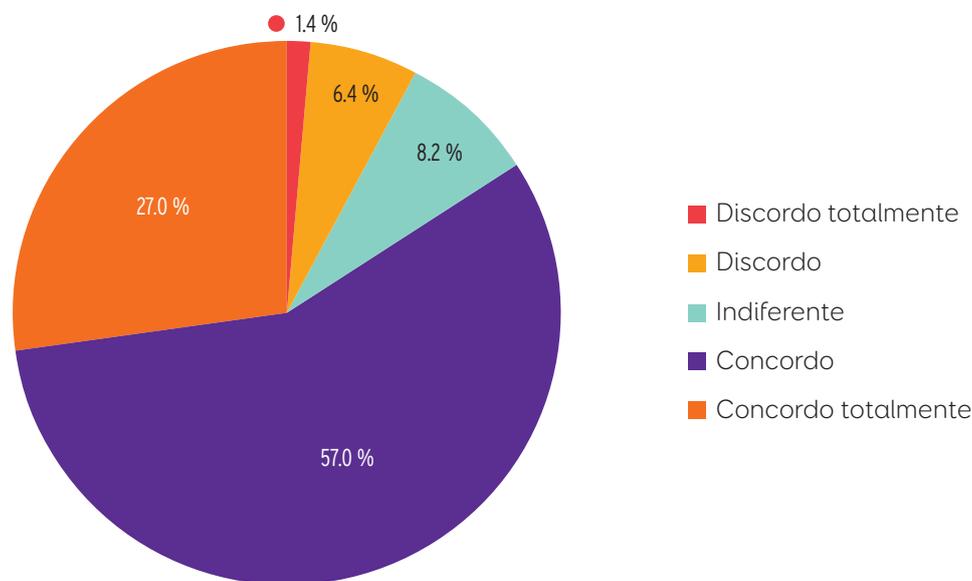
Para completar este grupo de perguntas, consideramos muito revelador pedir aos professores sua avaliação sobre se **“o Ensino Religioso na escola é diferente da catequese”**. 27% concordaram totalmente com essa afirmação e 57% concordaram; no total, 84% dos professores percebem as diferenças entre o trabalho da matriz curricular na escola e a tarefa pastoral na igreja/religião. Apenas 1,4% discordaram totalmente e 6,4% discordaram. Apenas 8,2% são indiferentes a essa afirmação.

Essa resposta confirma a tendência observada em muitos países, bastante consolidada na Europa e em andamento na América Latina, de diferenciar entre o Ensino Religioso da matriz curricular,

que é uma formação própria da escola, e a iniciação cristã ou catequese, que é tarefa própria das comunidades cristãs. Assim, podemos concluir

que, no Brasil, esse avanço da da identidade pedagógica do Ensino Religioso foi conseguido.

Gráfico 28. O Ensino Religioso na escola tem diferenças em relação à catequese, escola bíblica ou pastoral | Dados totais



A análise dos resultados com a variável de instituição educacional mostra uma ligeira diferença de apenas dois pontos. 84,7% dos(as) professores(as) de escolas públicas respondem afirmativamente, comparados com os de escolas particulares, 82,5%. Esses dois pontos de diferença não são significativos.

A análise das respostas com a variável das regiões geográficas revela poucas diferenças significativas. Somente na região Centro-Oeste há uma diminuição de dez pontos percentuais (74,3%) em comparação com o total.

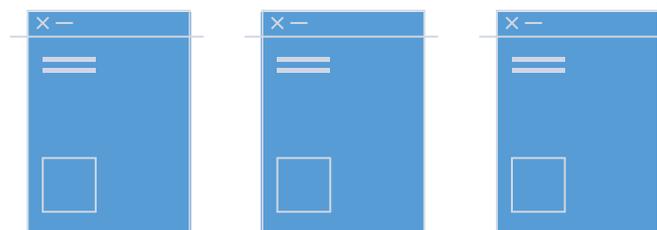
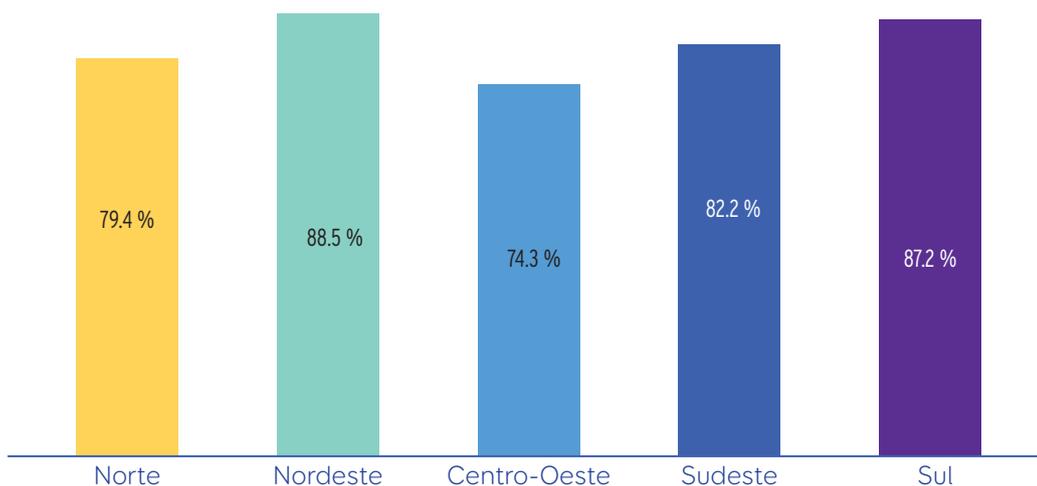


Gráfico 29. O Ensino Religioso na escola tem diferenças em relação à catequese, escola bíblica ou pastoral | Porcentagem de “concordo” ou “concordo totalmente” por região



Fizemos essa pergunta sobre a diferença entre o Ensino Religioso e a catequese no estudo do Observatório da Religião na Escola realizado no Peru em 2021. Lá, 74% de seus professores percebiam a diferença, que representa uma porcentagem menor, até 10 pontos a menos do que a dos professores no Brasil, onde 84% percebem a diferença. Na Espanha, essa pergunta foi descartada devido a uma resposta majoritária previsível.



4. Perfil pedagógico dos(as) professores(as) de Ensino Religioso

Uma vez descrito o perfil religioso dos(as) professores(as) de Ensino Religioso em seus aspectos mais essenciais, nossa pesquisa se concentrou em verificar como seu perfil pedagógico se desenvolve em termos de materiais didáticos, metodologias e técnicas de avaliação. O próximo conjunto de perguntas indagava justamente sobre essas questões.

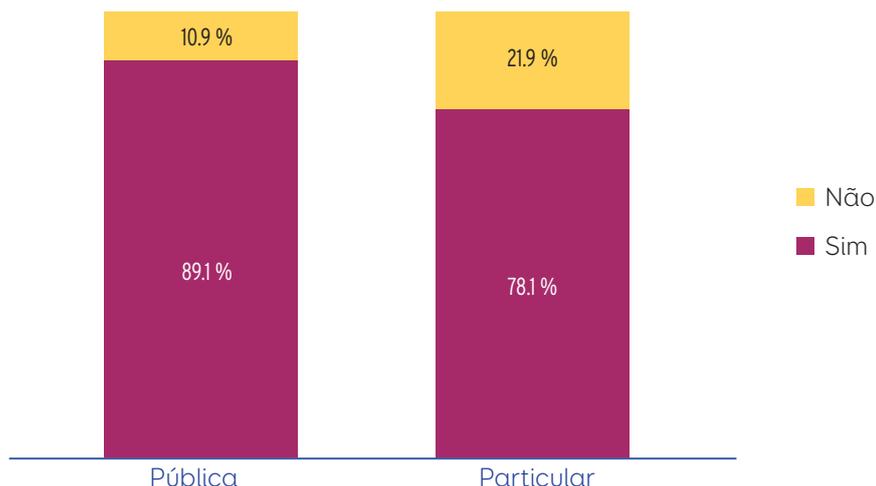
4.1. Livros didáticos e materiais próprios no Ensino Religioso

85,6% dos(as) professores(as) de Ensino Religioso no Brasil usam o livro didático de editoras como o principal material de aula. Apenas 14,4% responderam negativamente a essa pergunta. Essa resposta indica que uma grande maioria de professores recorre a materiais didáticos publicados, o que não exclui (como veremos a seguir) o uso de

metodologias ativas ou outros tipos de materiais didáticos desenvolvidos pelos próprios professores. Esses primeiros resultados apontam para um perfil pedagógico dos professores de Ensino Religioso no Brasil com notável flexibilidade e diversidade na aplicação de recursos didáticos.

Ao analisar esses resultados por instituições educacionais, a porcentagem de professores(as) que usam livros didáticos aumenta para 89,1% nas escolas públicas, enquanto nas escolas particulares cai para 78,1%. Embora exista uma diferença de onze pontos percentuais entre os dois tipos de instituições, considerando que a grande maioria dos professores usa livros didáticos, é provável que seu impacto nas salas de aula seja considerado diferente.

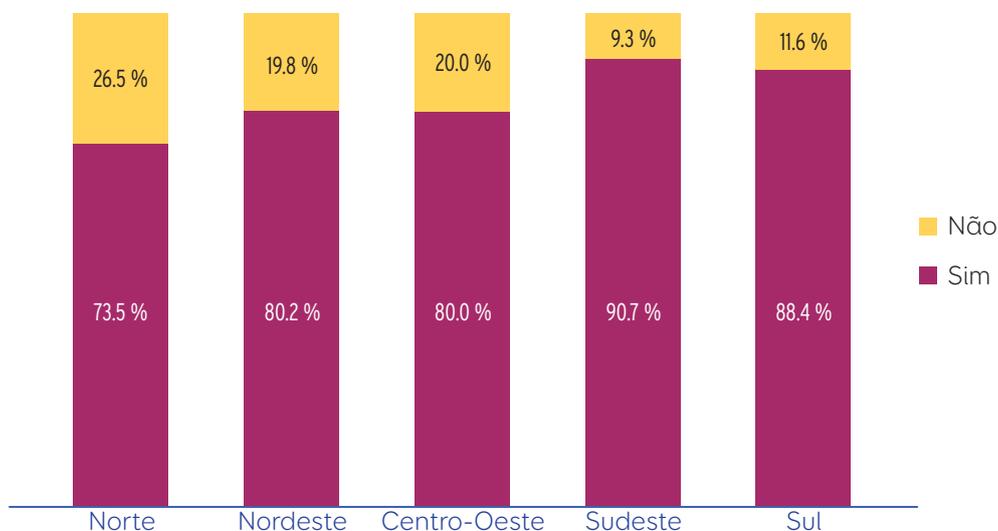
Gráfico 30. Você usa livros didáticos como material de aula? | Dados por tipo de instituição (%)



A análise das respostas por regiões revela que, na região Sudeste, os(as) professores(as) que usam livros didáticos na aula de Ensino Religioso aumentam para 90,7%, a porcentagem mais alta,

seguida pela região Sul, que chega a 88,4%. Em contraste, a região Norte tem a menor porcentagem, 73,5%. As regiões Nordeste e Centro-Oeste se mantêm em torno de 80%.

Gráfico 31. Você usa livros didáticos como material de aula? | Dados por região (%)



Essa pergunta sobre o uso de livros didáticos também foi feita nos estudos do Observatório da Religião na Escola realizados em outros países. Levando em conta os resultados dos(as) professores(as) no Brasil, onde 86% afirmam usar livros como material didático em suas aulas, lembramos os resultados de outros estudos:

- No caso da Espanha, cujo relatório é de 2020, os professores que afirmavam usar livros didáticos em suas aulas de Ensino Religioso caem para 77%.
- No caso do Peru, cujo relatório é de 2021, 84% de seus professores confirmavam o uso de livros

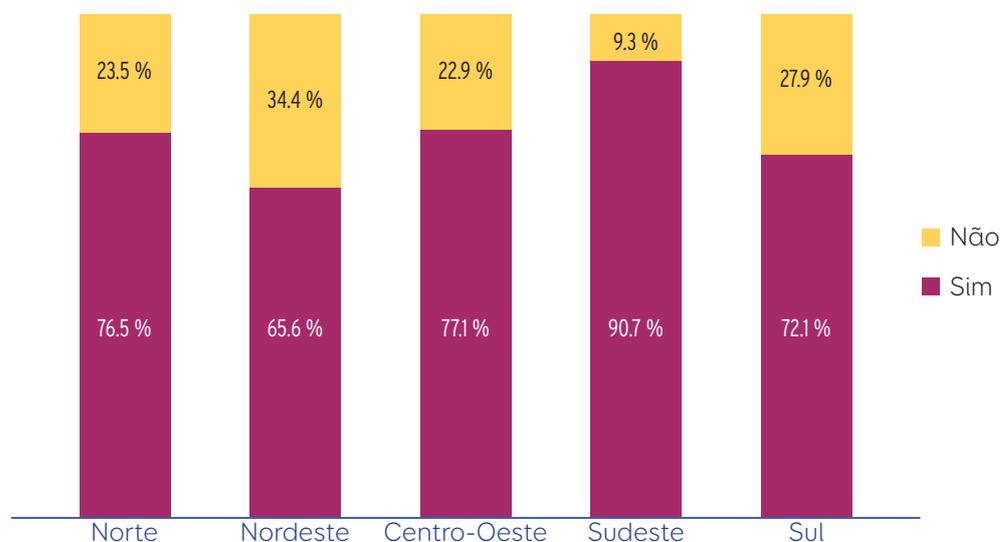
didáticos, uma porcentagem muito parecida com a realidade do Brasil.

Outra pergunta que fizemos aos professores, muito complementar ao uso de livros didáticos, é se os professores elaboram seus próprios materiais didáticos. Os resultados revelam um alto nível de envolvimento dos professores nessa área: 79% afirmam que **elaboram seus próprios materiais**. O que significa que quatro em cada cinco, uma maioria significativa, além de usar livros didáticos publicados, conforme indicado na resposta anterior, elaboram seus próprios materiais didáticos. Um bom indicador de qualidade em sua tarefa como professores, pois mostra seu compromisso com o aprendizado dos estudantes.

A análise dessas respostas com a variável de instituições educacionais não revela diferença. Quanto à variável de regiões, no caso dos(as) professores(as) do Sudeste, a porcentagem de resposta

sobe para 90,7%, como aconteceu no caso do uso de livros didáticos, enquanto no Nordeste cai para 65,6%, treze pontos abaixo da porcentagem total.

Gráfico 32. Você elabora seus próprios materiais didáticos? | Dados por região (%)



Essa pergunta sobre a elaboração de materiais didáticos próprios também foi feita nos estudos do ORE em outros países. Levando em conta o alto percentual que responde afirmativamente no Brasil, 79% dos(as) professores(as), lembramos os resultados de outros estudos:

No caso da Espanha, cujo relatório é de 2020, 93% dos professores elaboravam seus próprios materiais didáticos. Uma porcentagem maior do que a de seus colegas brasileiros. No caso do Peru, cujo relatório é de 2021, 93% de seus professores confirmavam a elaboração de seus próprios materiais didáticos, uma porcentagem igual à de seus colegas espanhóis e 14 pontos percentuais acima da dos professores do Brasil.

Tanto no estudo da Espanha, de 2020, quanto no estudo do Peru, de 2021, a porcentagem de professores que elaboravam seus próprios materiais didáticos foi de 93%, 14 pontos a mais do que no Brasil.

4.2. Metodologias que são aplicadas no Ensino Religioso

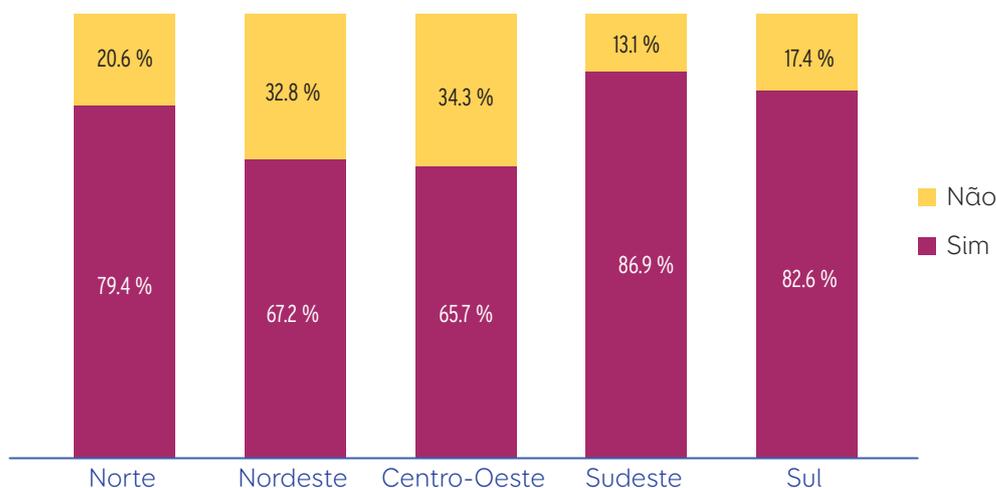
Quando perguntamos aos professores de Ensino Religioso se usam novas tecnologias em seu trabalho como professor, 79% respondem que sim. Trata-se de uma porcentagem próxima à obtida quando perguntamos sobre o uso de livros didáticos e a elaboração de materiais próprios. Em todos os casos, estamos diante de uma grande maioria

de respostas afirmativas, quatro em cada cinco. As respostas são, sem dúvida, bons indicadores de qualidade como professores(as).

A análise dos resultados levando em consideração as instituições educacionais não mostra diferenças significativas.

Considerando as regiões, percebe-se um menor uso de novas/metodologias nas regiões Nordeste e Centro-Oeste, em torno de dez pontos, e um ligeiro aumento na região Sudeste, de sete pontos. As porcentagens de professores do Norte e do Sul são muito semelhantes à média nacional.

Gráfico 33. Você usa novas tecnologias/metodologias em sua atividade docente? | Dados por região (%)

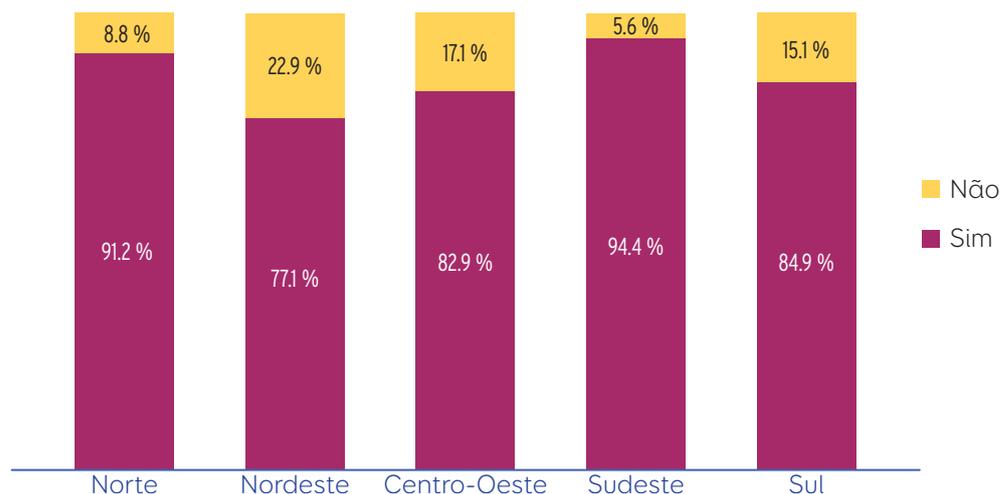


Para completar esse perfil didático dos(as) professores(as) de Ensino Religioso do Brasil, fizemos uma pergunta que nos parecia essencial: **“usa metodologias ativas?”** As respostas confirmam os indicadores positivos com os quais estivemos descrevendo seu perfil pedagógico. Uma grande maioria de professores(as) do Brasil usa metodologias ativas em suas aulas de Ensino Religioso, 87,2%. Portanto, esses dados confirmam a tendência que identificamos e nos permitem concluir que os professores de Ensino Religioso no Brasil têm um perfil pedagógico atualizado e comprometido com a inovação educacional.

Quando as instituições educacionais são levadas em consideração, não se observam diferenças nesse perfil pedagógico dos professores de Ensino Religioso.

No caso das regiões, mantém-se a tendência que temos observado neste grupo de perguntas, com a região Sudeste obtendo as porcentagens mais altas, neste caso 94,4%. Na região Nordeste, encontramos a menor porcentagem, 77,1%, que se mantém como uma grande maioria, como foi o caso em algumas outras respostas. As diferenças nas outras regiões não são substancialmente diferentes da porcentagem total do país.

Gráfico 34. Você usa metodologias ativas em sua atividade docente? | Dados por região (%)



Essa pergunta sobre o uso de metodologias ativas nas aulas de Ensino Religioso também foi feita em estudos do ORE em outros países. Levando em conta o alto percentual que responde afirmativamente no Brasil, 87% dos(as) professores(as), lembramos os resultados de outros estudos:

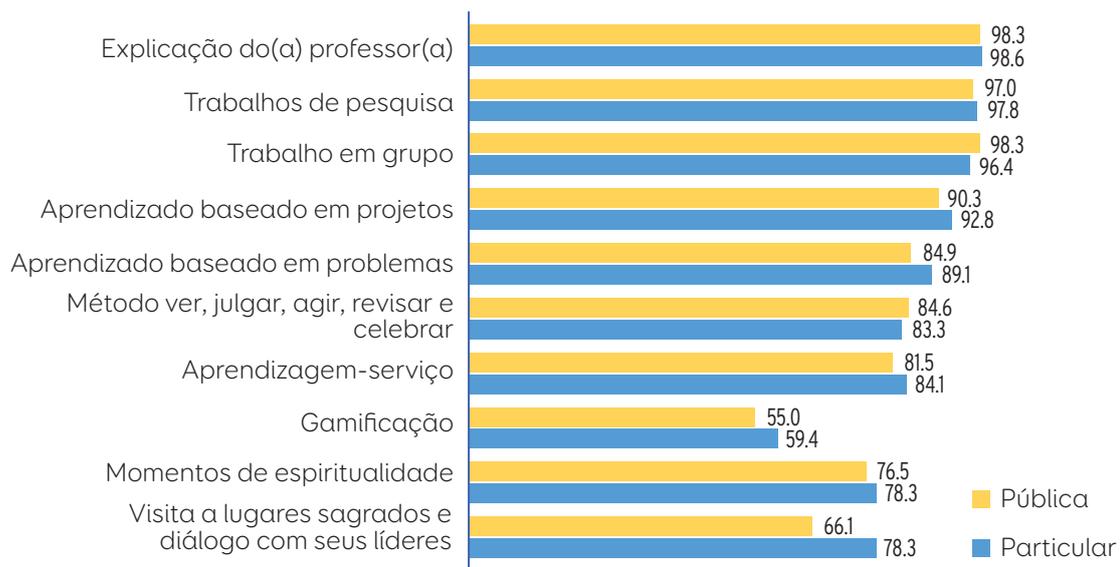
No caso da Espanha, cujo relatório é de 2020, 96% dos professores aplicavam metodologias ativas em suas aulas. Uma porcentagem maior do que a de seus colegas brasileiros em 9 pontos percentuais. No caso do Peru, cujo relatório é de 2021, 96% de seus professores também confirmavam o uso de metodologias ativas em suas aulas, um percentual que também é 9 pontos percentuais maior do que o dos professores do Brasil.

Uma vez constatado que a grande maioria dos(as) professores(as) de Ensino Religioso do Brasil aplica metodologias ativas em sala de aula, a próxima pergunta que fizemos era **quais são essas metodologias**. As quatro metodologias que obtiveram

mais de 90% de apoio foram: explicação do professor, trabalho de pesquisa, trabalho em grupo e aprendizado baseado em projetos. Mais de 80% são metodologias como aprendizagem baseada em problemas, ver-julgar-e-agir e aprendizagem-serviço. O método que aparece como menos frequente é a gamificação, mas é usado em sala de aula por mais da metade dos professores de Ensino Religioso.

Uma análise dessas respostas levando em conta a variável de instituição educacional praticamente não revela diferenças significativas, apenas haveria que destacar o recurso de visitas a lugares sagrados, mais comum nas escolas particulares. Em qualquer caso, confirma-se a tendência dos professores de usar essas metodologias tanto em instituições públicas quanto particulares. Um dado que atesta a consistência do trabalho didático dos professores de Ensino Religioso no Brasil.

Gráfico 35. Estratégias metodológicas utilizadas nas aulas de Ensino Religioso | Dados por tipo de instituição (%)



Também não se observam grandes diferenças por regiões, exceto no caso de recursos menos usados, como visitas a lugares sagrados ou gamificação, o que confirma a conclusão já indicada sobre a consistência do perfil pedagógico dos professores de Ensino Religioso do Brasil.

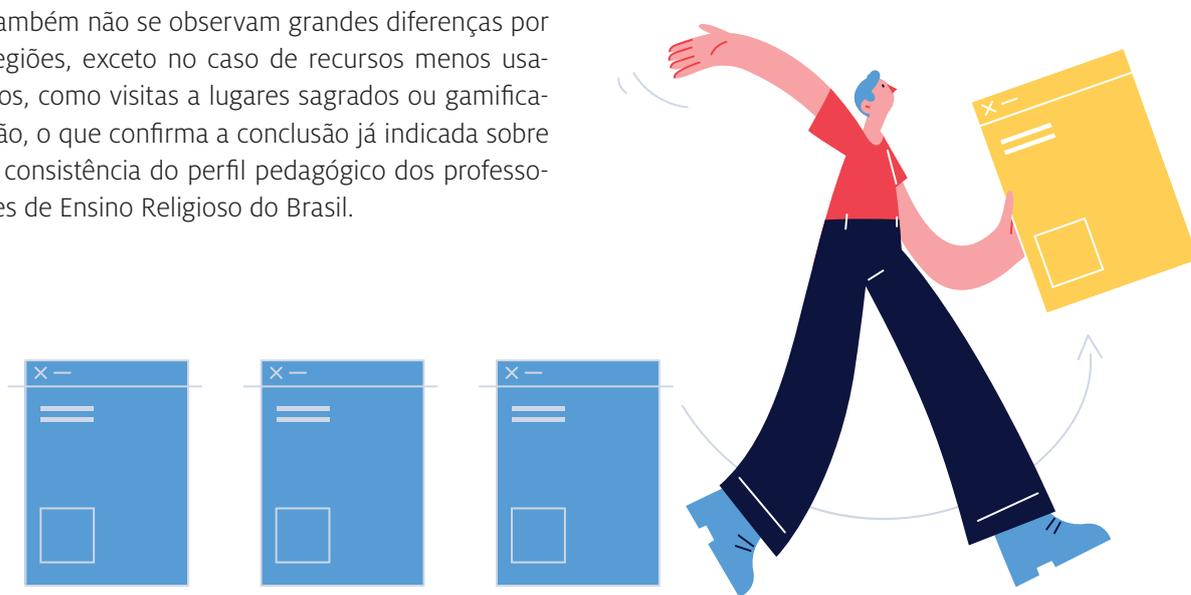
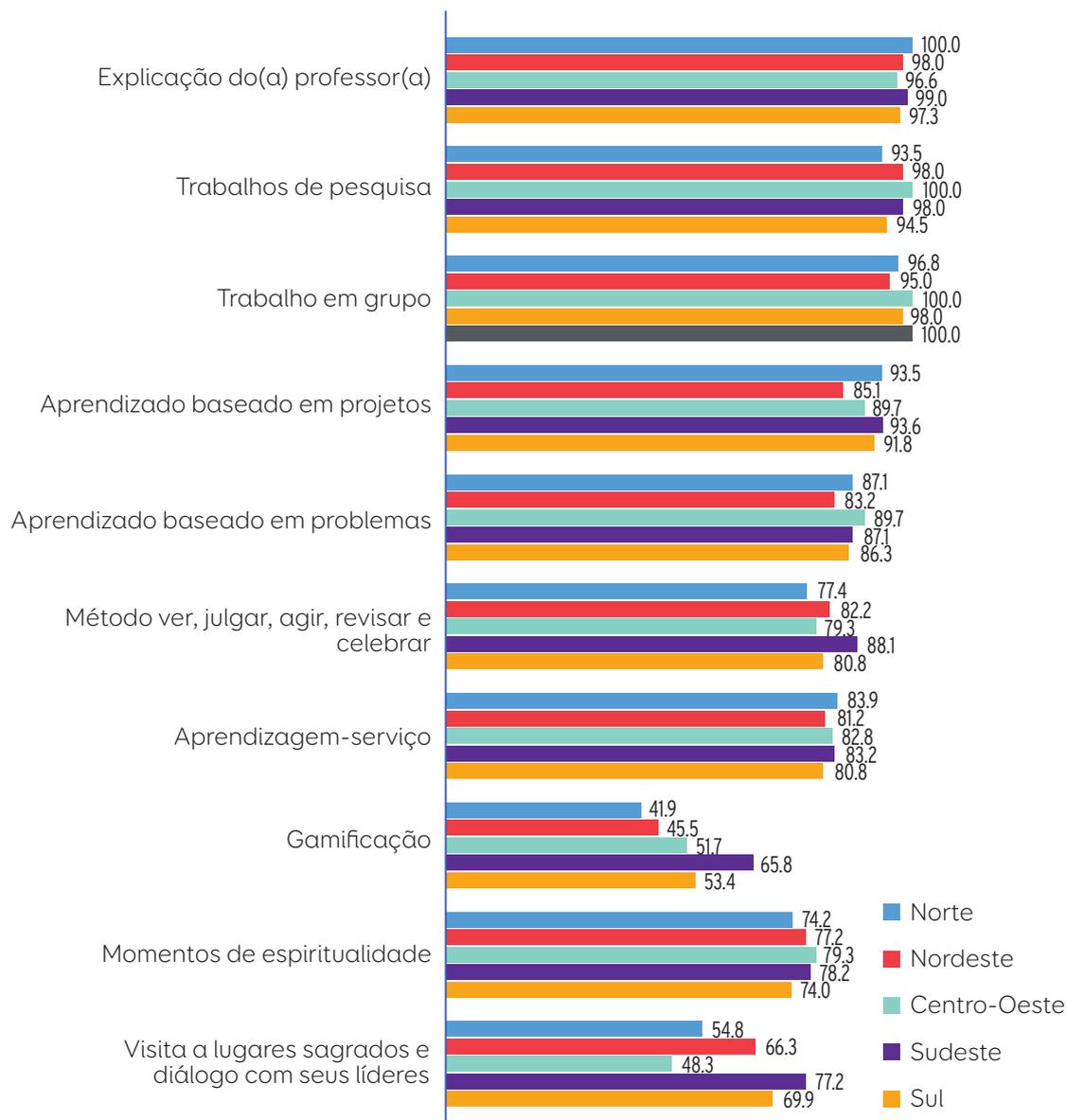


Gráfico 36. Estratégias metodológicas utilizadas nas aulas de Ensino Religioso | Dados por região (%)



Essas perguntas sobre as metodologias que os professores de Ensino Religioso usam em sala de

aula também foram feitas nos estudos do ORE em outros países. Tanto no caso da Espanha, cujo

relatório é de 2020, quanto no do Peru, cujo relatório é de 2021, os professores coincidiam com seus colegas brasileiros quanto ao maior uso de explicações orais, trabalho em grupo e trabalho de pesquisa como metodologia nas aulas de Ensino Religioso. Também há consenso nos três países sobre o fato de a gamificação ser um dos métodos menos usados.

4.3. Técnicas de avaliação dos(as) professores(as) no Ensino Religioso

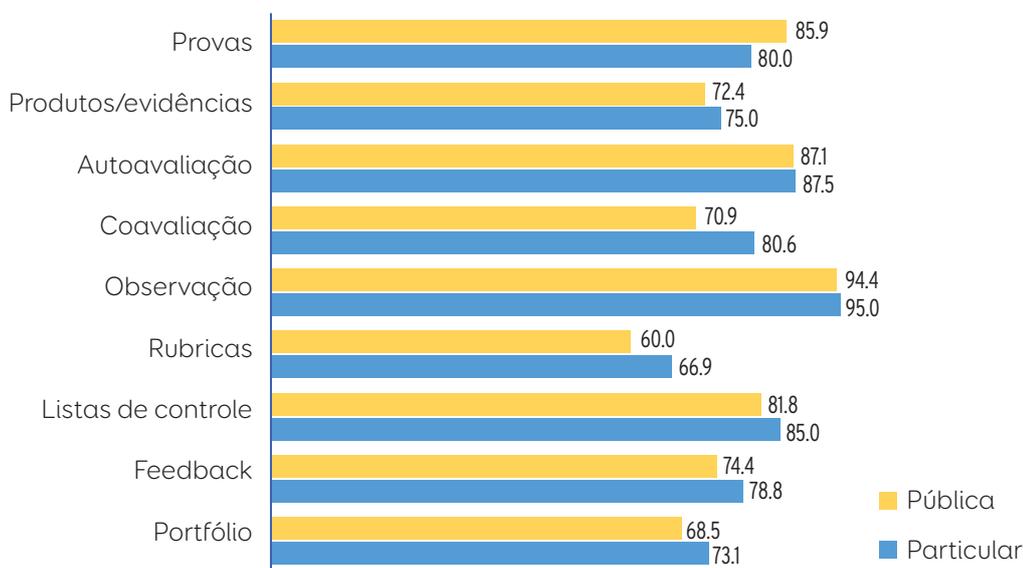
Para completar o perfil pedagógico dos(as) professores(as) de Ensino Religioso do Brasil, além das perguntas que analisamos até agora, perguntamos sobre as técnicas de avaliação que aplicam em sala de aula. Das respostas, pode-se deduzir que a observação é a mais usada (94,6%), prati-

camente por quase todos. Autoavaliação (87,2%), provas (84%) e listas de controle (82,8%) também são as técnicas usadas pela grande maioria dos professores. As rubricas (62,2%) são as menos usadas, mas em uma porcentagem alta, cerca de duas em cada três.

Esses resultados revelam a diversidade de técnicas de avaliação aplicadas pelos(as) professores(as) de Ensino Religioso no Brasil, o que constitui outro indicador positivo de seu perfil pedagógico, consistente com as evidências encontradas neste grupo de perguntas.

Quase não há diferenças no uso de técnicas de avaliação por tipo de instituição, exceto no caso específico da coavaliação, que é mais comum em escolas particulares.

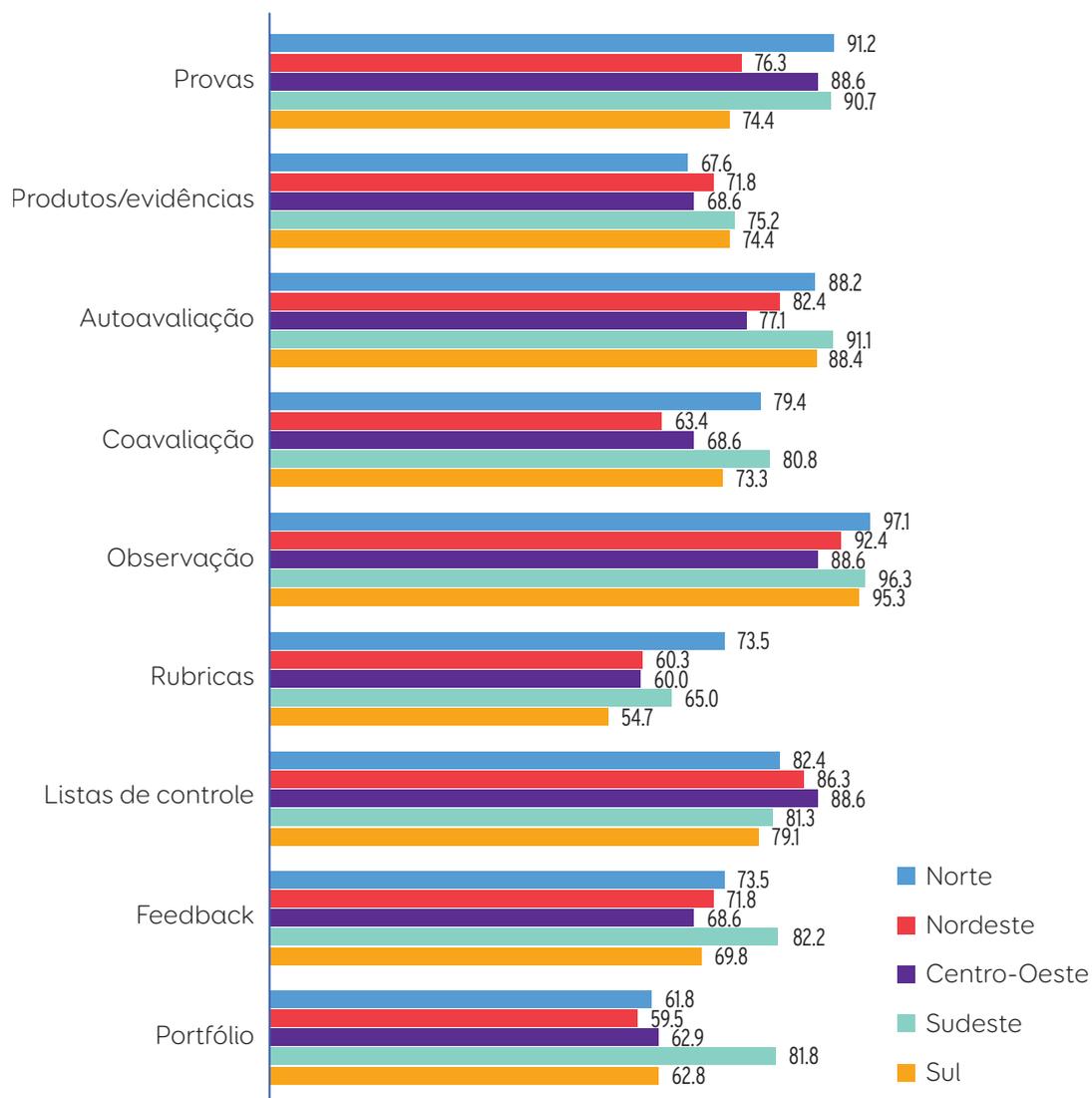
Gráfico 37. Técnicas/instrumentos usados na avaliação | Dados por tipo de instituição (%)



Entretanto, nas respostas por regiões, observam-se diferenças consideráveis no uso da maioria das

técnicas, com exceção das mais comuns, observação e produtos/evidências.

Gráfico 38. Técnicas/instrumentos usados na avaliação | Dados por região (%)



Essas perguntas sobre as técnicas de avaliação aplicadas pelos professores de Ensino Religioso em sala de aula também foram feitas nos estudos do ORE em outros países. Os relatórios da Espanha e do Peru coincidem com o de seus colegas brasileiros no que diz respeito ao maior uso da avaliação através de trabalhos e observação, bem como da autoavaliação. Mas percebe-se que o uso de provas é maior no Brasil, bem mais do que o dos professores da Espanha e do Peru.



5. Percepção do sistema educacional

Além do perfil religioso e pedagógico dos(as) professores(as) de Ensino Religioso no Brasil, nossa pesquisa visava conhecer as opiniões dos professores sobre o sistema educacional, perguntamos principalmente sobre quem é o primeiro responsável pela educação dos estudantes, a liberdade de escolher a escola, o funcionamento do sistema educacional e algumas outras considerações sobre a formação dos professores de Ensino Religioso.

5.1. Sobre a primeira responsabilidade na educação

Neste grupo de perguntas, a primeira questão importante que abordamos foi sobre quem são os primeiros **responsáveis pela educação**. As respostas mostram que 62,8% dos(as) professores(as) consideram que são as famílias. Essa resposta é da maioria, mas em uma porcentagem muito menor do que as famílias consideram, que chegava a 95%. A resposta supera claramente a dos estudantes, com apenas 40% afirmando que as famílias são as primeiras responsáveis pela educação de seus filhos.

Chama a atenção que um em cada cinco professores de Ensino Religioso considere o Estado como o primeiro responsável pela educação dos estudantes. Também nos chamou a atenção a grande porcentagem de respostas dos estudantes, com 38% deles colocando o Estado à frente das famílias como o primeiro responsável.

Esses dados constituem uma descoberta que, em nossa opinião, merece reflexão por parte dos responsáveis pela educação nas denominações religiosas para fortalecer na opinião pública esse princípio de que as famílias são as primeiras responsáveis pela educação de seus filhos, algo tão essencial na sociedade. A análise dos dados obtidos nesta pesquisa mostra essa conclusão como uma área a ser melhorada.

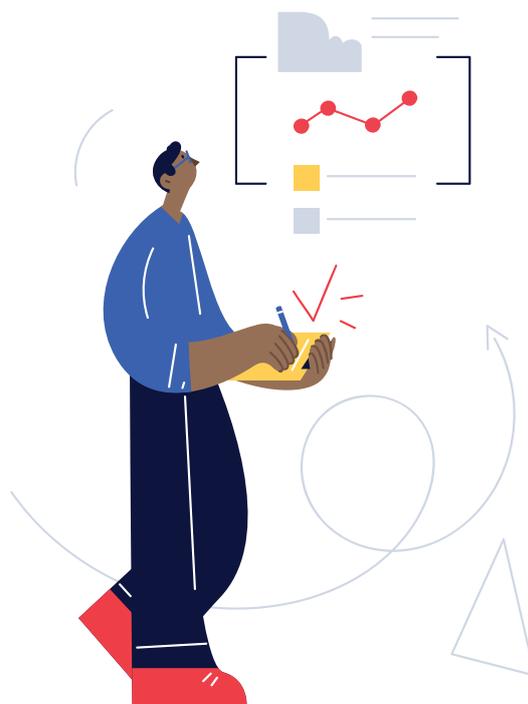
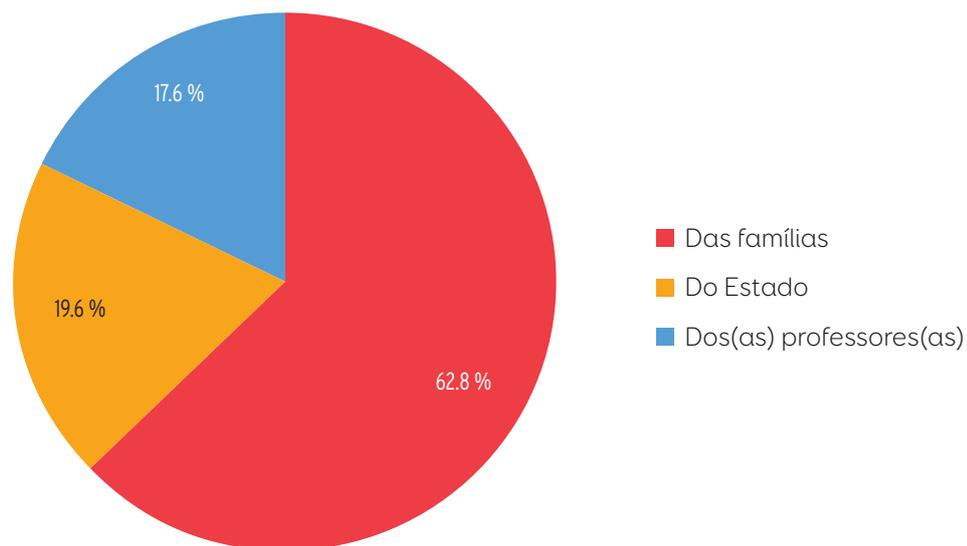


Gráfico 39. De quem é a primeira responsabilidade na educação? | Dados totais



Chama a atenção que, quando a variável de instituição educacional é levada em conta, a porcentagem de professores(as) que consideram as famílias as primeiras responsáveis pela educação de seus filhos é maior nas escolas públicas, com uma diferença de 12 pontos percentuais. Mantém-se as porcentagens que atribuem essa primeira responsabilidade ao Estado.

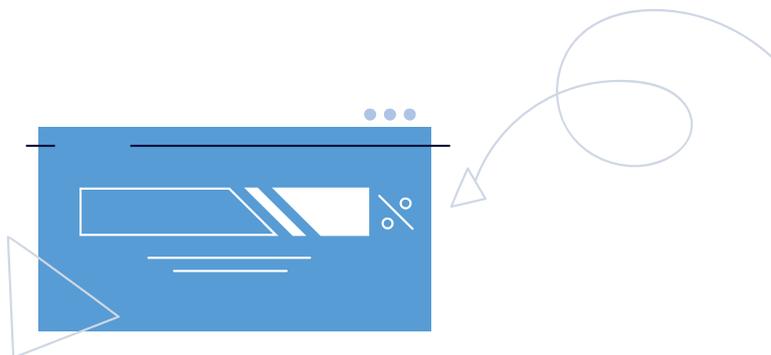
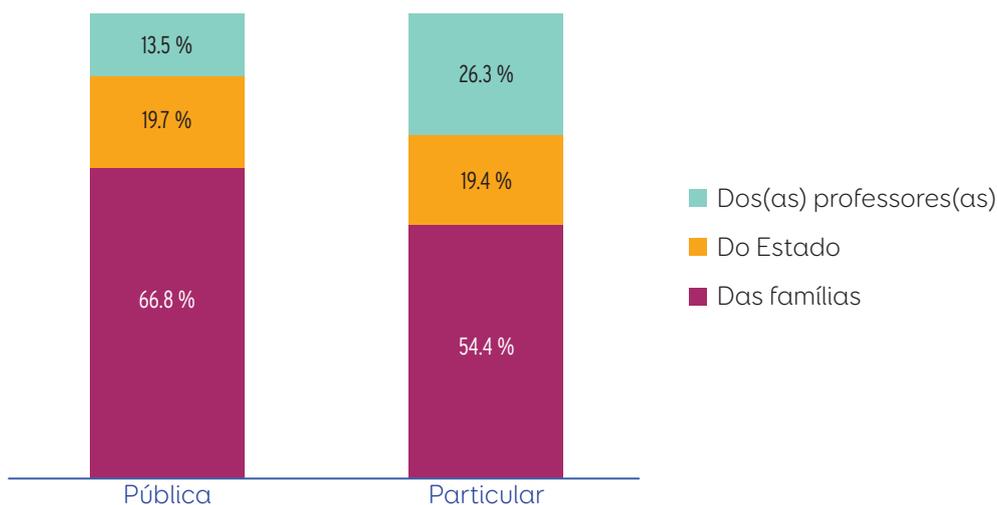


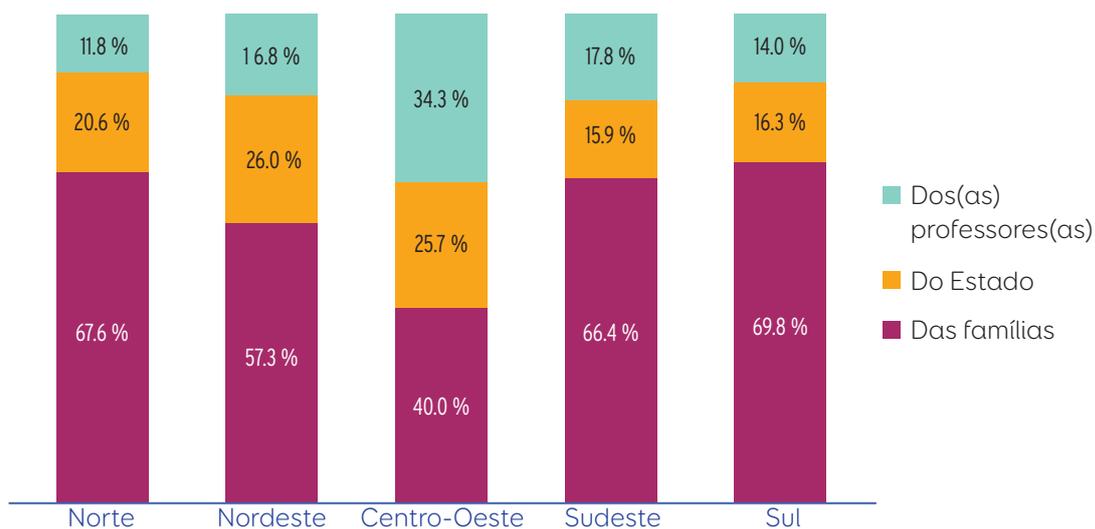
Gráfico 40. De quem é a primeira responsabilidade na educação? | Dados totais e por tipo de instituição (%)



A análise dos resultados por regiões revela que a maioria das respostas não diverge significativamente da porcentagem total do país. Encontramos uma exceção na região Centro-Oeste, onde a por-

centagem dos que consideram que as famílias são as primeiras responsáveis pela educação dos filhos cai para 40%, uma diferença de 23 pontos percentuais a menos.

Gráfico 41. De quem é a primeira responsabilidade na educação? | Dados por região (%)

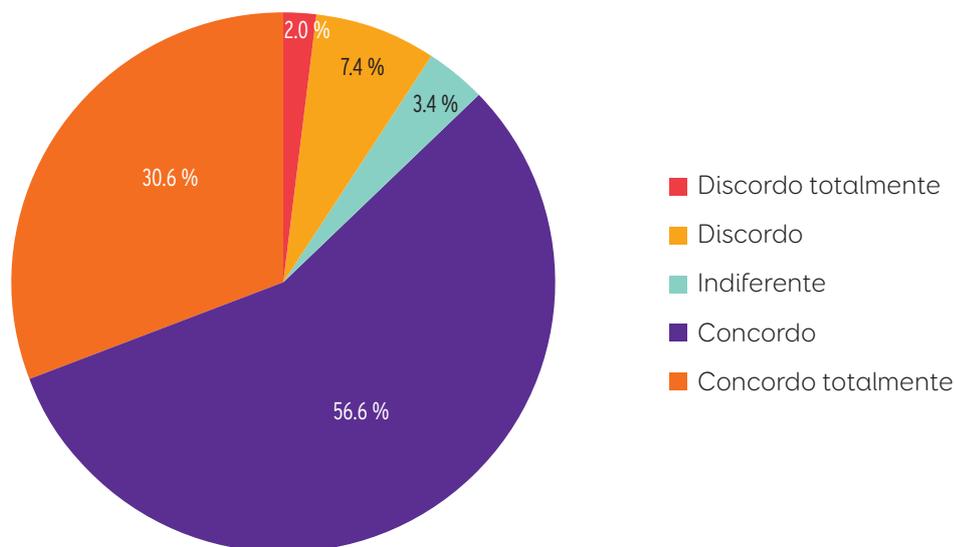


Essa questão sobre quem são os primeiros responsáveis pela educação também foi feita nos estudos do ORE em outros países. Considerando que no Brasil 63% afirmam que essa primeira responsabilidade é da família, observam-se diferenças substanciais em relação aos outros países. Na Espanha, 86% reconhecem essa primeira responsabilidade das famílias. No Peru, 82% afirmam essa primeira responsabilidade. Portanto, verifica-se uma diferença de 20 pontos percentuais nessas respostas entre o Brasil e os outros países, o que merece, por se tratar de uma questão fundamental para o desenvolvimento da pessoa e da sociedade, uma

análise mais detalhada que possa inspirar decisões nos maiores responsáveis.

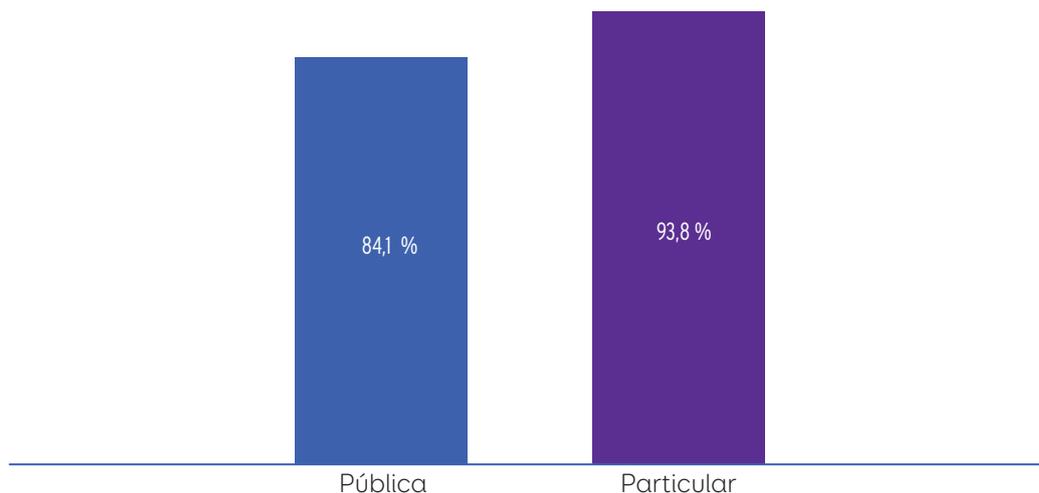
Muito ligada a essa questão da primeira responsabilidade na educação está a seguinte pergunta que fizemos aos professores sobre a **liberdade de escolher uma instituição educacional**. 87,2% responderam que têm a liberdade de escolher o tipo de instituição educacional que querem para seus filhos, 30,6% concordam totalmente com essa afirmação e 56,6% concordam. Os que discordam ou discordam totalmente não chegam a 10%.

Gráfico 42. As famílias têm a liberdade de escolher o tipo de instituição de ensino que querem para seus(suas) filhos(as) | Dados totais



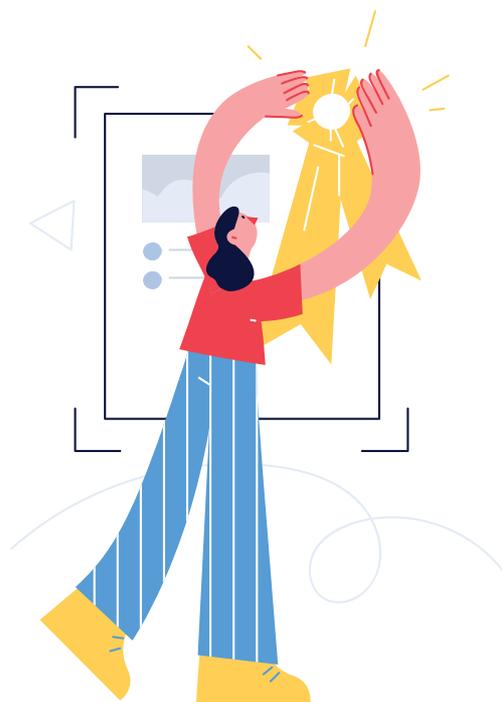
A variável de instituição educacional mostra, como era de se esperar, uma porcentagem maior de professores(as) de escolas particulares (93,8%) do que de escolas públicas (84,1%).

Gráfico 43. As famílias têm a liberdade de escolher o tipo de instituição de ensino que querem para seus(suas) filhos(as) | Porcentagem de “concordo” ou “concordo totalmente” por tipo de instituição (%)



A variável geográfica revela apenas a região Centro-Oeste abaixo da média do país em até 7 pontos percentuais; o restante das regiões não se desvia da média do país.

Essa questão sobre se as famílias têm a liberdade de escolher a instituição educacional que querem para seus filhos também foi feita nos estudos do ORE em outros países. Considerando que no Brasil 87% afirmam que essa primeira responsabilidade é das famílias, percebe-se uma maior similaridade com outros países. No Peru, por exemplo, 89% dos professores também consideram que há a mesma liberdade das famílias ao escolher uma escola. No entanto, observa-se uma tendência preocupante na Espanha, onde, em nossa pesquisa de 2010, 81% dos professores afirmavam a liberdade das famílias ao escolher a educação de seus filhos, mas essa resposta caiu para 65% em 2020.

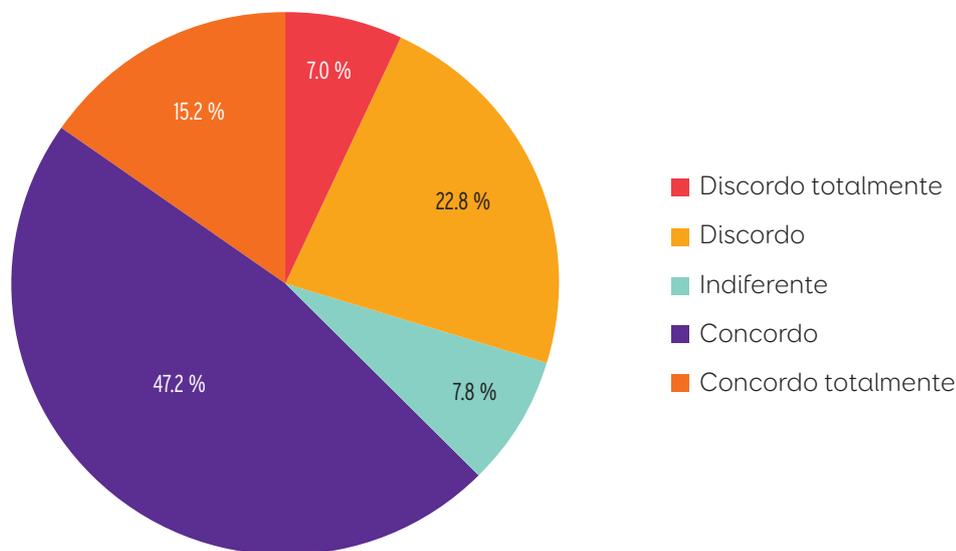


5.2. Sobre o funcionamento do sistema educacional

Perguntamos aos professores de Ensino Religioso se **“no geral, o sistema educacional funciona bem”**. As respostas representam uma aprovação

do sistema educacional pelos professores, 62,4% concordam (47,2%) ou concordam totalmente (15,2%) com essa afirmação. Por outro lado, cerca de um terço dos professores reprovam o sistema educacional, com 22,8% discordando da afirmação e 7% discordando totalmente.

Gráfico 44. O sistema educacional funciona bem, em termos gerais | Dados totais



A análise dos resultados com a variável de instituições educacionais revela uma melhor avaliação do sistema educacional entre os professores de escolas particulares (67,5%) em comparação com os de escolas públicas (60%).

A análise dos resultados com a variável geográfica revela que os professores da região Sudeste fazem uma avaliação mais favorável do sistema educacional (68%) do que os da região Centro-Oeste e Nordeste (57%).

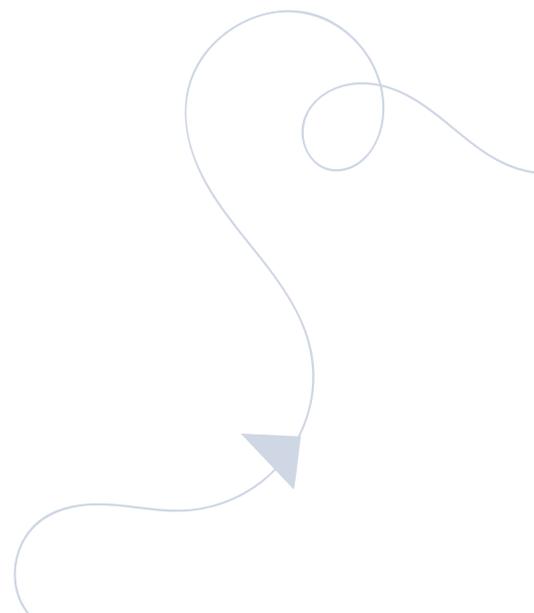
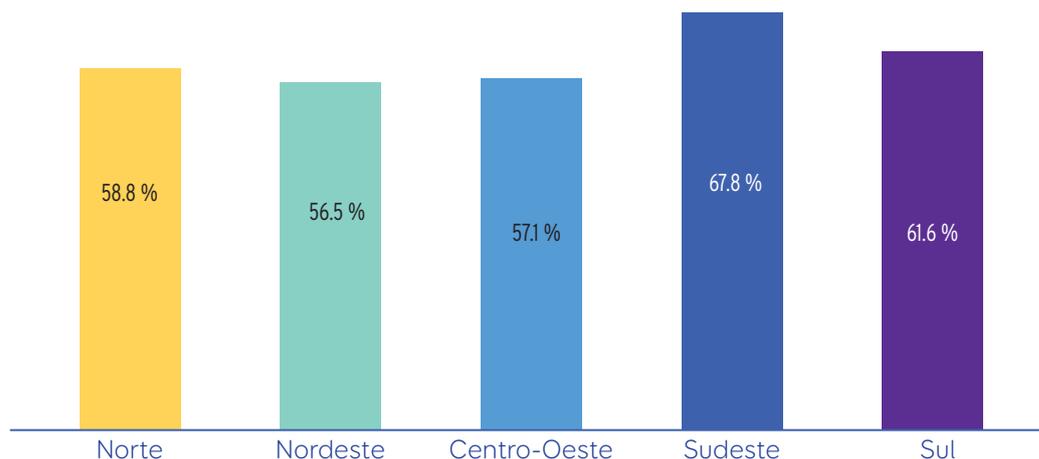


Gráfico 45. O sistema educacional funciona bem, em termos gerais | Porcentagem de “concordo” ou “concordo totalmente” por região

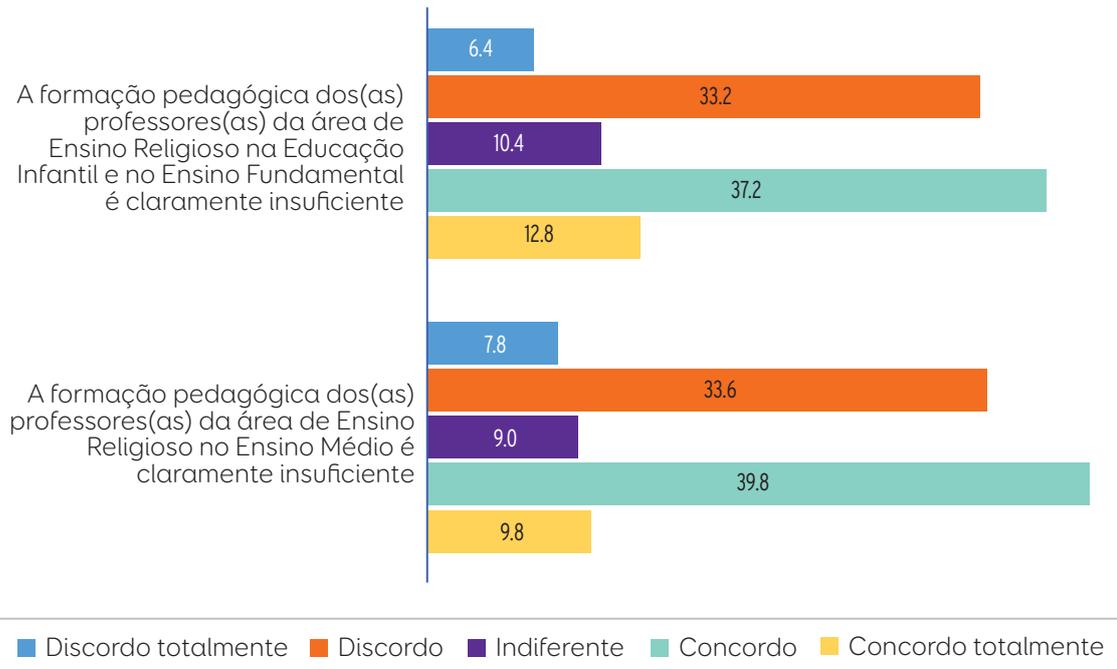


A pergunta sobre o funcionamento do sistema educacional também foi feita nos estudos do ORE em outros países. Considerando que no Brasil 62% aprovam o funcionamento do sistema educacional, observa-se uma diferença em relação aos professores espanhóis, que reprovam o funcionamento do sistema educacional, com apenas 23% dizendo que funciona bem. No entanto, os resultados do Brasil coincidem mais com os do Peru, onde 61% dos professores aprovam o funcionamento do sistema educacional.

5.3. Sobre a formação dos(as) professores(as) de Ensino Religioso

Para completar essa percepção dos professores de Ensino Religioso sobre o sistema educacional e seus professores, perguntamos se a **formação pedagógica dos professores** é insuficiente. As respostas revelam que 50% dos professores concordam com essa afirmação no Ensino Fundamental, enquanto no Ensino Médio 49,6% concordam. 40% discordam dessa afirmação em ambos os níveis de ensino.

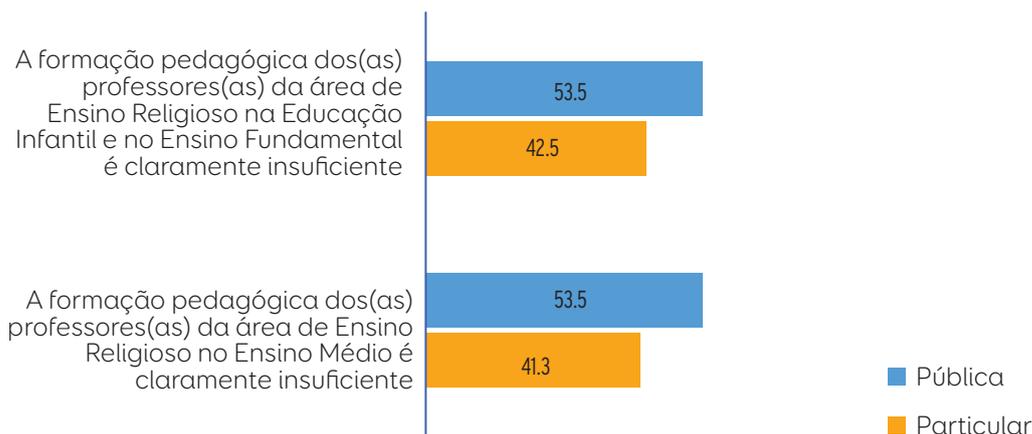
Gráfico 46. Grau de concordância com as seguintes afirmações | Dados totais (%)



A variável de instituições educacionais revela um maior grau de apoio a essa afirmação entre os(as) professores(as) de escolas públicas (54%) em comparação com os de escolas particulares (43%). Surge uma diferença de 11 pontos percentuais, o que parece revelar uma percepção mais crítica da formação pedagógica dos(as) professores(as) de Ensino Religioso nas escolas públicas.



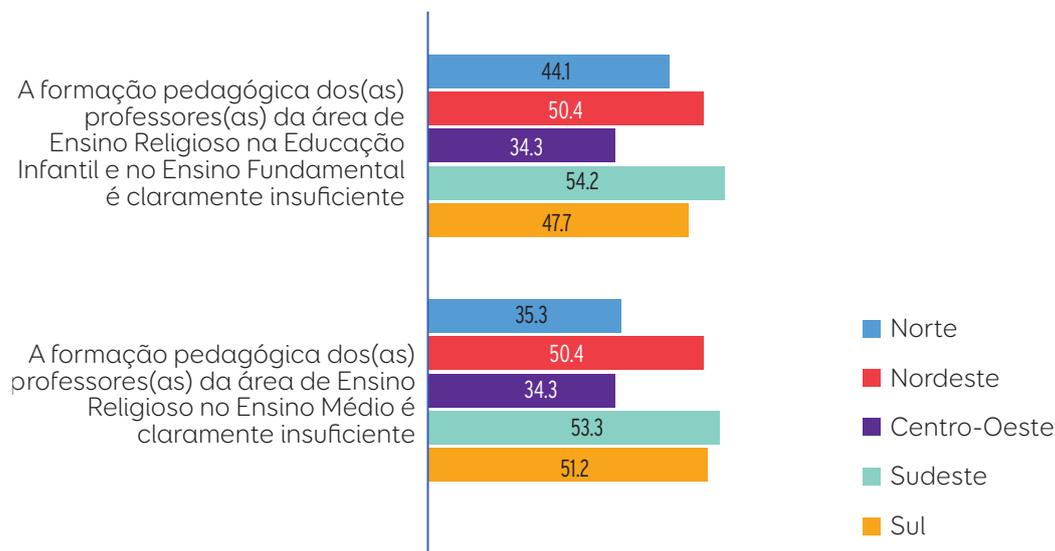
Gráfico 47. Porcentagem de professores(as) que concordam ou concordam totalmente com as seguintes afirmações | Dados por tipo de instituição (%)



A variável geográfica revela que a percepção mais crítica sobre a formação pedagógica dos(as) professores(as) de Ensino Religioso encontra-se na

região Centro-Oeste, juntamente com a região Norte no caso do Ensino Médio.

Gráfico 48. Porcentagem de professores(as) que concordam ou concordam totalmente com as seguintes afirmações | Dados por região (%)



6. Avaliação do Ensino Religioso no sistema educacional

Até agora, descrevemos os perfis religiosos e pedagógicos dos(as) professores(as) de Ensino Religioso no Brasil, além de analisar suas opiniões sobre algumas questões relacionadas ao sistema educacional. Bem, agora nossa pesquisa chega ao seu principal objetivo: conhecer as percepções dos(as) professores(as) sobre o Ensino Religioso no sistema educacional. Para isso, nosso questionário apresentava perguntas que consideramos muito relevantes, cujas respostas nos permitirão identificar as opiniões dos(as) professores(as) sobre a presença do Ensino Religioso no sistema educacional, sua avaliação das contribuições educacionais e algumas outras perguntas sobre quem são os responsáveis pelo Ensino Religioso nas instituições educacionais.

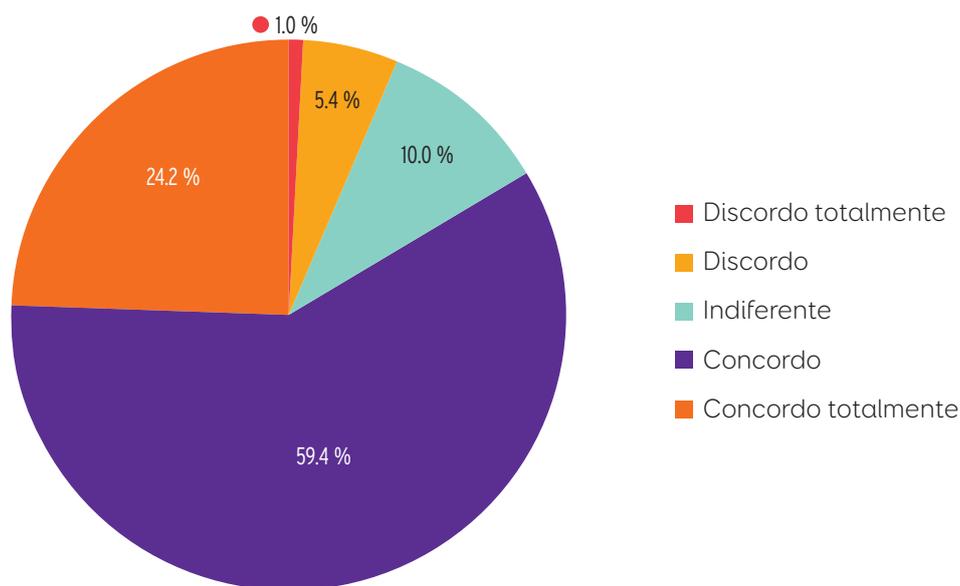
6.1. Opinião a respeito da presença do Ensino Religioso no sistema educacional

Um dos princípios do direito internacional, relacionado às liberdades fundamentais de educação e religião/crença, é o direito à educação, a uma educação integral, e o direito das famílias, como primeiros responsáveis, de escolher o tipo de educação que querem para seus filhos. Diretamente ligado a esse princípio está o Ensino Religioso no sistema educacional.

Para conhecer a opinião dos(as) professores(as) sobre o Ensino Religioso no sistema educacional, perguntamos se **“é um direito das famílias como primeiras responsáveis pela educação”**. As respostas revelam que os(as) professores(as) do Brasil são majoritariamente favoráveis a essa afirmação, com 83,6% sendo a soma dos que concordam totalmente (24,2%) e dos que concordam (59,4%). Apenas 1% discorda totalmente da afirmação e somente 5,4% discordam.



Gráfico 49. É um direito das famílias como principais responsáveis pela educação | Dados totais

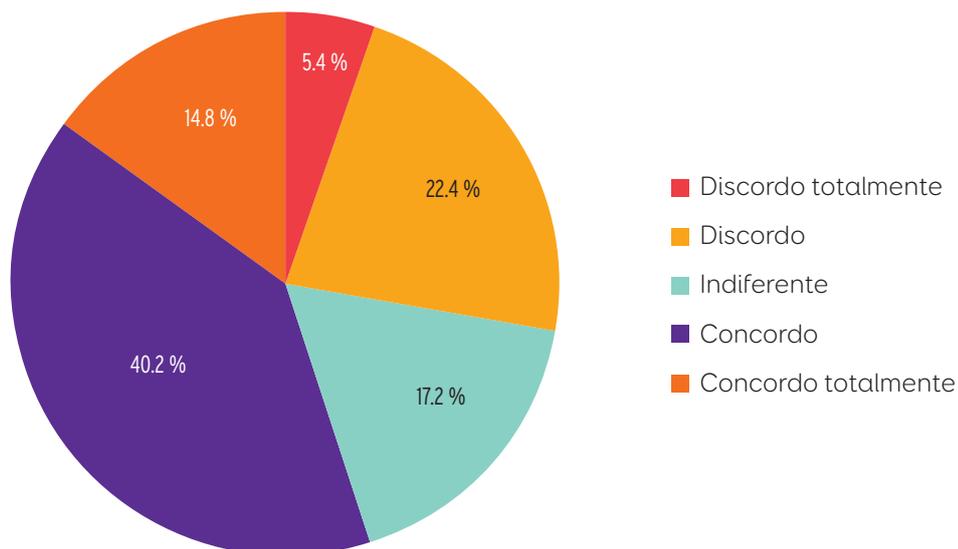


Essa alta porcentagem de apoio dos(as) professores(as) ao Ensino Religioso como um direito fundamental das famílias é um indicador positivo consistente com outro dado que já mostramos aqui: 63% dos professores consideravam as famílias como as primeiras responsáveis pela educação de seus filhos e filhas.

A análise dessas respostas com a variável de instituições educacionais não revela diferenças significativas entre as escolas públicas (84,4%) e as escolas particulares (81,9%). A análise dos resultados com a variável geográfica também não revela diferenças substanciais.

Perguntamos aos professores que apoiam majoritariamente o direito das famílias se o Ensino Religioso **“é um dever dos poderes políticos próprios da democracia”**. As respostas afirmativas são de 55%, com 27,8% contrárias. Aqui, chama a atenção a diferença entre a avaliação do Ensino Religioso como um direito das famílias e a distância que aparece com os responsáveis pela política educacional. Parece lógico pensar que, se o Ensino Religioso é um direito fundamental das famílias, que 84% apoiam, deveria ser um dever dos poderes políticos, mas isso é apoiado por 55%. Aqui surge outra necessidade de análise desses dados, que pode levar a decisões para melhorar a formação da opinião pública.

Gráfico 50. É um dever dos poderes políticos próprios da democracia | Dados totais

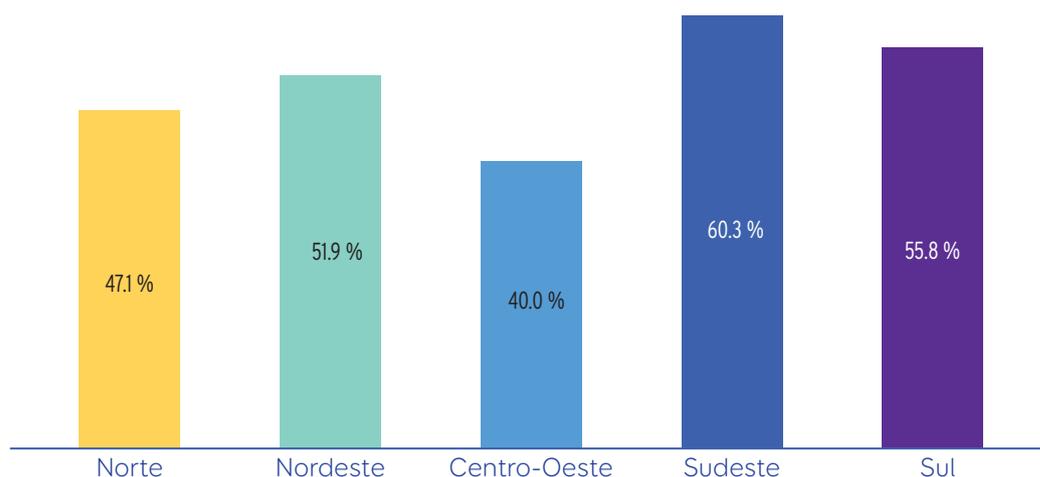


A variável de instituições educacionais não revela diferenças significativas entre as escolas públicas (56,8%) e as escolas particulares (51,3%), mas ainda assim chama a atenção o fato de os(as) professores(as) das escolas públicas serem mais favoráveis a esse direito das famílias do que os das escolas particulares.

A variável geográfica revela que os(as) professores(as) da região Centro-Oeste são os que menos apoiam que o Ensino Religioso seja um dever dos poderes políticos.



Gráfico 51. É um dever dos poderes políticos próprios da democracia | Porcentagem de “concordo” ou “concordo totalmente” por região



Se o Ensino Religioso era um direito das famílias, como 84% dos(as) professores(as) apoiavam, mas apenas 55% o traduziam em um dever dos poderes políticos, a seguinte responsabilidade poderia recair sobre as instituições religiosas. Justamente por isso, perguntamos aos professores se consi-

deram que o Ensino Religioso “é um serviço das instituições religiosas”. As respostas mostram que 57,4% dos(as) professores(as) concordam que são as instituições religiosas quem deve prestar esse serviço. No entanto, aqui encontramos 28,8% que discordam.

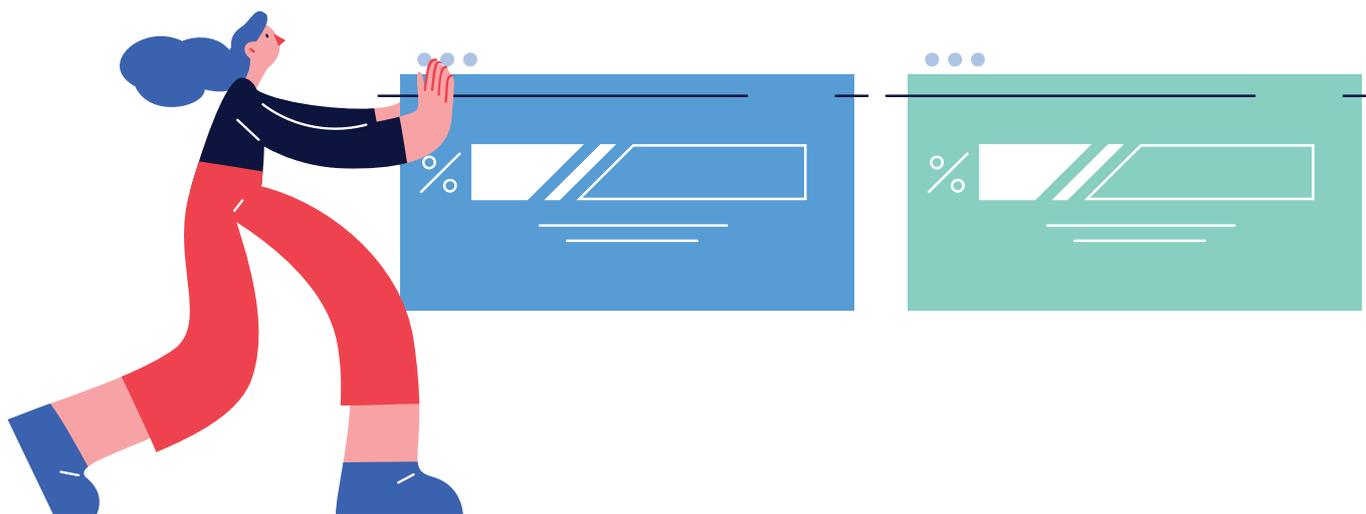
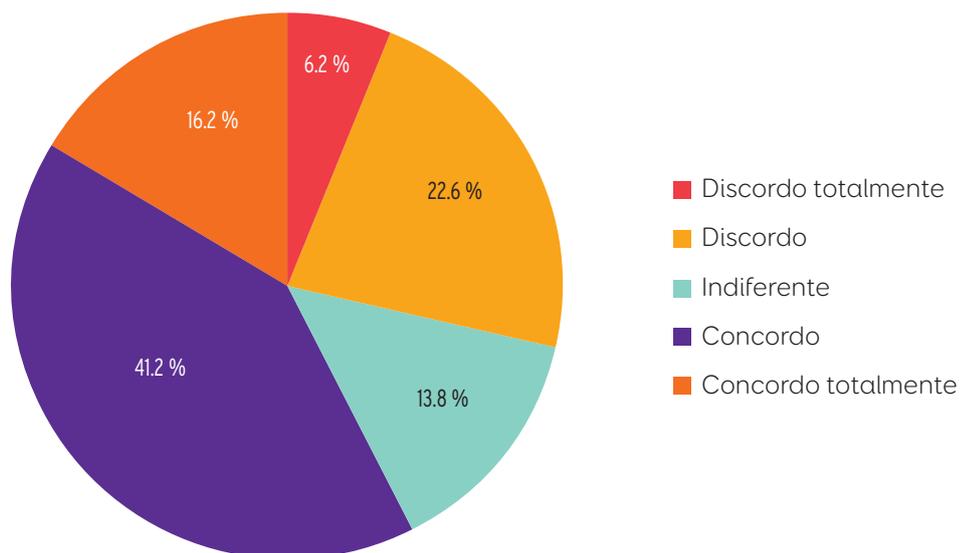


Gráfico 52. É um serviço das instituições religiosas | Dados totais



A análise dessas respostas com a variável de instituições educacionais mostra diferenças, que já eram de se esperar, entre escolas particulares (65%) e escolas públicas (53,8%). Essa diferença

de 11 pontos percentuais revela uma maior responsabilidade das instituições religiosas, na opinião de seus professores, que, em grande parte, são de iniciativa das próprias instituições religiosas.

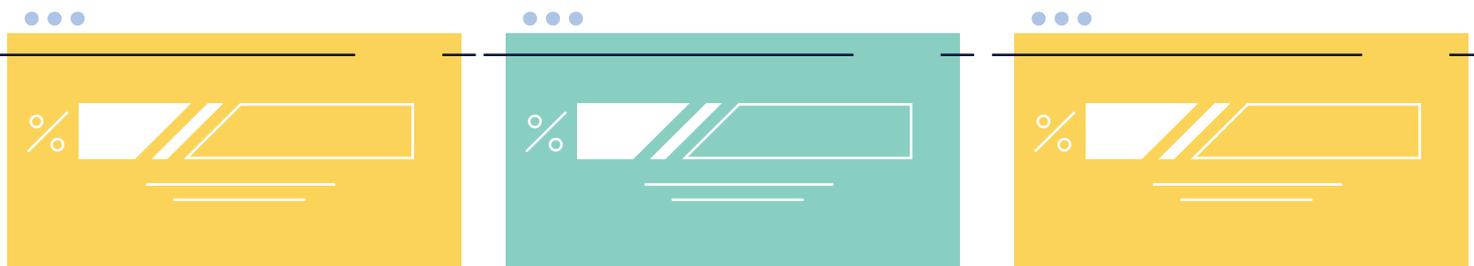
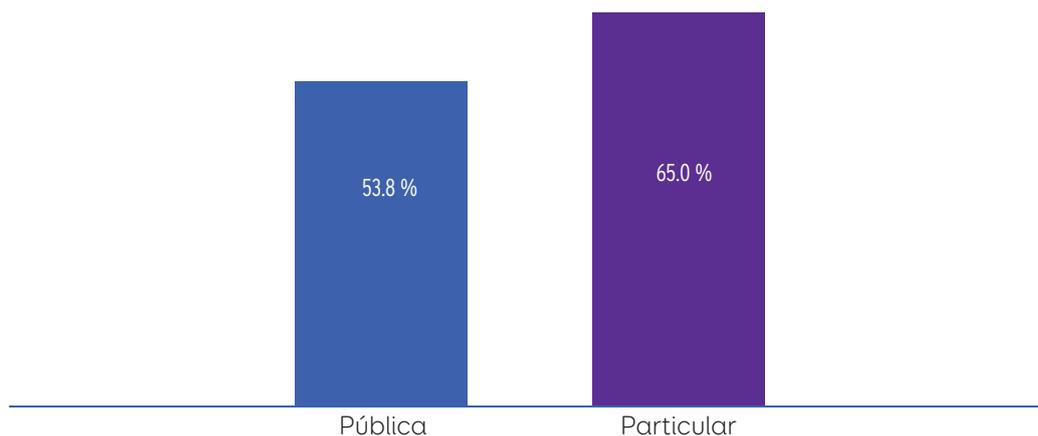


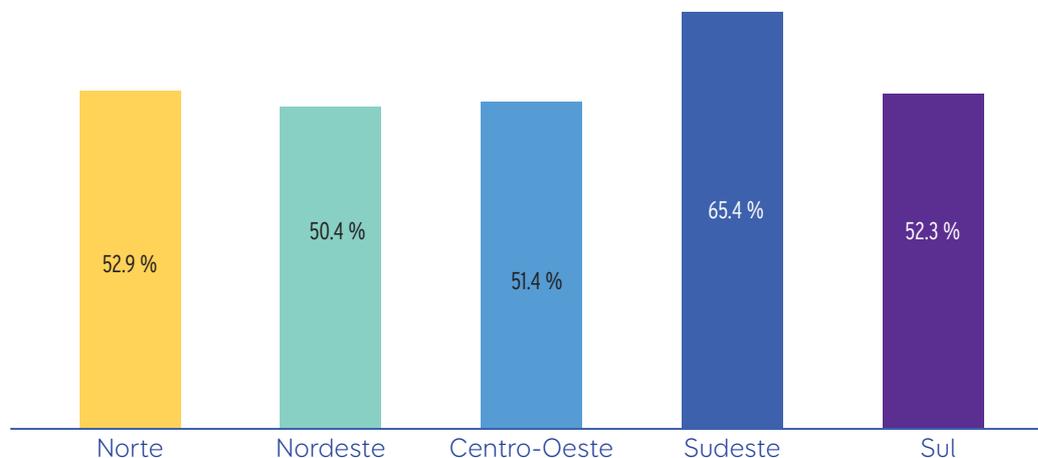
Gráfico 53. É um serviço das instituições religiosas | Porcentagem de “concordo” ou “concordo totalmente” por tipo de instituição (%)



A análise dos resultados com a variável geográfica revela que os(as) professores(as) da região Sudeste

consideram que esse é um serviço das instituições religiosas em maior proporção do que o resto.

Gráfico 54. É um serviço das instituições religiosas | Porcentagem de “concordo” ou “concordo totalmente” por região



A próxima pergunta que fizemos aos professores foi se esse Ensino Religioso **“deveria ser obrigatório no sistema educacional para todos os estudantes”**. Os resultados mostram que a

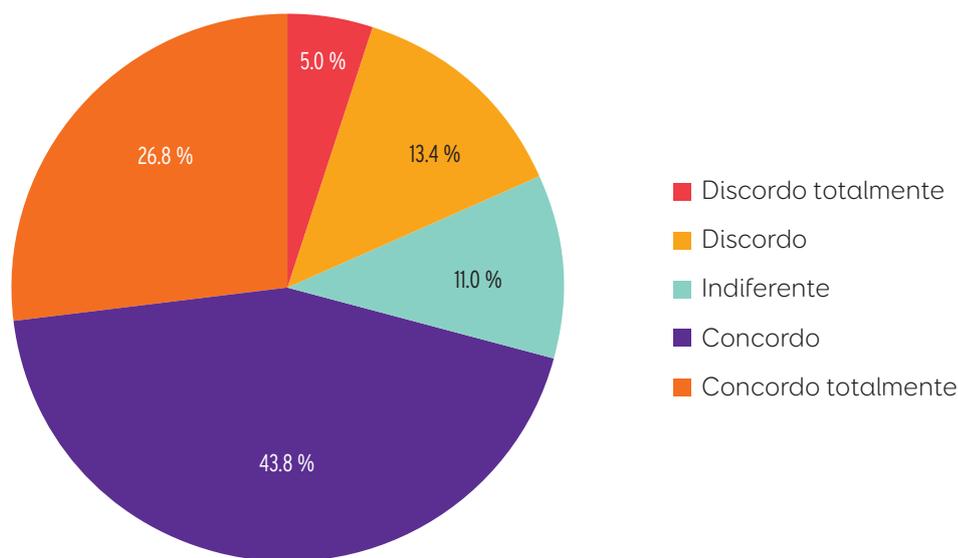
maioria dos(as) professores(as) (70,6%) é a favor do Ensino Religioso obrigatório. Somente um em cada cinco (18,4%) discorda dessa obrigação.

Parece necessária uma avaliação positiva desse resultado, já que mostra um alto reconhecimento do Ensino Religioso pelos professores, que o percebem como algo bom que pode ser para todos os estudantes, inclusive de forma obrigatória, conforme demonstrado pela maioria (71%).

É necessário relacionar essa avaliação positiva dos(as) professores(as) em relação ao Ensino Religioso, que parece ser derivada de suas respostas, com o direito das famílias de escolher se querem ou não esse Ensino Religioso, sendo que 84%

eram a favor desse direito. Em outros países, a tendência democrática também é favorável a que as famílias escolham se querem ou não o Ensino Religioso, especialmente quando vinculado a uma crença específica (Alemanha, Áustria, Espanha, Polônia etc.). Onde há uma tendência de cursar o Ensino Religioso de forma obrigatória as matrizes curriculares tendem a ser mais estreitamente ligadas ao fenômeno religioso em geral (Reino Unido, Finlândia, Suécia, Noruega etc.), sem excluir a cooperação com instituições religiosas.

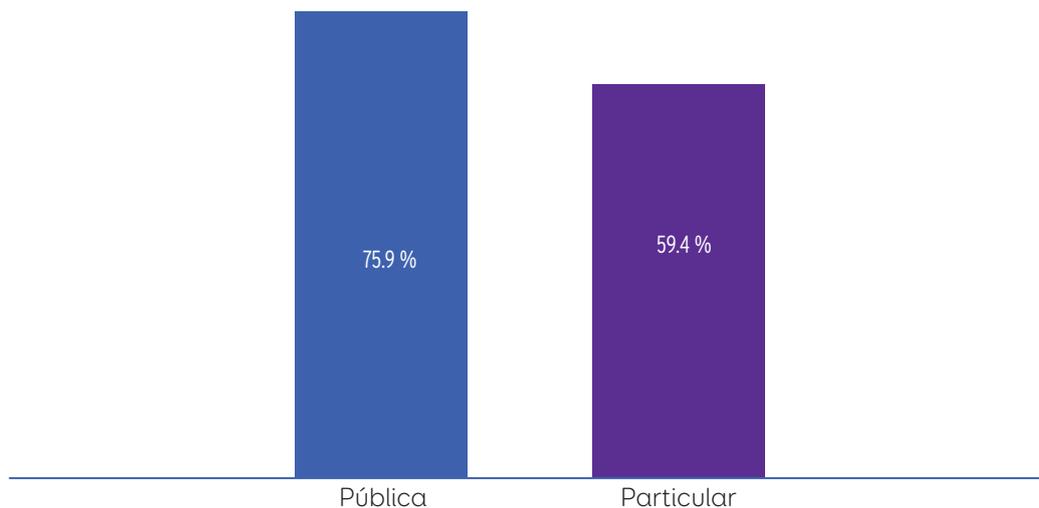
Gráfico 55. Deveria ser obrigatória no sistema educacional para todos(as) os(as) estudantes | Dados totais



A variável de instituições educacionais mostra diferenças entre escolas públicas (75,9%) e escolas particulares (59,4%). É significativo que os professores de escolas públicas sejam os mais favoráveis à obrigatoriedade do Ensino Religioso, com até 17 pontos percentuais a mais do que os de escolas particulares. Esse resultado certamente deve ser

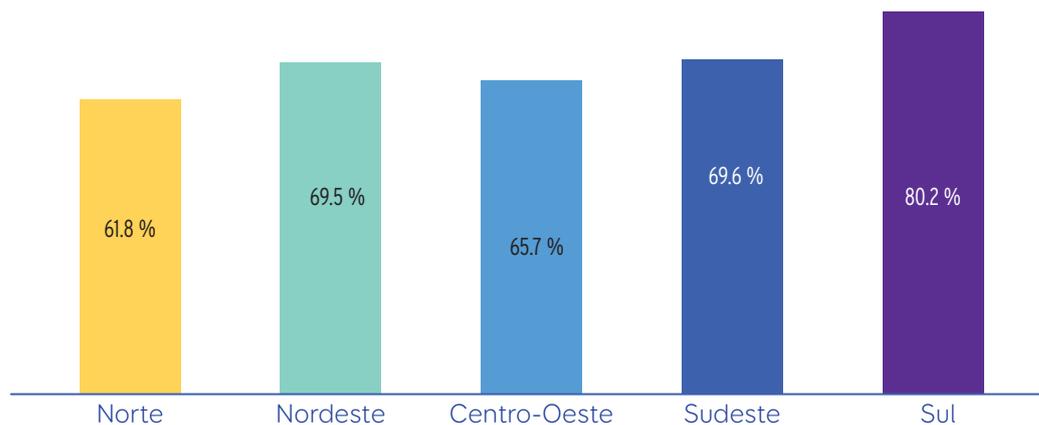
interpretado, como já mencionamos, como um maior reconhecimento por professores de escolas públicas do bem que o Ensino Religioso faz aos estudantes.

Gráfico 56. Deveria ser obrigatória no sistema educacional para todos(as) os(as) estudantes | Porcentagem de “concordo” ou “concordo totalmente” total e por tipo de instituição (%)



A variável geográfica revela que os professores da região Sul apoiam mais a obrigatoriedade para todos os estudantes do que os demais.

Gráfico 57. Deveria ser obrigatória no sistema educacional para todos(as) os(as) estudantes | Porcentagem de “concordo” ou “concordo totalmente” por região



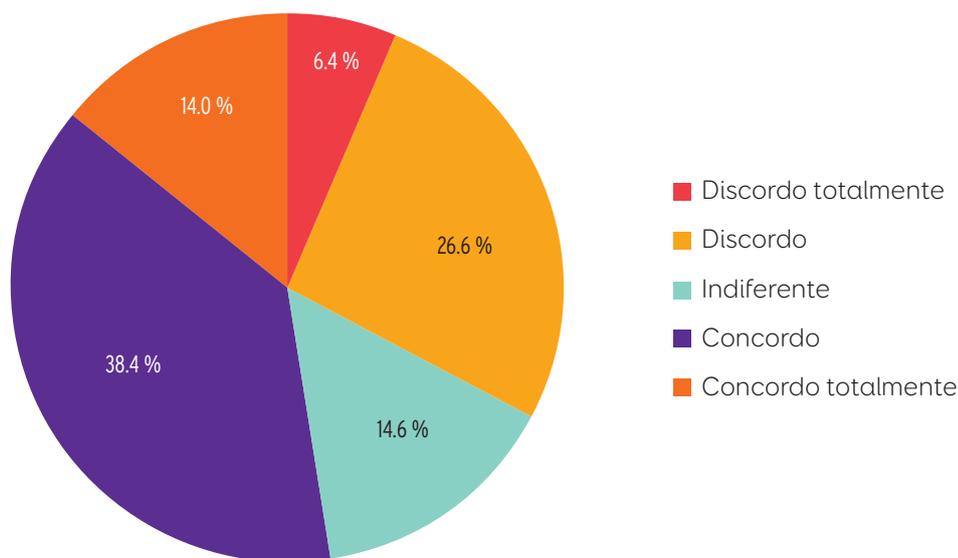
Essa pergunta sobre a obrigatoriedade do Ensino Religioso também foi feita em estudos do ORE em outros países. Considerando que 71% dos professores no Brasil são a favor da obrigatoriedade, observa-se uma similaridade com o Peru, onde 68% dos professores também apoiam a obrigatoriedade, mas há uma diferença em relação à Espanha, onde apenas 31% dos professores são a favor da obrigatoriedade.

Em relação a essa questão da obrigatoriedade do Ensino Religioso, também parecia pertinente perguntar aos professores se **“deveria ser mantido como opcional para as famílias”**. Os resulta-

dos dessa pergunta mostram uma maioria a favor da opcionalidade (52,4%), quase vinte pontos a menos do que os favoráveis à obrigatoriedade. Um terço discorda dessa afirmação (33%).

Nossa pesquisa oferecia a opção de responder positivamente a ambas as perguntas, obrigatoriedade e opcionalidade. E o fato de que se obteve uma maioria de respostas positivas em ambas deve ser interpretado como apoio ao Ensino Religioso, seja ele obrigatório ou opcional, com o apoio dos(as) professores(as) se mantendo em ambas as opções.

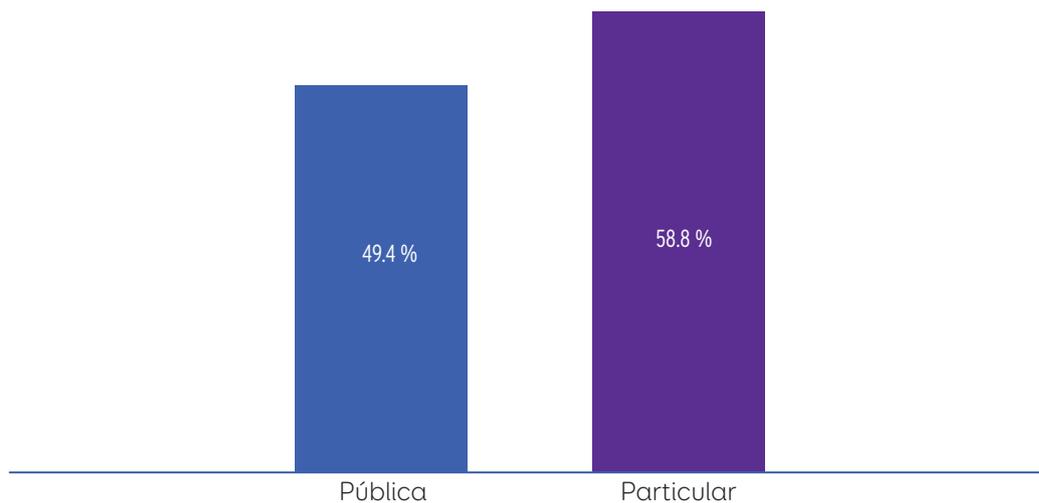
Gráfico 58. Deveria ser mantida como opcional para as famílias | Dados totais



A análise da variável de instituições educacionais novamente revela diferenças significativas. Nesse caso, os(as) professores(as) de escolas particulares são mais favoráveis ao Ensino Religioso opcional

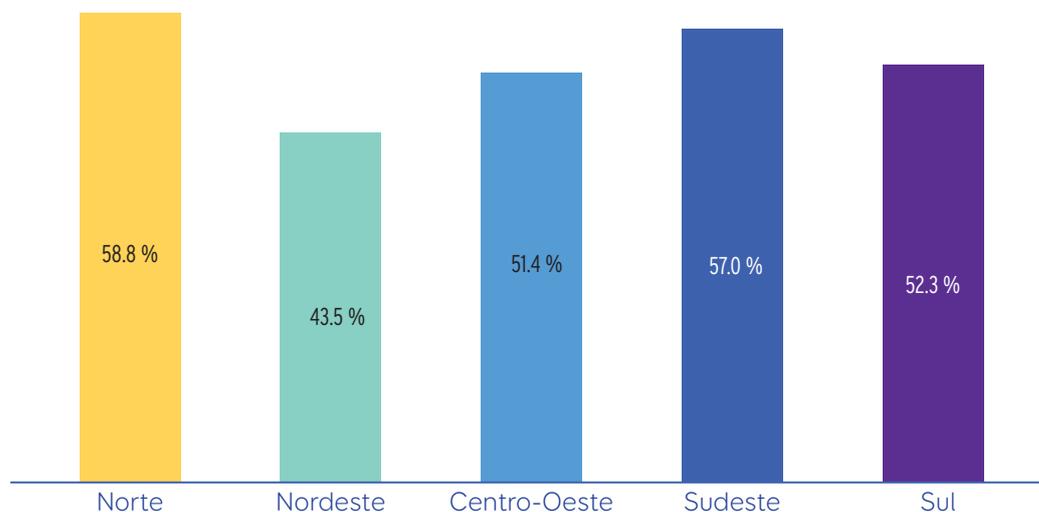
(58,8%) do que os de escolas públicas (49,4%), que são quase a metade do apoio.

Gráfico 59. Deveria ser mantida como opcional para as famílias | Porcentagem de “concordo” ou “concordo totalmente” por tipo de instituição (%)



A análise da variável geográfica revela que o apoio para que se mantenha como opcional é menor na região Nordeste (43,5%) do que nas regiões Norte e Sudeste (cerca de 60%).

Gráfico 60. Deveria ser mantida como opcional para as famílias | Porcentagem de “concordo” ou “concordo totalmente” por região



Essa pergunta sobre a opcionalidade do Ensino Religioso também foi feita em estudos do ORE em outros países. Considerando que 52% dos professores no Brasil são favoráveis a essa opcionalidade, percebe-se uma diferença em relação ao Peru, onde a porcentagem de professores que apoiam a opcionalidade cai para 33%; mas está mais próxima da Espanha, onde 59% dos professores são favoráveis à opcionalidade.

6.2. Debate sobre um Ensino Religioso de uma única religião ou da diversidade religiosa

Uma das questões que afetam o Ensino Religioso é como deve ser sua articulação no sistema educacional, se deve constituir um componente curricular específico ou se devem ser aprendizados abordados em outros componentes da matriz curricular, ambas realidades presentes nos diversos estados do Brasil. Além disso, quando estabelecido como um componente curricular, como é o caso dos países europeus, acrescenta-se a questão de se deve ser uma área não confessional, com a predominância de uma religião, ou uma área interconfessional, que integre o conhecimento religioso e o reconhecimento da diversidade religiosa.

Em nosso estudo, perguntamos aos atuais professores e professoras de Ensino Religioso suas opiniões sobre algumas dessas questões. Per-

guntamos se o Ensino Religioso **“deveria ser um componente curricular de apenas uma tradição religiosa”**. As respostas de 54,4% são afirmativas, 13,6% concordam totalmente e 39,8% concordam. Por outro lado, 32% discordam da afirmação.

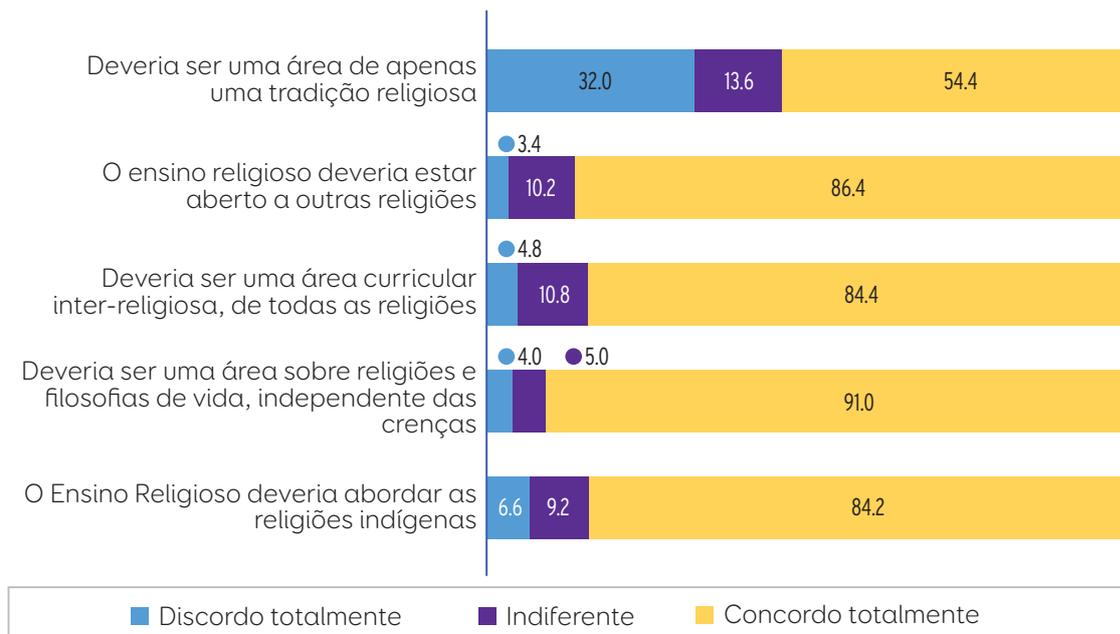
Sabendo do perfil dos(as) professores(as) de Ensino Religioso, perguntamos se **“o Ensino Religioso deveria estar aberto a outras religiões”**. A resposta foi favorável de uma grande maioria, 86,4%. Apenas 3,4% foram contrários.

Insistindo na mesma abordagem, perguntamos se **“deveria ser uma área inter-religiosa, de todas as religiões”**. Também encontramos uma resposta favorável de outra grande maioria, 84,4%. Neste caso, os que discordaram foram 4,8%.

Quando perguntados se o Ensino Religioso **“deveria ser uma área sobre religiões e filosofias de vida, independente das crenças”**, 91% dos(as) professores(as) responderam positivamente. Apenas 4% discordam.

Por fim, também perguntamos se **“o Ensino Religioso deveria abordar as tradições indígenas”**, ao que 84,2% responderam afirmativamente, enquanto 6,6% discordaram.

Gráfico 61. Grau de concordância com as seguintes afirmações | Dados totais (%)



Levando em conta este grupo de respostas, podemos concluir que a maioria dos(as) professores(as) de Ensino Religioso é a favor de uma área de conhecimento própria no sistema educacional, 54% são a favor de uma área confessional com predominância de uma religião e entre 84% e 86% são a favor de uma área que incorpore o conhecimento religioso e da diversidade religiosa.

A análise dessas respostas com a variável de instituições religiosas não revela discrepâncias significativas, o que confirma e endossa a tendência majoritária entre os(as) professores(as) a favor do Ensino Religioso no sistema educacional que facilite o aprendizado sobre o conhecimento religioso e da diversidade religiosa.

Devemos também afirmar que a análise dessas respostas com a variável das regiões do Brasil

também não revela discrepâncias significativas. São dados que, como já mencionamos, atestam a tendência majoritária entre os(as) professores(as) a favor do Ensino Religioso no sistema educacional que inclua o aprendizado sobre o conhecimento religioso e da diversidade religiosa.

Assim, podemos apresentar, como uma descoberta relevante da nossa pesquisa, uma posição muito favorável ao aprendizado sobre o conhecimento religioso e da diversidade religiosa como uma tendência majoritária entre os professores de Ensino Religioso. Foram feitas várias perguntas e maneiras de fazer essa pergunta e, em todas elas, as respostas favoráveis foram superiores a 80%, de modo que quatro em cada cinco professores atuais de Ensino Religioso estão abertos a ensinar sobre o conhecimento religioso e da diversidade religiosa. Uma descoberta que poderia ser anali-

sada com mais profundidade e inspirar propostas entre os responsáveis tanto pela educação quanto pelas instituições religiosas no Brasil, em diálogo com outras crenças religiosas.

6.3. Avaliação positiva das contribuições educacionais do Ensino Religioso

A presença do conhecimento religioso no sistema educacional se justifica, em nosso ponto de vista, pelas **contribuições educacionais** propostas, e não impostas, para melhorar o desenvolvimento pleno da personalidade do estudante, o cuidado com a formação ética e a construção crítica e responsável de uma cidadania global; também sobre a interioridade e a espiritualidade e sobre questões de significado. Todos nós somos necessários para essa finalidade educacional, incluindo as sabedorias das religiões que acompanham a história das civilizações, especialmente quando as crenças, em diálogo com o Iluminismo e a Modernidade, superaram as tentações do fundamentalismo e se unem na construção do bem comum e de uma ética universal.

Como consequência dessa perspectiva do Ensino Religioso, nossa pesquisa apresentou um conjunto de perguntas sobre essas contribuições educacionais do Ensino Religioso nas escolas, não apenas aos professores, cujos resultados apresentaremos agora, mas também em termos parecidos aos outros grupos que são objeto deste estudo.

As famílias e os(as) estudantes avaliaram de forma muito positiva essas contribuições que o saber religioso agrega à formação integral de todos os cidadãos. Agora, buscamos as opiniões dos(as) professores(as) e, para obter indicadores sobre a avaliação do Ensino Religioso na escola, fizemos

um conjunto de perguntas sobre suas contribuições educacionais. Os resultados revelam, em todos os casos, que mais de quatro em cada cinco professores(as) reconhecem claramente as contribuições do Ensino Religioso para os(as) estudantes.

Perguntamos aos professores se o Ensino Religioso **“é formação humana, constitutiva do desenvolvimento integral dos estudantes”**. 87,6% concordaram ou concordaram totalmente com essa afirmação, enquanto apenas 3% discordaram e 10% são indiferentes.

Com essa resposta, podemos concluir que os(as) professores(as) compartilham plenamente um dos elementos de identidade do Ensino Religioso na escola que explicamos na apresentação de nosso relatório, em “o Ensino Religioso que queremos”, onde descrevemos a área de conhecimento Ensino Religioso no sistema educacional como formação humana, uma finalidade própria da escola.

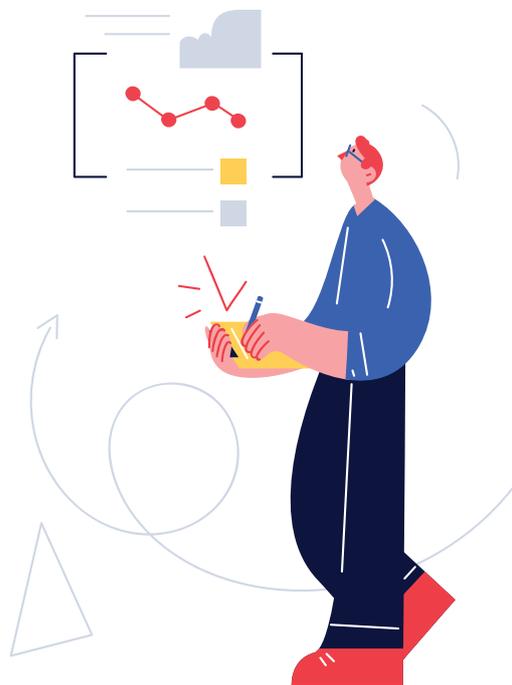
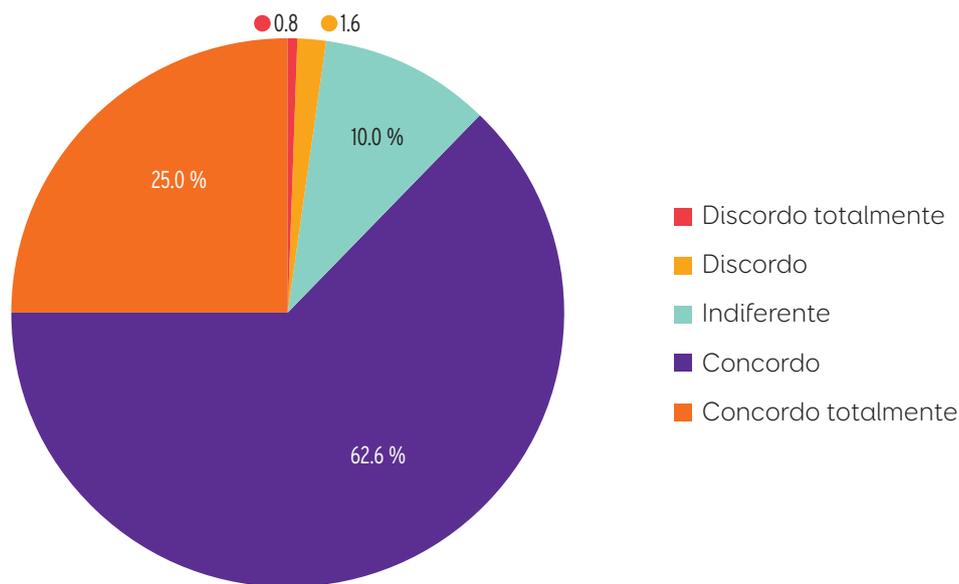


Gráfico 62. É uma formação humana, constitutiva do desenvolvimento integral dos(as) estudantes | Dados totais



A variável de instituições de ensino não revela diferenças significativas. A variável geográfica revela que, na região Sul, o apoio dos(as) professores(as) a essa afirmação do Ensino Religioso como formação humana é maior (92%) do que no Centro-Oeste e no Norte, que mantêm 82% e 83% de apoio. E os do Nordeste e do Sudeste se mantêm muito alinhados com a média do país, 87%.

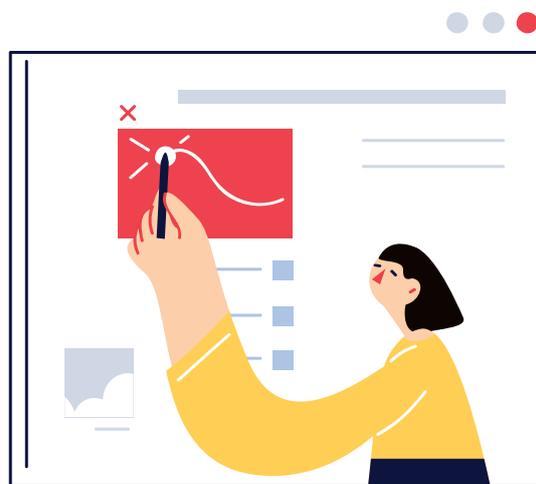
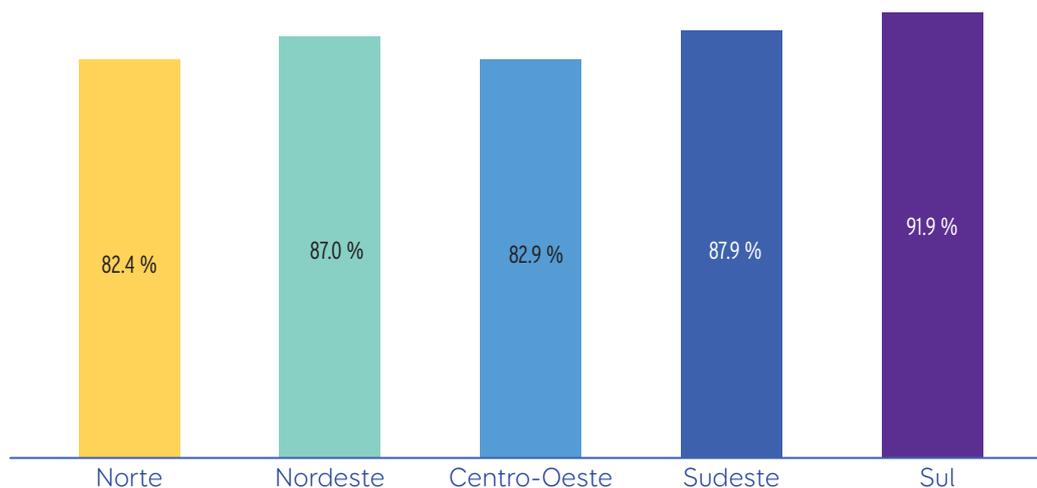


Gráfico 63. É uma formação humana, constitutiva do desenvolvimento integral dos(das) estudantes | Porcentagem de “concordo” ou “concordo totalmente” por região



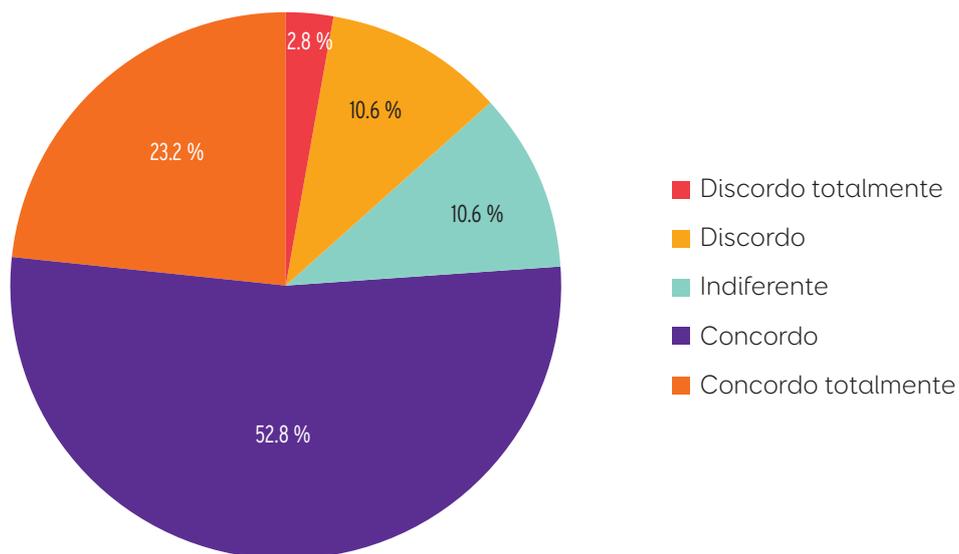
Essa pergunta sobre se o Ensino Religioso é formação humana, constitutiva do desenvolvimento integral dos estudantes, também foi feita no estudo do ORE realizado na Espanha, cujo relatório é de 2020. 83% dos professores concordavam que o Ensino Religioso era formação humana, constitutiva do desenvolvimento integral dos estudantes, uma porcentagem similar à de seus colegas brasileiros, que concordaram em 88% dos casos.

Dada a complementaridade da formação humana, como característica da identidade do Ensino Religioso com a iniciação religiosa, que é mais típica da comunidade cristã, também perguntamos aos professores se “é formação religiosa, iniciação à fé e à comunidade”. Como era de se esperar, essa

contribuição educacional do Ensino Religioso na escola também foi reconhecida amplamente pelos professores. Porém, em menor grau do que na seção anterior sobre formação humana, 76% responderam afirmativamente. Aqui, aumenta para 13,4% os que discordam e 10,6% os indiferentes.

Com essa resposta, fica evidente a complementaridade da formação humana e do Ensino Religioso como duas características essenciais na definição da área de Ensino Religioso no sistema educacional. Entendemos que o maior apoio à formação humana é para destacar essa característica, talvez menos alcançada no discurso oficial, com relação ao Ensino Religioso.

Gráfico 64. É formação religiosa, iniciação à fé à comunidade | Dados totais



A variável de instituições de ensino não revela diferenças significativas. Ao considerar a variável geográfica, apenas a região Centro-Oeste fica 10 pontos abaixo da porcentagem total do país.

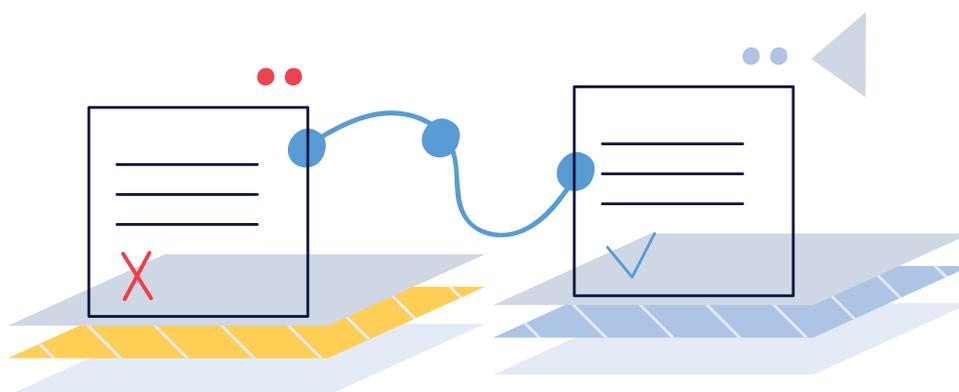
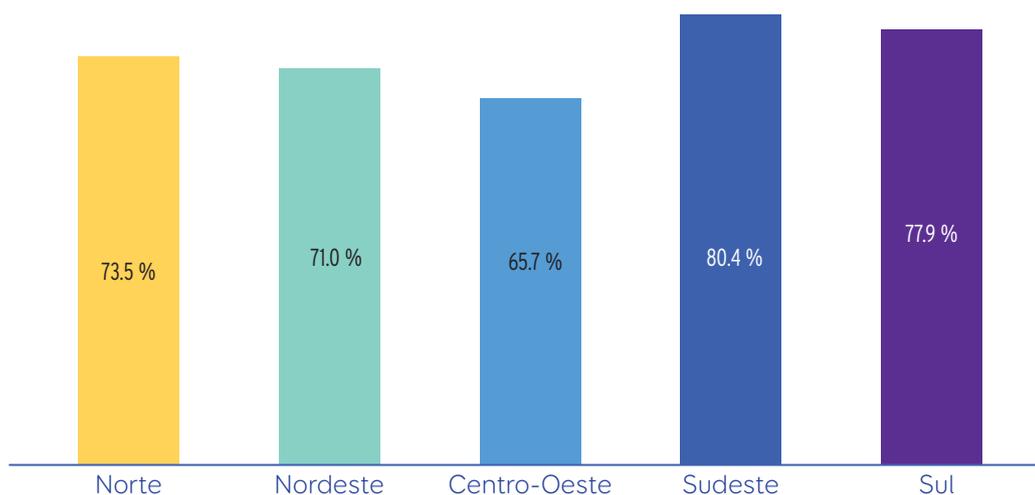


Gráfico 65. É formação religiosa, iniciação à fé à comunidade | Porcentagem de “concordo” ou “concordo totalmente” por região



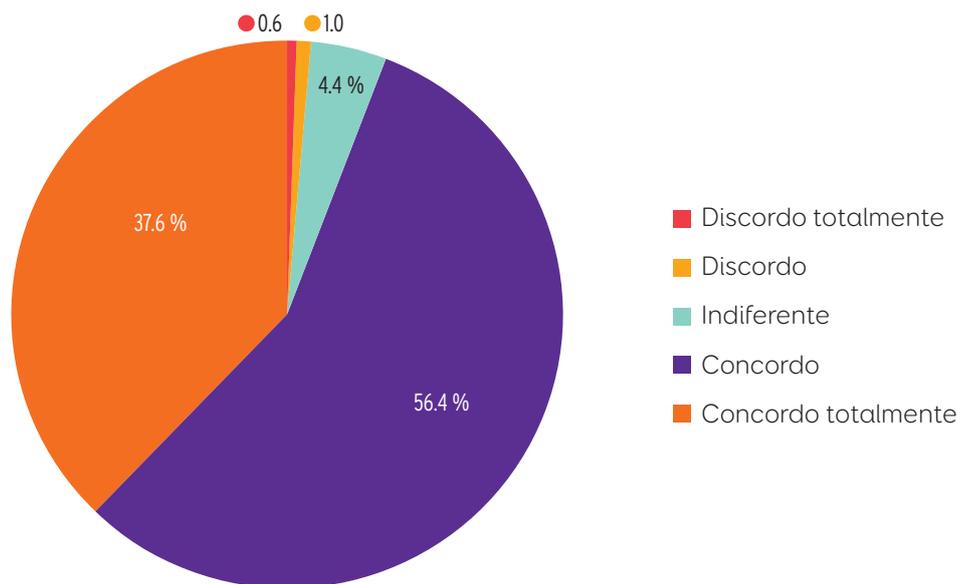
Essa pergunta sobre o Ensino Religioso e sua relação com a iniciação à fé e à comunidade também foi feita no estudo do ORE no Peru, cujo relatório é de 2021. Os professores que concordaram que o Ensino Religioso está relacionado à iniciação religiosa foram 82%, uma porcentagem próxima à de seus colegas brasileiros, que concordam com essa afirmação 76% dos casos.

Perguntamos aos professores se o Ensino Religioso **“ajuda a entender as culturas e a participar ativamente”**. Os resultados são claramente afirmativos, com até 94% respondendo positivamente, mais de um terço (37,6%) dizendo que concorda totalmente e mais da metade (56,4%) dizendo que concorda. Apenas expressam uma posição contrária. A porcentagem que se define como indiferente também não é significativa, menos de 5%.

Estamos diante de um dos indicadores mais evidentes das contribuições do Ensino Religioso para a formação cidadã das novas gerações. Na opinião dos(as) professores(as), bem como das famílias e dos estudantes, o Ensino Religioso faz com que os estudantes ampliem sua cultura e sejam mais responsáveis por ela.

Conhecer a cultura dos povos e participar ativamente dela é um dos três aprendizados essenciais do Ensino Religioso como o entendemos. Portanto, avaliamos esses dados de forma muito positiva.

Gráfico 66. Ajuda a entender as culturas e a participar ativamente | Dados totais



Quando aplicamos a variável de instituições educacionais, não ocorrem diferenças significativas, e o apoio dos(as) professores(as) se mantém claramente acima de 90%.

A variável geográfica também não revela diferenças significativas. Todas as regiões se mantêm acima de 90% e próximas da porcentagem total do país.

Essa pergunta sobre se o Ensino Religioso ajuda a entender as culturas também foi feita no estudo do ORE realizado na Espanha, em 2020. 86% dos professores concordavam com a contribuição educacional do Ensino Religioso. Uma grande maioria, mas abaixo de seus colegas brasileiros em 8 pontos percentuais.

Perguntamos aos professores se o Ensino Religioso **“ajuda a construir a diversidade social e religiosa de forma crítica”**. Aqui também obtivemos

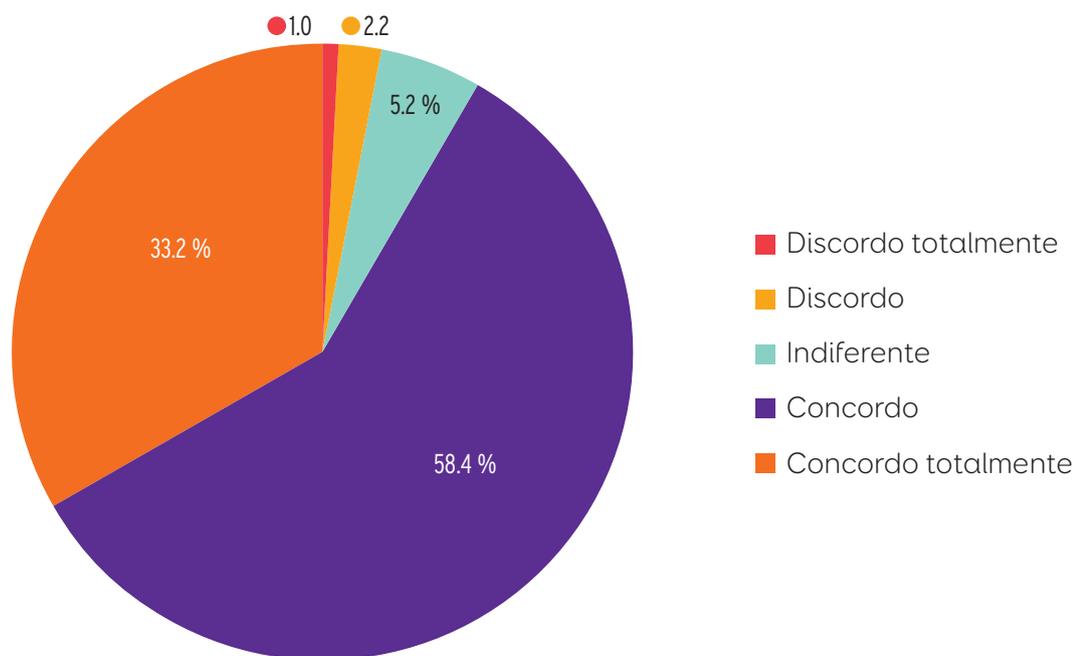
o apoio majoritário dos professores, com 91,6% das respostas concordando com essa afirmação. Um terço (33,2%) diz que concorda totalmente e mais da metade (58,4%) diz que concorda. Os que se posicionam de forma contrária representam 3%. A porcentagem que se define como indiferente também não é significativa, chega a 5,2%.

Mais uma vez, estamos diante de outra evidência que confirma as contribuições do Ensino Religioso para a formação cidadã democrática das novas gerações. Na opinião dos(as) professores, bem como das famílias e dos(as) estudantes, o Ensino Religioso faz com que os(as) estudantes sejam mais críticos e participem ativamente da construção social.

Desenvolver o pensamento crítico e participar ativamente da construção social constitui um dos três aprendizados essenciais do Ensino Religioso

como o entendemos. Portanto, avaliamos esses dados de forma muito positiva.

Gráfico 67. Ajuda a construir a diversidade social e religiosa de forma crítica | Dados totais



A variável de instituições educacionais não revela diferenças significativas. A variável geográfica também não revela diferenças significativas. Todas as regiões se mantêm muito próximas da porcentagem total do país.

Essa pergunta sobre se o Ensino Religioso ajuda a construir a diversidade social e religiosa de forma crítica também foi feita no estudo do ORE na Espanha, de 2020, e no Peru, de 2021. A porcentagem de professores que confirmavam essa contribuição, embora não tão alta quanto no Brasil (92%), foi de mais de 80% (85% e 82%, respectivamente).

Muito parecida com essa última pergunta, também perguntamos aos professores se o Ensino Religioso: **“contribui para a formação ética e cidadania global”**. Novamente, obtivemos o apoio majoritário dos professores, com 90% das respostas concordando com essa afirmação. Um terço (32,4%) diz que concorda totalmente e mais da metade (57,6%) diz que concorda. Menos de 5% se posicionam como contrários. A porcentagem que se define como indiferente chega a 6,4%.

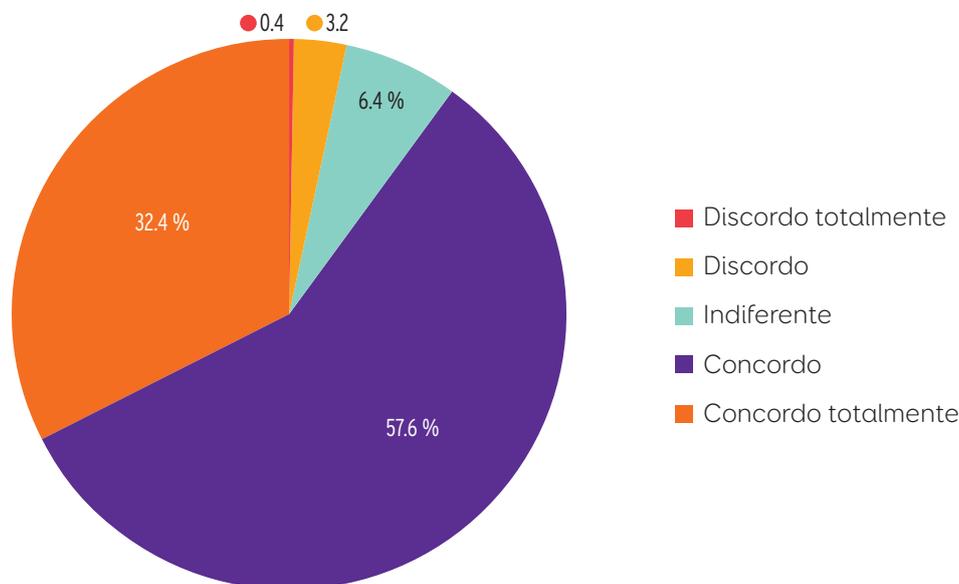
Essas respostas confirmam a contribuição para a formação ética e cidadã das novas gerações. Na opinião dos(as) professores(as), bem como das famílias e dos(as) estudantes, o Ensino Religioso

ajuda os(as) estudantes a ter valores e a desenvolver sua dimensão moral.

Desenvolver a formação ética e contribuir para a cidadania democrática faz parte dos aprendizados

essenciais do Ensino Religioso como o entendemos. Portanto, continuamos avaliando esse dado obtido de forma muito positiva.

Gráfico 68. Contribui para a formação ética e cidadania global | Dados totais



A variável de instituições educacionais não revela diferenças. A variável geográfica também não revela diferenças significativas. Todas as regiões se mantêm muito próximas da porcentagem total do país.

Essa pergunta sobre se o Ensino Religioso contribui para a formação ética e cidadania global também foi feita em estudos do ORE em outros países. No caso da Espanha, cujo relatório é de 2020, 84% dos professores concordavam com essa afirmação sobre a contribuição social do Ensino Religioso. No caso do Peru, cujo relatório é de 2021, 85% de

seus professores confirmavam essa contribuição do Ensino Religioso.

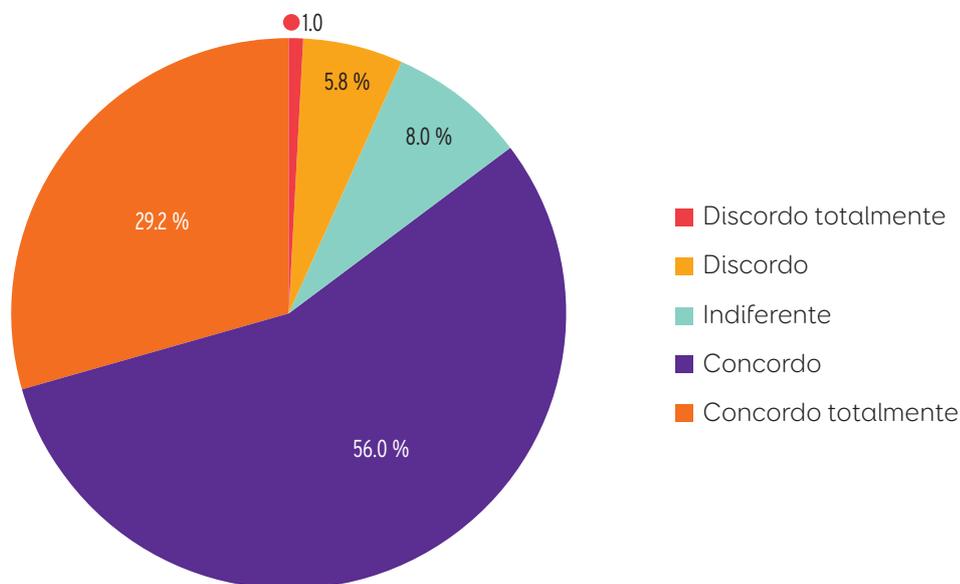
Para completar o conjunto de perguntas sobre as contribuições educacionais do Ensino Religioso, perguntamos aos professores se o Ensino Religioso: “ajuda a educar a interioridade ou espiritualidade”. Também obtivemos o apoio majoritário dos(as) professores(as), com 85,2% das respostas concordando com essa contribuição. Quase um terço (29,2%) diz que concorda totalmente e mais da metade (56%) diz que concorda. Os que se posicionam de forma contrária representam 6,8%.

A porcentagem que se define como indiferente chega a 8%.

A pedagogia da interioridade e o despertar para a espiritualidade é um dos três aprendizados essen-

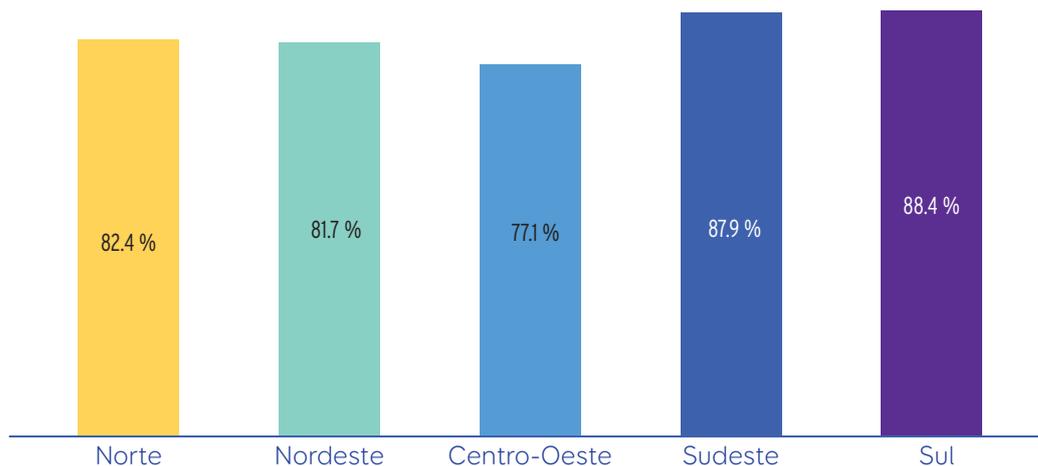
ciais do Ensino Religioso como o entendemos. Já tratamos sobre a cultura, em primeiro lugar, depois sobre a cidadania com seus valores éticos e faltava a espiritualidade. Nos três casos, as evidências obtidas merecem uma avaliação muito positiva.

Gráfico 69. Ajuda a educar a interioridade/espiritualidade | Dados totais



A análise dos resultados com a variável de instituições educacionais não revela diferenças. Ao considerar a variável geográfica, os(as) professores(as) do Sul e do Sudeste são os que mais apoiam sua contribuição para educar a interioridade/espiritualidade (88%), enquanto os do Centro-Oeste são os que menos apoiam (77%), mas ainda assim, representam cerca de três em cada quatro professores(as).

Gráfico 70. Ajuda a educar a interioridade/espiritualidade | Porcentagem de “concordo” ou “concordo totalmente” por região



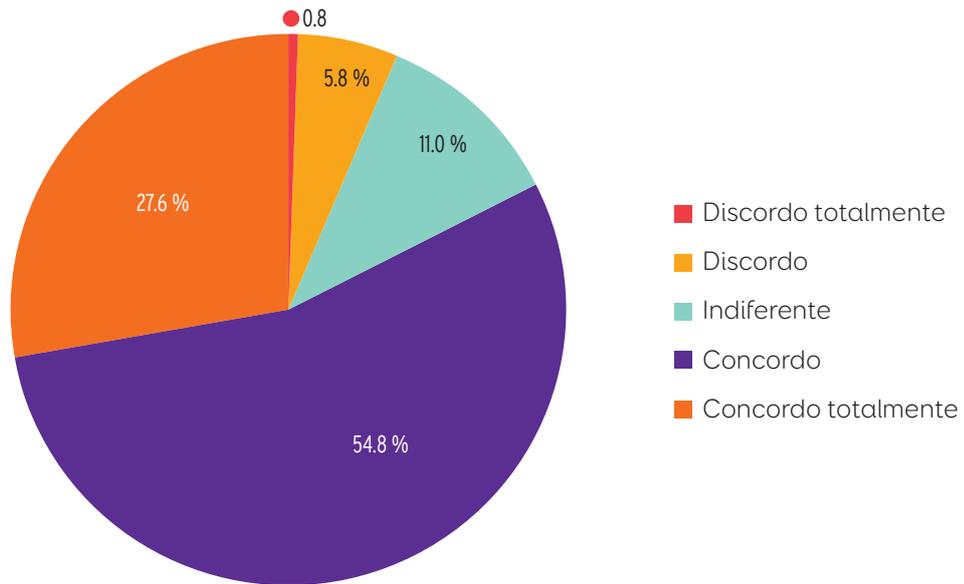
Essa pergunta sobre se o Ensino Religioso ajuda a educar a interioridade ou a espiritualidade também foi feita em estudos do ORE em outros países. No caso da Espanha, 84% dos professores concordavam com essa afirmação sobre a contribuição social do Ensino Religioso. Uma porcentagem praticamente igual à de seus colegas brasileiros. No caso do Peru, 85% de seus professores confirmavam essa contribuição da formação religiosa, a mesma porcentagem dos professores do Brasil.

Como continuação da pergunta anterior, na mesma linha de espiritualidade e sentido, perguntamos aos professores se o Ensino Religioso: “ajuda a dar sentido à identidade pessoal de cada estudante”. Nessa última pergunta, também obtivemos o apoio majoritário dos(as) professo-

res(as), que concordaram com essa contribuição em 82,4% das respostas. 27,6% dizem que concordam totalmente e 54,8% que concordam. Os que se posicionam como contrários representam 7%. A porcentagem que se define como indiferente chega a 11%.

Essa proposta de sentido, intimamente relacionada à pedagogia da interioridade e ao despertar para a espiritualidade, faz parte de um dos três aprendizados essenciais do Ensino Religioso sobre os quais falamos. Acrescenta-se, como vimos, ao conhecimento da cultura, em primeiro lugar, depois o da cidadania com seus valores éticos e, estamos completando este, o da experiência religiosa e do sentido da vida.

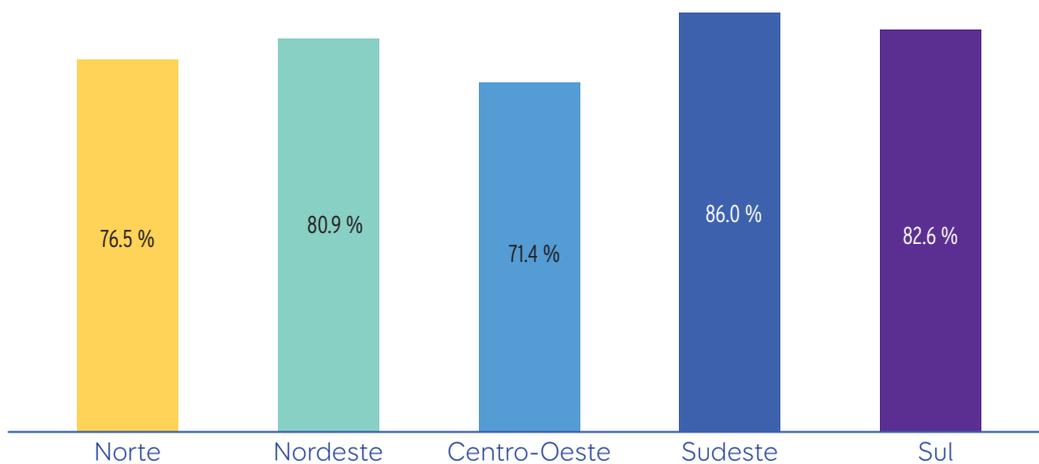
Gráfico 71. Ajuda a dar sentido à identidade pessoal de cada estudante | Dados totais



A variável de instituições educacionais não revela diferenças. A variável geográfica revela que os(as)

professores(as) do Centro-Oeste (71%) são os que mais se desviam da porcentagem total (82%).

Gráfico 72. Ajuda a dar sentido à identidade pessoal de cada estudante | Porcentagem de “concordo” ou “concordo totalmente” por região



Essa pergunta sobre se o Ensino Religioso contribui para dar sentido à identidade pessoal dos(as) estudantes também foi feita em estudos do ORE em outros países. A porcentagem de professores que confirmavam essa contribuição (85%) foi similar à do Brasil (82%).

Em conclusão, outra das descobertas da nossa pesquisa é a avaliação positiva que os professores fazem das contribuições educacionais do Ensino Religioso. A grande maioria reconhece o impacto positivo dos aprendizados do Ensino Religioso na formação integral dos estudantes. Sem dúvida, são dados positivos que merecem ser analisados detalhadamente para cuidar da elaboração das matrizes curriculares de Ensino Religioso que, agora sabemos, têm um grande impacto na formação das novas gerações.

Vale a pena ressaltar que os três grandes blocos de aprendizados essenciais do Ensino Religioso obtiveram, em nossa opinião, o apoio majoritário dos professores como suas contribuições educa-

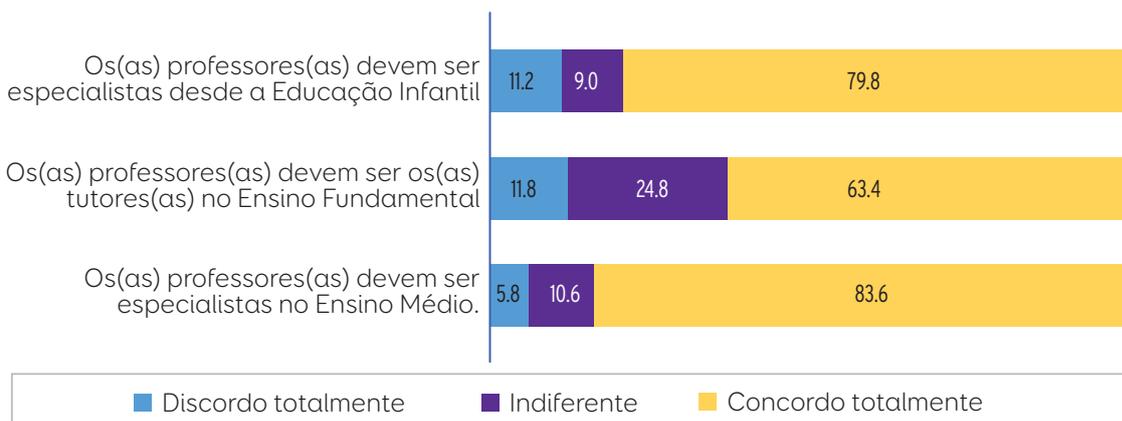
cionais. Portanto, para a pedagogia do Ensino Religioso, os dados obtidos comprovam sua pertinência e sua didática.

6.4. Percepção a respeito do perfil dos(as) professores(as) de Ensino Religioso

Além das contribuições educacionais do Ensino Religioso comentadas acima, nossa pesquisa também perguntava se os(as) professores(as) de Ensino Religioso do Brasil deveriam ser tutores ou especialistas em Educação Infantil e Ensino Fundamental, e também fizemos essa pergunta para o Ensino Médio.

Os resultados mostram uma preferência por professores(as) especialistas, seja no Ensino Médio, em que 83,6% concordam, ou na Educação Infantil, em que 79,8% concordam. Por outro lado, 63,4% dos(as) professores(as) apoiam que o tutor do Ensino Fundamental também seja o professor de Ensino Religioso.

Gráfico 73. Grau de concordância com as seguintes afirmações | Dados totais (%)



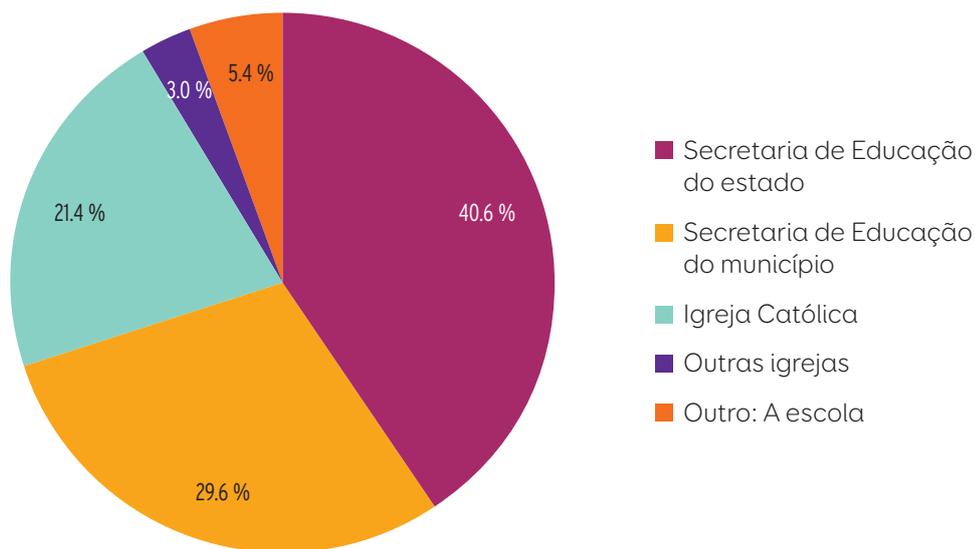
Quando fizemos essa pergunta no relatório do ORE do Peru, também houve apoio majoritário para que os professores de Ensino Religioso fossem especialistas no caso do Ensino Médio, embora a porcentagem tenha sido menor, 66%.

6.5. Quem deve decidir sobre o Ensino Religioso na educação

A pesquisa do nosso Observatório também perguntava sobre a percepção dos(as) professores(as) de Ensino Religioso em relação às responsabili-

dades pela matriz curricular desse componente. Especificamente, perguntamos **“quem elabora a matriz curricular de Ensino Religioso?”**. As respostas revelam uma certa disparidade de percepções. Para 40,6%, é elaborada pela Secretaria Estadual de Educação; para 29,6%, pela Secretaria de Educação do município. 21,4% responderam que a matriz curricular de Ensino Religioso é elaborada pela Igreja Católica; apenas 3% dizem que é elaborada por outras igrejas. Há ainda 5,4% que afirmam que são as próprias instituições educacionais que a elaboram.

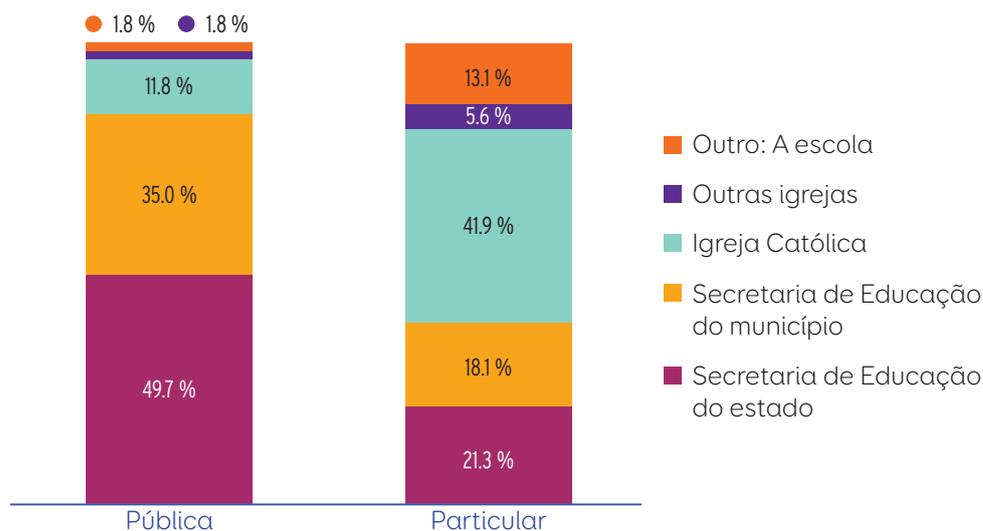
Gráfico 74. Quem elaborou a grade curricular de Ensino Religioso? | Dados totais



A variável de instituição educacional mostra diferenças significativas entre escolas particulares e escolas públicas. A autoria da matriz curricular é atribuída ao Estado por quase 30 pontos percentuais a mais pelos(as) professores(as) de escolas públicas e por 17 pontos a mais pelos que acreditam que é elaborada pelo município. Por outro lado, os(as) professores(as) de escolas particulares quase quadruplicam os de escolas públicas

quando afirmam que a matriz curricular é elaborada pela Igreja Católica. Verifica-se que os(as) professores(as) de escolas públicas expressam majoritariamente que a matriz curricular é elaborada por entidades governamentais e professores(as) de escolas particulares, embora menos claramente por entidades privadas, como igrejas e as próprias escolas.

Gráfico 75. Quem elaborou a matriz curricular de Ensino Religioso? | Dados por tipo de instituição (%)



Ao analisar os resultados com a variável das regiões, observa-se que a tendência geral se mantém em todas as respostas, com ligeiras variações. A opção mais escolhida continua sendo a dos 41% que consideram o Estado como autor da matriz curricular, que chega a 50% no Norte e diminui para 33% no Sudeste. Percebe-se uma variação menor na responsabilidade do município. Quanto aos que pensam que a Igreja Católica é a autora da matriz curricular, cai em até 10 pontos no Sul e no Norte. Em nossa opinião, continua a disparidade de percepções entre os professores.

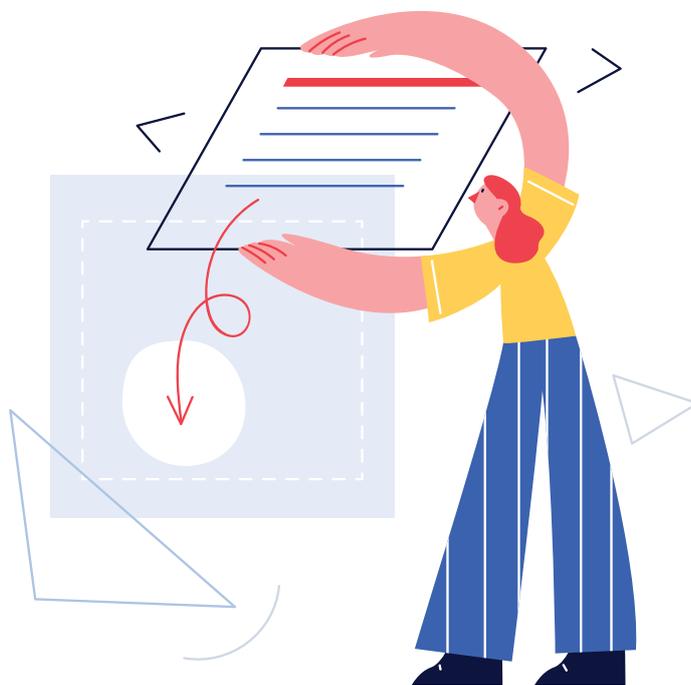
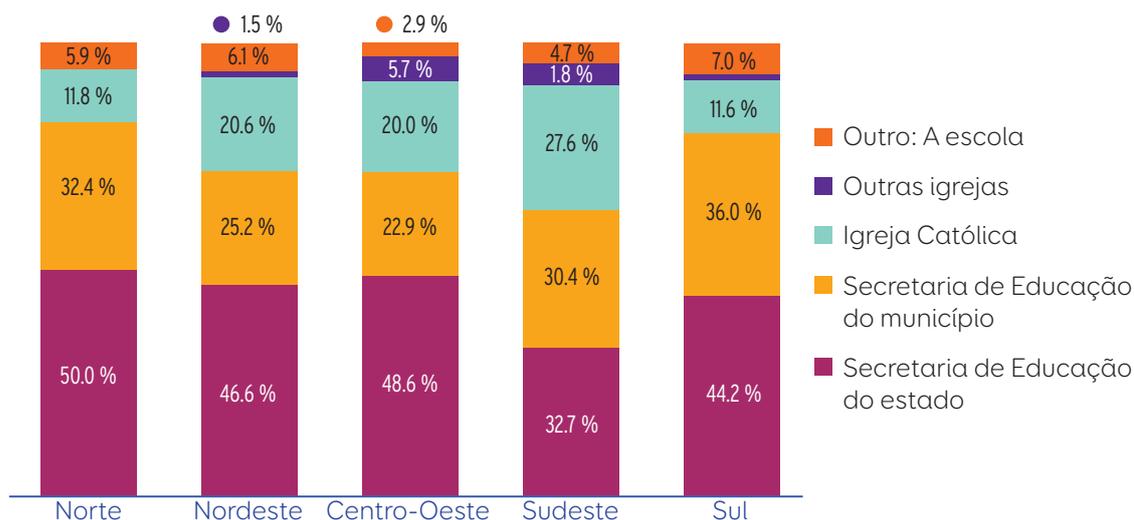


Gráfico 76. Quem elaborou a matriz curricular de Ensino Religioso? | Dados por região (%)



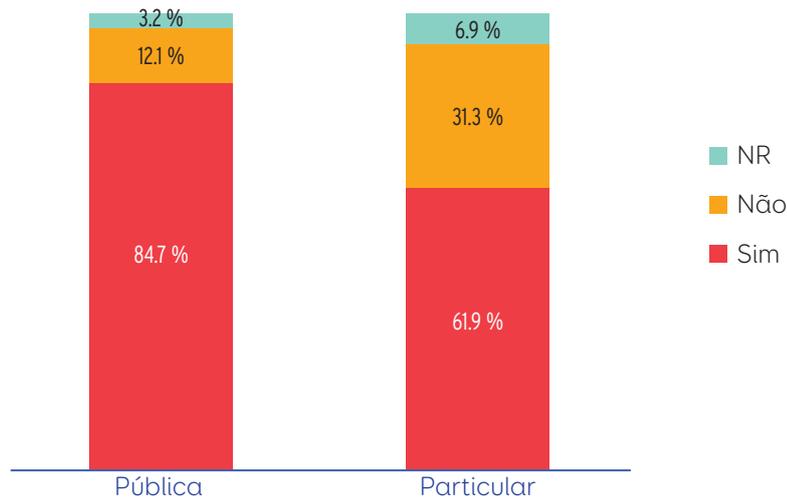
Para aprofundar as opiniões dos professores sobre quem deve participar da elaboração das matrizes curriculares de Ensino Religioso, formulamos mais perguntas. Quando perguntados se **os governos do país, dos estados e dos municípios devem elaborar algumas referências** sobre a matrizes curriculares de Ensino Religioso, as respostas dos(as) professores(as) são, em sua maioria, favoráveis. Os que respondem afirmativamente representam 77%, enquanto 18% são contra essa competência das administrações educacionais públicas sobre a matriz curricular de Ensino Religioso.

Consequentemente, a disparidade que percebemos entre os professores quanto a quem elabora a matriz curricular de Ensino Religioso agora se torna uma clara maioria quando se trata de expressar

sua opinião sobre quem deveria ter essa responsabilidade. Três em cada quatro professores consideram que os governos do país, dos estados e dos municípios elaboram ao menos algumas referências sobre a matriz curricular de Ensino Religioso no sistema educacional.

Ao analisar essas respostas com a variável de instituições educacionais, percebe-se uma diferença entre elas. Os professores de escolas públicas aumentam seu apoio a essa competência das administrações educacionais para 84,7%, enquanto nas escolas particulares o apoio cai para 61,9%. Essas respostas, cuja diferença é de mais de 20 pontos percentuais, parecem consistentes com a iniciativa das instituições educacionais.

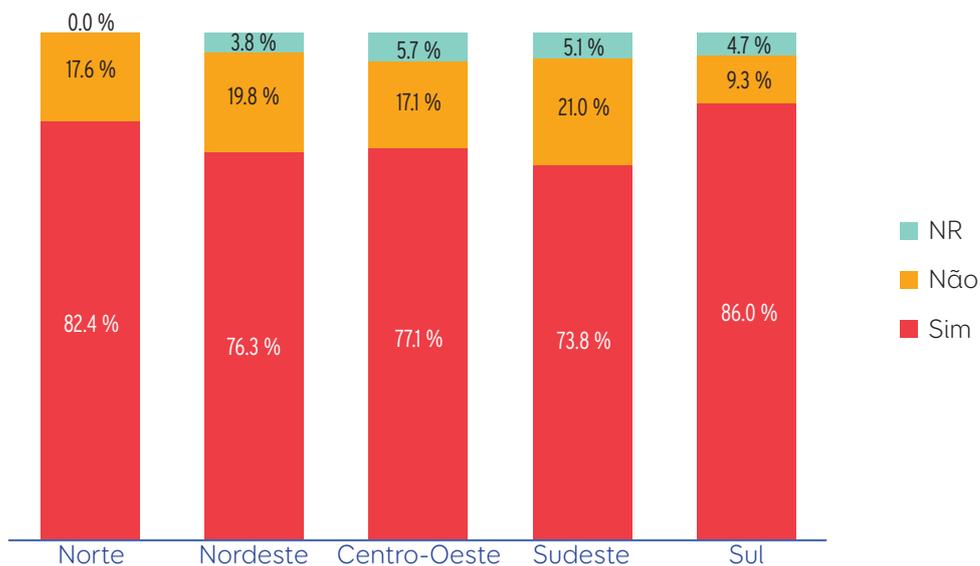
Gráfico 77. Você acha apropriado que o governo federal, os estados e municípios desenvolvam referências curriculares sobre o Ensino Religioso? | Dados totais e por tipo de instituição (%)



A análise dessas respostas com a variável geográfica mantém a tendência geral. Somente na região

Sul há um aumento considerável de quase 10 pontos em comparação com a porcentagem total.

Gráfico 78. Você acha apropriado que o governo federal, os estados e municípios desenvolvam referências curriculares sobre o Ensino Religioso? | Dados por região (%)

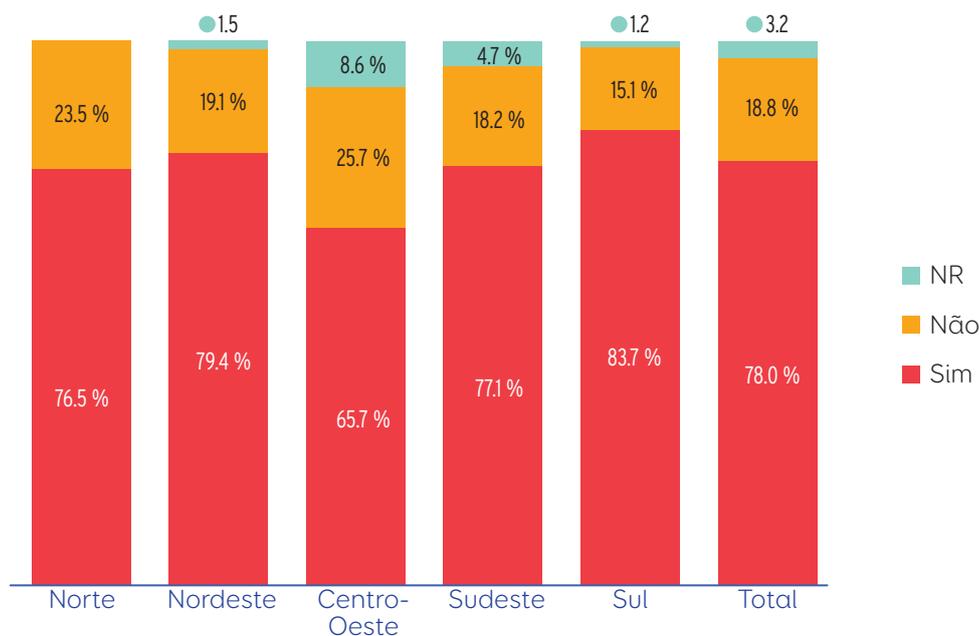


A próxima pergunta que fizemos foi uma continuação da anterior e nos permite observar a consistência das respostas. Perguntamos aos professores se achavam apropriado que as instituições educacionais elaborem suas matrizes curriculares de Ensino Religioso com base em referências das administrações públicas estaduais e municipais. As respostas são coincidentes e, conseqüentemente, muito consistentes com as anteriores. Considerando que 77,4% anteriormente responderam afirmativamente, agora 78% o fazem, enquanto 18,2% anteriormente discordaram, agora 18,8% o fazem.

Concluimos, portanto, que os(as) professores(as) têm uma percepção clara e consistente sobre quem deve ter alguma responsabilidade na elaboração da matrizes curriculares de Ensino Religioso.

A análise dessas respostas por variável de instituição e regiões não revela diferenças substanciais. Ao considerar as regiões, os professores do Centro-Oeste são mais críticos sobre as instituições elaborarem suas matrizes curriculares com base em referências estaduais e municipais.

Gráfico 79. Você acha apropriado que as instituições desenvolvam suas matrizes curriculares com base nas referências curriculares dos estados e municípios? | Dados totais e por região (%)



Também em continuidade a essas questões, perguntamos aos professores se a competência sobre a matriz curricular de Ensino Religioso **deveria ser somente das administrações, sem a cooperação das instituições religiosas**. As respostas,

mais uma vez, são consistentes com as anteriores. Nesse caso, 65,2% discordam dessa afirmação, enquanto 31,4% respondem afirmativamente. Essa discordância é mais acentuada nas instituições particulares e na região Norte.

Gráfico 80. Apenas o governo federal, os estados e municípios deveriam desenvolver a matriz curricular de Ensino Religioso, sem a cooperação das instituições religiosas? | Dados por tipo de instituição (%)

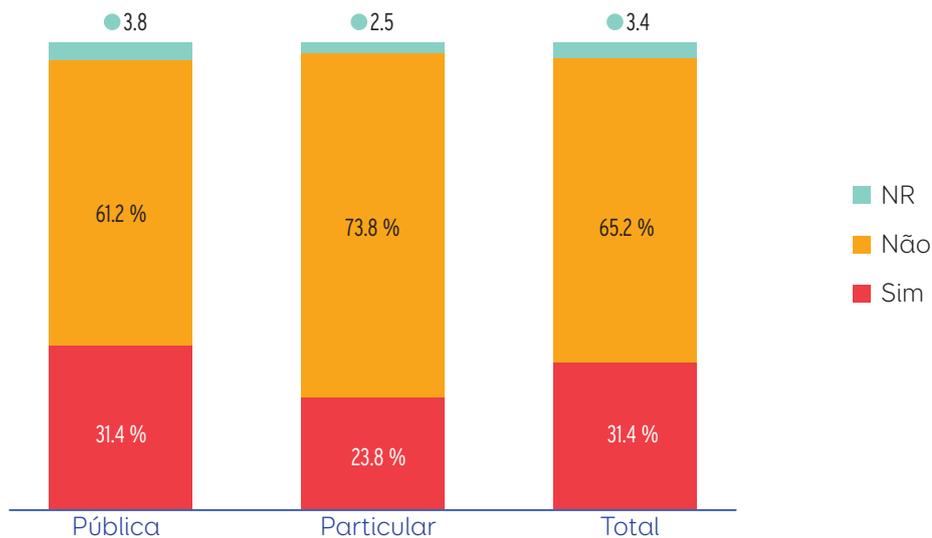
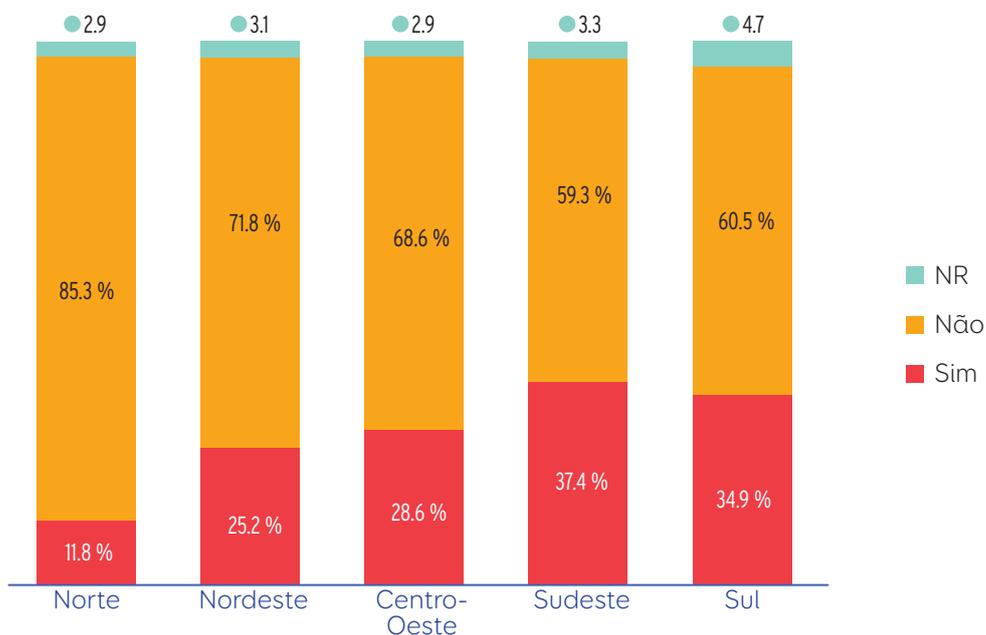


Gráfico 81. Apenas o governo federal, os estados e municípios deveriam desenvolver a matriz curricular de Ensino Religioso, sem a cooperação das instituições religiosas? | Dados por região (%)



Para completar este grupo de perguntas sobre a responsabilidade pela matriz curricular de Ensino Religioso, perguntamos **se somente as instituições religiosas deveriam elaborar a matriz curricular de Ensino Religioso, sem a cooperação das administrações públicas** do país, dos estados e dos municípios. As respostas, como na pergunta anterior, mantêm a consistência já

evidenciada. 64,4% discordam, enquanto 32,2% afirmam concordar. As porcentagens de resposta são praticamente as mesmas nas duas últimas perguntas e correspondem consistentemente às anteriores, que também tiveram porcentagens similares, mas em sentido inverso. Nesse caso, a discordância se acentua nas instituições públicas e se mantém na região Norte.

Gráfico 82. Apenas as instituições religiosas deveriam elaborar a matriz curricular de Ensino Religioso, sem a cooperação do Governo Federal, dos Estados e municípios? | Dados por tipo de instituição (%)

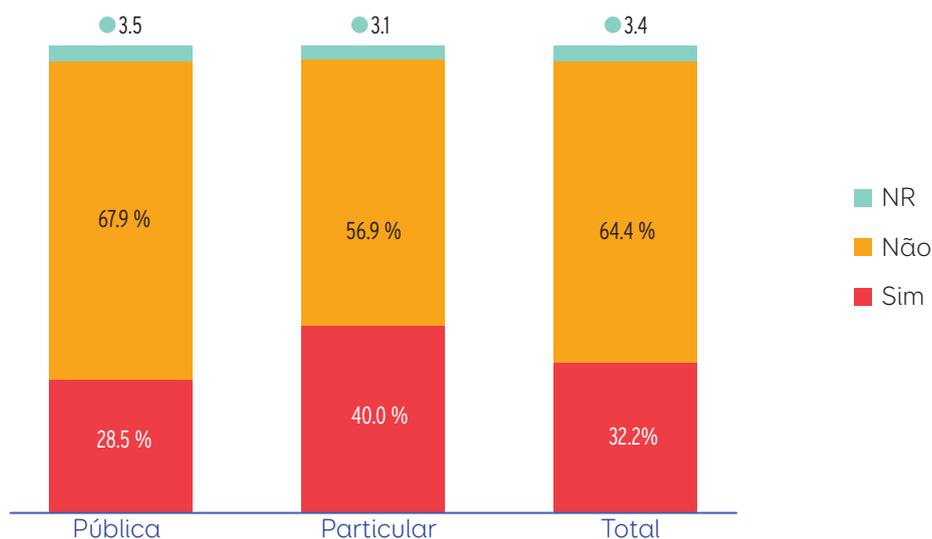
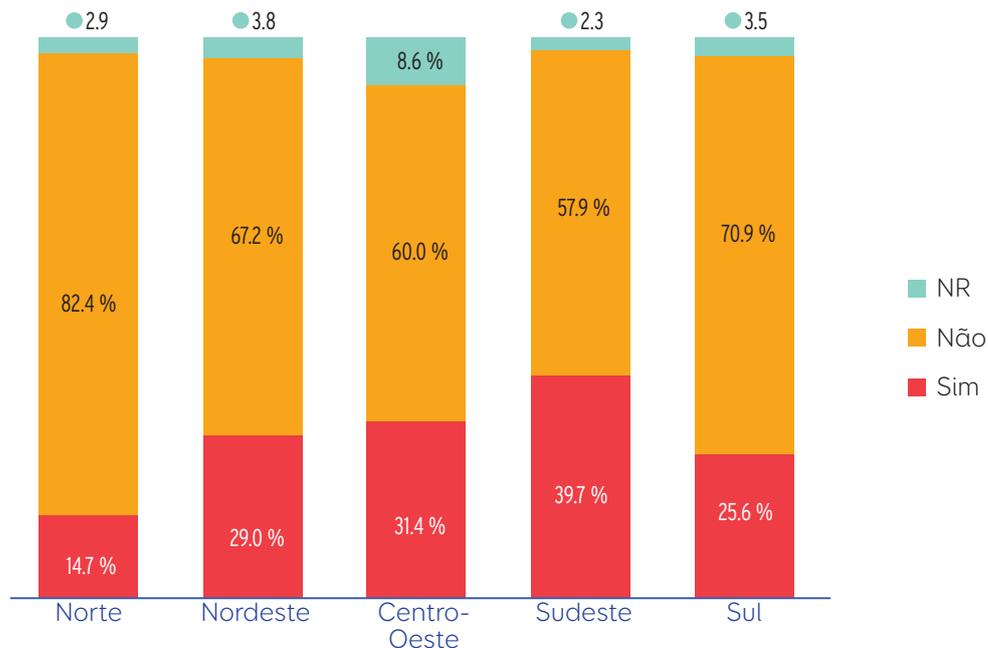


Gráfico 83. Apenas as instituições religiosas deveriam elaborar a matriz curricular de Ensino Religioso, sem a cooperação do Governo Federal, dos Estados e municípios? | Dados por região (%)



Assim, com este grupo de perguntas, podemos concluir que os(as) professores(as) têm uma percepção muito dispersa sobre quem elabora a matriz curricular de Ensino Religioso, mas têm uma percepção muito consistente sobre quem deveria elaborá-la. A primeira resposta demanda algumas medidas de melhoria na formação dos(as) professores(as). A segunda opinião nos parece muito oportuna, porque sugere a cooperação entre as administrações públicas e as instituições sociais, como as denominações religiosas, para elaborar a matriz curricular de Ensino Religioso, sendo que quem administra a educação para todos - as próprias administrações públicas - tem a primeira responsabilidade.

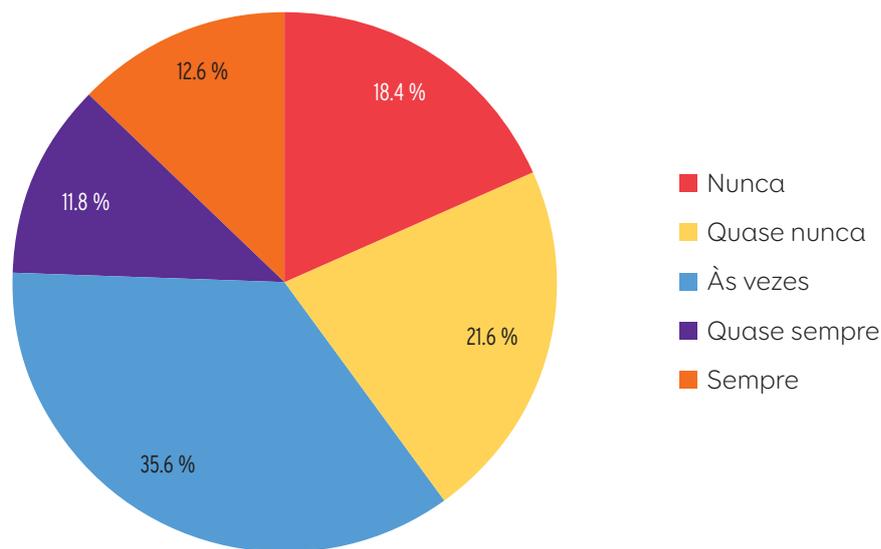
6.6. Percepção a respeito da presença da igreja local, dos padres e religiosos(as)

Para completar a percepção dos(as) professores(as) de Ensino Religioso do Brasil sobre questões relacionadas ao seu trabalho, formulamos mais duas perguntas em nossas entrevistas. A primeira tem a ver com a avaliação da igreja local, feita a todos os(as) professores(as), e a segunda, com a atuação de padres e religiosos(as) na vida cotidiana da escola, que só formulamos para professores de instituições particulares.

Quando perguntamos a todos os professores de Ensino Religioso se **“a Igreja local está presente na escola apoiando algumas atividades de diálogo”**, encontramos uma resposta muito dividida. 40% afirmam que nunca ou quase nunca, enquanto 60% confirmam. Dos que responderam positivamente, 24,4% afirmaram que sempre ou quase sempre, enquanto 35,6% disseram que às vezes.

Avaliando as respostas gerais, os professores identificam a presença das igrejas locais nas instituições educacionais. É o que 60% afirmam. Essa resposta majoritária dos(as) professores(as) contrasta com a percepção dos(as) estudantes, que só confirmaram essa presença em 27,6% dos casos. 72% afirmaram que a igreja local nunca ou quase nunca aparece; essa é a tendência geral e também entre os(as) estudantes que assistem ao Ensino Religioso.

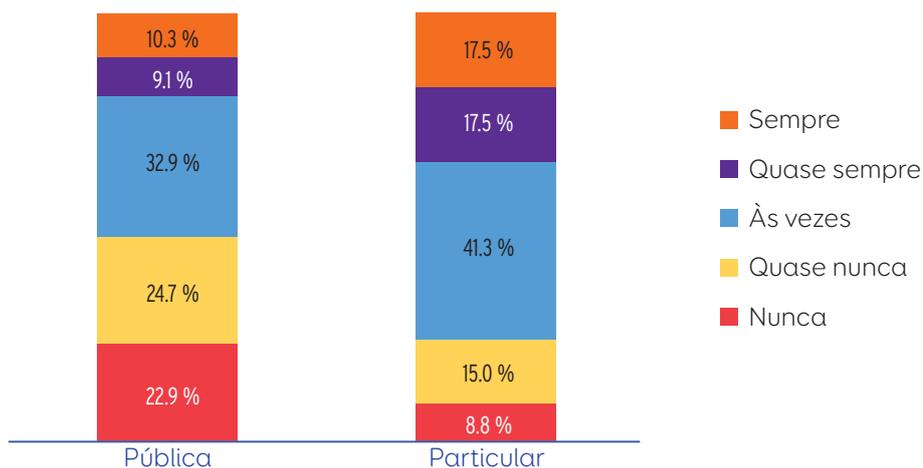
Gráfico 84. A igreja local está presente na escola, apoiando algumas atividades e/ou participando de iniciativas de diálogo? | Dados totais



A variável de instituições educacionais revela diferenças significativas. Como era de se esperar, os(as) professores(as) de escolas particulares identificam a presença da igreja local na escola em uma maior proporção (até 76% ao adicionar as opções “às vezes”, “quase sempre” ou “sempre”) do que os(as) professores(as) de escolas públicas, onde a soma dessas respostas cai para 52%.



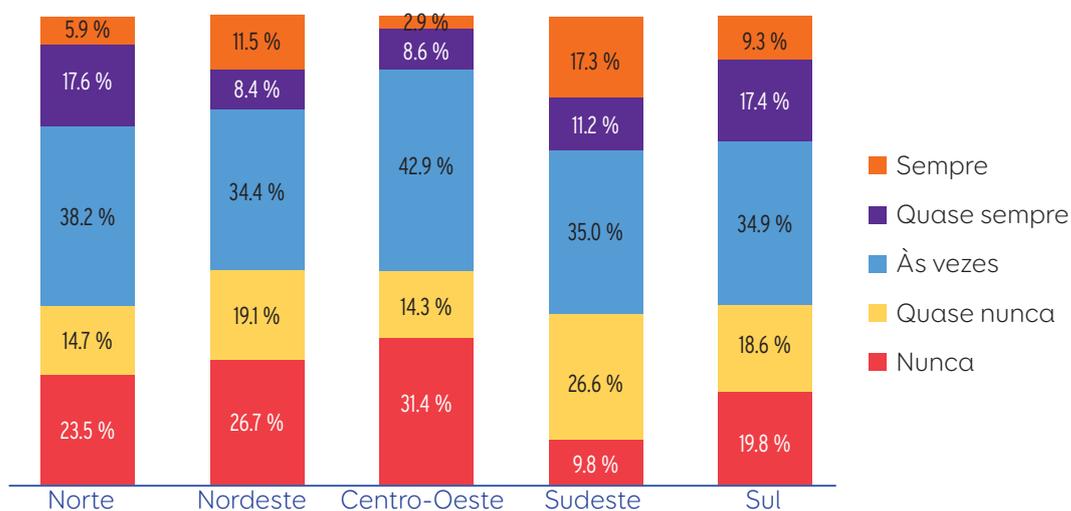
Gráfico 85. A igreja local está presente na escola, apoiando algumas atividades e/ou participando de iniciativas de diálogo? | Dados por tipo de instituição (%)



Ao considerar a variável geográfica, a porcentagem de professores que não percebem a presença

da igreja aumenta nas regiões Nordeste e Centro-Oeste.

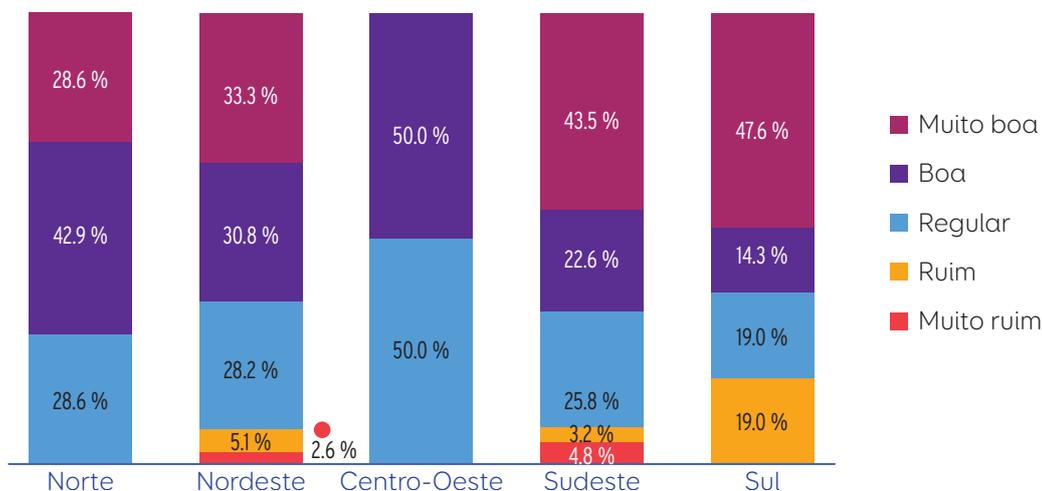
Gráfico 86. A igreja local está presente na escola, apoiando algumas atividades e/ou participando de iniciativas de diálogo? | Dados por região (%)



Nas escolas particulares, perguntamos aos professores de Ensino Religioso **como avaliam a atuação de padres, religiosos e religiosas na vida cotidiana da escola**. As respostas são positivas em 64,3% dos(as) professores(as), 27% classificam a atuação como regular e 9% classificam como ruim ou muito ruim. Portanto, estamos diante de uma avaliação positiva dessa atuação por parte dos professores. Essa resposta, de certa forma, deve estar relacionada à alta porcentagem de religiosos(as) como professores(as) de Ensino Religioso, que, como lembramos, era de quase dois terços. Então, essa é uma resposta positiva e consistente com outras respostas da nossa pesquisa.

A variável geográfica mantém a tendência do país em todas as regiões. Em três regiões, Norte, Centro-Oeste e Sul, as respostas que avaliam a atuação de padres e religiosos(as) nas escolas como ruim ou muito ruim desaparecem. Chama a atenção o fato de que, na região Centro-Oeste, além de desaparecerem os que classificam a atuação como ruim ou muito ruim, também desaparecem os que a classificam como muito boa, ficando uma avaliação de 50% entre os que a classificam como boa e regular.

Gráfico 87. Caso estejam presentes no cotidiano da escola, como você avalia a atuação de padres, religiosos e religiosas? | Dados por região (%)



Fizemos a mesma pergunta aos 69 **estudantes** de escolas particulares e obtivemos um resultado bastante dividido em três terços, com poucas diferenças. Para 38% dos estudantes, é uma atuação muito boa ou boa; 33% a classificam como regular; e 29% como ruim ou muito ruim.

No caso das 37 **famílias** de instituições católicas, as respostas foram positivas, com quatro em cada cinco famílias avaliando positivamente a atuação de padres e religiosos(as) na vida escolar. 32% a classificavam como muito boa, 49% como boa e 19% como regular.

7. Autoavaliação e estado emocional dos(as) professores(as) de Ensino Religioso

Depois de analisar as avaliações dos(as) professores(as) de Ensino Religioso, após descrever sua percepção do sistema educacional, seu perfil pedagógico e religioso, nossa pesquisa se concentrou em explorar sua própria opinião sobre a tarefa que desenvolvem como professores(as) e também como percebem o reconhecimento de seu trabalho.

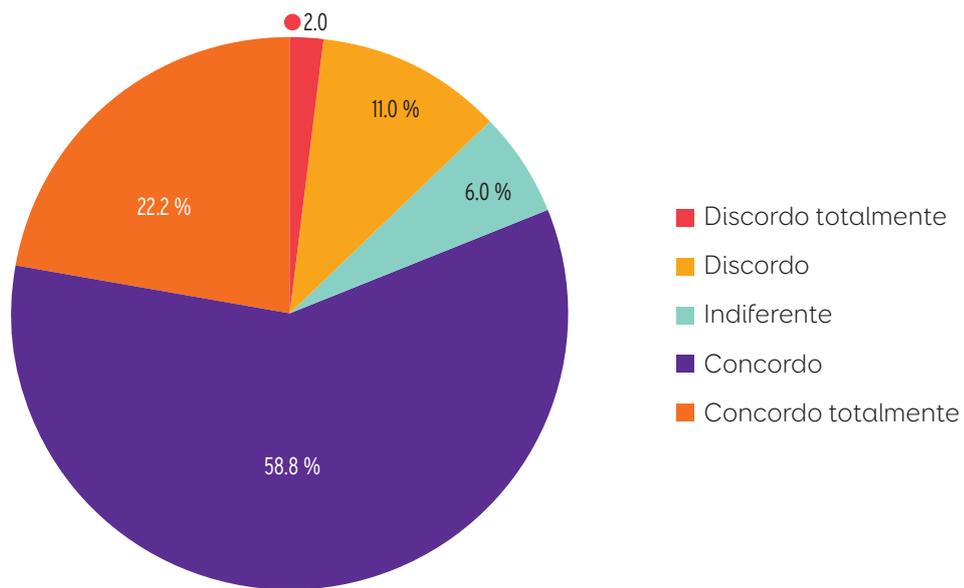
Os resultados gerais que apresentaremos mostram que os professores de Ensino Religioso na escola têm uma percepção positiva de seu trabalho, estão bastante satisfeitos com suas condições de trabalho; na verdade, a grande maioria não mudaria de emprego, mesmo que pudessem; têm boas relações com seu entorno; sentem-se competentes para ensinar; e sentem-se valorizados. São indicadores positivos na autoavaliação dos professores sobre seu trabalho, o que é consistente com a avaliação que as famílias e os estudantes também fazem.

7.1. Autoavaliação da tarefa realizada e sua consideração social

A primeira pergunta que fizemos neste grupo era se **atualmente estão satisfeitos com suas condições de trabalho**. Os resultados revelam que uma grande maioria, quatro em cada cinco, responde afirmativamente. Nas respostas, praticamente todos decidiram tomar partido, apenas 6% se mantiveram indiferentes. 11% discordam e apenas 2% discordam totalmente.



Gráfico 88. Atualmente estou satisfeito(a) com minhas condições de trabalho | Dados totais



A variável instituições educacionais revela que os professores e professoras de escolas particulares estão mais satisfeitos com suas condições de tra-

balho do que os professores de escolas públicas (89,4% e 77,1%, respectivamente). Entretanto, em ambos os casos há um alto grau de satisfação.

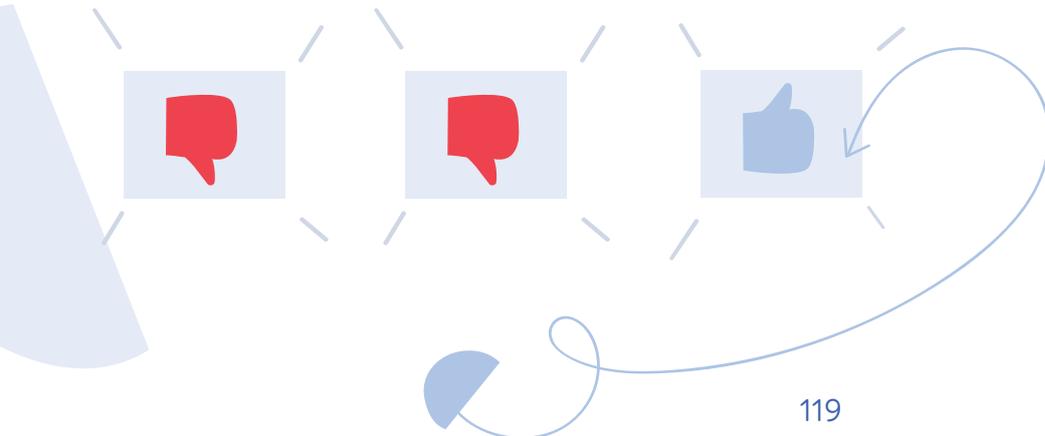
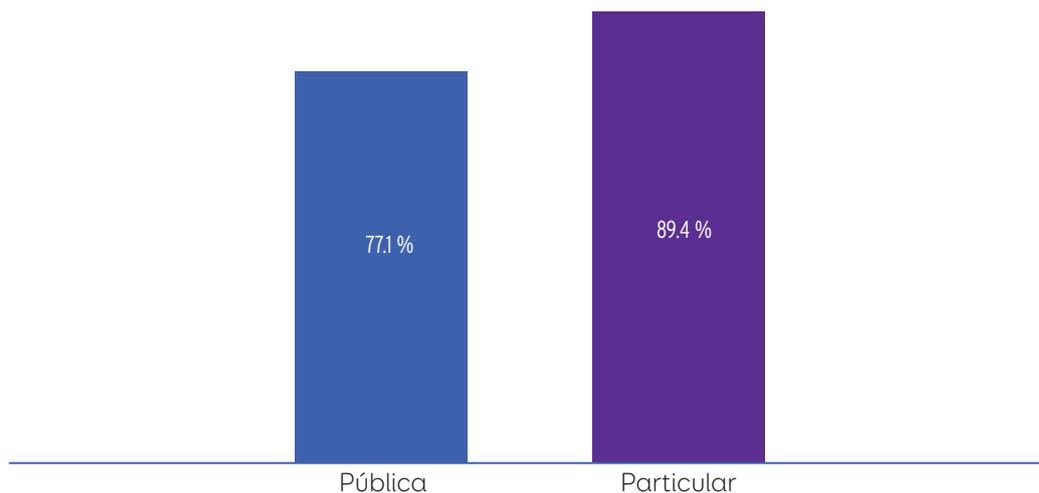


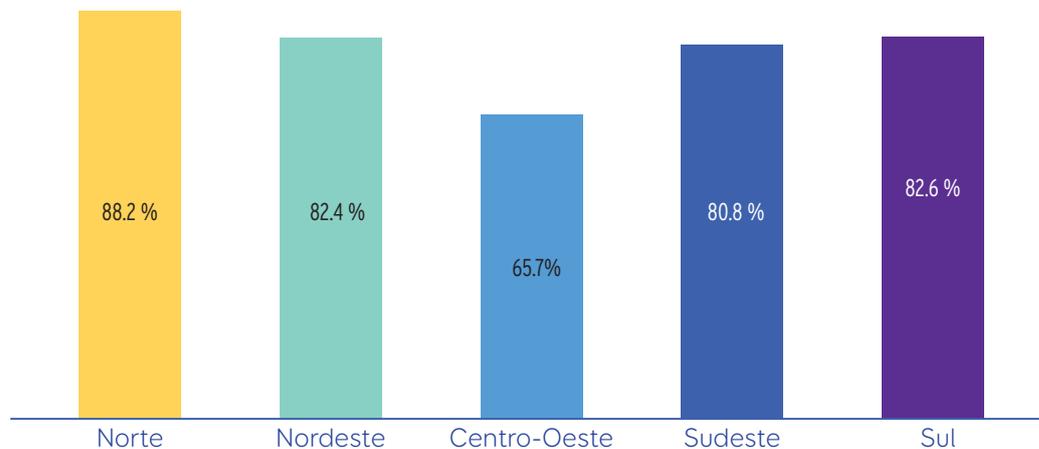
Gráfico 89. Atualmente estou satisfeito(a) com minhas condições de trabalho | Porcentagem de “concordo” ou “concordo totalmente” por tipo de instituição (%)



A variável geográfica não revela diferenças significativas por regiões, exceto na região Centro-

Oeste, onde a satisfação dos professores com suas condições de trabalho cai para 66%.

Gráfico 90. Atualmente estou satisfeito(a) com minhas condições de trabalho | Porcentagem de “concordo” ou “concordo totalmente” por região



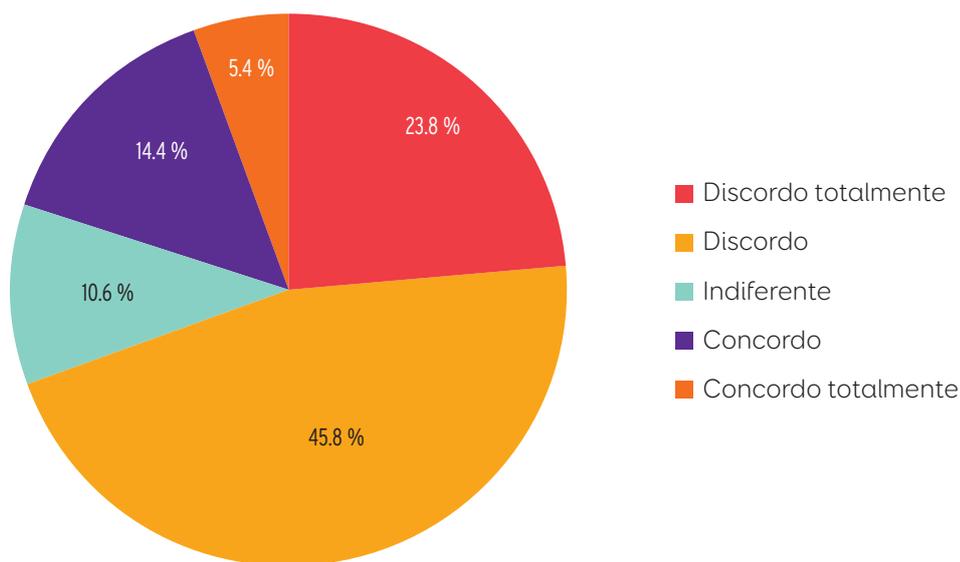
Essa pergunta sobre a satisfação com as condições de trabalho também foi feita nos estudos do ORE em outros países. No Brasil, a resposta positiva é de 81%, na Espanha foi de 61% e no Peru de 68%, portanto, abaixo de seus colegas brasileiros em porcentagens que chegam a 20 pontos de diferença no primeiro caso.

Muito relacionada à pergunta anterior, perguntamos se, caso pudessem mudar de emprego, deixariam de ser professores(as) de Ensino Religioso.

69% dos professores de Ensino Religioso do Brasil não mudariam de emprego, mesmo que pudessem, em comparação com 19,8% que estariam dispostos. 10,6% se mantiveram indiferentes.

Se somarmos a resposta anterior, em que 81% estão satisfeitos com suas condições de trabalho, e a resposta atual, em que 70% não mudariam de emprego, mesmo que pudessem, temos um indicador muito positivo de satisfação entre os professores de Ensino Religioso do Brasil.

Gráfico 91. Se eu pudesse mudar de emprego, deixaria de ser professor de Ensino Religioso | Dados totais



A variável de instituições educacionais não revela mudanças significativas, mantendo-se a tendência geral, embora se perceba uma vontade menor de mudar de emprego nas escolas particulares, cuja porcentagem cai para 15% em comparação com as escolas públicas (22%).

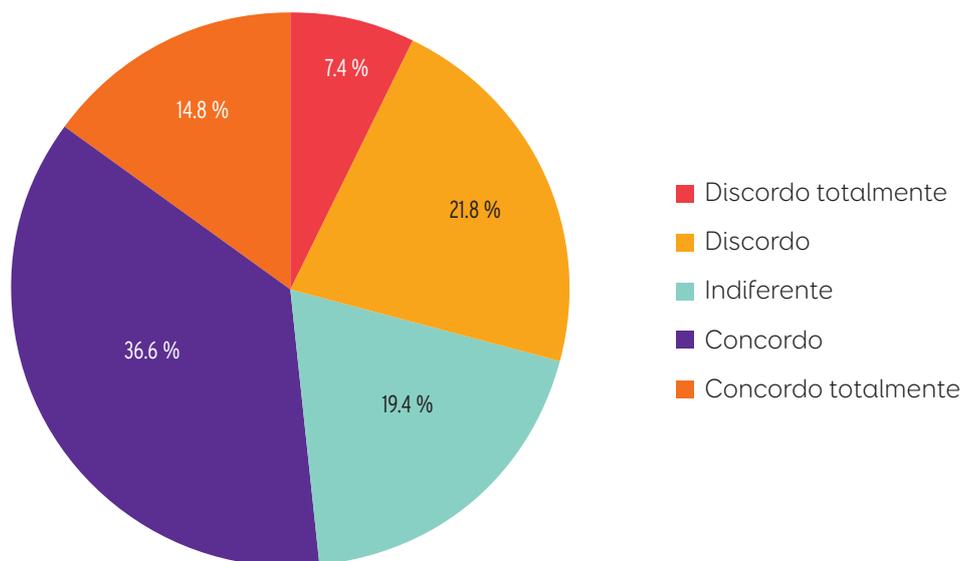
A variável geográfica não mostra discrepâncias significativas, com todas as regiões mantendo porcentagens muito similares à porcentagem total do país. Os do Sul apresentam a maior porcentagem de professores(as) dispostos a deixar seus empregos (27%).

Essa pergunta sobre se os(as) professores(as) de Ensino Religioso mudariam de emprego se pudessem também foi feita em estudos do ORE em outros países. No Brasil, a resposta negativa foi de 70%, na Espanha foi de 68%, portanto, classificações muito parecidas que indicam, em dois de três casos, que não deixariam facilmente seu trabalho como professores de Ensino Religioso.

As seguintes perguntas abordavam o reconhecimento do trabalho por diferentes grupos. Perguntamos se **as igrejas/religiões valorizam suficientemente o trabalho dos(as) professores**

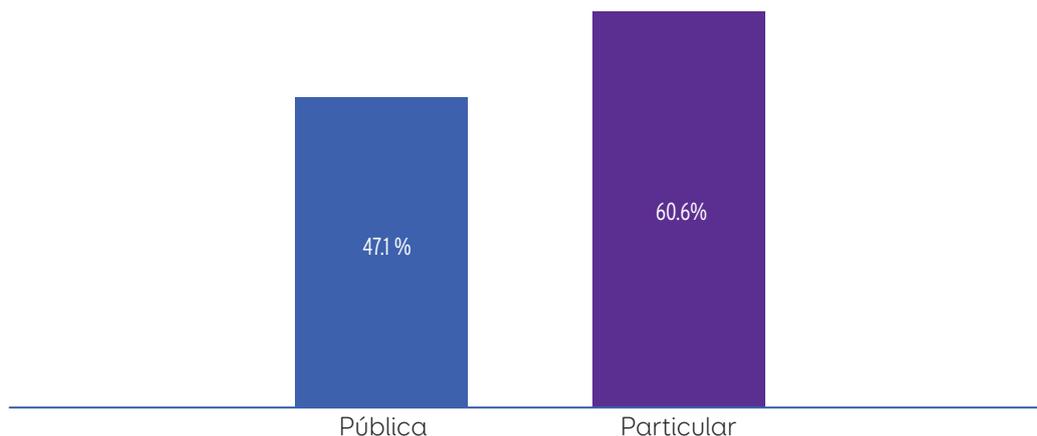
cientemente o trabalho dos(as) professores de Ensino Religioso. As respostas revelam uma escassa maioria a favor dessa afirmação. 51,4% concordam (36,6%) ou concordam totalmente (14,8%) com o reconhecimento de seu trabalho por parte das instituições religiosas. A porcentagem que discorda desse reconhecimento é de 29,2%. Quase 20% se manifestaram indiferentes, a maior porcentagem neste grupo de perguntas sobre a autopercepção dos(as) professores(as) de Ensino Religioso.

Gráfico 92. As igrejas/religiões valorizam suficientemente o trabalho dos(as) professores(as) de Ensino Religioso | Dados totais



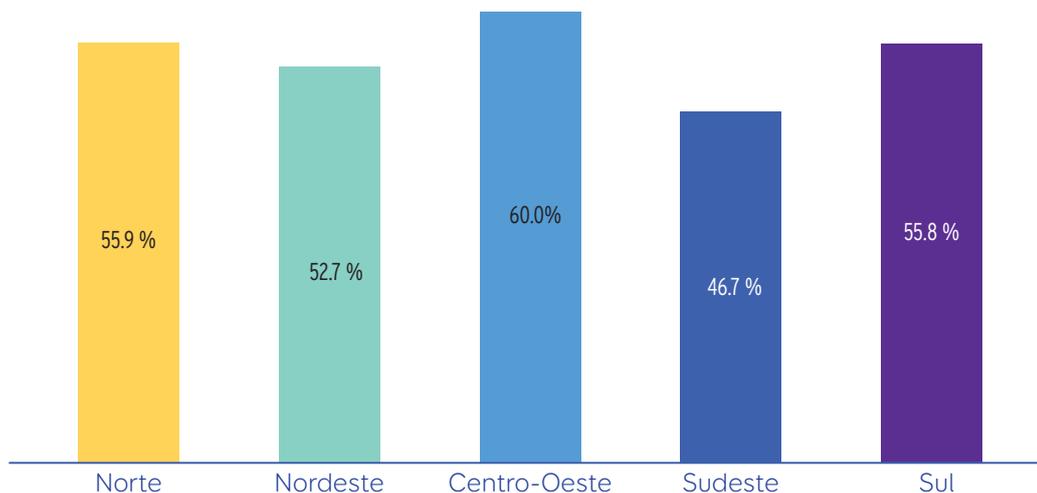
A variável de instituições educacionais revela, como era de se esperar, um maior reconhecimento das igrejas/religiões nas instituições particulares, na opinião de 60,6% de seus professores. Nas escolas públicas, esse reconhecimento cai para 47,1%.

Gráfico 93. As igrejas/religiões valorizam suficientemente o trabalho dos(as) professores(as) de Ensino Religioso | Porcentagem de “concordo” ou “concordo totalmente” por tipo de instituição (%)



Considerando as regiões, no Centro-Oeste, 60% dos(as) professores(as) consideram que as Igrejas/ religiões valorizam seu trabalho, uma porcentagem que cai para 47% no Sudeste.

Gráfico 94. As igrejas/religiões valorizam suficientemente o trabalho dos(as) professores(as) de Ensino Religioso | Porcentagem de “concordo” ou “concordo totalmente” por região



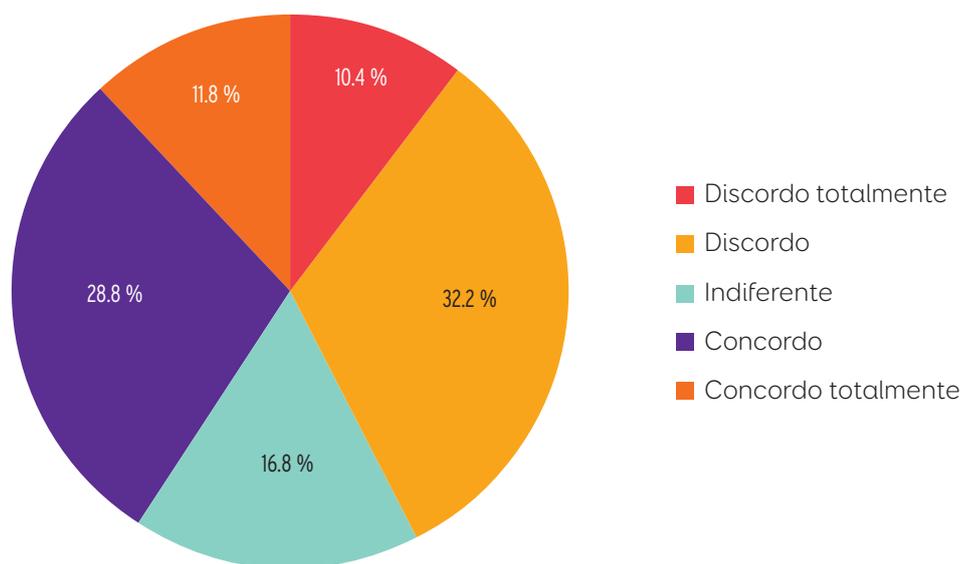
Essa pergunta sobre a valorização do trabalho dos(as) professores(as) de Ensino Religioso por parte da igreja/instituição religiosa também foi feita nos estudos do ORE em outros países. No Brasil, a resposta positiva é de 51%, enquanto no Peru foi de 68%, uma porcentagem significativamente mais alta. Em contraste, na Espanha, a porcentagem de professores que consideram que a igreja/instituição religiosa reconhece suficientemente seu trabalho cai para 42%. Assim, encontramos os professores brasileiros em uma posição intermediária entre o Peru e a Espanha.

Além do reconhecimento por parte das instituições religiosas, perguntamos se **a sociedade valoriza suficientemente o trabalho dos(as) professores(as) de Ensino Religioso**. Os resultados mostram, como era de se esperar, uma diminuição em comparação com as instituições religiosas, embora se mantenha uma alta porcentagem de professores que se sentem reconheci-

dos. 40,6% concordam (28,8%) ou concordam totalmente (11,8%) com essa afirmação de que a sociedade reconhece seu trabalho. Outra porcentagem parecida, 42,6%, discordam (32,2%) ou discordam totalmente (10,4%) que a sociedade reconhece seu trabalho como professores(as) de Ensino Religioso. A porcentagem de indiferentes é de 16,8%. Assim, pode-se concluir que a opinião dos(as) professores(as) está quase igualmente dividida em termos de consideração social, com uma porcentagem significativa de professores(as) que se mostram indiferentes.

Embora haja porcentagens muito equilibradas de professores que afirmam que a sociedade reconhece seu trabalho e os que não, os números sobre a valorização social podem ser considerados altos, pois contrastam com os dados mostrados em outros estudos nos quais os professores não sentem que seu trabalho é tão reconhecido.

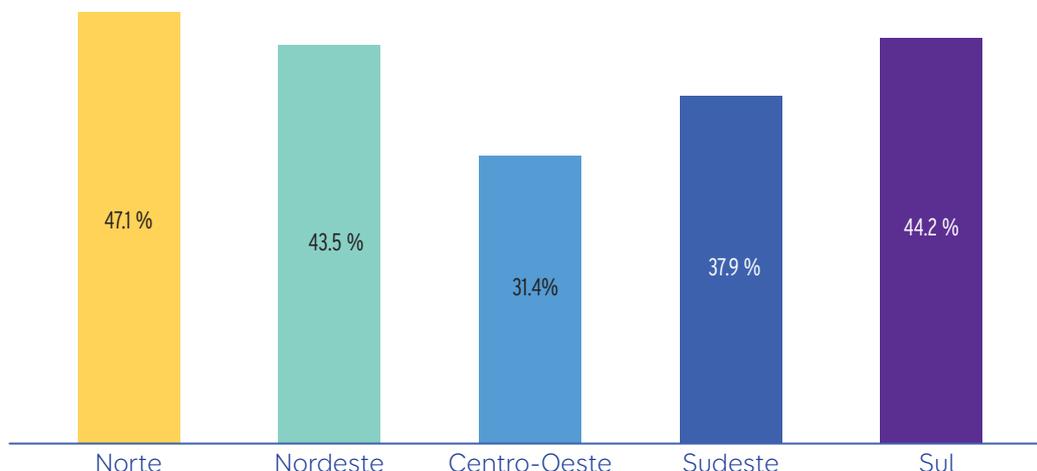
Gráfico 95. A sociedade valoriza suficientemente o trabalho dos(as) professores(as) de Ensino Religioso | Dados totais



A variável de instituições de ensino não revela diferenças substanciais. A variável geográfica também não mostra diferenças relevantes por regiões, exceto na região Centro-Oeste, onde a porcenta-

gem cai para 31% entre os que concordam com o reconhecimento da sociedade por seu trabalho; o restante das regiões se mantém próximo à porcentagem total do país.

Gráfico 96. A sociedade valoriza suficientemente o trabalho dos(as) professores(as) de Ensino Religioso | Porcentagem de “concordo” ou “concordo totalmente” por região



Essa pergunta sobre a valorização do trabalho dos professores de Ensino Religioso por parte da sociedade também foi feita nos estudos do ORE em outros países. No Brasil, a resposta positiva foi de 41%, enquanto no Peru foi de 62%, dois pontos a mais. Chama a atenção que essa percepção positiva dos professores que encontramos nesses países latino-americanos seja muito diferente da encontrada nos países europeus. Na Espanha, somente 9% dos professores de Ensino Religioso afirmaram que a sociedade reconhecia suficientemente seu trabalho, uma porcentagem muito pequena, mas que só aumenta para 23% quando analisamos os professores de outras áreas curriculares, de acordo com outros estudos realizados pela Fundação SM:

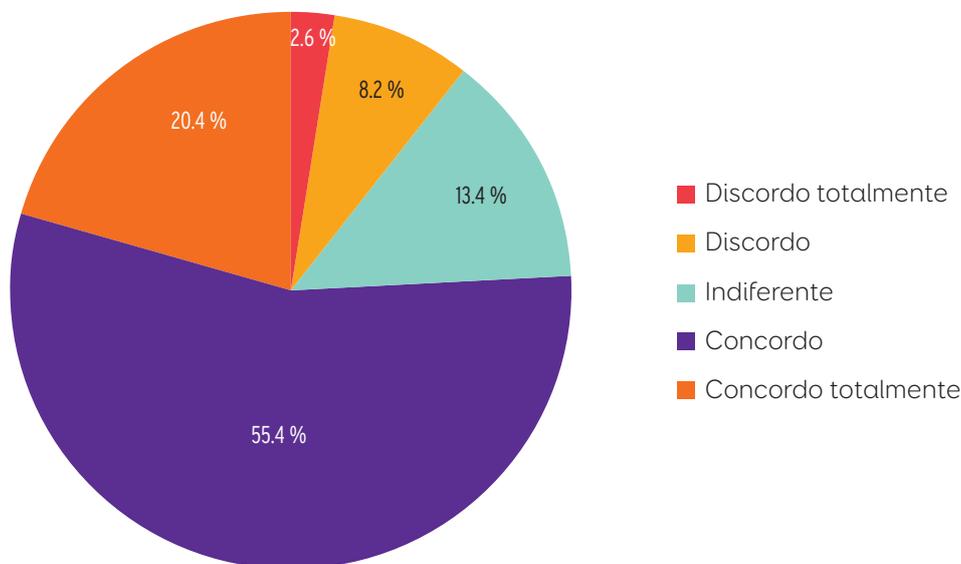
<https://oes.fundacion-sm.org/investigacion-del-oes/educobarometro-2023/>

Para aprofundar essa questão do reconhecimento de seu trabalho, também perguntamos aos professores de Ensino Religioso se a equipe de professores(as) de sua instituição valoriza seu trabalho. Os resultados mostram uma grande maioria a favor dessa afirmação, com três de cada quatro professores confirmando essa valorização da equipe de professores. 75,8% concordam (55,4%) ou concordam totalmente (20,4%) com a valorização da equipe de professores. A porcentagem dos que discordam da valorização é de 8,2%, enquanto a dos que discordam totalmente é de apenas 2,6%. 13% se posicionaram como indiferentes.

No geral, essa é uma boa resposta, já que estamos nos referindo à valorização dos colegas de trabalho. Portanto, esses resultados são um indicador positivo da percepção do trabalho dos professores

de Ensino Religioso do Brasil, uma vez que, em sua opinião, a grande maioria de seus colegas valoriza seu trabalho.

Gráfico 97. Os professores da minha escola valorizam meu trabalho | Dados totais



Neste caso, a análise dos resultados com a variável de instituições educacionais não apresenta diferenças. A variável geográfica também não revela diferenças significativas por regiões.

Essa pergunta sobre a valorização do trabalho dos professores de Ensino Religioso pela equipe de professores da escola também foi feita em termos parecidos em estudos do ORE em outros países. No Brasil, a resposta positiva é de 76%, enquanto na Espanha a porcentagem de resposta positiva foi de 52%, 24 pontos a menos do que no Brasil.

Continuando com a questão do reconhecimento de seu trabalho, também perguntamos aos profes-

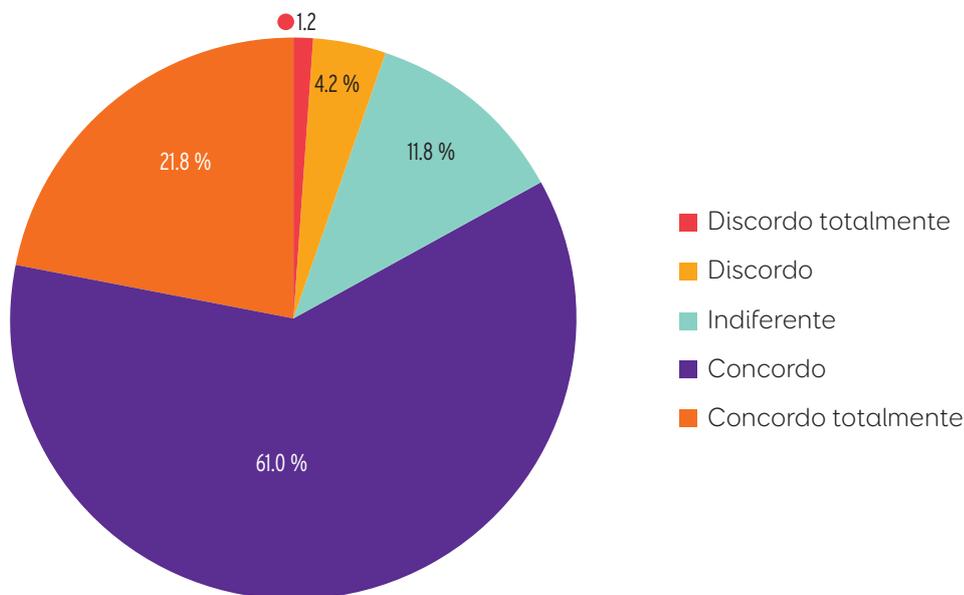
sores de Ensino Religioso se a equipe de gestão da escola apoia seu trabalho. Os resultados revelam uma grande maioria a favor dessa afirmação em mais de quatro dos cinco casos. 82,8% concordam (61%) ou concordam totalmente (21,8%) com a valorização de seu trabalho pelas equipes de gestão de suas escolas. A porcentagem dos que discordam totalmente desse reconhecimento foi de 1% e a dos que discordam chega a 4,2%. Os que se posicionaram como indiferentes chegam a 11,8%.

Nessas respostas, também encontramos um bom indicador, na opinião dos professores, sobre a valorização de seu trabalho pelas equipes de ges-

tão de suas escolas. Como dissemos em relação às equipes de professores, trata-se de colegas próximos de trabalho, aqui com o adicional de sua

responsabilidade de gestão. Assim, esse apoio de 83% das equipes de gestão é um bom dado.

Gráfico 98. A equipe de gestão da minha escola apoia meu trabalho | Dados totais



A variável de instituições educacionais também não revela diferenças nessa resposta. A variável geográfica também não revela diferenças regionais significativas.

Essa pergunta sobre a valorização do trabalho dos professores de Ensino Religioso pela equipe de gestão da escola também foi feita em estudos do ORE em outros países. No Brasil, a resposta positiva é de 83%, enquanto no Peru foi de 80% obtida na pergunta sobre a valorização da equipe de gestão. Na Espanha, a porcentagem de resposta positiva foi de 61%, bem inferior à do Brasil e a do Peru.

Para aprofundar a descrição de sua tarefa, também perguntamos aos professores de Ensino Reli-

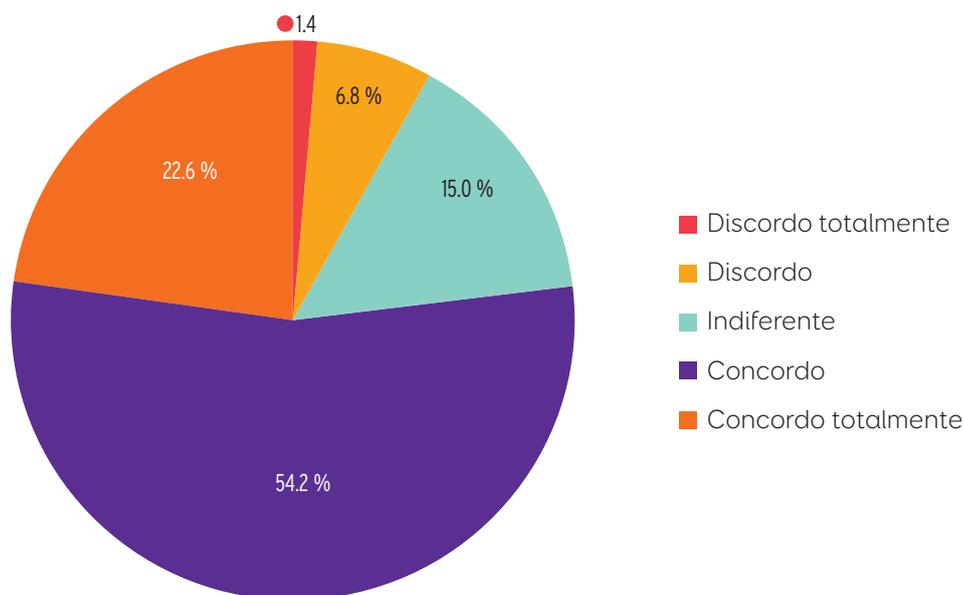
gioso se **o relacionamento com as famílias dos(as) estudantes é positivo**. As respostas mostram novamente uma grande maioria a favor dessa afirmação em quatro de cinco casos. 76,8% concordam (54,2%) ou concordam totalmente (22,6%) que seu relacionamento com as famílias dos estudantes é positivo. A porcentagem dos que discordam totalmente da afirmação chega a 1% e a dos que discordam chega a 6,8%. Os que se posicionaram como indiferentes chegam a 15% neste caso.

Aqui, também, temos uma boa resposta. Sem dúvida, o relacionamento entre os professores e as famílias dos estudantes é sempre um indicador de qualidade e bom desempenho no trabalho, e

aqui encontramos uma alta porcentagem que o classifica como positivo. Se três em cada quatro

professores afirmam isso, trata-se de outro dado muito positivo.

Gráfico 99. O relacionamento com as famílias dos(as) estudantes é positivo | Dados totais



A variável de instituições educacionais revela pequenas diferenças. Como era de se esperar, nas escolas particulares, a porcentagem de relacionamento positivo com as famílias é 8 pontos percentuais maior do que nas escolas públicas (82% e 74%, respectivamente).

Ao considerar a variável geográfica, a porcentagem de professores que avaliam positivamente seu relacionamento com as famílias chega a 82% na região Sudeste, em comparação com a região Nordeste (71%).

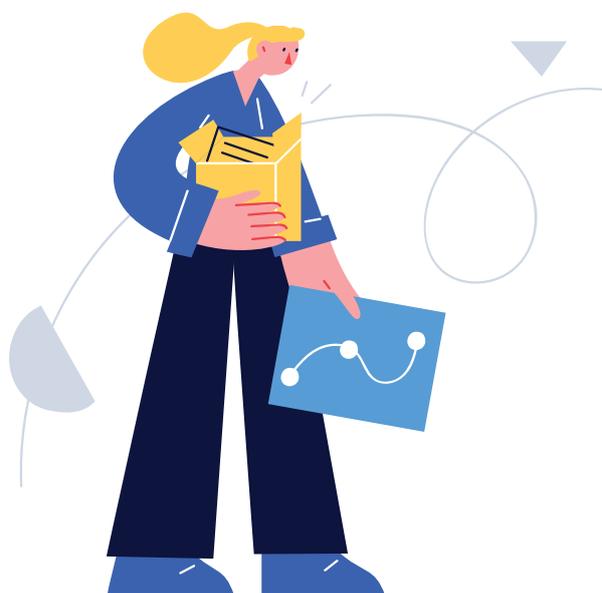
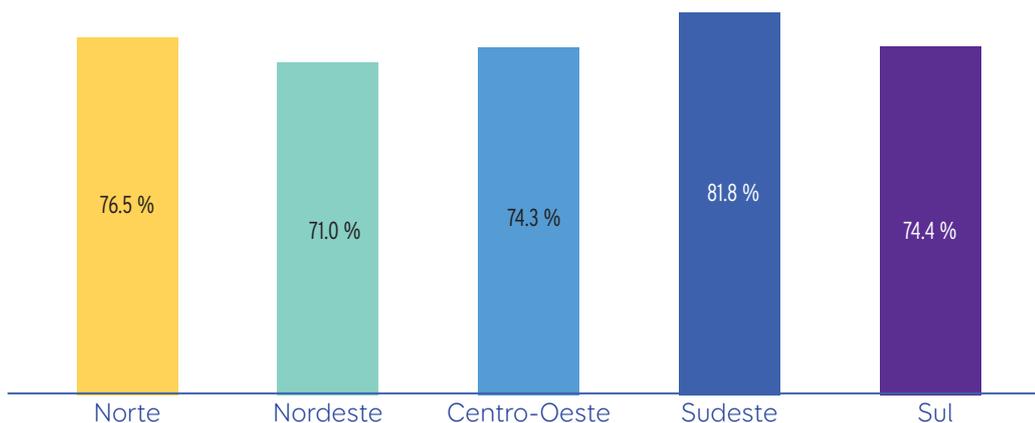


Gráfico 100. O relacionamento com as famílias dos(as) estudantes é positivo |
Porcentagem de “concordo” ou “concordo totalmente” por região



Também fizemos essa pergunta sobre a avaliação da relação dos(as) professores(as) de Ensino Religioso com as famílias em outros estudos do ORE em outros países. No Brasil, a resposta positiva é de 77%, no Peru, 82%, ligeiramente melhor; na Espanha, a porcentagem de resposta positiva foi de 76%, muito similar à do Brasil.

Também perguntamos aos professores de Ensino Religioso se o relacionamento pessoal com os(as) professores(as) de sua escola é bom. Aqui encontramos uma alta porcentagem com uma resposta positiva, nove em cada dez confirmando essa afir-

mação. 90,8% concordam (62,8%) ou concordam totalmente (28%) que seu relacionamento com os professores de sua escola é bom. A porcentagem dos que afirmam o contrário representa 2%. Os que se posicionaram como indiferentes chegam a 7%.

Sem dúvida, esse é outro fator de qualidade do trabalho dos(as) professores(as) de Ensino Religioso do Brasil. O fato de 91% afirmarem que seu relacionamento pessoal com os colegas de trabalho é bom, em sua opinião, é um bom indicador sob todos os pontos de vista.

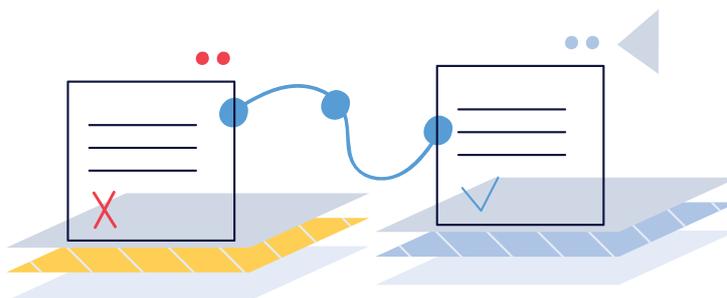
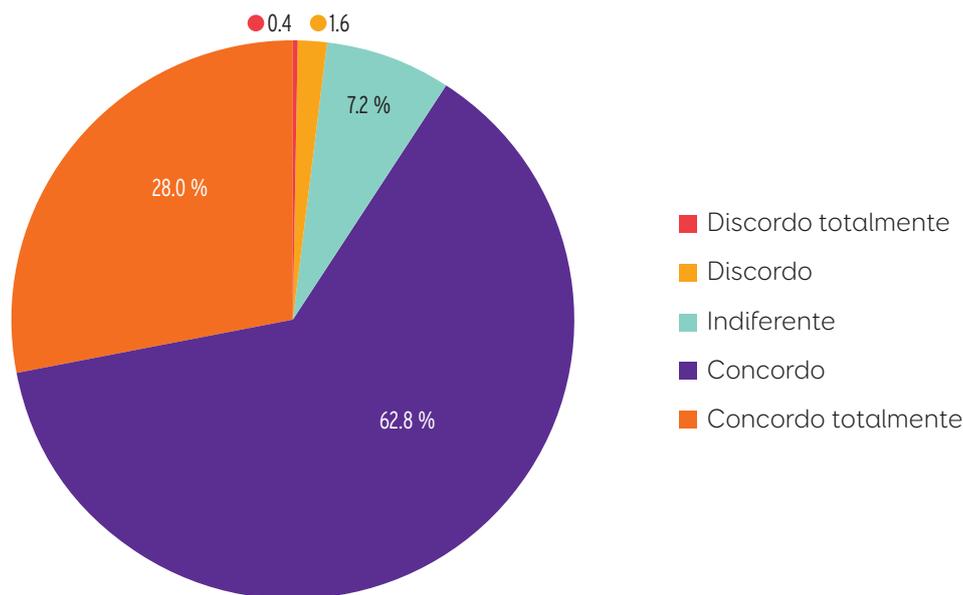


Gráfico 101. A relação pessoal com os(as) professores(as) da minha escola é boa | Dados totais



Devemos repetir que a variável de instituições educacionais também não apresenta diferenças nessa resposta. A variável geográfica também não revela diferenças regionais significativas.

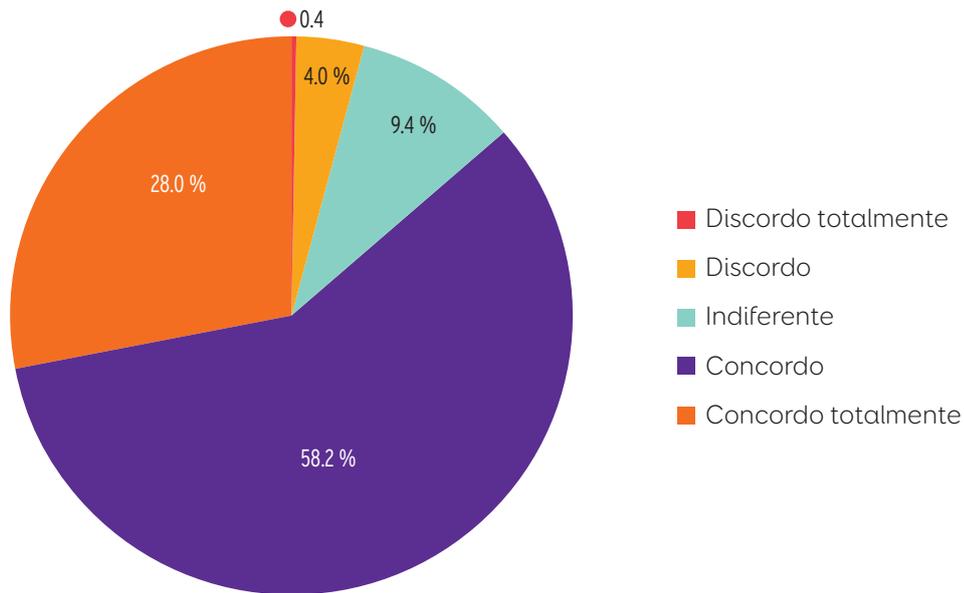
Também fizemos essa pergunta sobre a avaliação da relação dos(as) professores(as) de Ensino Religioso com as famílias em outros estudos do ORE em outros países. No Brasil, a resposta positiva é de 91%, enquanto a resposta positiva no Peru foi de 83%, oito pontos percentuais menor. Na Espanha, a porcentagem de resposta positiva foi de 80%, também menor que a do Brasil, neste caso em 11 pontos percentuais.

Além do relacionamento com as famílias e com os colegas, cujos resultados são muito positivos, também perguntamos aos professores de Ensino Religioso se, no geral, os estudantes gostam deles. Novamente encontramos uma resposta com uma

grande maioria a favor dessa afirmação. 86,2% concordam (58,2%) ou concordam totalmente (28%) com essa afirmação de que os estudantes gostam deles. A porcentagem dos que discordam totalmente desse reconhecimento não passa de 1% e a dos que discordam chega a 4%. Os que se posicionaram como indiferentes chegam a quase 10%.

Sem dúvida, esse é outro bom indicador, na opinião dos(as) professores(as), que afirmam que os(as) estudantes gostam deles. Essa resposta é consistente com as anteriores, que já demonstravam bom relacionamento com as famílias e os colegas, e agora também demonstram bom relacionamento com os(as) estudantes. Esses dados, considerados em seu conjunto, proporcionam evidências muito favoráveis da boa imagem que os(as) professores(as) têm de seu exercício profissional nas escolas.

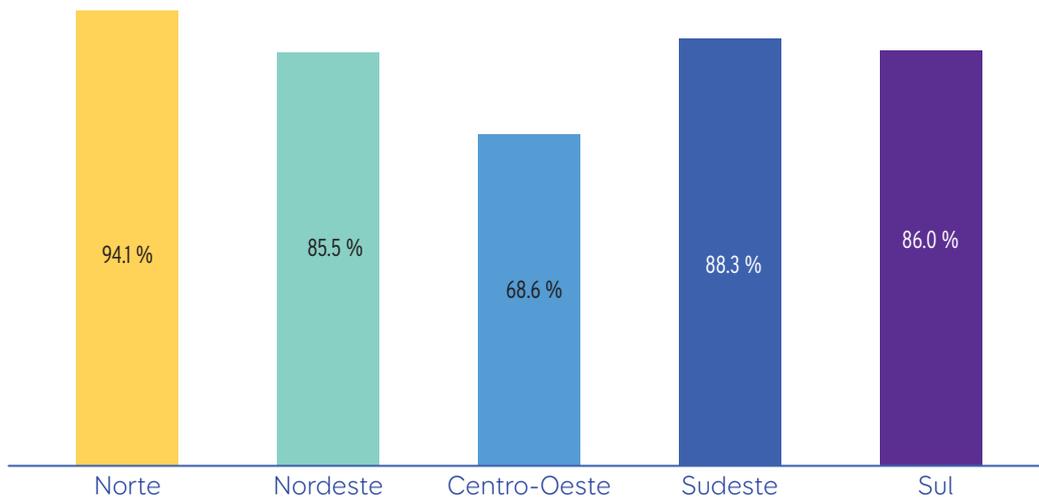
Gráfico 102. Eu acho que, em geral, os estudantes gostam de mim | Dados totais



A variável de instituições educacionais, mais uma vez, não revela diferenças significativas nessa resposta. A variável geográfica, sim, revela algumas

diferenças significativas por regiões. Menos professores do Centro-Oeste consideram que os estudantes gostam deles.

Gráfico 103. Eu acho que, em geral, os estudantes gostam de mim | Porcentagem de “concordo” ou “concordo totalmente” por região



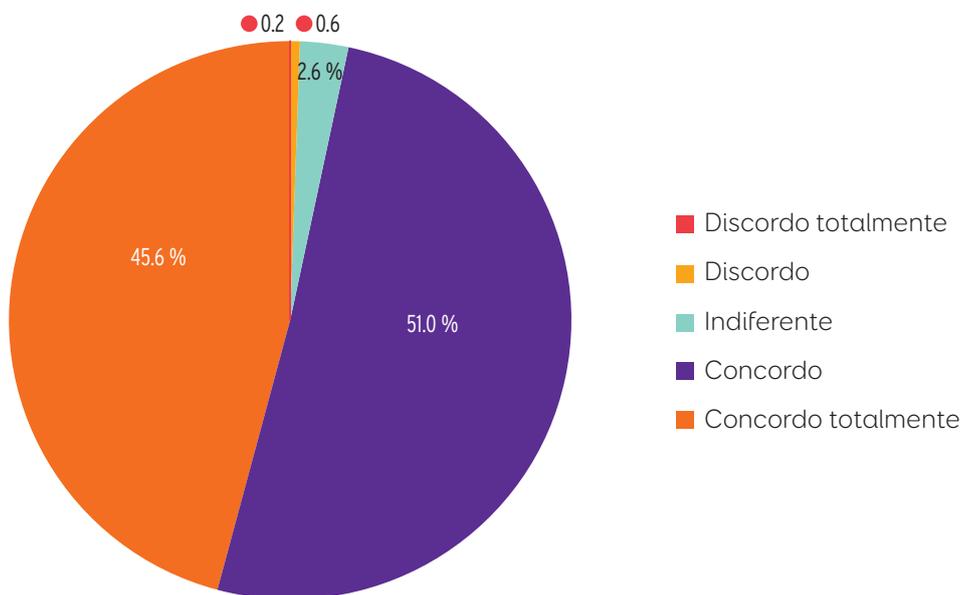
Essa pergunta sobre a avaliação do relacionamento educacional dos professores de Ensino Religioso com os estudantes também foi feita em estudos do ORE em outros países. No Brasil, a resposta positiva é de 86%, e no Peru foi de 83%. Na Espanha, a porcentagem de resposta positiva foi de 86%, igual à do Brasil. Portanto, estamos diante de uma conclusão repetida em todos os estudos: os professores de Ensino Religioso sentem que os estudantes gostam deles e têm um bom relacionamento educacional.

Para completar este grupo de perguntas de autoavaliação dos professores de Ensino Religioso, formulamos uma pergunta geral e conclusiva: **se eles se sentem competentes para ensinar bem a todos os estudantes**. Nessa pergunta um tanto conclusiva, a resposta afirmativa foi a mais ampla de todo este grupo de perguntas. 96,6% concor-

dam (51%) ou concordam totalmente (45,6%) com sua competência para ensinar bem a todos os estudantes. A porcentagem de professores que expressam a opinião contrária não chega a 1%, e os indiferentes representam apenas 2,6%.

Certamente, estamos diante de uma resposta conclusiva e concludente: os professores de Ensino Religioso do Brasil, em consonância com todos os indicadores anteriores, mostram-se unanimemente competentes para seu trabalho como professores de Ensino Religioso. Os resultados deixam pouca margem para dúvidas: os(as) professores(as), em sua própria opinião, estão bem em seus relacionamentos sociais dentro da escola, com a equipe de gestão e os colegas, relacionam-se muito bem com as famílias e os(as) estudantes e sentem-se competentes em seu trabalho.

Gráfico 104. Eu me sinto competente para ensinar bem todos os meus/minhas estudantes | Dados totais



Como ocorreu neste grupo de perguntas, a variável de instituições educacionais não revela diferenças nessa resposta.

Confirmamos que, como ocorreu neste grupo de perguntas, a variável geográfica não revela diferenças substanciais nessa resposta. Chama a atenção o fato de que, na região Norte, tenhamos obtido 100% dos professores concordando ou concordando totalmente com a afirmação de que são competentes para ensinar bem a todos os estudantes.

Essa pergunta geral e conclusiva, se eles se sentem competentes para ensinar bem a todos os estudantes, também foi feita em estudos do ORE em outros países. No Brasil, a resposta positiva é a

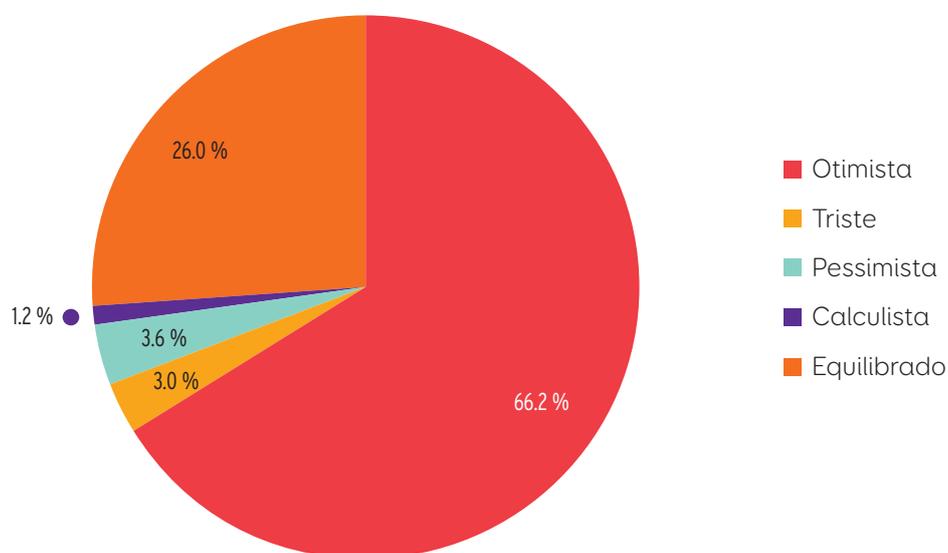
mais alta, com 97%, em comparação com o Peru (83%) e a Espanha (85%).

7.2. Estado emocional dos(as) professores(as)

Depois dos resultados apresentados sobre a autoavaliação do trabalho e sua consideração social pelos professores de Ensino Religioso do Brasil, queríamos pesquisar seu estado de ânimo.

Quando perguntados sobre como definiriam **seu estado de ânimo**, dois terços dos professores responderam que se sentem otimistas, 66,2%, e 26% afirmaram que se sentem equilibrados. Os que se sentem tristes são apenas 3% e os pessimistas, 3,6%. Os que nos disseram que são calculistas representam 1,2%.

Gráfico 105. Como você definiria seu estado de ânimo como professor(a)? | Dados totais



Os resultados constituem uma descoberta sobre a saúde emocional dos professores. Sem dúvida,

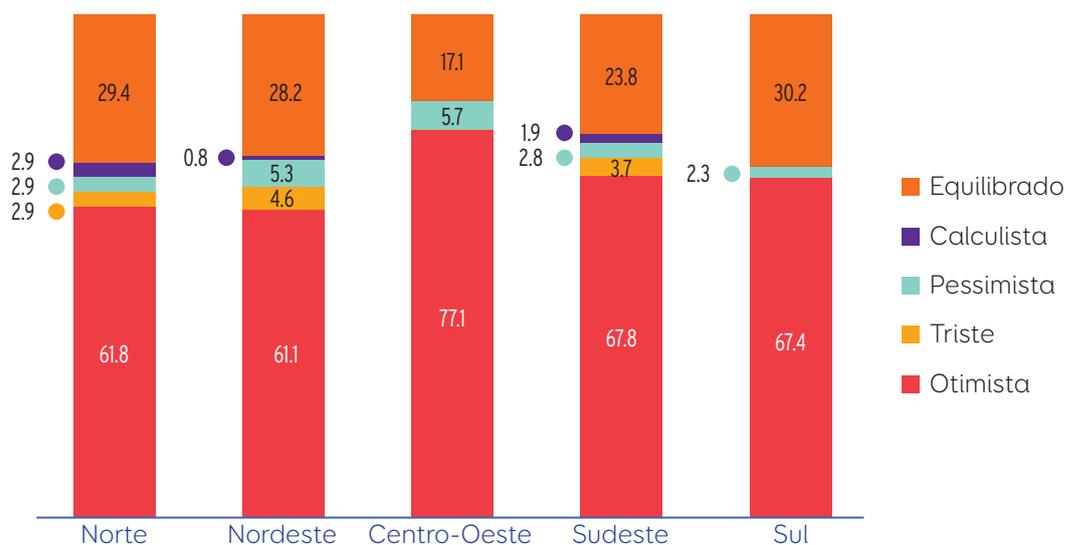
são indicadores positivos que, em nossa opinião, são consistentes com os resultados da seção ante-

rior, em que constatamos algumas evidências positivas em sua autoavaliação. Em geral, estavam muito satisfeitos com seu trabalho como professores, sentiam-se valorizados pela equipe de professores, equipes de gestão, famílias, estudantes e, quase unanimemente, sentiam-se competentes para ensinar Ensino Religioso a todos os estudantes; assim, esse impacto positivo em seu estado de ânimo era de se esperar, e os resultados dessa pergunta da nossa pesquisa confirmam: dois terços se sentem otimistas e um quarto se sente equilibrado, apenas 8% não respondem tão positivamente.

A análise desses resultados com a variável de instituição educacional praticamente não revela diferenças, a tendência geral se mantém em todas as respostas.

Ao analisar os dados com a variável geográfica, também não observamos mudanças de tendência. Na região Centro-Oeste, a porcentagem de otimistas é maior (77,1%) e a porcentagem de equilibrados é menor (17,1%) do que nas outras regiões.

Gráfico 106. Como você definiria seu estado de ânimo como professor(a)? | Dados por região (%)



Essa pergunta sobre o estado de ânimo dos(as) professores(as) de Ensino Religioso também foi feita em estudos do ORE em outros países. No Brasil, as respostas indicam que dois terços são otimistas e um em cada quatro se sente equilibrado. No estudo do Peru de 2021, os resultados foram

muito parecidos, dois terços também se sentiam otimistas e um em cada cinco se identificava com o estado equilibrado. Na Espanha, as porcentagens de respostas positivas gerais são similares às do Brasil e do Peru, mas os otimistas caem de 66% para 46%, embora os equilibrados aumen-

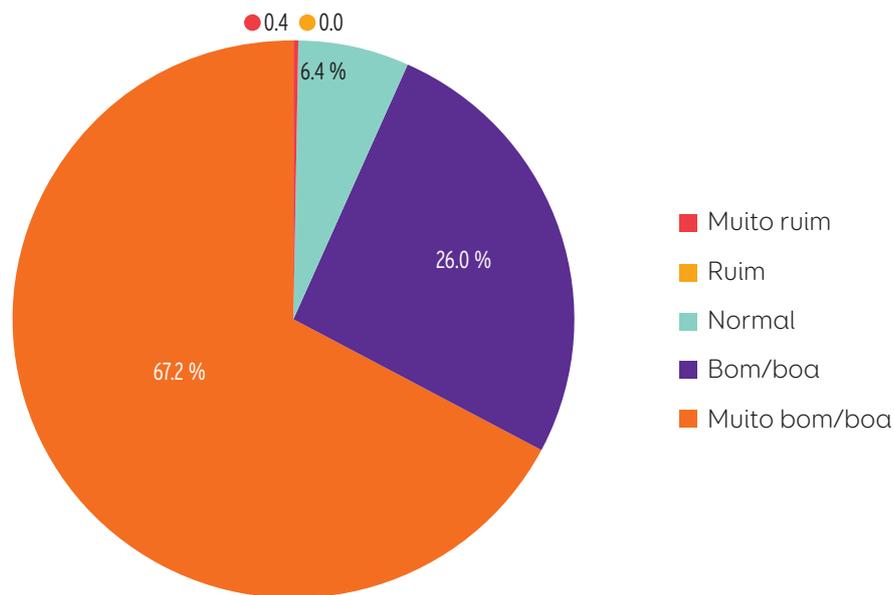
tem para 35%. Portanto, também no que se refere ao estado de ânimo, encontramos resultados positivos em todos os estudos, porque mais de um em cada dez manifestam um estado positivo.

Continuando com essa questão de estado de ânimo, também formulamos uma pergunta sobre como se consideram como professores. Como era de se esperar, depois dos resultados das últimas perguntas, os resultados foram muito unânimes:

93% disseram que se sentem bons ou muito bons professores de Ensino Religioso. Menos de 1% sente que é ruim ou muito ruim, e 6% se classificam como normais.

É outro indicador positivo da boa saúde emocional dos professores de Ensino Religioso do Brasil, que de forma alguma, é um dado isolado. É uma evidência consistente com todos os resultados das perguntas que formulamos em nossa pesquisa.

Gráfico 107. Como você se considera como professor(a)? | Dados totais



A variável de instituição educacional não destoa da tendência geral e, em ambos os casos, os(as) professores(as) que responderam positivamente se mantêm acima de 90%.

A análise dos resultados com a variável geográfica mantém a tendência em todas as regiões, com respostas muito similares de professores muito bons,

não significativamente distantes da porcentagem total do país em nenhum caso.

Essa pergunta sobre como se consideram como professores de Ensino Religioso também foi feita em estudos do ORE em outros países. No Brasil, as respostas indicam que 93% sentem que são bons ou muito bons professores, porcentagem que cai

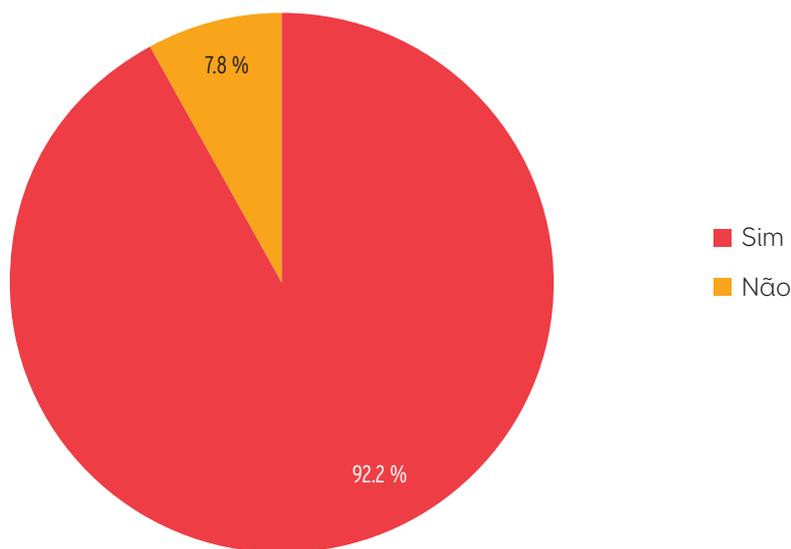
para 63% na Espanha, o que representa uma diferença de 30 pontos percentuais.

Para completar essa radiografia do estado emocional dos professores de Ensino Religioso do Brasil, perguntamos se **pensam que são melhores professores(as) agora do que há alguns anos**. Os resultados mostram, mais uma vez e em consonância com todas as respostas que temos comentado, que 92,2% afirmam isso. São resultados

gerais para os quais não há diferenças substanciais na análise com as variáveis de instituição educacional ou região.

Em qualquer caso, esse dado completa este grupo de perguntas em que os resultados revelam um perfil otimista e satisfeito com sua profissão entre os professores de Ensino Religioso do Brasil. De modo geral, os professores se identificam muito com seu trabalho e têm boa saúde emocional.

Gráfico 108. Você acha que é um professor melhor agora do que há alguns anos? | Dados totais



Essa pergunta sobre se eles se consideram melhores professores(as) de Ensino Religioso agora do que há alguns anos também foi feita em estudos do ORE em outros países. No Brasil, as respostas indicam que 92% se sentem, logicamente, melhor agora: uma porcentagem que na Espanha se mantém alta, com 84%, mas menor que a do Brasil.

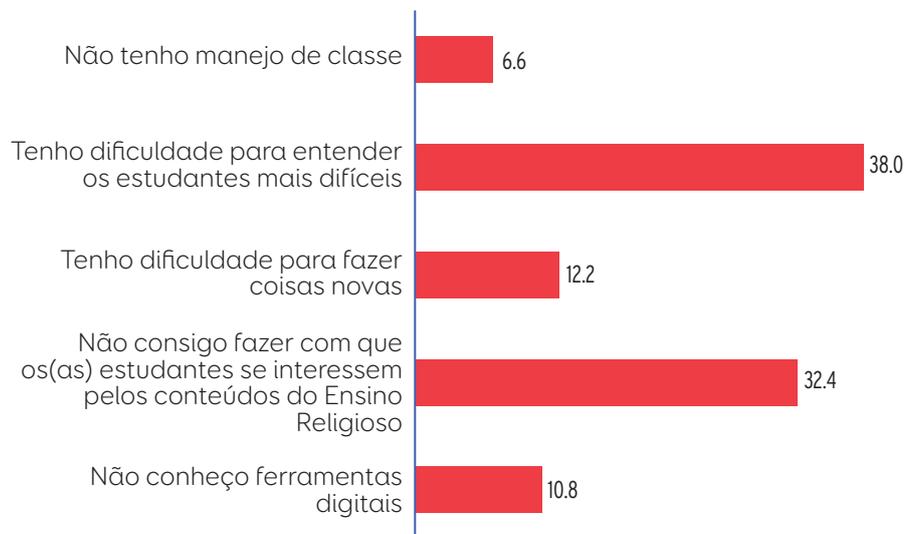
7.3. Principais dificuldades e qualidades como professores(as)

Nosso questionário também perguntava como os(as) professores(as) de Ensino Religioso se posicionam em relação à sua principal dificuldade. Entre as respostas muito diversificadas, destacam-se os 38% que afirmam ter dificuldade para entender os estudantes mais difíceis. Também

é significativo 32,4% afirmarem que não conseguem fazer com que os(as) estudantes se interessem pelos aprendizados específicos do Ensino

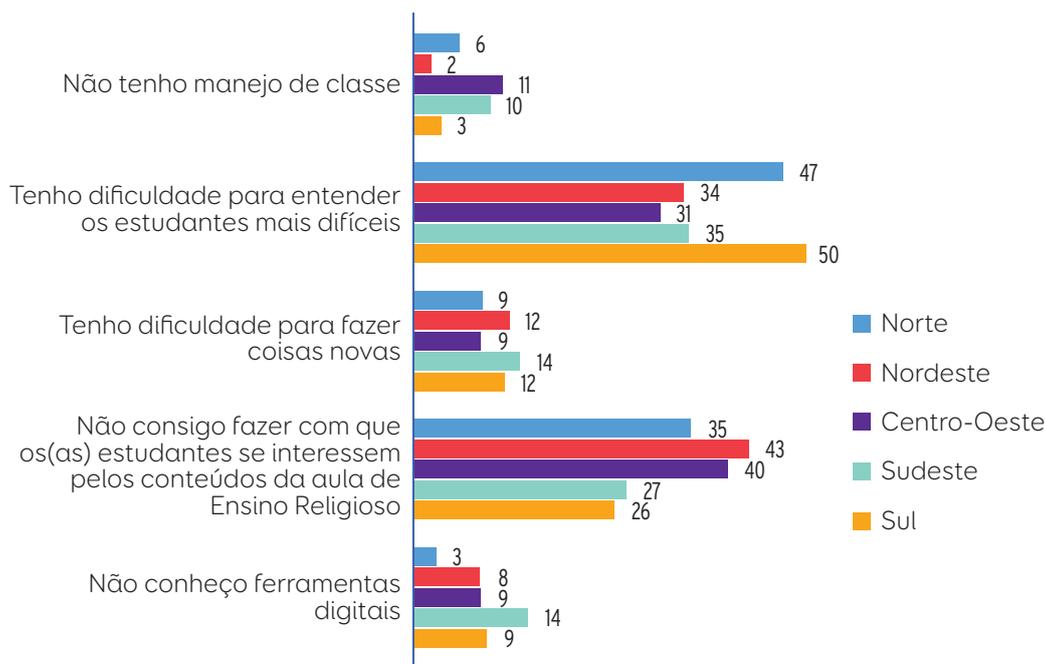
Religioso. O restante das respostas, cerca de um em cada dez ou menos, não parece significativo.

Gráfico 109. Principal dificuldade como professor(a) | Dados totais (%)



Essas tendências de resposta se mantêm tanto nas escolas públicas quanto nas particulares, praticamente sem diferenças significativas. Percebem-se mais diferenças quando os resultados são analisados por regiões. Embora as tendências gerais do país se mantenham em todas as regiões, há diferenças mais perceptíveis nas respostas. Por exemplo, nas regiões Sul e Norte, quase metade afirma ter dificuldade para entender os estudantes mais difíceis. Nas regiões Nordeste e Centro-Oeste, cerca de 40% dos professores afirmam que não conseguem despertar o interesse dos estudantes pelos conteúdos de Ensino Religioso, o que representa uma diferença significativa em relação aos professores das regiões Sul e Sudeste.

Gráfico 110. Principal dificuldade como professor(a) | Dados por região (%)

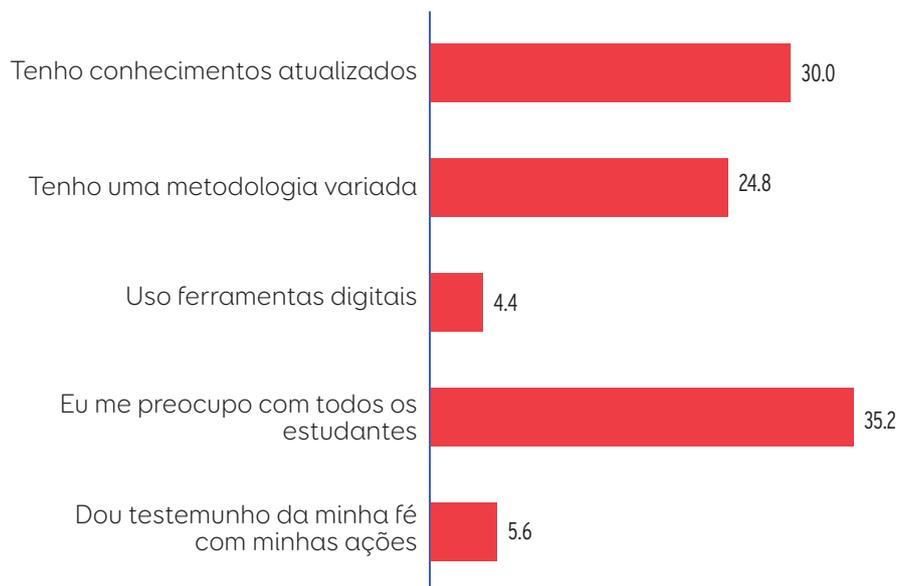


A pergunta sobre as principais dificuldades como professores de Ensino Religioso também foi feita em estudos do ORE em outros países. No Brasil, as respostas indicam que entender os estudantes com mais dificuldades de aprendizagem é uma de suas principais dificuldades, o que coincide com os professores do Peru e da Espanha.

Também perguntamos sobre suas **qualidades** como professores. As respostas foram muito diversificadas novamente. 35,2% respondem que

sua principal qualidade é se preocupar com todos os estudantes. 30% respondem que sua principal qualidade é ter conhecimentos atualizados. E 24,8% apontam suas metodologias variadas como sua principal qualidade. O testemunho de fé não é considerado uma qualidade em sua profissão como professor, apenas 5,6% escolheram essa resposta. Também não avaliam o uso de ferramentas digitais como uma qualidade, apenas 4,4% afirmam isso, apesar de termos visto no início deste capítulo que a grande maioria as utiliza em sala de aula.

Gráfico 111. Principal qualidade como professor(a) | Dados totais (%)



Como nas respostas anteriores, as tendências são as mesmas tanto nas escolas públicas quanto nas particulares, sem diferenças significativas. Analisando os resultados por regiões, os professores do Centro-Oeste são os que menos consideram que sua principal qualidade são conhecimentos atualizados ou uma metodologia variada. Em vez disso, apontam a preocupação com todos os estudantes como sua maior qualidade, assim como os das regiões Sudeste e Sul.

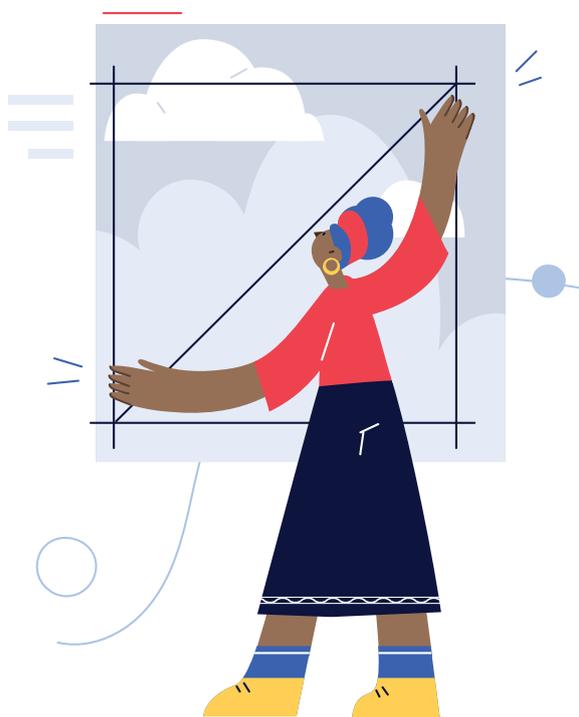
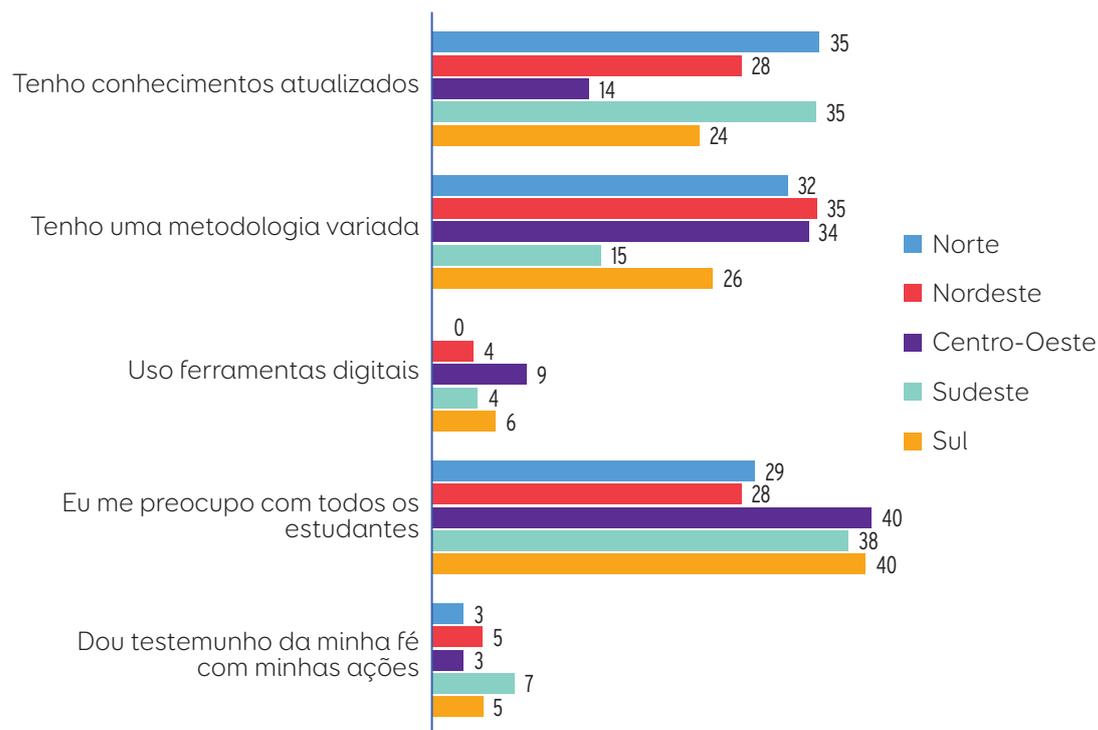


Gráfico 112. Principal qualidade como professor(a) | Dados por região (%)



A pergunta sobre as principais qualidades como professores de Ensino Religioso também foi feita em estudos do ORE em outros países. No Brasil, as respostas indicam que seus conhecimentos e sua preocupação com todos os estudantes são suas maiores qualidades. Na Espanha, a principal qualidade era a preocupação com todos os estudantes; também no Peru, a principal qualidade apontada pelos professores de Ensino Religioso era a preocupação com todos os estudantes. Em ambos os casos, com porcentagens similares às do Brasil.

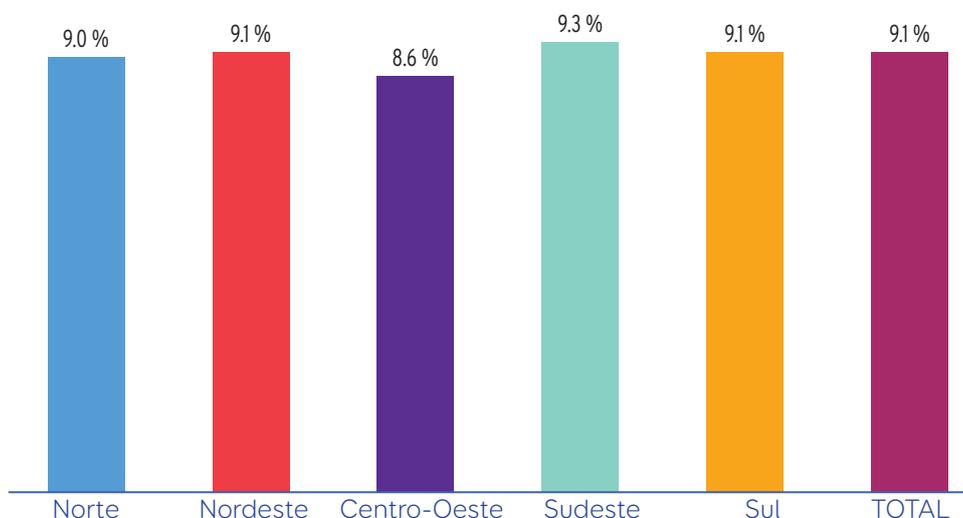
7.4. Avaliação da formação pedagógica dos(as) professores(as)

Para completar nossa pesquisa com professores(as) de Ensino Religioso no Brasil, perguntamos sobre suas percepções sobre sua formação. Em primeiro lugar, quando perguntamos sobre sua formação pedagógica, pedimos que classificassem essa formação entre 1 e 10. Os resultados foram significativamente altos, a classificação média foi de 9,1. Observa-se uma consistência nas respostas, porque essa classificação se manteve em todas as variáveis que analisamos.

Tanto as escolas particulares quanto as públicas mantiveram a classificação de 9,1, portanto, não se observa diferença.

A análise dos resultados por regiões mantém a classificação 9 em todos os casos; somente na região Centro-Oeste cai para 8,6%.

Gráfico 113. Avaliação de sua formação pedagógica para ser professor(a) de Ensino Religioso | Dados por região e total (Média 1-10)

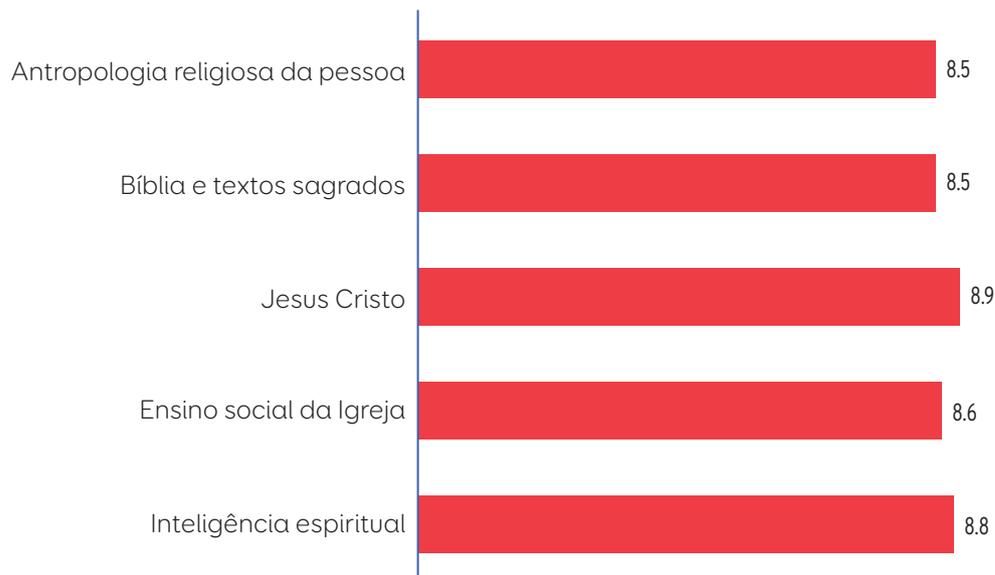


7.5. Avaliação da formação teológica dos(as) professores(as)

Além da formação pedagógica, também perguntamos aos professores sobre sua formação teológica. Pedimos que classificassem sua formação teológica entre 1 e 10. Os resultados foram altos, com médias de classificação que variaram de 8,5 a 8,8, mas um pouco abaixo da formação pedagógica, em que chegavam a 9,1. Também percebemos uma consistência nas respostas, porque essa classificação se manteve tanto nas instituições educacionais quanto nas diversas regiões do país.

Em relação a essa formação teológica, perguntamos sobre alguns dos conteúdos mais específicos do Ensino Religioso nas escolas. As respostas não mostram diferenças substanciais entre esses conteúdos temáticos. Jesus Cristo e a inteligência espiritual têm uma classificação apenas alguns décimos acima de antropologia, textos sagrados e ensino social da Igreja católica.

Gráfico 114. Avaliação de sua formação teológica | Dados totais (Média 1-10)



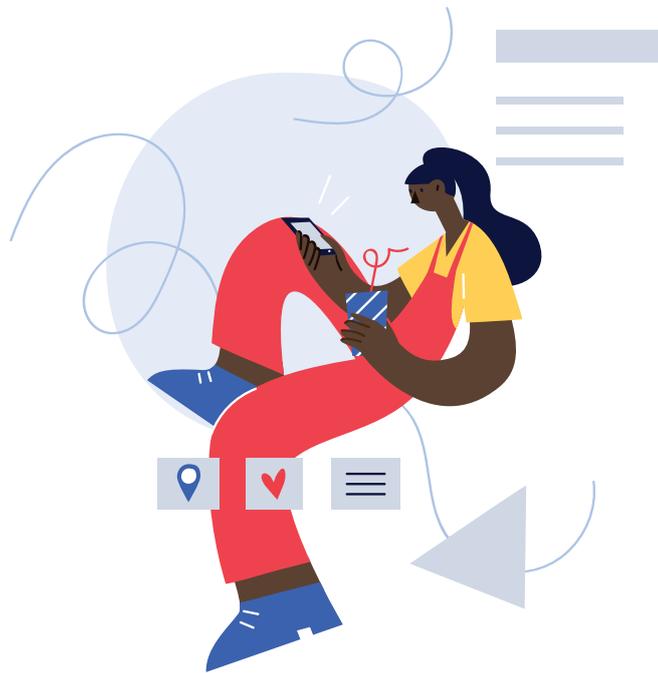
A variável de instituições educacionais não revela diferenças. Analisando os resultados por regiões, também há similaridade em todo o país, sem diferenças significativas nas classificações feitas pelos professores.

Essas perguntas sobre a formação dos professores de Ensino Religioso também foram feitas em estudos do ORE em outros países. No Brasil, as respostas indicam que os(as) professores(as) classificam como excelente, 9,1 de 10, a sua formação pedagógica, e ótima a sua formação teológica, 8,7 de 10.

- Na Espanha, a formação pedagógica é classificada pelos próprios professores como ótima, 8,1 de 10. Em relação à formação teológica sobre aprendizados específicos de Ensino Religioso, os professores também classificam como ótima, com 8,1 de 10. Essas classificações estão ligeira-

mente abaixo de seus colegas brasileiros, mas acima dos peruanos.

- No Peru, a formação pedagógica dos professores de Ensino Religioso é classificada como ótima, 7,7 de 10, na opinião dos próprios professores. Na formação teológica, mantêm a resposta “ótima”, com uma ligeira queda, 7,2 de 10. Essas classificações estão abaixo de seus colegas brasileiros e espanhóis.

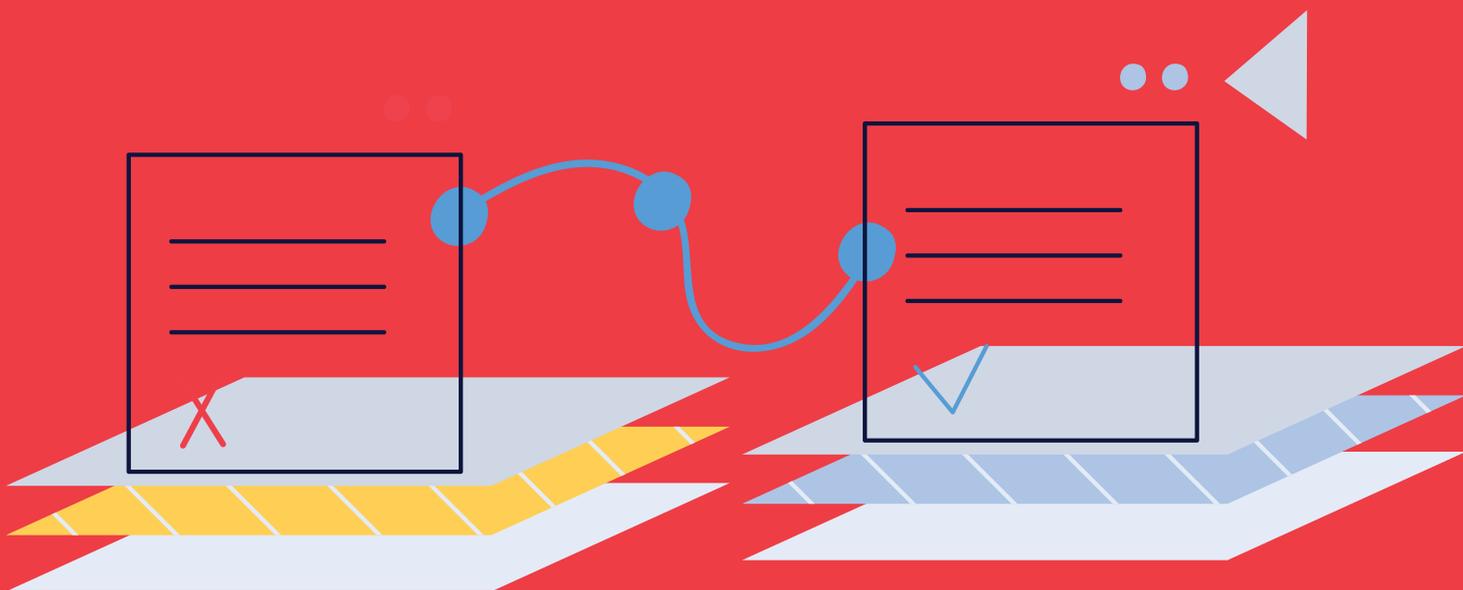


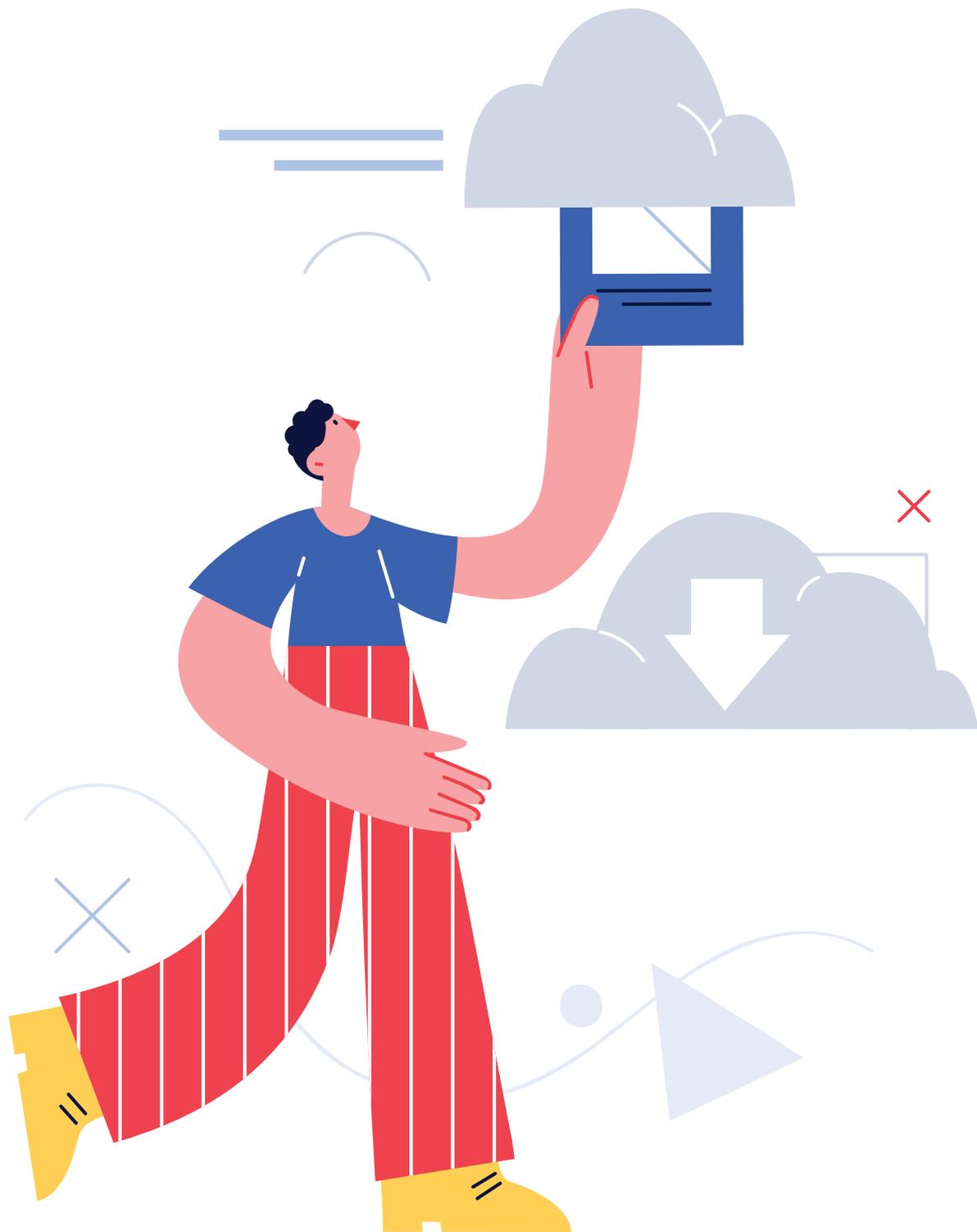


Capítulo 2

Estudantes de Ensino Religioso

1. Introdução	147
2. Alguns traços gerais dos(as) estudantes no Brasil	149
3. Algumas opiniões de estudantes brasileiros(as) sobre educação e Ensino Religioso	160
4. Valorização do Ensino Religioso no currículo escolar	165
5. Contribuições educacionais do Ensino Religioso	176
6. Avaliação dos conteúdos estudados no Ensino Religioso na escola	192
7. Os responsáveis pelo Ensino Religioso	201





1. Introdução

Um objetivo essencial da nossa pesquisa era conhecer com rigor acadêmico as percepções sociais e as avaliações dos estudantes que cursam o Ensino Religioso em instituições educacionais do Brasil. Estávamos particularmente interessados em fazer uma pesquisa com estudantes para conhecer suas percepções sobre o sistema educacional, o Ensino Religioso e seus professores(as).

O grupo-alvo deste estudo eram estudantes do sistema educacional do Brasil que recebem algum Ensino Religioso como parte da matriz curricular. Primeiramente, nos debruçamos sobre os estudantes dos anos finais do Ensino Fundamental, para quem elaboramos um questionário mais curto, dado seu nível de desenvolvimento e o fato de que sua opinião está em pleno processo de amadurecimento. Também nos dirigimos a estudantes do Ensino Médio, com um questionário um pouco mais amplo, devido ao seu maior grau de amadurecimento e próprios critérios. Em ambos os casos, incluímos estudantes de todas as instituições educacionais, particulares e públicas do Brasil, mantendo as proporções da realidade na amostra pesquisada.

Como a prioridade da nossa pesquisa era a percepção do Ensino Religioso, levamos em conta que esta formação é uma realidade muito complexa e diversificada nas instituições educacionais do Brasil. Constatamos que o sistema educacional do Brasil sempre inclui, embora de formas muito diferentes, objetivos e conteúdos de teor religioso, sendo que a realidade muda de acordo com os estados e regiões, as administrações locais e municipais e até mesmo as instituições educacionais. Consequentemente, como todos os estu-

dantes recebem algum tipo de conhecimento na área de Ensino Religioso, seja como componente da matriz curricular ou de forma transversal, todos foram alvo da nossa pesquisa.

Levamos em consideração que, em alguns estados e municípios, e também em algumas instituições educacionais, o Ensino Religioso assume uma configuração curricular como componente específico, com seu próprio programa didático, além dos conteúdos transversais que todos os estudantes recebem no sistema educacional. Assim, era preciso levar em consideração esses estudantes que assistem às aulas de Ensino Religioso, em qualquer uma das instituições educacionais, aos quais dirigimos perguntas diretas e diferentes das gerais.

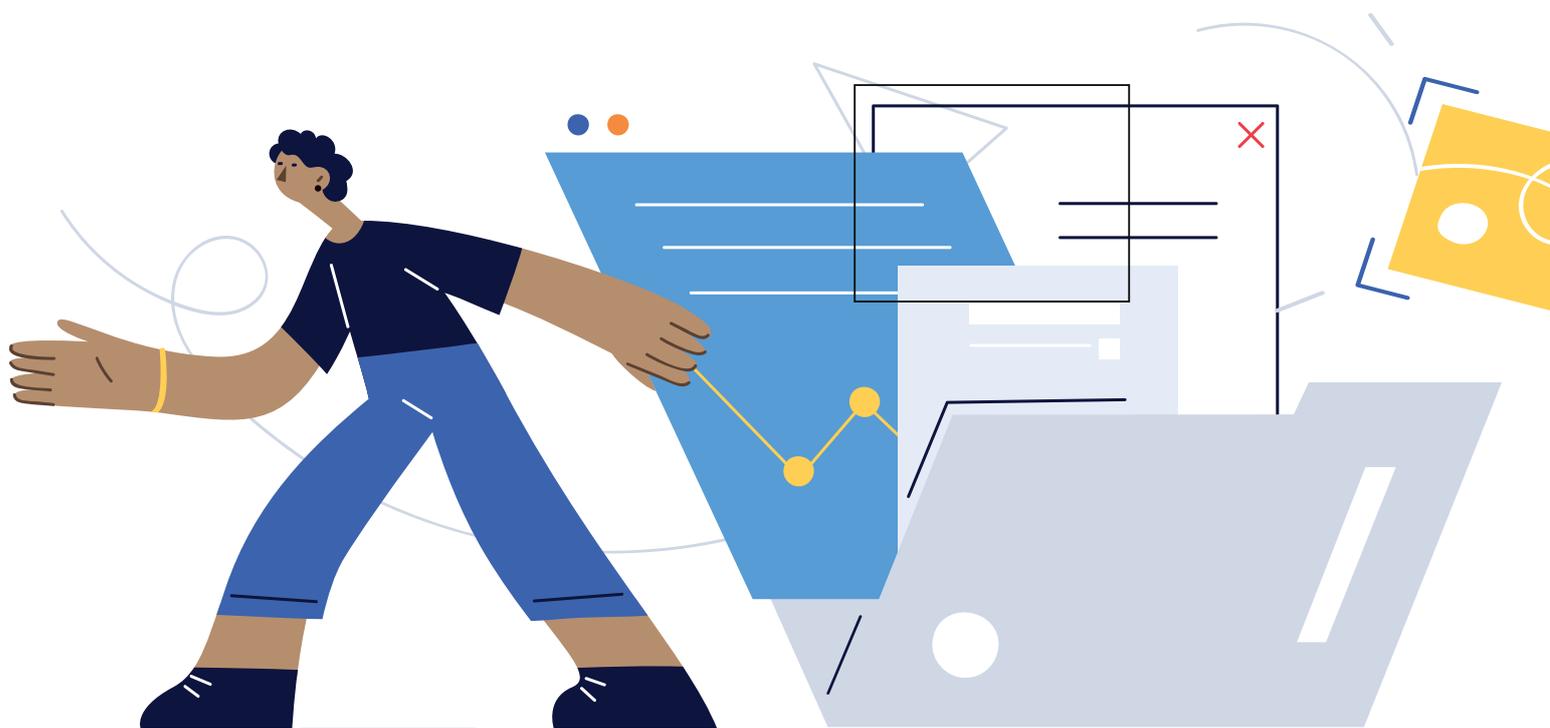
Dessa forma, com as respostas aos nossos questionários, poderemos conhecer as opiniões e avaliações dos estudantes do Ensino Fundamental e do Ensino Médio, em instituições públicas e particulares, sobre o Ensino Religioso, quer assistam ao Ensino Religioso como componente curricular ou recebam esse conteúdo de forma transversal em diferentes áreas da matriz curricular. Os resultados nos permitirão analisar as percepções dos estudantes sobre as contribuições educacionais do Ensino Religioso no sistema educacional.

O questionário começa com algumas perguntas gerais que nos permitem obter alguns dados básicos sobre seu perfil sociológico e religioso; também sondamos inicialmente suas primeiras impressões sobre a realidade religiosa. Perguntamos sobre o funcionamento do sistema educacional e também sobre as responsabilidades na educação. E perguntamos de forma mais ampla sobre

suas percepções em relação ao Ensino Religioso, suas contribuições educacionais, tópicos, conteúdos e, finalmente, sobre os professores e professoras de Ensino Religioso. Em resumo, demos a palavra aos protagonistas do Ensino Religioso para descobrir suas opiniões.

O relatório que apresentamos agora é o resultado da análise das respostas aos questionários descritos e que estão anexados ao final. As conclusões

dessa pesquisa nos fornecerão um panorama muito completo do Ensino Religioso no sistema educacional do Brasil, segundo a perspectiva dos estudantes, o que não tínhamos até agora. A partir daqui, será possível refletir sobre as deficiências e oportunidades que emergem do seu estudo e as áreas de aprimoramento que possam ser identificadas. A metodologia da pesquisa foi explicada na própria nota deste relatório.



2. Alguns traços gerais dos(as) estudantes no Brasil

Para descobrir alguns **dados básicos** sobre o perfil pessoal e sociológico dos estudantes nos quais baseamos nossa pesquisa, fizemos inicialmente algumas perguntas simples. Em nossa amostra, entrevistamos 1.000 estudantes, 69,9% do Ensino

Fundamental e 30,1% do Ensino Médio. Todas as regiões foram representadas proporcionalmente. Em termos de gênero, 82,2% das respostas são de estudantes do sexo feminino e 17,7% masculino.

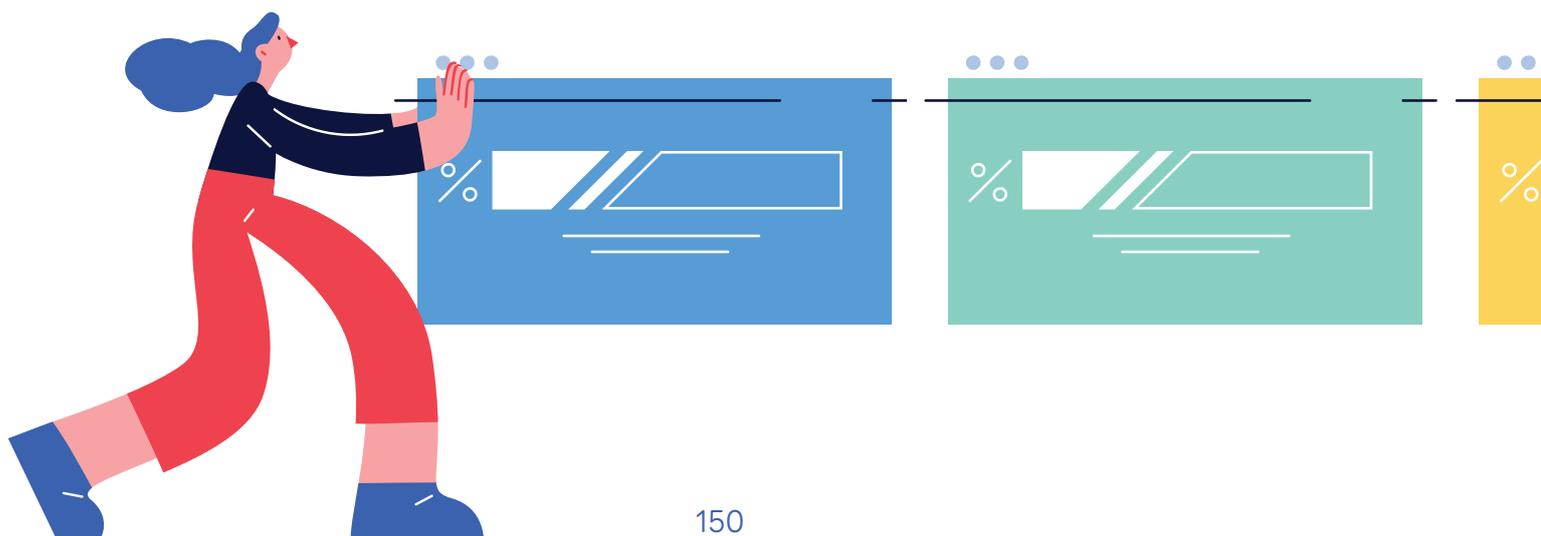
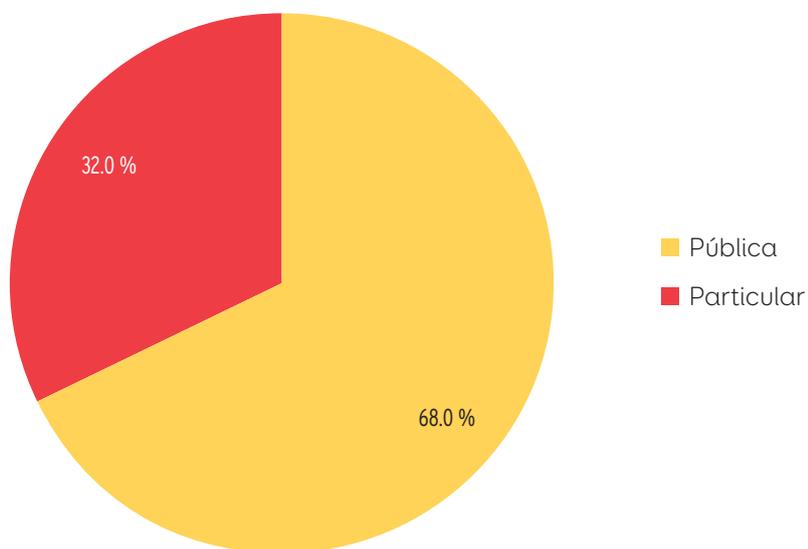
Tabla 1. Distribuição da amostra de alunos

		n	%
Nível educacional	E. Fundamental	699	69,9
	E. Médio	301	30,1
Região	Norte	69	6,9
	Nordeste	262	26,2
	Centro-Oeste	70	7,0
	Sudeste	427	42,7
	Sul	172	17,2
Sexo	Feminino	822	82,2
	Masculino	177	17,7
	NR	1	0,1

Em termos do tipo de **instituição educacional** em que estudam, 68% estudam em escolas públicas, enquanto 32% estudam em escolas particulares, das quais 21,6% são católicas. Se levarmos em conta a variável de nível de ensino, mais estudantes estudam em instituições particulares cató-

licas no Ensino Médio (36,6%) do que no Ensino Fundamental (12,2%). Logicamente, os estudantes de instituições públicas são majoritários no Ensino Fundamental (87,8%) do que no Ensino Médio (63,4%).

Gráfico 1. Tipo de instituição | Dados totais

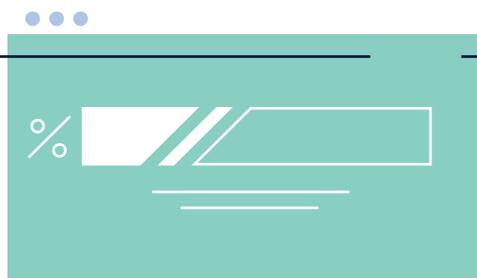
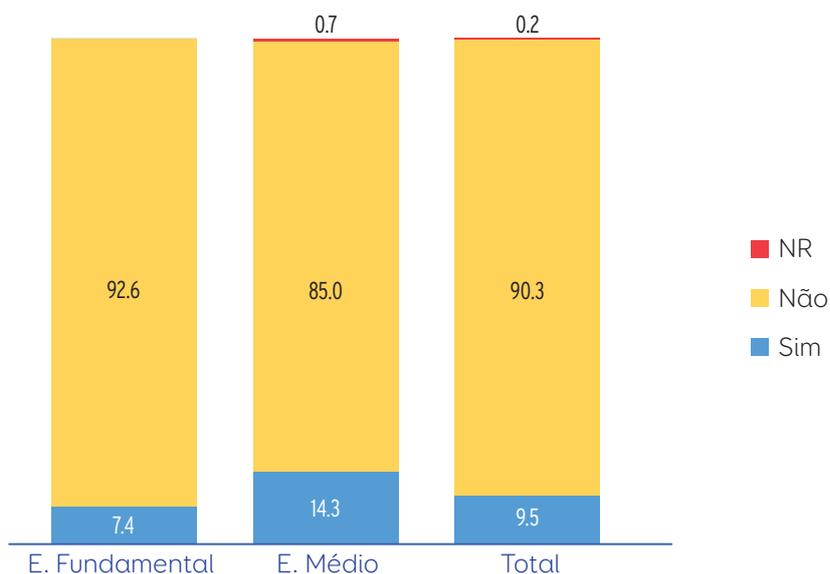


2.1. Perfil social dos(as) estudantes

Além desses dados iniciais, para traçar o perfil dos(as) estudantes, perguntamos sobre suas associações, tanto dentro quanto fora da escola. As respostas revelam uma **baixa participação dos estudantes** na vida de grupos e associações

dentro da própria instituição educacional, apenas 10%. Se levarmos em consideração o nível educacional, apenas 7,4% dos estudantes do Ensino Fundamental participam da vida associativa da escola, enquanto os estudantes do Ensino Médio dobram essa porcentagem e chegam a 14,3%.

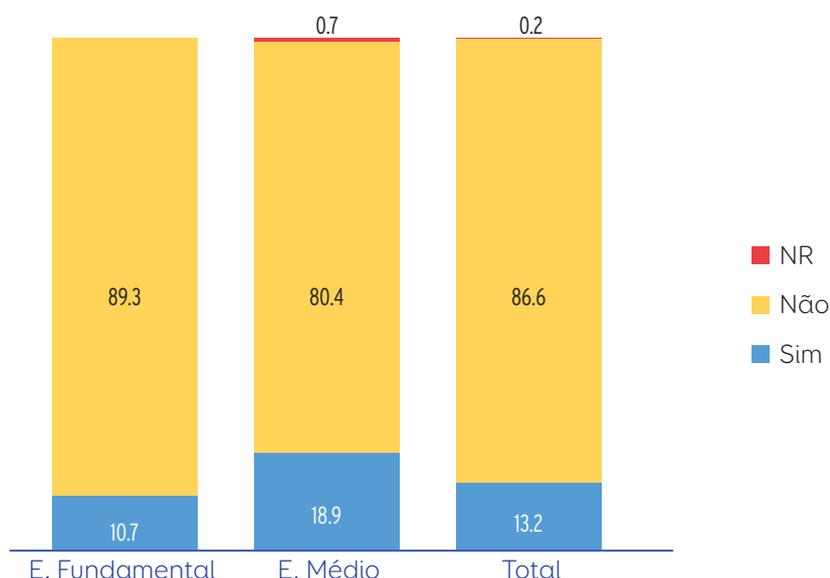
Gráfico 2. Participação dos alunos em algum grupo ou associação dentro da escola | Dados totais e por nível educacional (%)



Também perguntamos sobre sua participação em **grupos ou associações fora da escola** e, neste caso, observamos uma participação maior, alcançando 13,2%, sem chegar a ser um dado significativo. Em termos de idade, os estudantes do Ensino Médio também superam (18,9%) os do Ensino

Fundamental no que se refere à participação (10,7%). Com a variável de instituições educacionais, os dados também mostram uma participação maior nas escolas públicas (15%) em comparação com as escolas particulares (9,4%).

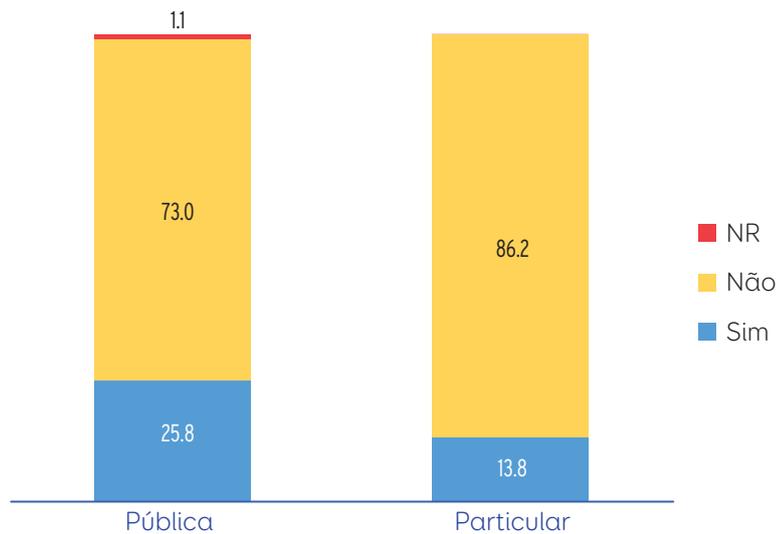
Gráfico 3. Participação dos(as) estudantes em qualquer grupo ou associação fora da escola | Dados totais e por nível educacional (%)



Além disso, acrescentamos uma pergunta sobre seu **compromisso de voluntariado** só a estudantes de Ensino Médio. As respostas mostram que um em cada cinco estudantes tem um compromisso de voluntariado (20,9%), um indicador que mostra que os(as) jovens, em seu tempo livre, envolvem-se em compromissos que melhoram a vida de todos.

A análise dos resultados com a variável de instituições educacionais mostra que os(as) estudantes de escolas públicas quase dobram (25,8%) os de escolas particulares (13,8%) em seu compromisso de voluntariado.

Gráfico 4. Participação em algum tipo de voluntariado | Porcentagens totais do E. Médio e por tipo de instituição



Outra questão da nossa entrevista perguntava aos estudantes se estariam “dispostos a se comprometer a tornar possível um mundo mais justo”. As respostas revelam que até 93% dos estudantes estariam dispostos. Somente 1% respondeu negativamente. A variável de instituições educacionais mostra diferenças pouco significativas, de apenas alguns decimais. Trata-se de uma pergunta formulada somente a estudantes do Ensino Médio.

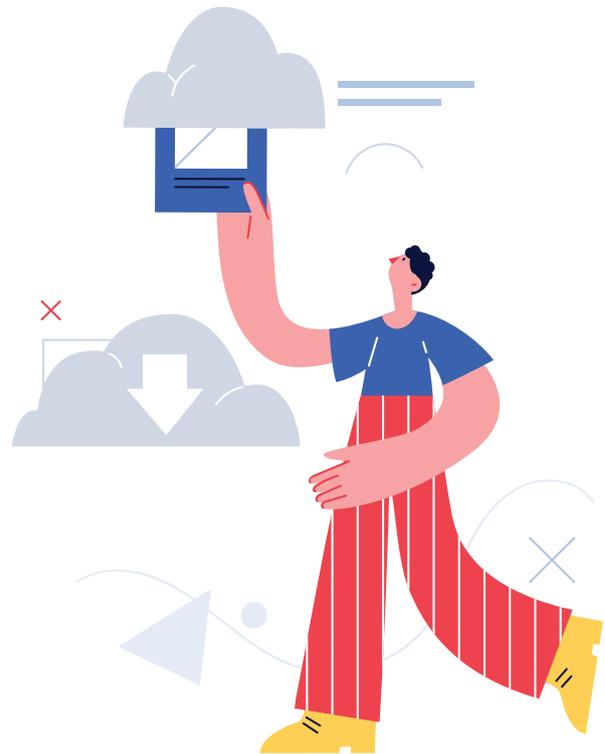
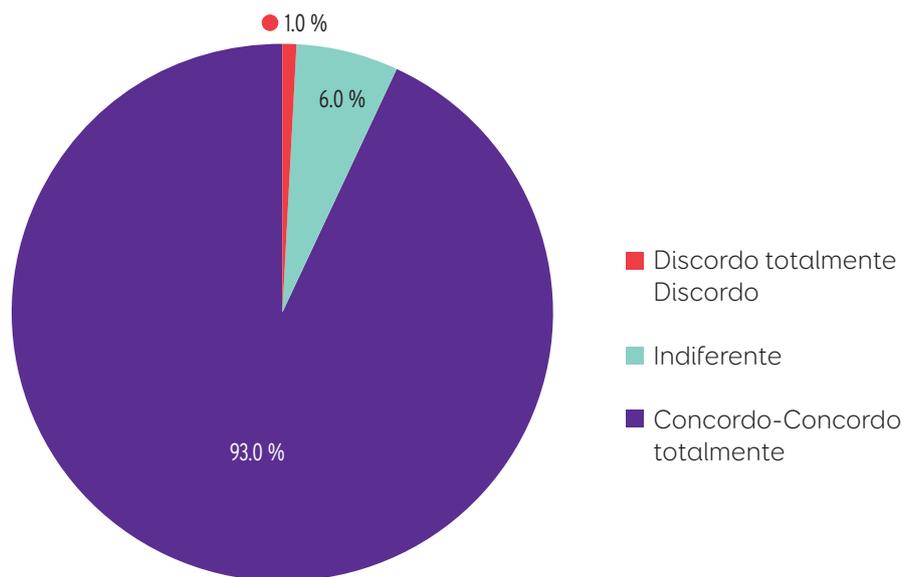


Gráfico 5. Estou disposto a me comprometer para tornar possível um mundo mais justo | Dados totais



2.2. Perfil religioso dos(as) estudantes brasileiros(as)

Para completar esses dados básicos sobre os(as) estudantes, perguntamos como se classificam do ponto de vista religioso e como é sua prática religiosa. Quanto à **sua definição religiosa**, dois em cada três estudantes se declaram católicos (66,3%), evangélicos (14,8%), de outras religiões (10,2%) e apenas 1,7% são ateus; 6,6% se declaram indiferentes.

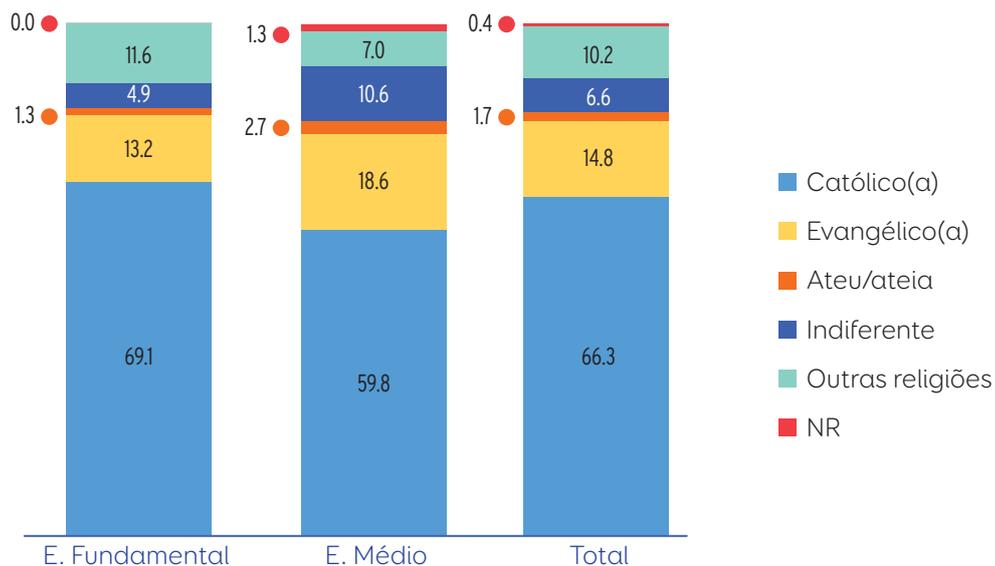
A conclusão dessa resposta é muito clara: 91% dos estudantes brasileiros afirmam que acreditam em Deus e/ou noutra(s) divindade(s), levando em consideração a diversidade de crenças e religiões, embora haja uma clara predominância de católicos.

Do ponto de vista das instituições educacionais, os resultados não são diferentes na porcentagem de

católicos, a diferença é de apenas dois pontos percentuais. Observa-se um ligeiro aumento de estudantes de outras religiões nas escolas particulares (13,1%) em comparação com as escolas públicas (8,8%); e uma ligeira diminuição de estudantes evangélicos nas escolas particulares (12,2%) em comparação com as escolas públicas (16%).

Com relação às diferenças por idade, os estudantes do Ensino Fundamental são católicos (69,1%), nove pontos a mais do que os do Ensino Médio (59,8%). Essa tendência se inverte no caso de estudantes evangélicos, cuja porcentagem é maior no Ensino Médio (18,6%) do que no Ensino Fundamental (13,2%). Com o avanço da idade, a porcentagem de indiferentes aumenta, dobrando do Fundamental (4,9%) para o Médio (10,6%), mas isso não acontece com os que se declaram ateus, que só passam de 1,3% para 2,7%, portanto, é uma diferença pouco significativa.

Gráfico 6. Como você se classifica em termos religiosos? | Percentagens totais e por nível educacional



Os resultados dessa pergunta mostram que mais de um terço dos estudantes tem uma prática religiosa muito frequente ou frequente (36,1%), enquanto outro terço diz ter uma prática pouco frequente (33,9%). A soma dessas respostas representa 70% de alguma prática religiosa por parte dos estudantes que declararam acreditar em Deus e/ou noutra(s) divindade(s), até 91%. Embora quase um terço tenha respondido que não tem prática religiosa frequente, levando em consideração sua idade e estágio de amadurecimento, os resultados gerais confirmam um perfil bastante religioso entre os estudantes do Brasil.

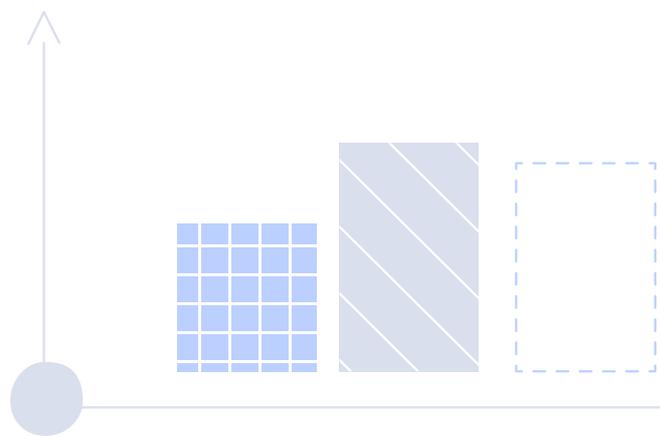
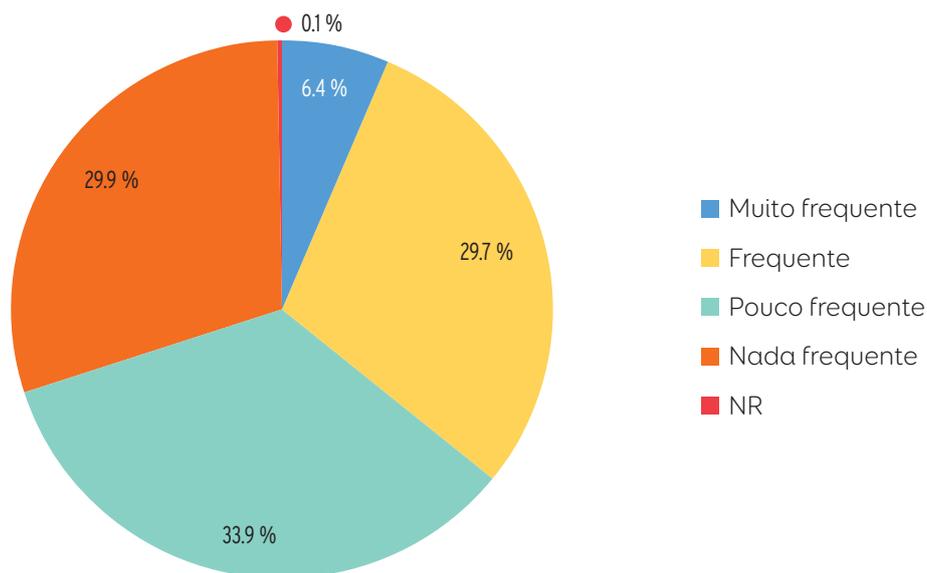


Gráfico 7. Sua prática religiosa é: | Dados totais



Essa pesquisa sobre como os estudantes se definem em suas crenças religiosas também fez parte do estudo realizado pelo Observatório da Religião na Escola no Peru, em 2021. No Peru, a porcentagem de estudantes que se declararam católicos foi muito semelhante (70%) à do Brasil (66%); os estudantes de outras igrejas/religiões lá eram 21%, enquanto aqui os evangélicos são 15%, aos quais deve-se somar 10% de outras religiões.

No mesmo relatório, realizado na Espanha, em 2020, os dados revelaram que 68% dos estudantes se consideravam católicos, apenas 3% professavam outras religiões, mas, como novidade, 11% responderam que eram ateus e 17% se declararam indiferentes.

2.3. Estudantes e Ensino Religioso

O Ensino Religioso é uma realidade nas instituições educacionais do Brasil. Em todos os estados e regiões, alguns objetivos e conteúdos sobre o fenômeno religioso são levados em consideração; esse é, sem dúvida, o dado fundamental que deve ser destacado. No entanto, sua **configuração curricular é extremamente diversa** em cada região, em cada estado e também nas administrações locais e municipais; por exemplo, nem em todos os estados ou municípios o Ensino Religioso forma uma área específica com programação curricular em todos os anos/séries de ensino, pois seus conteúdos estão incluídos transversalmente no conjunto de áreas e componentes curriculares do sistema educacional.

Nossa pesquisa buscou a **percepção de todos os estudantes** sobre os conteúdos de Ensino Religioso e seu impacto na formação. O grupo-alvo foi, portanto, todos os estudantes do Ensino Fundamental e do Ensino Médio. Dessa forma, os resultados do estudo refletirão a realidade de todos os estudantes em relação ao Ensino Religioso.

No entanto, como em vários estados, municípios e em algumas instituições educacionais particulares o Ensino Religioso forma um componente curricular com sua programação, era pertinente pesquisar quantos estudantes cursam Ensino Religioso nesta modalidade explícita de área de conhecimento.

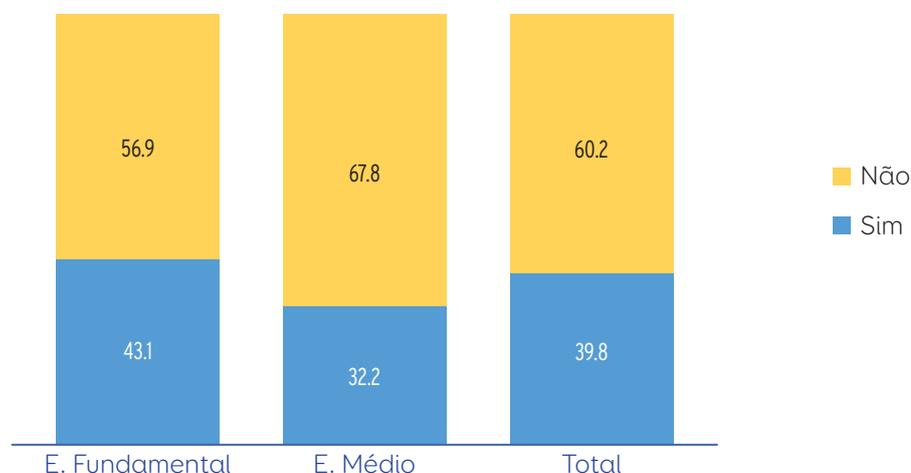
Os resultados sobre essa questão revelam que 40% dos estudantes brasileiros participam de modelos curriculares com **uma área específica**

de Ensino Religioso, enquanto a maioria, 60%, recebe conhecimentos religiosos de forma transversal.

Observam-se algumas diferenças nos níveis educacionais de até 11 pontos percentuais: no Ensino Fundamental, 43,1% dos estudantes têm o componente curricular de Ensino Religioso, enquanto no Ensino Médio esse número cai para 32,2%.

Quando os resultados são analisados com a variável de instituições educacionais, não são observadas discrepâncias significativas; a diferença percentual é de um ponto. Portanto, pode-se concluir que o tipo de instituição educacional, particular ou pública, não é um fator relevante no que tange à organização do Ensino Religioso no Brasil.

Gráfico 8. Assistência ao Ensino Religioso | Dados totais e por nível educacional (%)



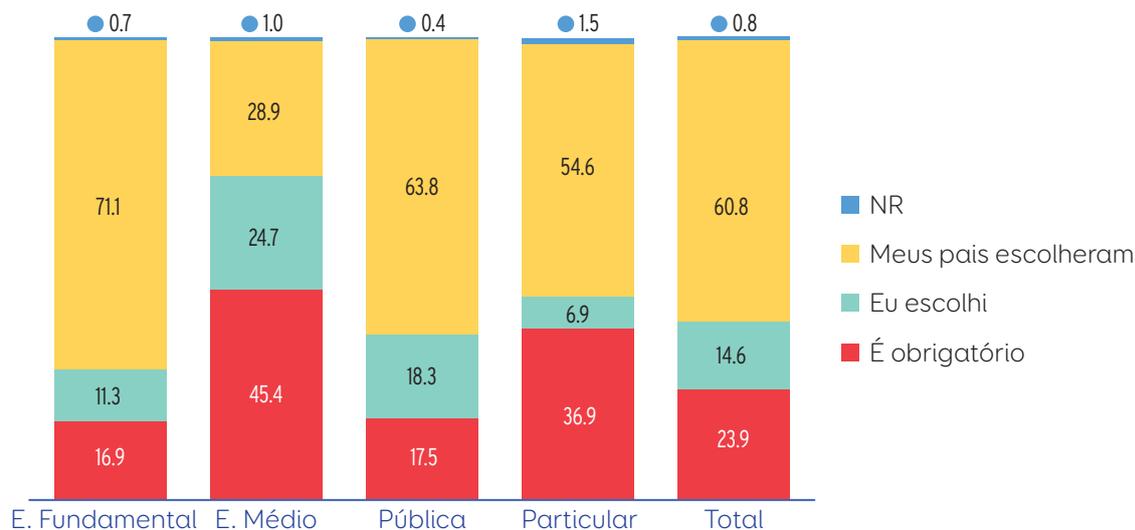
Para completar essa descrição do Ensino Religioso no sistema educacional brasileiro, perguntamos apenas aos estudantes que cursam um componente específico de Ensino Religioso sobre seus

motivos para assistir a essa aula. A resposta obtida nos parece coerente, pois a maioria diz que é uma formação que seus pais escolheram (60,8%).

Essa percepção é muito maior, como esperado, entre os(as) estudantes do Ensino Fundamental (71,1%) do que no Ensino Médio (28,9%). A segunda resposta mais escolhida foi a de que o Ensino Religioso era obrigatório na escola (23,9%); neste resultado, como era de se esperar, devido a uma idade mais avançada, a maioria corresponde ao Ensino Médio (45,4%) comparado ao Ensino Fundamental (16,9%). A percepção de que são os próprios estudantes que escolheram esse tipo de ensino é afirmada por apenas 14,6%, sendo que a porcentagem é o dobro em estudantes do Ensino Médio em comparação com os do Ensino Fundamental.

A análise das respostas com a variável do tipo de instituição revela alguns dados que consideramos previsíveis. A percepção do Ensino Religioso como componente curricular obrigatório é significativamente maior em instituições particulares (36,9%) do que em públicas (17,5%). Por outro lado, nas escolas públicas, predomina a percepção de ser uma escolha dos pais (63,8%), em comparação com as escolas particulares (54,6%); nessas escolas públicas, a percepção de ser uma escolha dos próprios estudantes também é claramente maior (18,3%), em comparação com a resposta dos alunos das escolas particulares (6,9%).

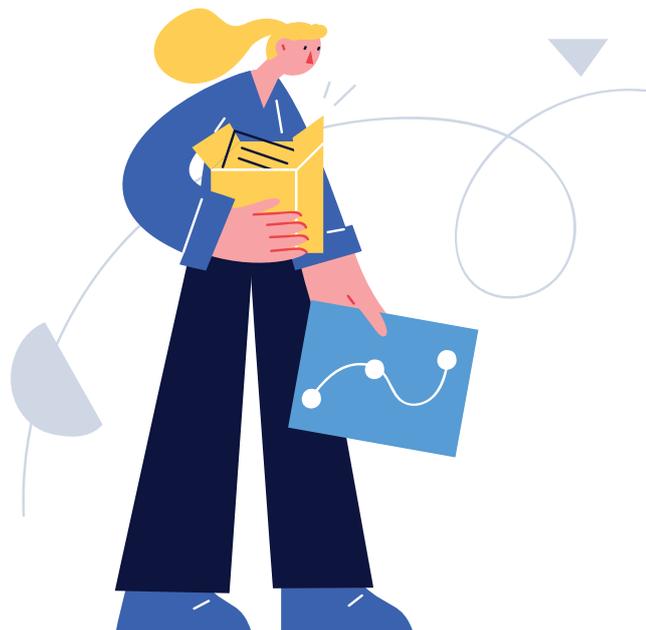
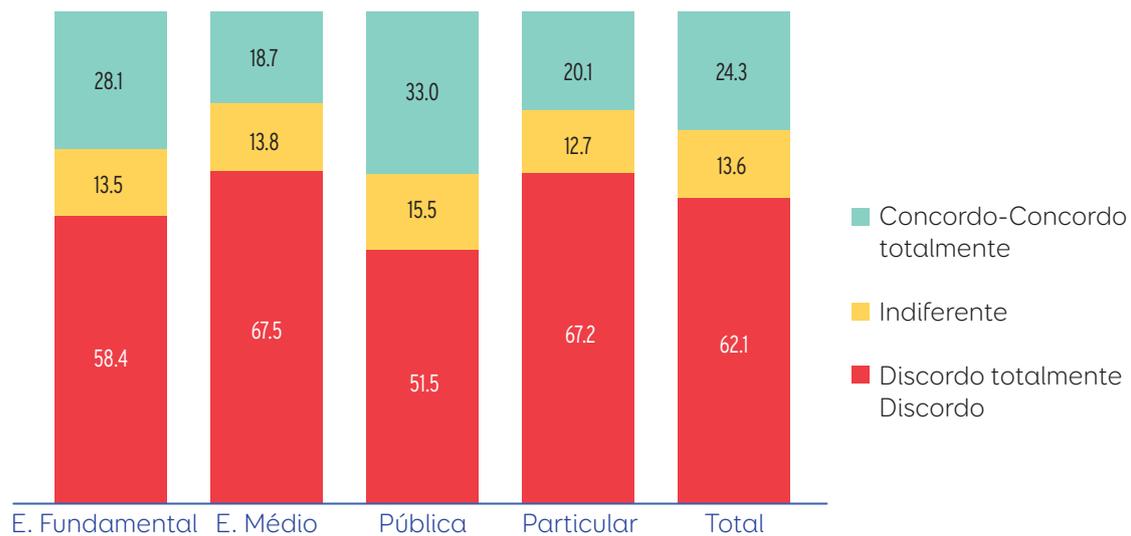
Gráfico 9. Você está na aula de Ensino Religioso porque: | Dados totais



Também perguntamos aos estudantes do Ensino Médio se o componente curricular de Ensino Religioso de Ensino Religioso **deveria ser obrigatória para todos**. A maioria discordou, 62,1% discordam ou discordam totalmente. Somente um em cada quatro estudantes respondeu afirmativamente. Se a variável instituição educacional for levada em

consideração, as respostas mantêm essa tendência, com 58,4% das escolas públicas expressando oposição à obrigatoriedade do Ensino Religioso, mas nas escolas particulares essa resposta chega a 67,5%. Essa posição contra a obrigatoriedade se mantém mesmo entre os(as) estudantes que cursam o Ensino Religioso (51,5%).

Gráfico 10. O Ensino Religioso deve ser obrigatório para todos os estudantes | Dados totais, por tipo de instituição e frequência no Ensino Religioso (%)



3. Algumas opiniões de estudantes brasileiros(as) sobre educação e Ensino Religioso

Além desses dados iniciais sobre o perfil sociológico dos estudantes brasileiros em relação ao Ensino Religioso, nosso próximo objetivo era descobrir sua percepção sobre algumas questões gerais sobre a educação e o sistema educacional; também fizemos algumas perguntas gerais sobre a presença da Igreja Católica na educação. Essas perguntas foram feitas apenas a estudantes do Ensino Médio, já que seriam muito complexas e abstratas para estudantes do Ensino Fundamental.

3.1. Sobre a primeira responsabilidade na educação

Uma questão que abordamos com os(as) estudantes, assim como fizemos com as famílias e os professores, foi sobre quem são os **primeiros responsáveis pela educação**. A análise das respostas revela um resultado muito diferente daquele obtido com as famílias e os(as) professores(as), em que a primeira responsabilidade pela educação era claramente dos pais e das mães.

No caso dos estudantes, apenas 40,2% responderam que essa primeira responsabilidade é das

famílias, enquanto uma porcentagem muito parecida (37,5%) afirmou que é responsabilidade do Estado. Há também outra porcentagem de quase um em cada cinco (19,3%) que considera seus professores como os primeiros responsáveis. Por fim, o fato de apenas 3% terem respondido que não sabiam indica que, embora sejam menores de idade, são estudantes mais velhos que já têm um discernimento inicial sobre essas questões.

A variável de instituições educacionais também revela resultados não muito previsíveis. Os estudantes de escolas particulares acreditam que a educação é responsabilidade das famílias em número significativamente menor (29,3%) do que os de escolas públicas (47,8%). Mais estudantes de escolas particulares (39%) do que de escolas públicas (36,5%) consideram o Estado como o primeiro responsável pela educação. Mais previsível parece ser a resposta que coloca os(as) professores(as) como os primeiros responsáveis pela educação, como percebido por 30,1% dos estudantes de escolas particulares, enquanto apenas 11,8% de escolas públicas.

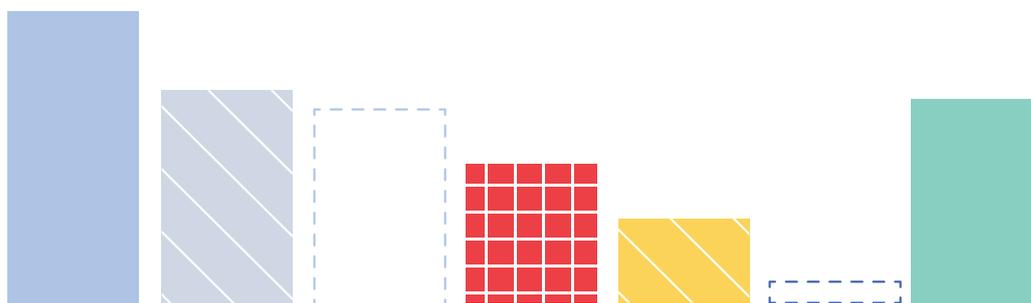
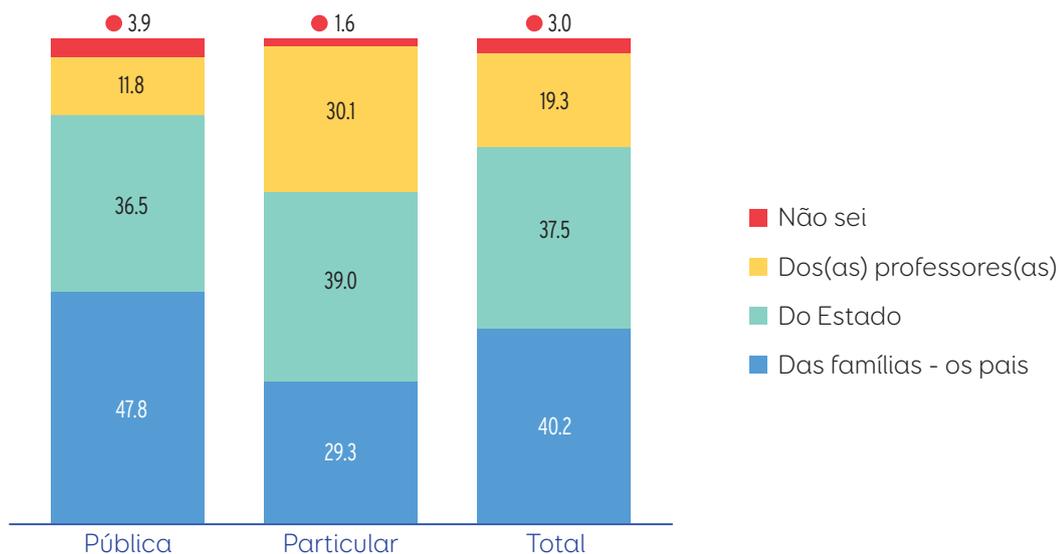


Gráfico 11. Quem é o principal responsável pela educação? | Dados totais e por tipo de instituição (%)



Essas respostas dos estudantes brasileiros divergem da percepção das famílias e dos professores, que claramente consideram as famílias como as primeiras responsáveis pela educação de seus filhos. Mas também divergem da percepção dos estudantes em outros países onde Observatório da Religião na Escola realizou pesquisas como esta. Por exemplo, no estudo do Peru de 2021, 85% das respostas dos estudantes do Ensino Médio consideravam as famílias como as primeiras responsáveis; na pesquisa da Espanha de 2020, 73% dos estudantes do Ensino Médio consideravam as famílias como as primeiras responsáveis pela educação, somente 19,5% responderam que a responsabilidade principal era do Estado, enquanto apenas 6,4% consideravam os professores como os primeiros responsáveis.

3.2. Sobre o sistema educacional

Quanto às opiniões dos estudantes sobre o **funcionamento do sistema educacional**, mais uma vez apenas os do Ensino Médio foram perguntados, metade dos estudantes “reprova” o funcionamento do sistema educacional brasileiro: 50,8% discordam ou discordam totalmente da afirmação de que “o sistema educacional funciona bem, no geral”. 42,5% concordam ou concordam totalmente.

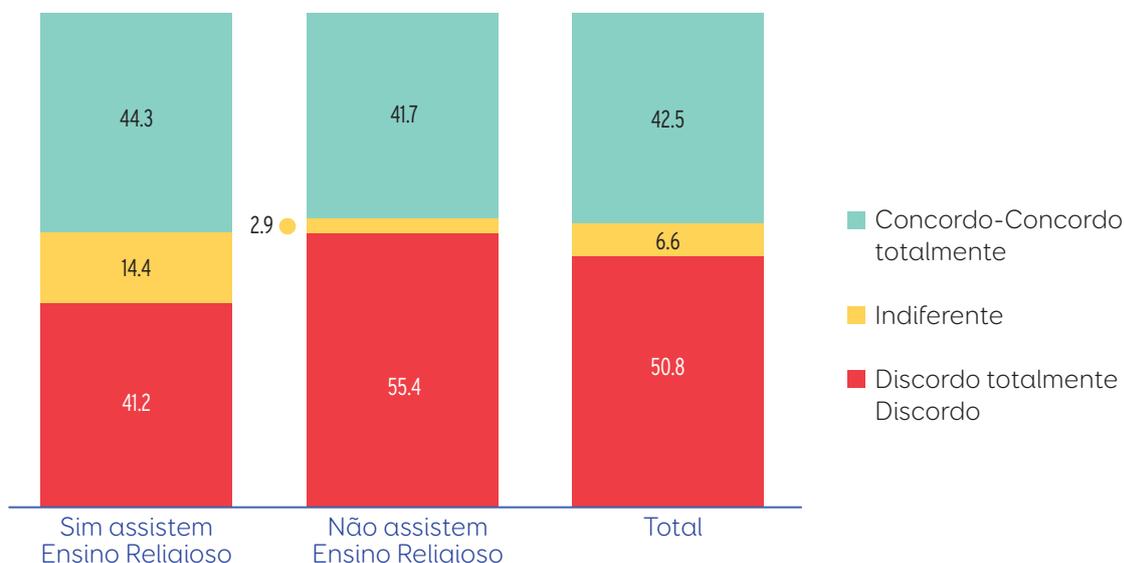
Essas respostas mostram pouca variação quando analisadas com a variável de instituição educacional. A porcentagem dos que discordam de “o sistema educacional funciona bem” continua próxima da metade: 52,8% no caso de escolas particulares, 49,4% no caso de escolas públicas; os que concordam que o sistema educacional fun-

ciona bem se mantém em ambos os casos em dois de cada cinco casos.

Os resultados dessa pergunta, se levarmos em consideração os estudantes que assistem à aula de Ensino Religioso, são um pouco mais favoráveis

ao sistema educacional: a porcentagem dos que “reprovam” o sistema educacional cai para 41,2%. Os alunos que não assistem à aula de Ensino Religioso reprovam o sistema educacional em 55,4% dos casos.

Gráfico 12. O sistema educacional funciona bem, em termos gerais | Dados totais e por assistência ao Ensino Religioso (%)



3.3. Sobre as instituições religiosas na sociedade

Para completar este grupo de perguntas feitas aos estudantes sobre a educação e o sistema educacional, também analisamos sua percepção sobre as instituições religiosas na sociedade. Em ambos os casos, dirigimos as perguntas somente a estudantes do Ensino Médio.

Uma das perguntas enfocava sua avaliação sobre as **contribuições das religiões para a sociedade**. Mais da metade dos estudantes (56,5%)

considera importante a contribuição das instituições religiosas para a sociedade; um em cada quatro discorda dessa afirmação (25,2%) e quase um em cada cinco afirma que é indiferente (18,3%).

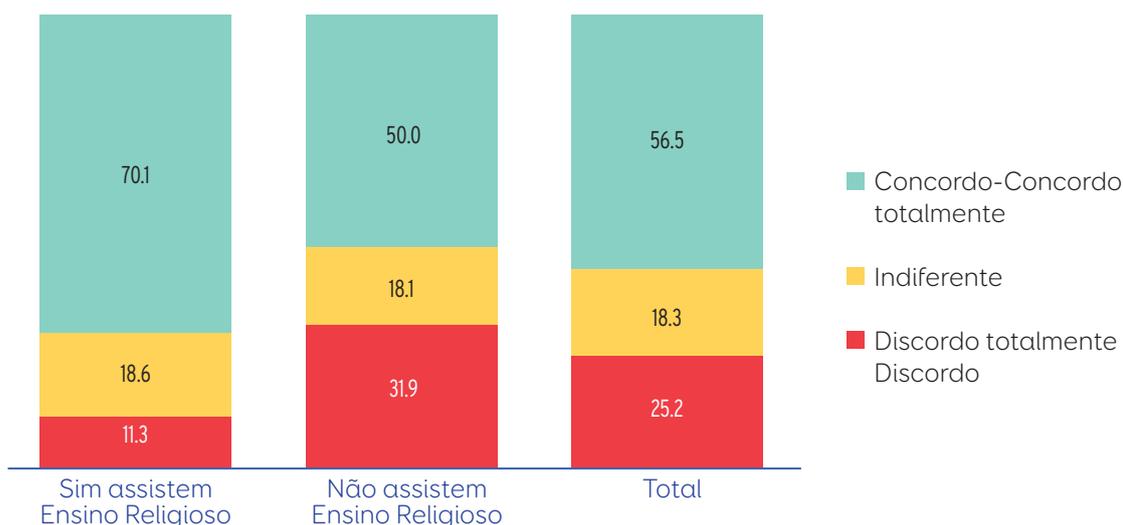
A análise dessa percepção dos estudantes com a variável das instituições educacionais não mostra mudanças substanciais. Somente nos estudantes de escolas públicas percebe-se alguma mudança, pois sua avaliação das contribuições das religiões para a sociedade aumenta de 56% para 59%, enquanto em escolas particulares essa porcentagem cai para 53%. Chama a atenção o fato de que

são os(as) estudantes de instituições públicas os que mais valorizam a contribuição das religiões, já que a iniciativa de muitas instituições particulares vem das próprias religiões.

A diferença mais significativa encontra-se nos estudantes de Ensino Religioso, cuja avaliação das contribuições das religiões para a sociedade sobe para 70%, vinte pontos percentuais a mais do que

os estudantes que não assistem às aulas de Ensino Religioso. Além disso, em consonância com essas respostas, os estudantes que discordam dessa afirmação caíram para 11%. A partir dessas respostas, pode-se concluir que os aprendizados da área de Ensino Religioso ajudam a transmitir o trabalho social das igrejas ou religiões presentes na sociedade, o que faz com que sejam valorizados pelos estudantes.

Gráfico 13. Eu acho muito importante o que as religiões trazem para a sociedade | Dados totais e por assistência ao Ensino Religioso (%)

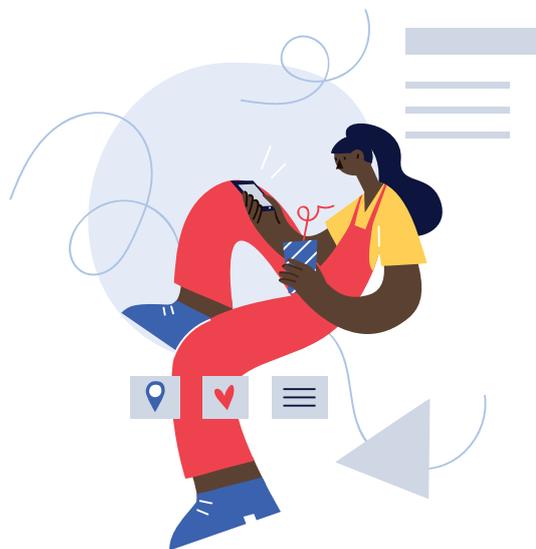
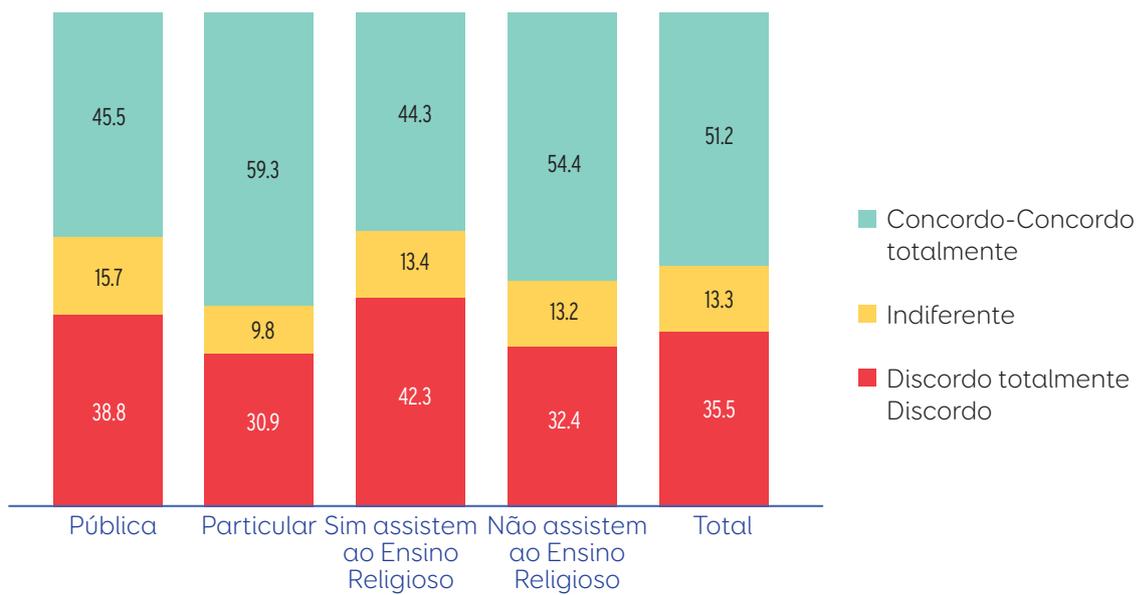


Também perguntamos aos estudantes se “as instituições religiosas são organizações que não se conectam com os jovens”. Bem, metade (51,2%) diz concordar ou concordar totalmente com essa afirmação. Pouco mais de um terço (35,5%), isto é, a grande maioria dos que se posicionam sobre a questão, discorda, e apenas 13,3% se definem como indiferentes.

Chama a atenção o fato de que os(as) estudantes de escolas particulares, porque muitas delas são

justamente iniciativas de instituições religiosas, sejam os que mais concordam com a afirmação de que as religiões não se conectam com os jovens, com a porcentagem geral de 51% subindo para 59%, treze pontos percentuais a mais do que os estudantes de escolas públicas (46%). Essas diferenças se mantêm, com uma diferença menor, entre os estudantes que assistem às aulas de Ensino Religioso e valorizam a contribuição das religiões (54%) em comparação com os que não assistem (44%).

Gráfico 14. As instituições religiosas são organizações que não se conectam com os jovens | Dados totais, por tipo de instituição e por assistência ao Ensino Religioso (%)



4. Avaliação do Ensino Religioso na matriz curricular

Um objetivo prioritário de nosso estudo era conhecer as avaliações dos estudantes sobre o Ensino Religioso no sistema educacional, quer tenham um componente curricular específico ou recebam esses conteúdos de forma transversal. Por isso, um grande grupo de perguntas do nosso questionário indagava o grau de concordância sobre muitas afirmações relacionadas ao Ensino Religioso e sua avaliação. Os resultados do estudo revelam uma **avaliação boa**, em geral, do **Ensino Religioso** por parte dos estudantes.

Primeiro, veremos seu interesse e valorização do Ensino Religioso e suas principais motivações para tal valorização; em seguida, analisaremos os motivos dessa valorização; depois, concentraremos nossas perguntas nas contribuições educacionais do Ensino Religioso.

4.1. Os(as) estudantes gostam e estão interessados(as) no Ensino Religioso

A primeira pergunta que fizemos aos alunos era se, “em geral, gostam da área de Ensino Religioso”. As respostas revelam que a grande maioria gosta. Os dados gerais revelam que 70,1% dos estudantes afirmam que **gostam das aulas de Ensino Religioso**. Apenas 11,8% discordam ou discordam totalmente dessa afirmação, e 18,1% são indiferentes.

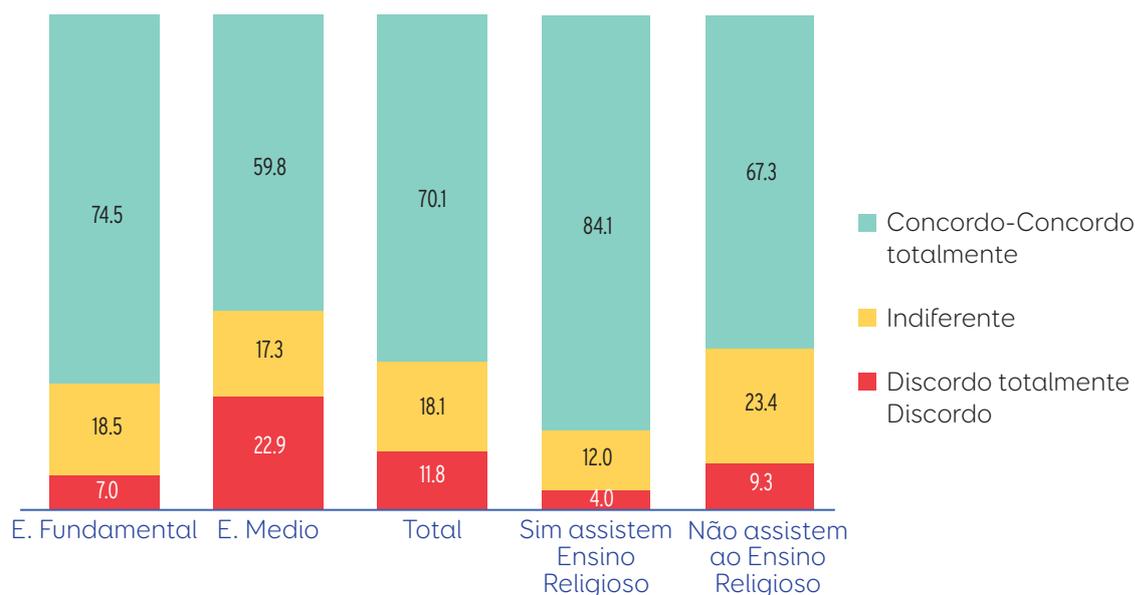
A análise dessas respostas com a variável de nível de escolaridade mostra, como era de se esperar,

uma maior valorização do Ensino Religioso no Ensino Fundamental (74,5%) em comparação com o Ensino Médio (59,8%), abrindo uma diferença de quinze pontos percentuais. Há também uma maior valorização das instituições particulares (73,1%) em comparação com as instituições públicas (68,7%), mas não é uma diferença substancial.

Observa-se uma maior valorização do Ensino Religioso entre os estudantes que recebem essa formação em um componente curricular específico. Nos estudantes do Ensino Fundamental, essa avaliação positiva chega a 84,1%, significativamente maior do que a dos que recebem essa formação de forma transversal (67,3%). Essa valorização diminui no Ensino Médio, com uma redução da diferença entre os que assistem às aulas de Ensino Religioso (63,9%) e os que não assistem (57,8%).

Assim, nesta resposta, observamos uma descoberta importante para nossa pesquisa, porque perguntamos como os estudantes avaliam o Ensino Religioso e obtivemos uma resposta muito positiva em geral. 70% dos estudantes afirmam que gostam do Ensino Religioso que recebem nas instituições educacionais. Trata-se de um bom indicador, consistente com outras respostas dos próprios estudantes e também com a avaliação positiva dessa formação por parte das famílias e dos professores.

Gráfico 15. Em geral, gosto da área de Ensino Religioso | Dados totais e por nível de ensino (% Dados do E. Fundamental por assistência ao Ensino Religioso (%))



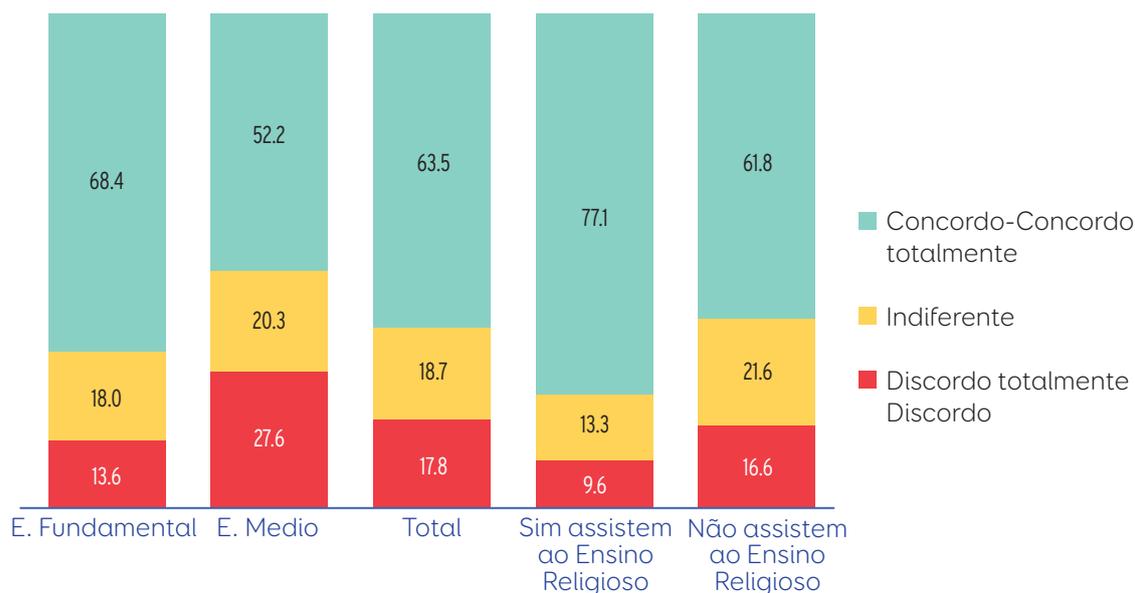
Essa pergunta sobre se os estudantes gostam de Ensino Religioso, que obteve 70% de respostas positivas no Brasil, também foi feita aos estudantes da Espanha no relatório do ORE de 2020, onde 60% responderam positivamente. No relatório do Peru, os(as) estudantes que responderam positivamente atingiram 84%.

Essa valorização do Ensino Religioso se mantém em termos parecidos quando perguntamos se o consideram **necessário para sua educação**. Mantém-se uma grande maioria, 63,5%, dos que respondem afirmativamente, embora aumente para 17,8% o número dos que discordam de sua

necessidade e 18,7% os que são indiferentes. A variável de nível educacional mostra que a necessidade é mais percebida por estudantes do Ensino Fundamental do que do Ensino Médio, em 16 pontos percentuais; a necessidade também é mais considerada em escolas particulares do que em escolas públicas, nesse caso com uma diferença de 8 pontos.

Quando perguntamos sobre a necessidade do Ensino Religioso na matriz curricular, obtivemos uma grande maioria, praticamente dois em cada três, que confirmam. Essa é, sem dúvida, outra descoberta importante para nossa pesquisa.

Gráfico 16. É necessária na minha educação | Dados totais e por nível de ensino (%) Dados do E. Fundamental por assistência ao Ensino Religioso (%)

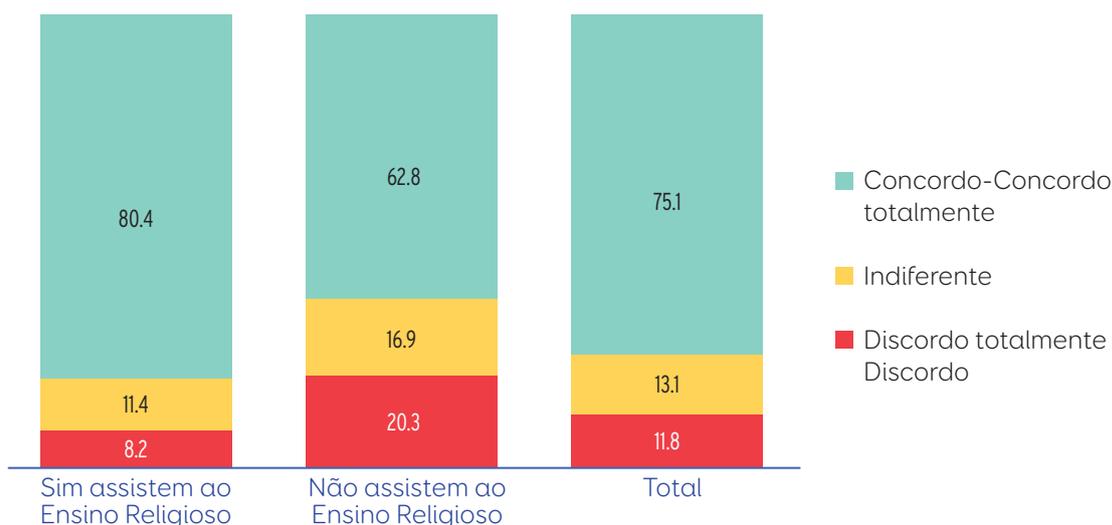


Também se mantém o gosto dos estudantes pelos **tópicos** desenvolvidos no Ensino Religioso, com 75,1% dos estudantes respondendo positivamente a esta pergunta. Os que não demonstram interesse pelos tópicos são apenas 11,8% e os que são indiferentes, 13,1%. Conseqüentemente, a pesquisa revela um alto nível de interesse por parte dos estudantes em temas relacionados à ao fenômeno religioso.

As respostas não são muito diferentes se o tipo de instituição educacional for levado em conta,

apenas quatro pontos percentuais. Há uma diferença significativa entre a valorização dos tópicos de Ensino Religioso entre os estudantes do Ensino Fundamental (80,4%) e do Ensino Médio (62,8%). Se levarmos em consideração aqueles que recebem essa formação em componente curricular próprio e aqueles que a recebem de forma transversal, não há diferenças significativas nos estudantes do Ensino Fundamental, apenas dois pontos percentuais, mas há um pouco mais naqueles do Ensino Médio, onde a diferença chega a 8 pontos.

Gráfico 17. É importante por causa dos tópicos que aborda | Dados totais e por nível de ensino (%)



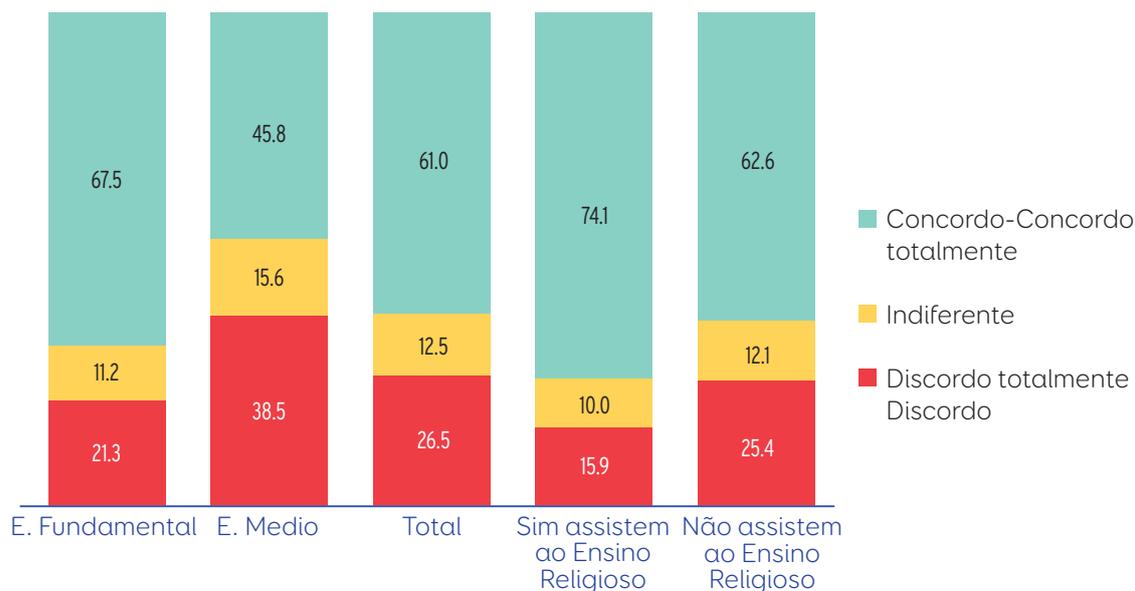
Essa pergunta sobre se os estudantes gostam dos tópicos abordados no Ensino Religioso, que obteve 75% de respostas positivas no Brasil, também foi feita aos estudantes do Peru no relatório do ORE de 2021, com 87% de respostas positivas. No relatório da Espanha de 2020, o interesse pelos tópicos abordados no Ensino Religioso alcançou um apoio de 58% dos estudantes.

Para completar a avaliação dos estudantes sobre o Ensino Religioso, perguntamos se “**deveria ser para todos os estudantes, acreditem ou não em Deus**”. As respostas são muito consistentes com as anteriores: aos 63,5% que afirmaram que essa formação era necessária para sua educação, acrescenta-se agora 61% que afirmam que é uma formação para todos os estudantes, acreditem ou

não em Deus. No entanto, é importante observar que 26,5% discordam desta afirmação. Os indiferentes estão em torno de 12%.

A análise dos resultados com a variável das idades escolares revela uma diferença considerável entre os do Ensino Fundamental, que respondem positivamente em 67,5%, e os do Ensino Médio, que respondem positivamente em 45,8%. Entretanto, quando a variável de instituições educacionais é levada em consideração, há uma diferença de apenas 6 pontos percentuais entre os de escolas particulares (65%) e os de escolas públicas (59%). Entre os(as) estudantes que cursam a o componente curricular no sistema educacional, quase não há diferenças no Ensino Médio, embora haja uma diferença maior no Ensino Fundamental.

Gráfico 18. Deveria ser para todos(as) os(as) estudantes, acreditem ou não em Deus | Dados totais e por nível de ensino (%) Dados Ensino Fundamental por assistência ao Ensino Religioso (%)



4.2. Os(as) estudantes gostam do Ensino Religioso por razões familiares e religiosas

Uma vez que ficou claro que a grande maioria dos estudantes do sistema educacional brasileiro gosta e sente a necessidade do Ensino Religioso, bem como seu interesse pelos tópicos abordados, as perguntas da nossa pesquisa se concentraram nos motivos dos estudantes para valorizá-lo. Os resultados a seguir mostram que suas motivações têm a ver com sua realidade familiar e experiência de fé.

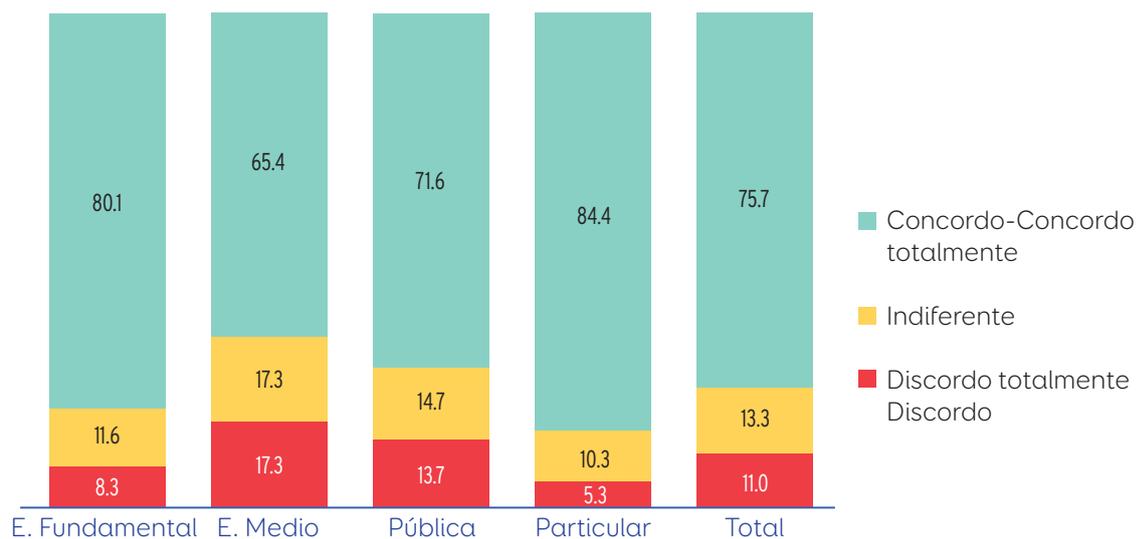
Uma primeira motivação para que os estudantes valorizem o Ensino Religioso tem a ver com

influência familiar. Que o Ensino Religioso é importante para os pais e as mães é sustentada por 75,7% dos estudantes; apenas 11% discordam dessa influência.

As respostas positivas dos estudantes do Ensino Fundamental chegam a 80%, enquanto as dos estudantes do Ensino Médio permanecem em 65%, abrindo uma diferença de 15 pontos percentuais entre os níveis educacionais.

Os resultados nas instituições particulares atingem uma porcentagem de 84,4%, 13 pontos a mais do que os estudantes de escolas públicas, que mantêm também um índice muito alto de 71,6%.

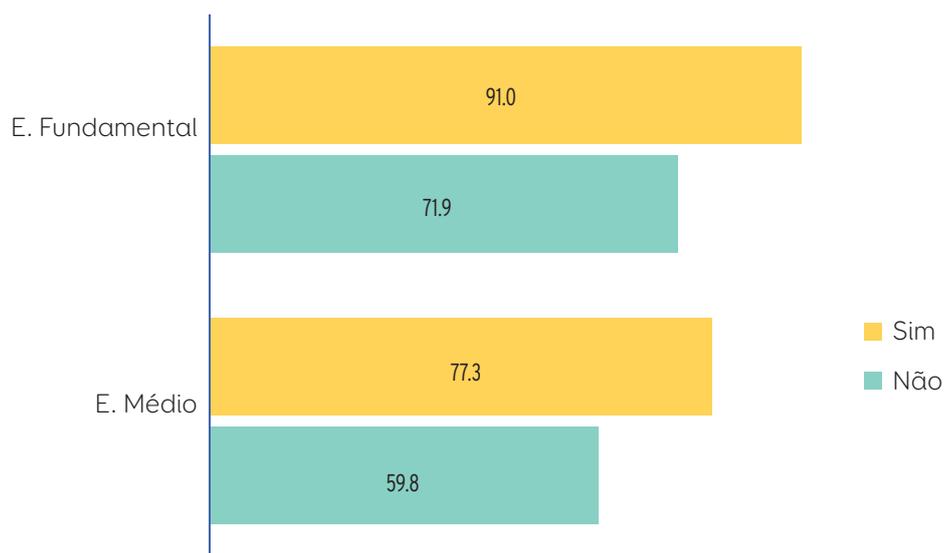
Gráfico 19. É importante para os meus pais | Dados totais e por nível educacional (%)



Entre os que assistem às aulas de Ensino Religioso, as porcentagens disparam no Ensino Fundamental, chegando a 91% de estudantes que valorizam o Ensino Religioso por ser importante para seus pais; os que não assistem a essa disciplina mantêm essa avaliação em 71,9%. No Ensino Médio, as porcentagens diminuem ligeiramente e há uma diferença de quase 20 pontos entre os que assistem às aulas de Ensino Religioso (77%) e os que não assistem (60%).



Gráfico 20. É importante para os meus pais | Dados por assistência ao ensino Ensino Religioso



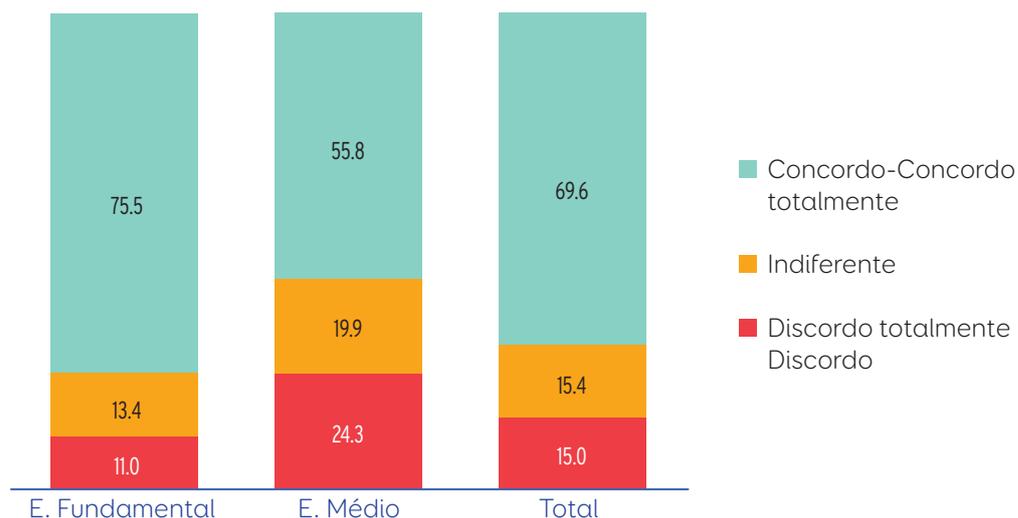
Essas respostas dos estudantes que reconhecem a importância que seus pais atribuem ao Ensino Religioso (75,7%) são consistentes com a própria opinião das famílias, que, em outro capítulo deste estudo, declararam, em sua grande maioria, sua primeira responsabilidade na educação de seus filhos e consideraram ao Ensino Religioso necessário para seus filhos. Consequentemente, esses resultados de ambos os grupos, famílias e estudantes, não revelam nenhuma diferença na avaliação positiva do Ensino Religioso, mas sim uma sintonia familiar digna de destaque.

A influência familiar ao avaliar o Ensino Religioso, que obteve 76% de apoio entre os estudantes no Brasil, também foi feita aos estudantes da Espanha no relatório do ORE de 2020, onde 45% dos estudantes responderam dessa forma. No relatório do Peru de 2021, 87% dos estudantes responderam positivamente.

Os principais motivos declarados pelos estudantes para valorizar o Ensino Religioso, além da influência familiar que acabamos de mostrar, estão ligados à **experiência de acreditar em Deus**. Quando perguntamos sobre a ligação entre o Ensino Religioso e sua fé e sua experiência de acreditar em Deus, encontramos altas porcentagens de respostas dos estudantes.

69,6% dos estudantes reconhecem que o Ensino Religioso é importante porque **“me ajuda em questões de fé”**. 15% discordam ou se dizem indiferentes. A variável de nível educacional revela uma diferença de 20 pontos percentuais entre os estudantes do Ensino Fundamental (76%) e do Ensino Médio (56%), o que é previsível em função da idade. Entretanto, a diferença diminui para 4 pontos percentuais entre os estudantes de instituições particulares (72%) e os de escolas públicas (68%).

Gráfico 21. Me ajuda em questões de fé | Dados totais e por nível educacional (%)



Essa pergunta sobre se o Ensino Religioso ajuda os estudantes em questões de fé, que obteve 70% de respostas positivas no Brasil, também foi feita aos estudantes da Espanha no relatório do ORE de 2020, com 54% de respostas positivas. No relatório do Peru, os(as) estudantes que responderam positivamente atingiram 90%.

63,8% dos estudantes afirmam que o Ensino Religioso é importante para eles **“porque acreditam em Deus”**. 20% discordam e 16% se dizem indiferentes. Levando em consideração o nível educacional, observa-se uma diferença de 16 pontos percentuais entre estudantes do Fundamental (69%) e do Médio (53%), o que é de se esperar devido à idade. As diferenças são menores entre estudantes de instituições particulares (61%) e de escolas públicas (70%).

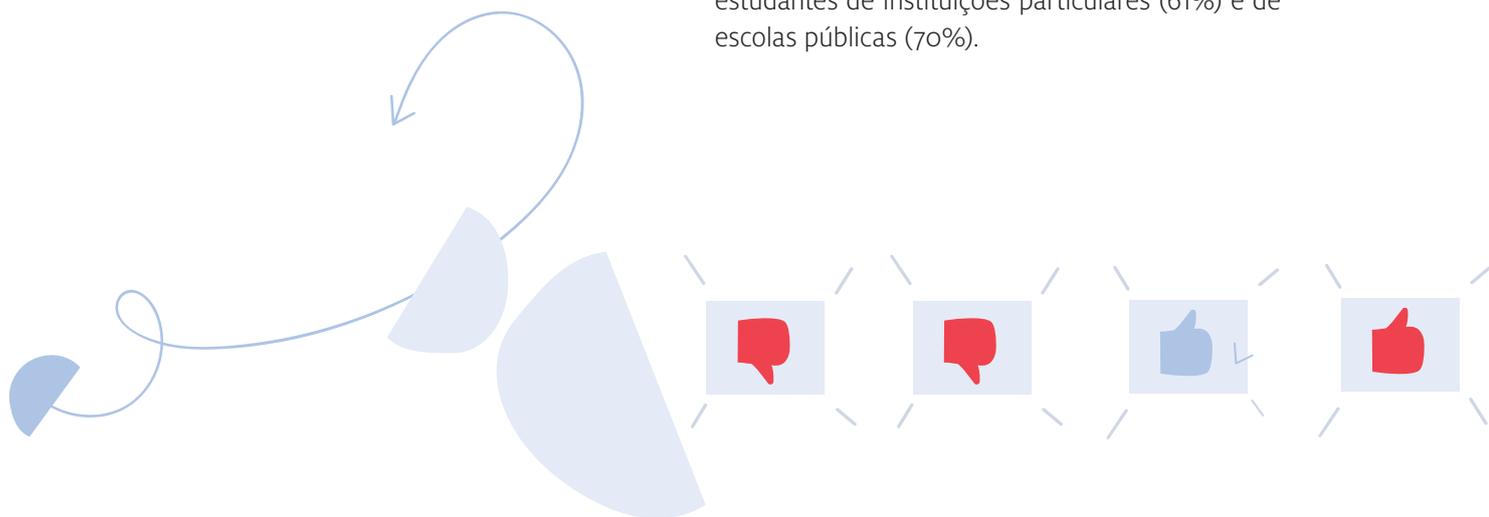
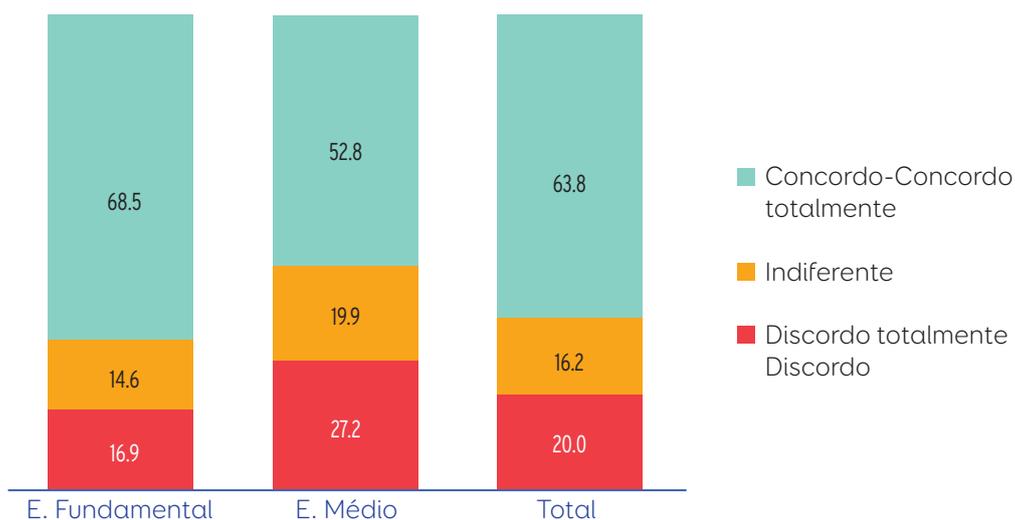


Gráfico 22. É importante para mim porque eu acredito em Deus | Dados totais e por nível educacional (%)



Perguntamos aos estudantes se eles **são mais religiosos por causa do Ensino Religioso** na idade escolar. As respostas são afirmativas em 59,1% dos casos, embora 27,5% discordem ou discordem totalmente dessa afirmação. Se considerarmos as respostas por idade, há uma diferença

substancial entre os alunos do Ensino Fundamental (65%) e do Ensino Médio (45%). Considerando as instituições educacionais, os de escolas particulares respondem afirmativamente em maior proporção (66%) do que os de escolas públicas (56%).

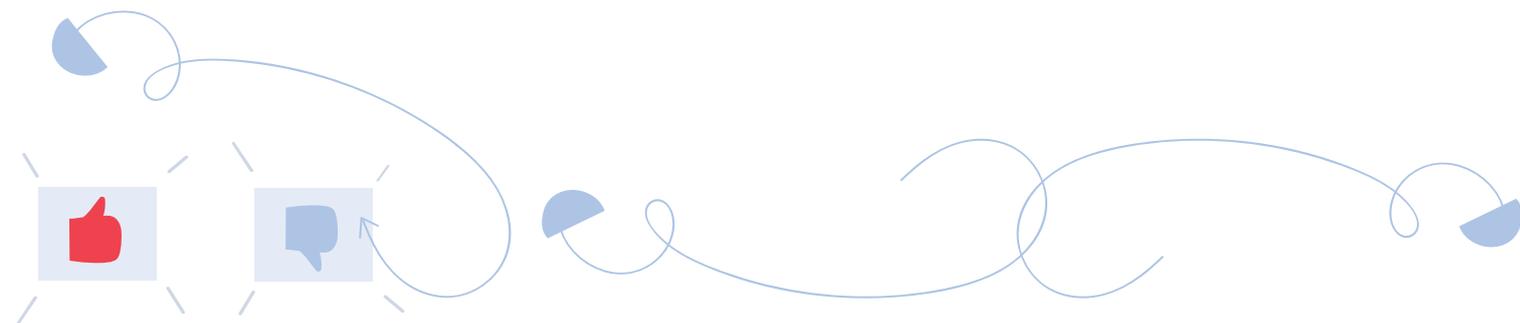
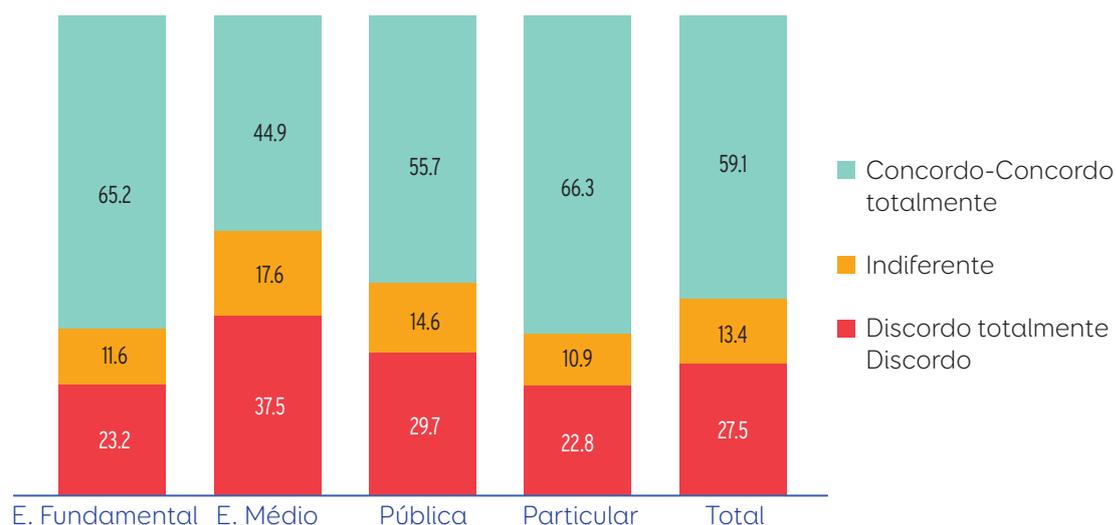


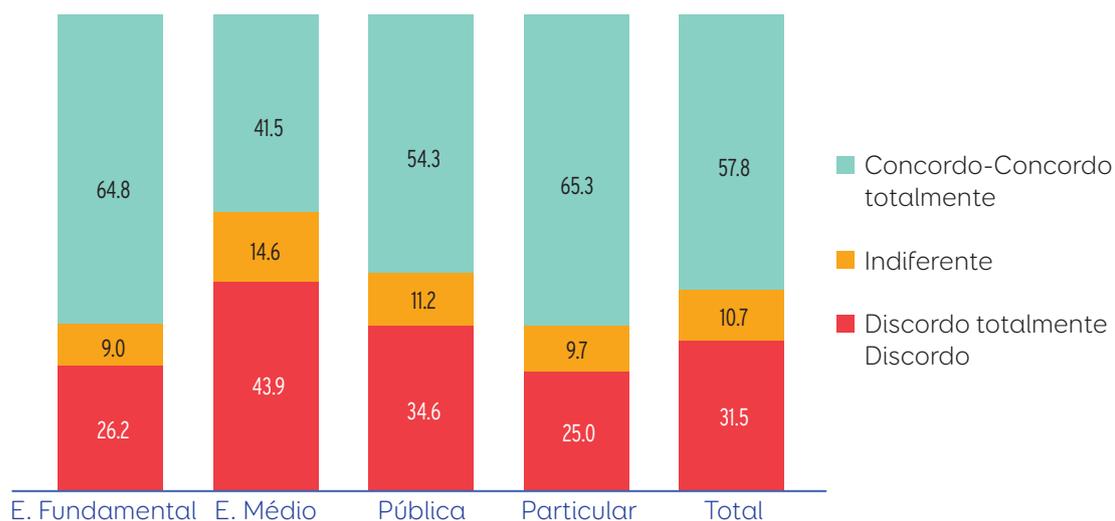
Gráfico 23. Graças ao Ensino Religioso, sou mais religioso(a) | Dados totais e por nível educacional (%)



Também perguntamos aos estudantes se eles **pertencem à igreja/religião por causa do Ensino Religioso**. As respostas são semelhantes às da pergunta anterior, com 57,8% respondendo afirmativamente, apenas um ponto percentual a menos do que na pergunta sobre se eram mais religiosos por causa do Ensino Religioso. Assim como no caso anterior, 31,5% dos estudantes dis-

cordam ou discordam totalmente dessa afirmação, o que é uma porcentagem a ser levada em conta, uma vez que é quase um terço dos estudantes. A variável de idade tem praticamente a mesma influência que na pergunta anterior, mantendo uma diferença de mais de 20 pontos; e no caso das instituições educacionais, a diferença de 11 pontos percentuais também se mantém.

Gráfico 24. Graças ao Ensino Religioso, pertença à Igreja | Dados totais e por nível educacional (%)



Em resumo, com essas três respostas, obtivemos alguns indicadores muito positivos sobre a aceitação do Ensino Religioso pelos estudantes no sistema educacional do Brasil. Com uma média de 70% de avaliação positiva em função das respostas às perguntas sobre se gostam, se consideram necessária e a importância dos tópicos abordados. Portanto, é evidente a conclusão de uma aceitação

muito favorável do Ensino Religioso na escola na opinião dos estudantes, que o recomendariam a todos os estudantes, acreditem ou não em Deus, em três de cinco casos.

Também são descobertas consistentes com a avaliação positiva das famílias e dos professores sobre a área de conhecimento Ensino Religioso.

5. Contribuições educacionais do Ensino Religioso

Como acabamos de constatar, a avaliação que os estudantes fazem de aprendizados de teor religioso no sistema educacional baseia-se em motivações familiares e religiosas e em seu interesse pelos tópicos propostos. Mas nossa pesquisa revela outro conjunto de motivações que poderíamos agrupar como contribuições educacionais, que apresentaremos a seguir.

O Ensino Religioso no sistema educacional tem certas **finalidades educacionais**, em consonância com os objetivos próprios da escola, e propõe aprendizados essenciais para a formação integral dos estudantes e sua preparação para a vida. Além de suas contribuições formativas propõem-se outras contribuições educacionais com um fundamento ético e com base em valores, vinculadas ao ensino social e que podem ser compartilhadas por todos os cidadãos. A partir desses aprendizados essenciais do Ensino Religioso, formulamos perguntas em nosso questionário que receberam alta aceitação por parte dos estudantes.

5.1. Contribuições do Ensino Religioso para a cidadania democrática

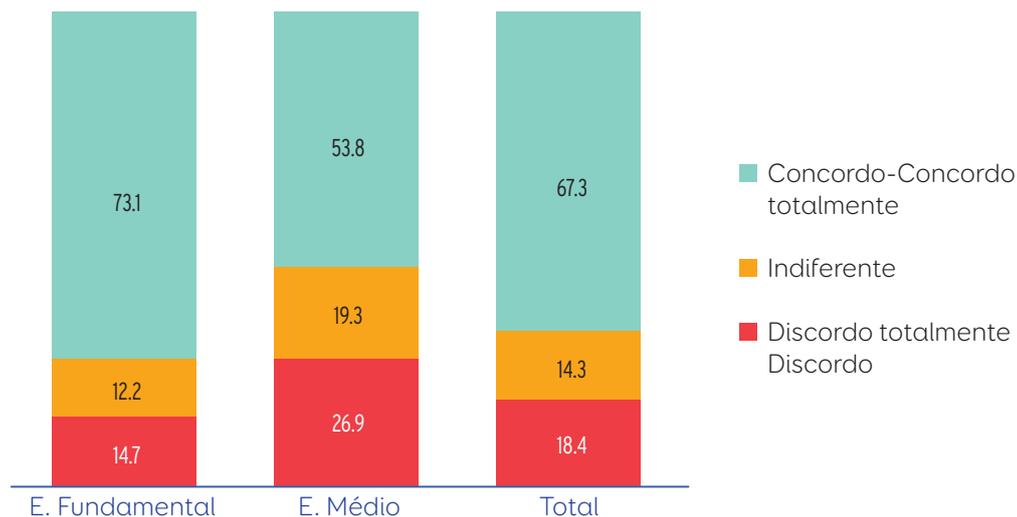
Os resultados da nossa pesquisa revelam uma descoberta muito significativa na percepção dos estudantes que avaliam de forma muito positiva as **contribuições educacionais** do Ensino Religioso

porque os ajuda a ser pessoas melhores, mais responsáveis e melhores cidadãos, entre outras contribuições, o que representa uma contribuição decisiva para a formação necessária de uma cidadania global significativa.

67,3% dos estudantes consideram que o Ensino Religioso os ajuda a **ser mais responsáveis**, o que representa uma contribuição educacional do Ensino Religioso relacionada ao cuidado consigo mesmo, com os outros e com o planeta, que é amplamente aceita por pelo menos dois terços dos estudantes. Os estudantes que não reconhecem essa contribuição representam 18% e os que respondem com indiferença, 14%.

A análise destas respostas tendo em conta os níveis educacionais dos estudantes revela uma diferença de quase 20 pontos percentuais entre os do Ensino Fundamental (73%) e os do Ensino Médio (54%). No entanto, as diferenças são de apenas 5 pontos entre os(as) estudantes de instituições particulares (71%) e os(as) de escolas públicas (66%). A variável dos que assistem ou não às aulas de Ensino Religioso mantém diferenças por idade, quase 10 pontos percentuais no Ensino Fundamental entre os que assistem (78%) e os que não assistem (69%) e menos perceptível entre os que assistem no Ensino Médio (56%) e os que não assistem (53%).

Gráfico 25. Me ajuda a ser mais responsável | Dados totais e por nível educacional (%)



Essa pergunta sobre se o Ensino Religioso torna os estudantes mais responsáveis, que obteve 67% de respostas afirmativas no Brasil, também foi feita aos estudantes da Espanha no relatório do ORE de 2020, com apenas 30% de respostas positivas. No relatório do Peru, os(as) estudantes que responderam positivamente atingiram 83%.

62,1% dos estudantes consideram que o Ensino Religioso os ajuda a **ser mais responsáveis pela ecologia** e pelo cuidado com o planeta. Trata-se de outra contribuição significativa do Ensino Religioso que converge com os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável e sua proposta de sustentabilidade e justiça para todos e todas. Nesse caso,

até 24% dos estudantes não concordam com essa contribuição educacional do Ensino Religioso e até 14% se mostram indiferentes.

A análise destas respostas tendo em conta a idade escolar dos(as) estudantes revela uma diferença de quase 25 pontos percentuais entre os do Ensino Fundamental (69%) e os do Ensino Médio (45%). No entanto, as diferenças são de apenas 4 pontos entre os(as) estudantes de instituições particulares (65%) e os(as) de escolas públicas (61%). A variável dos que assistem ou não às aulas de Ensino Religioso mantém diferenças por idade de 13 pontos percentuais no Ensino Fundamental entre os que assistem (77%) e os que não assistem (64%).

Gráfico 26. Ajuda-me a ser mais responsável com a ecologia | Dados totais e por nível de ensino (%) Dados do E. Fundamental por assistência ao Ensino Religioso (%)

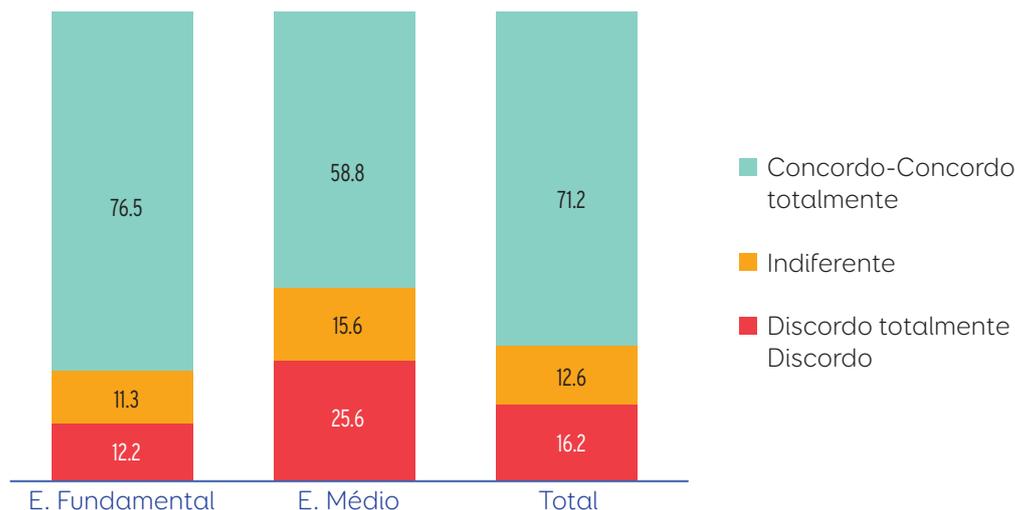


Essa pergunta sobre se o Ensino Religioso os torna mais responsáveis pelo cuidado com o planeta, que obteve 62% de respostas afirmativas no Brasil, também foi feita em termos parecidos aos estudantes da Espanha, no estudo do ORE 2020, com apenas 74% de respostas positivas. No estudo do Peru, os estudantes que responderam positivamente representam quase 80%.

71,2% dos estudantes acreditam que o Ensino Religioso os ajuda a **ser melhores cidadãos** na vida social e política. Essa é outra contribuição educacional do Ensino Religioso relacionada à educação para a cidadania local e global, que é muito bem aceita pelos estudantes. Os estudantes que rejeitam essa contribuição representam 16%, enquanto 13% se mostram indiferentes.

A análise destas respostas tendo em conta a idade escolar dos(as) estudantes revela uma diferença de quase 20 pontos percentuais entre os do Ensino Fundamental (77%) e os do Ensino Médio (59%). No entanto, as diferenças são de apenas 4 pontos entre os(as) estudantes de instituições particulares (74%) e os(as) de escolas públicas (70%). A variável dos que assistem ou não às aulas de Ensino Religioso mantém diferenças por níveis, de apenas 6 pontos percentuais no Ensino Fundamental entre os que assistem (80%) e os que não assistem (74%), mas são coincidentes no Ensino Médio (59%).

Gráfico 27. Me ajuda a ser um cidadão melhor | Dados totais e por nível educacional (%)

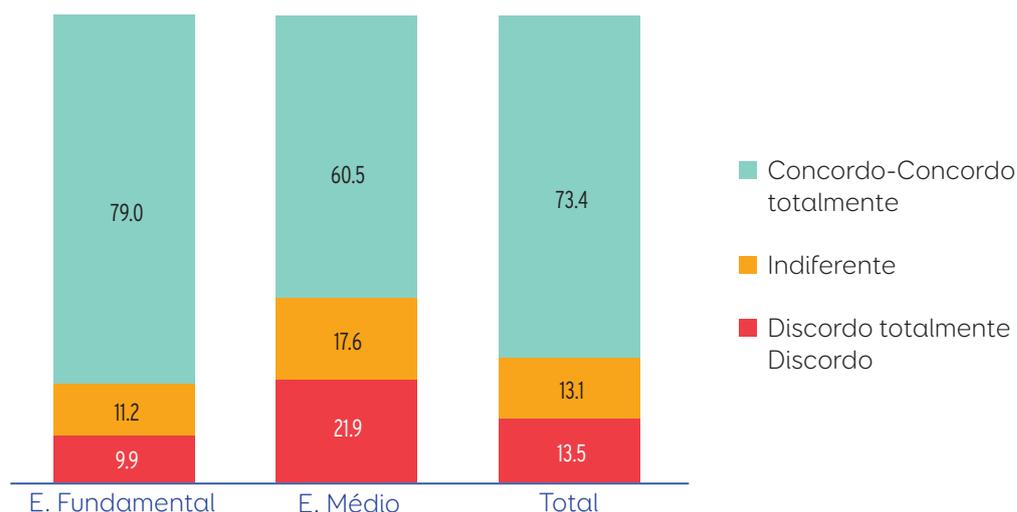


73,4% dos estudantes reconhecem que o Ensino Religioso os ajuda a **ser melhores pessoas**. Trata-se, sem dúvida, de um amplo reconhecimento da finalidade específica do Ensino Religioso, que visa formar pessoas íntegras e integralmente, em consonância com o aprender a ser. Apenas 13% dos estudantes rejeitam essa contribuição e a mesma porcentagem se diz indiferente.

A análise dessas respostas levando em consideração os níveis educacionais dos estudantes revela uma diferença de quase 20 pontos percentuais entre os estudantes do Ensino Fundamental (79%) e os do Ensino Médio (61%), porcentagens que,

de qualquer forma, são muito altas e indicadoras da avaliação positiva das contribuições educacionais do Ensino Religioso. Neste caso, as diferenças são de apenas 3 pontos entre os de instituições particulares (75%) e os de escolas públicas (73%). A variável dos que assistem ou não às aulas de Ensino Religioso também não mostra diferenças por idade, com 2 pontos percentuais no Ensino Fundamental entre os que assistem (80%) e os que não assistem (78%) e uma leve inversão da tendência entre os que assistem no Ensino Médio (58%) e os que não assistem (62%).

Gráfico 28. Me ajuda a ser uma pessoa melhor | Dados totais e por nível educacional (%)



Essa pergunta sobre se o Ensino Religioso ajuda os estudantes a se tornar pessoas melhores, que obteve 73% de respostas afirmativas no Brasil, também foi feita aos estudantes da Espanha, no relatório do ORE de 2020, e foi respondida positivamente por 71%, 46% bastante ou muito e 25% um pouco. No relatório do Peru, os(as) estudantes que responderam positivamente atingiram 90%.

68,4% dos estudantes consideram que o Ensino Religioso os ajuda a **diferenciar o bem do mal**. É uma contribuição educacional do Ensino Religioso que é proposto como um bem comum para todos e todas, em consonância com a construção social inclusiva, e é muito bem recebida pelos estudantes. 18% negam essa contribuição e 14% permanecem indiferentes.

A análise dessas respostas levando em consideração a idade escolar dos estudantes revela uma diferença de cerca de 20 pontos percentuais entre os do Ensino Fundamental (75%) e os do Ensino Médio (53%). No entanto, as diferenças são de apenas 4 pontos entre os(as) estudantes de instituições particulares (71%) e os(as) de escolas públicas (67%). A variável dos que assistem ou não às aulas de Ensino Religioso mostra diferenças por idade, de 10 pontos percentuais no Ensino Fundamental entre os que assistem (81%) e os que não assistem (70%) e menos perceptível entre os que assistem no Ensino Médio (55%) e os que não assistem (51%).

Gráfico 29. Me ajuda a diferenciar o bem do mal | Dados totais e por nível de ensino (%)
 Dados Ensino Fundamental por assistência ao Ensino Religioso (%)

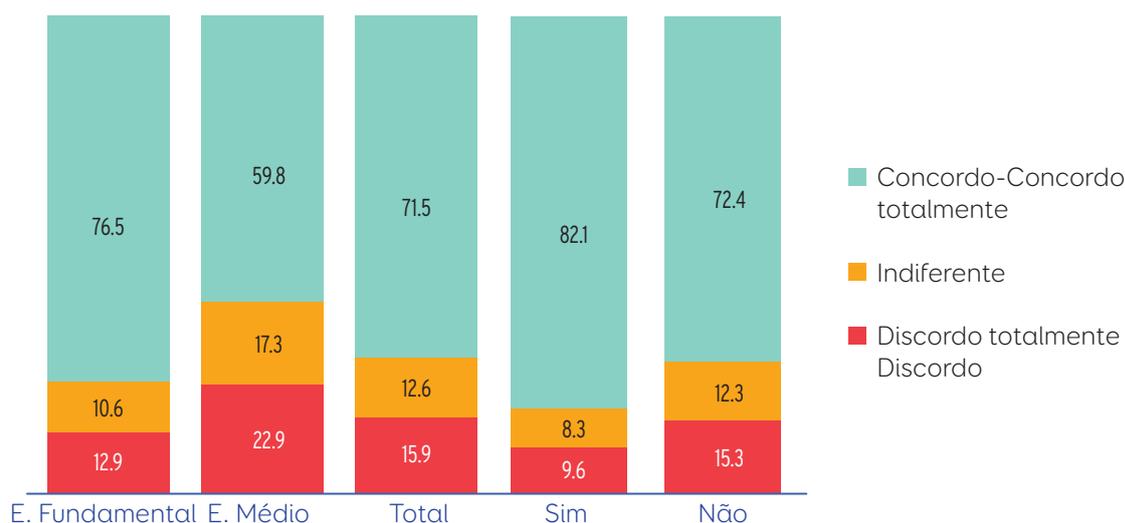


71,5% dos estudantes consideram que o Ensino Religioso os ajuda a **ser mais respeitosos** com as outras pessoas. Trata-se de outra contribuição significativa do Ensino Religioso que converge com o aprender a conviver com os outros e com o respeito à diversidade social e cultural. Os estudantes que não reconhecem essa contribuição permanecem em 16% e os que são indiferentes, 13%.

A análise dessas respostas levando em conta os níveis educacionais dos estudantes revela uma diferença de 17 pontos percentuais entre os do

Ensino Fundamental (77%) e os do Ensino Médio (60%). No entanto, as diferenças são de apenas 4 pontos entre os de instituições particulares (74%) e os de escolas públicas (70%). A variável dos que assistem ou não às aulas de Ensino Religioso mantém diferenças por idade, de 10 pontos percentuais no Ensino Fundamental entre os que assistem (82%) e os que não assistem (72%) e menos perceptível entre os que assistem no Ensino Médio (63%) e os que não assistem (58%).

Gráfico 30. Me ajuda a ser mais respeitoso(a) com os outros | Dados totais e por nível de ensino (%) Dados Ensino Fundamental por assistência ao Ensino Religioso (%)



Em suma, com este grupo de perguntas sobre as contribuições educacionais do Ensino Religioso para a formação cidadã, observamos um resultado muito relevante para a avaliação social e cultural do Ensino Religioso. A grande maioria dos estudantes avalia positivamente que o Ensino Religioso os torna melhores cidadãos. A tendência encontrada no sistema educacional do Brasil coincide com os resultados da pesquisa da Espanha, em 2020, e do Peru, em 2021. Portanto, não são fatos isolados ou circunstanciais; é evidente em nossa pesquisa a contribuição decisiva do Ensino Religioso para a formação de uma cidadania democrática, porque agrega aos valores próprios de seus aprendizados a motivação para assumi-los e praticá-los.

5.2. Contribuições do Ensino Religioso para a dimensão espiritual

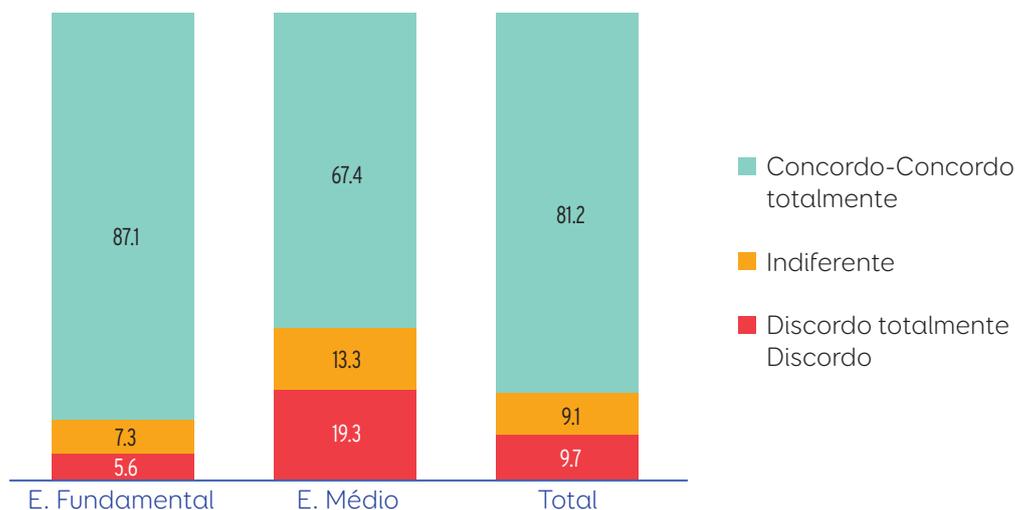
As descobertas do nosso estudo sobre a avaliação positiva que os estudantes fazem das contribuições educacionais do Ensino Religioso para a formação cidadã também se estendem às suas contribuições para o **despertar espiritual de crianças e jovens**. Sem dúvida, estamos diante de uma dimensão necessária na educação integral, educar para uma vida com sentido, o que nem sempre é atendido nos sistemas educacionais e que é absolutamente indispensável para alcançar o bem-estar pessoal e social dos povos. Em nossa concepção de educação, apoiamos uma pedagogia da interioridade que fortalece crianças e jovens em sua dignidade para que construam seu projeto de vida com liberdade e responsabilidade.

Bem, nossa pesquisa revela uma notável aceitação por parte dos estudantes dessas contribuições educacionais do Ensino Religioso que são necessárias para sua educação integral e integradora. Por isso, além das seis perguntas anteriores, acrescentamos outras seis perguntas sobre o impacto formativo do Ensino Religioso, cujos resultados mostraremos a seguir.

81,2% dos estudantes afirmaram que o Ensino Religioso os **ajuda a conhecer a Igreja Católica e outras crenças ou religiões**. Os que negam essa afirmação representam 10% e os que se dizem indiferentes, 9%. Assim, quatro em cada cinco estudantes consideram uma das contribuições mais importantes e fundamentais da pedagogia do Ensino Religioso, ajudá-los a a conhecer sobre as religiões. Um indicador muito positivo da aceitação e do sentido do Ensino Religioso no sistema educacional.

A análise dessas respostas levando em conta os níveis educacionais dos estudantes revela uma diferença de 20 pontos percentuais entre os do Ensino Fundamental (87%) e os do Ensino Médio (67%), porcentagens muito altas em ambos os casos, destacando o alto número de afirmações entre os estudantes mais novos. As diferenças são de apenas 4 pontos entre os de instituições particulares (84%) e os de escolas públicas (80%), as porcentagens também se mantêm altas. A variável dos que assistem ou não às aulas de Ensino Religioso mostra poucas diferenças por idade, nenhuma no Ensino Fundamental entre os que assistem e os que não assistem (87%) e apenas 7 pontos entre os que assistem no Ensino Médio (72%) e os que não assistem (65%), em todo caso, sempre porcentagens muito altas.

Gráfico 31. Me ajuda a conhecer a Igreja Católica e outras crenças ou religiões | Dados totais e por nível educacional (%)

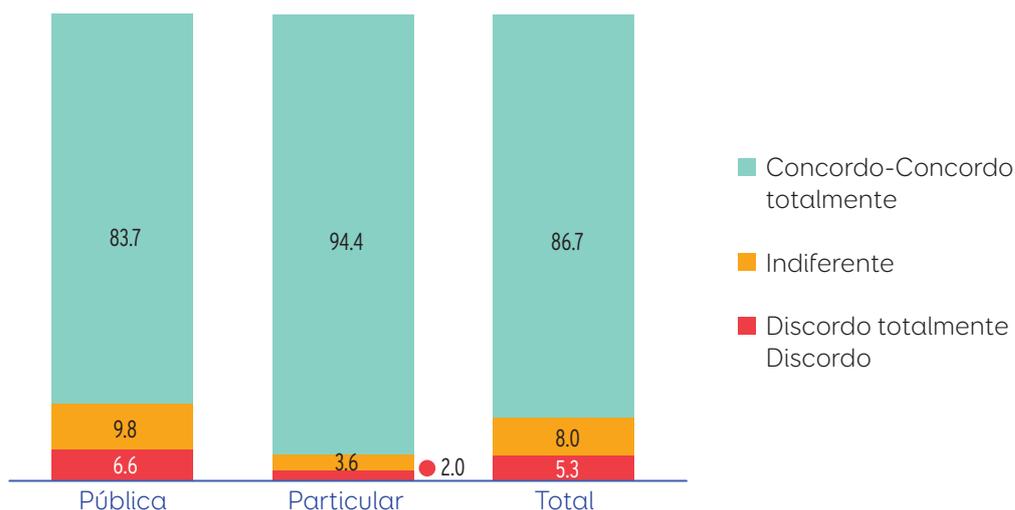


Essa pergunta sobre se o Ensino Religioso ajuda os estudantes a conhecerem a Igreja e as religiões, que obteve 81% de respostas afirmativas no Brasil, também foi feita aos estudantes da Espanha, no relatório do ORE de 2020, e foi respondida positivamente por 62% no caso de conhecimento das religiões e 76% no caso de conhecimento da Igreja, 22% um pouco e 54% bastante ou muito. No relatório do Peru, os estudantes do Ensino Médio que responderam positivamente sobre o

conhecimento das religiões chegaram a 86% e, no caso da Igreja, 87%.

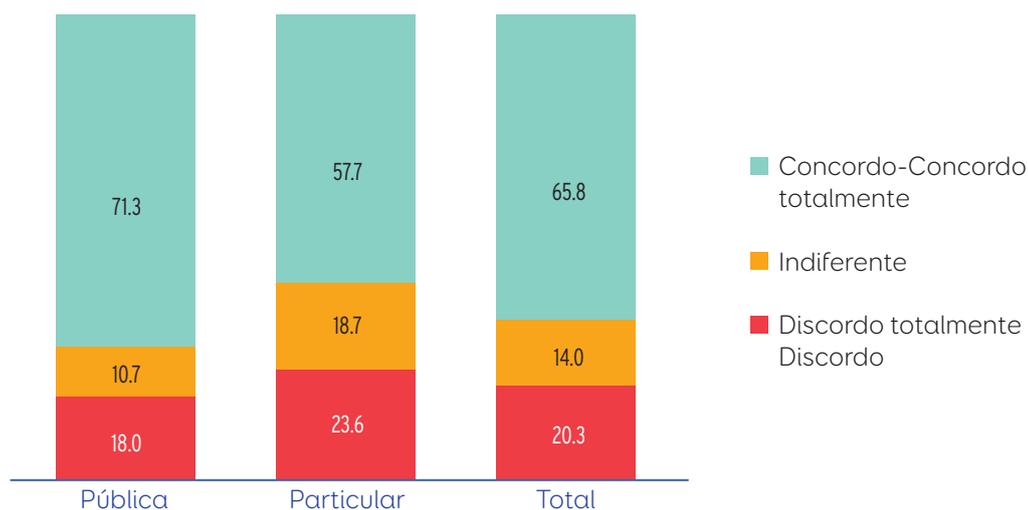
87% dos estudantes do Ensino Fundamental dizem que o Ensino Religioso lhes proporciona **mais cultura**, uma afirmação que aumenta em instituições particulares (94%) do que em públicas (84%). Entretanto, há pouca diferença entre os que assistem às aulas de Ensino Religioso e os que não assistem (89% e 85%, respectivamente).

Gráfico 32. Me proporciona mais cultura | Dados E. Fundamental totais e por tipo de instituição (%)



Por sua vez, 66% dos estudantes do Ensino Médio consideram que o Ensino Religioso lhes proporciona **mais conhecimento sobre as religiões**, uma consideração que, neste caso, aumenta em instituições públicas (71%) em comparação com particulares (58%). A assistência ou não às aulas de Ensino Religioso faz pouca diferença (61% e 68%, respectivamente).

Gráfico 33. Me proporciona mais cultura e um amplo conhecimento sobre religiões | Dados E. Médio totais e por tipo de instituição (%)

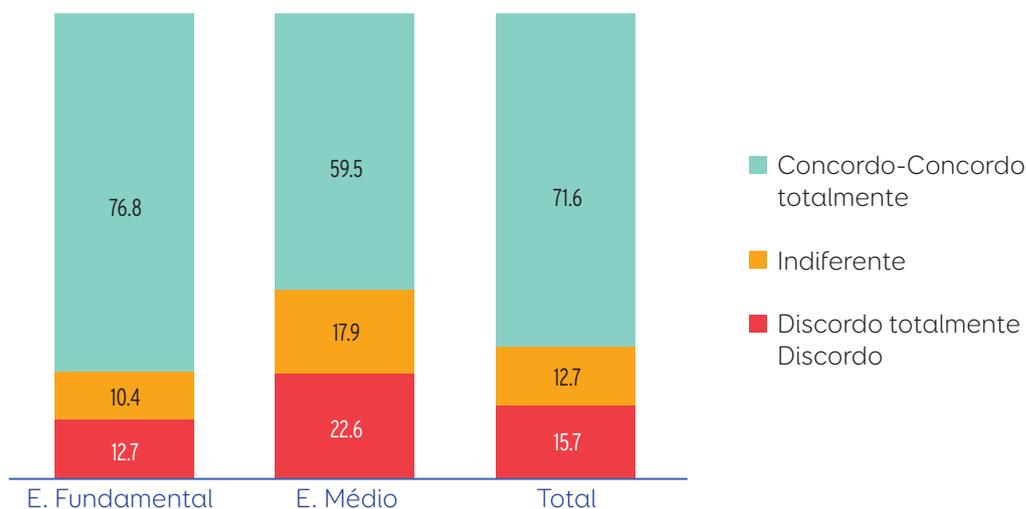


O questionário propunha uma pergunta muito relacionada à linguagem religiosa cristã, perguntando explicitamente se o Ensino Religioso **“havia ajudado a conhecer Deus”**, no Ensino Fundamental, e mais especificamente **“o amor de Deus”**, no Ensino Médio. As respostas afirmativas são de 71,6%. 15,7% respondem negativamente e indiferentes, 12,7%. Apesar de ser uma pergunta tão explícita, ainda há um nível muito alto de acei-

tação por parte dos estudantes. Na análise das variáveis, mantém-se a tendência já percebida de maior aceitação entre os estudantes do Ensino Fundamental (77%) em comparação com os do Ensino Médio (70%). No caso das instituições particulares, a porcentagem de respostas positivas chega a 75% e, nas escolas públicas, a 70%, mantendo as altas porcentagens gerais.



Gráfico 34. Tem me ajudado a conhecer Deus /o amor de Deus | Dados totais e por nível educacional (%)



Em outra pergunta muito direta sobre se o Ensino Religioso **“ajuda a acreditar em Deus”**, 68% dos estudantes responderam afirmativamente. Entre as respostas, devemos destacar que 18% negam essa afirmação e 14% se dizem indiferentes. Mantém-se uma avaliação positiva dessa contribuição do Ensino Religioso em cerca de dois terços.

A análise dessas respostas levando em consideração o nível educacional dos estudantes revela uma diferença de cerca de 20 pontos percentuais entre os do Ensino Fundamental (74%) e os do

Ensino Médio (55%). No entanto, as diferenças são de apenas 4 pontos entre os(as) estudantes de instituições particulares (71%) e os(as) de escolas públicas (67%). A variável dos que assistem ou não às aulas de Ensino Religioso mostra diferenças por idade, de 8 pontos percentuais no Ensino Fundamental entre os que assistem (78%) e os que não assistem (71%) e menos perceptível entre os que assistem no Ensino Médio (54%) e os que não assistem (55%), em qualquer caso, cerca de metade.

Gráfico 35. Tem me ajudado a acreditar em Deus | Dados totais e por nível educacional (%)



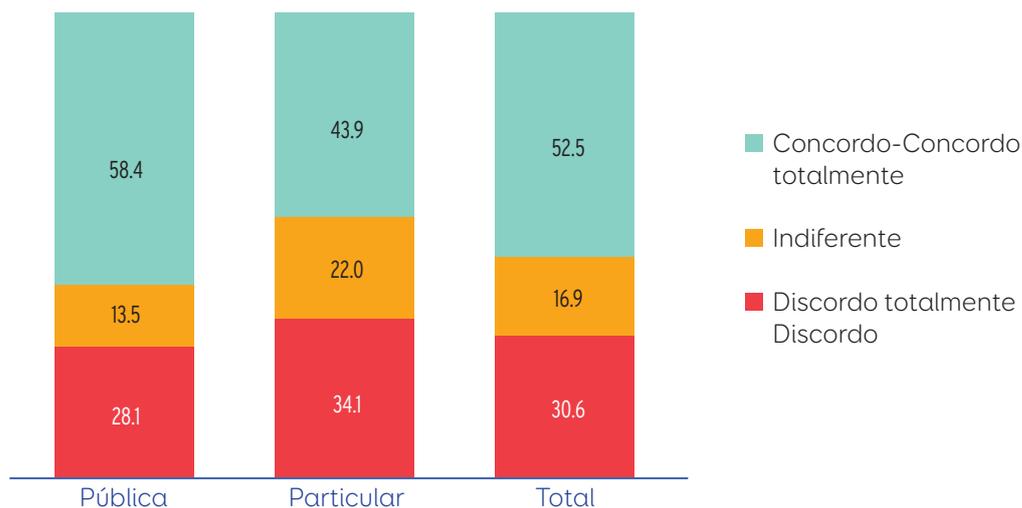
Algumas perguntas que não pareciam apropriadas para estudantes do Ensino Fundamental devido à sua complexidade foram adicionadas **apenas para estudantes do Ensino Médio**. Tinham a ver com seu projeto de vida, com a coerência da vida e a utilidade do conhecimento religioso para a vida. Em geral, uma diminuição nas porcentagens de resposta será percebida nas quatro perguntas que foram feitas somente a esse nível educacional.

52,5% dos estudantes disseram que o que aprendem no Ensino Religioso **“é importante para seu projeto de vida”**. Quase um terço não concorda com essa afirmação, já que 30,6% disseram que discordam ou discordam totalmente. 17% se disseram indiferentes a essa afirmação.

A análise dos resultados com a variável de instituições educacionais revela uma diferença de até 14 pontos entre os de escolas públicas (58%) e os de escolas particulares (44%). Um dado que chama a atenção devido ao maior impacto do Ensino Religioso nas escolas públicas, quando normalmente se espera que seja maior nas escolas particulares.

Entretanto, não há tanta diferença entre os que assistem às aulas de Ensino Religioso (57%) e os que recebem essa formação de forma transversal (51%), apenas 6 pontos de diferença a favor, como era de se esperar, dos que têm um Ensino Religioso enquanto componente curricular..

Gráfico 36. É importante para o meu projeto de vida | Dados E. Médio totais e por tipo de instituição (%)



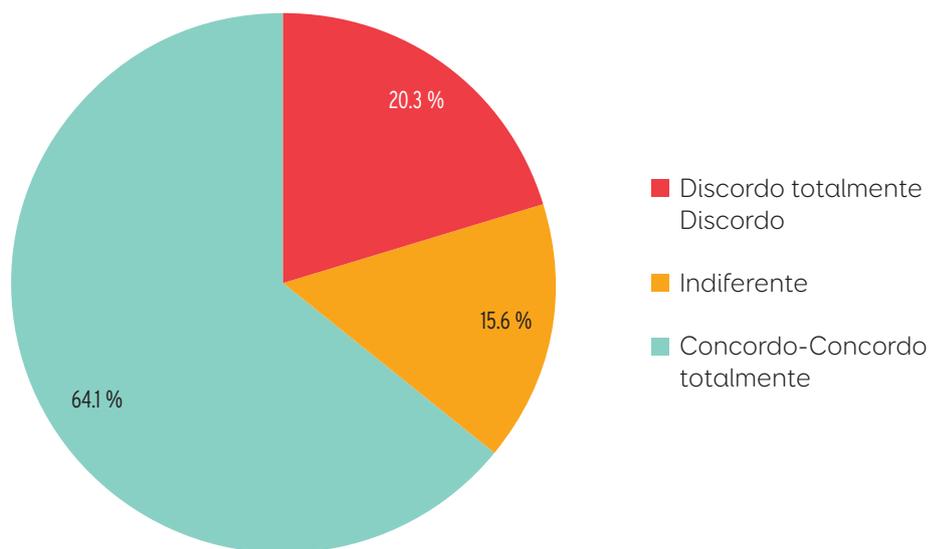
64,1% dos estudantes do Ensino Médio afirmaram que os aprendizados do Ensino Religioso os ajudam a “**distinguir a fé em Deus de superstições**”. Um em cada cinco não concorda com essa afirmação, já que 20,3% discordam ou discordam totalmente, enquanto 16% se disseram indiferentes.

A análise dos resultados com a variável de instituições educacionais não mostra diferenças significativas, apenas 5 entre os de escolas públicas (66%) e os de escolas particulares (61%).

É ainda menor a diferença entre os que assistem a aulas de Ensino Religioso (66%) e os que recebem essa formação de forma transversal (63%), uma diferença de apenas 3 pontos a favor.



Gráfico 37. Me ajuda a distinguir a fé em Deus de crenças ou superstições | Dados totais E. Médio

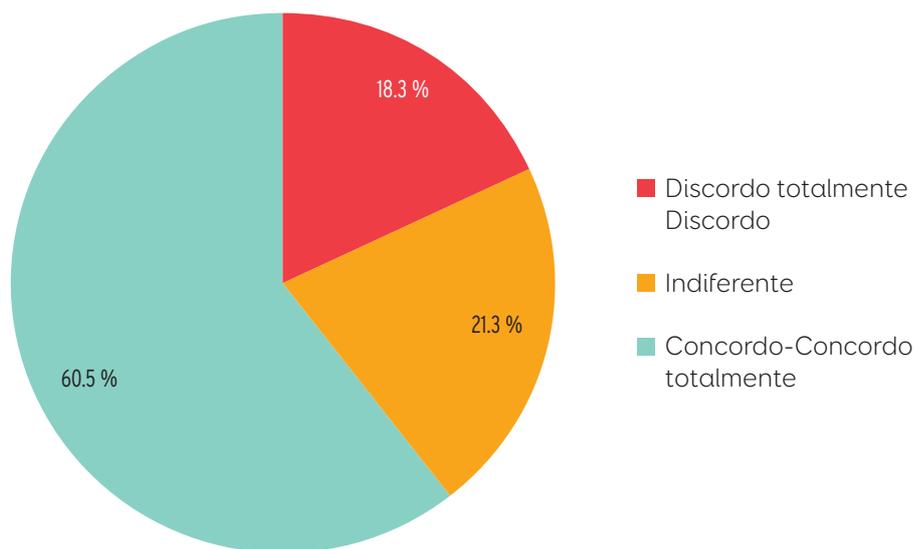


60,5% dos estudantes deste nível educacional confirmaram que o que se aprende no Ensino Religioso **“é útil para a vida”**. 18% não concordam com essa afirmação, enquanto 21% são indiferentes. Também é uma resposta positiva de avaliação do Ensino Religioso no sistema educacional, pois três em cada cinco estudantes consideram que seus aprendizados são úteis para a vida.

A análise dos resultados com a variável de instituições educacionais revela uma pequena diferença entre os de escolas públicas (64%) e os de escolas particulares (56%). A diferença entre os que assistem às aulas de Ensino Religioso (63%) e os que recebem essa formação de forma transversal (59%) também é muito pequena.



Gráfico 38. É útil para a vida | Dados totais E. Médio



Em resumo, com este outro grupo de perguntas sobre as contribuições educacionais do Ensino Religioso para a dimensão espiritual e a experiência de acreditar em Deus, obtivemos respostas muito sugestivas para a avaliação pedagógica e eclesial do Ensino Religioso. A grande maioria dos estudantes avalia positivamente que o Ensino Religioso os ajuda decisivamente a conhecer as religiões, a Igreja e a acreditar em Deus, todos em porcentagens muito altas.

Essas tendências apresentadas no sistema educacional do Brasil coincidem com os resultados das pesquisas realizadas na Espanha, em 2020, e no Peru, em 2021. Nossas pesquisas constataam a decisiva contribuição educacional do Ensino Religioso não apenas para a formação cidadã, com valores e motivações, mas também é essencial para o desenvolvimento da vida espiritual das pessoas e dos povos em continuidade com sua história e identidade cultural.

5.3. Sem abordagem interdisciplinar no Ensino Religioso

Para completar essa percepção do Ensino Religioso, perguntamos aos estudantes se “os conhecimentos da área de Ensino Religioso ajudam a **entender e valorizar outros componentes curriculares**”. As respostas não revelam uma percepção positiva, com apenas 14% afirmando isso claramente e 25,6% dizendo às vezes; no total, apenas 39,6% dos estudantes consideram que os aprendizados de Ensino Religioso os ajudam em outras componentes curriculares. Em contraste, 31,6% respondem que não muito e 28,9% que nunca, de modo que a maioria, 60,5%, não considera que o Ensino Religioso os ajuda a entender outras aprendizagens escolares.

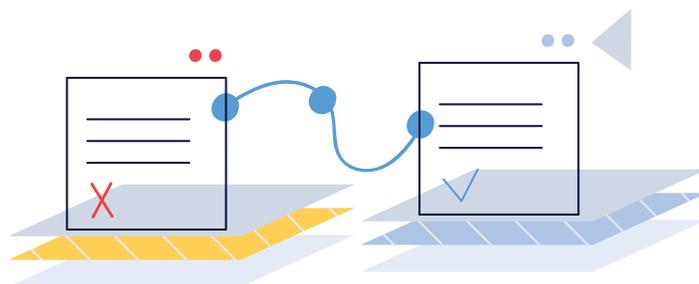
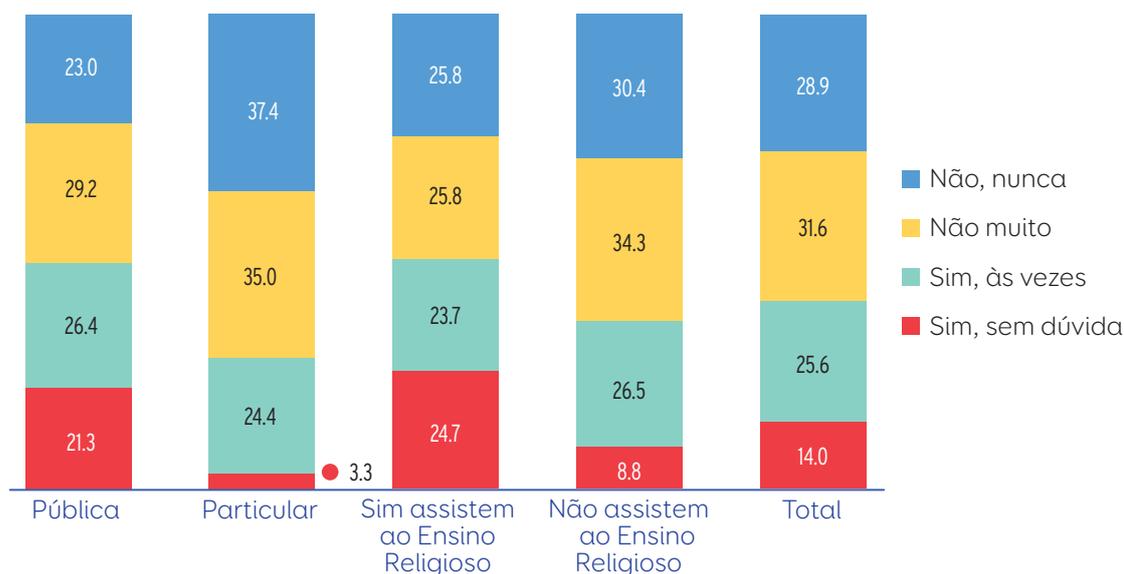
Nem o tipo de instituição educacional nem a variável dos que assistem às aulas de Ensino Religioso melhoram esses resultados; ao contrário, a

porcentagem total dos que respondem negativamente aumenta no caso das instituições particulares.

Esse dado não é positivo para a implementação do Ensino Religioso no sistema educacional, uma vez que evidencia a ausência de uma abordagem

interdisciplinar na qual o aprendizado adquirido no Ensino Religioso esteja relacionado a outros conteúdos das demais áreas. Sem dúvida, essa é uma área que precisa ser melhorada nas abordagens curriculares e transversais do Ensino Religioso no sistema educacional do Brasil.

Gráfico 39. Os conhecimentos da área de Ensino Religioso ajudam a entender e valorizar os demais componentes curriculares | Dados E. Média total, por tipo de instituição de assistência ao Ensino Religioso (%)



6. Tópicos e conteúdos do Ensino Religioso

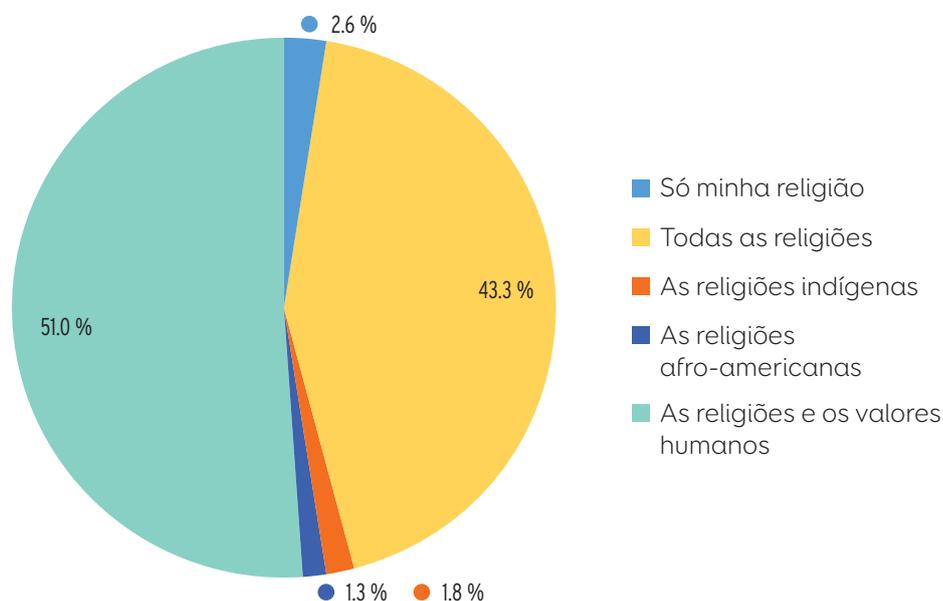
Até o momento, analisamos as avaliações e opiniões dos estudantes do Brasil sobre o sistema educacional o Ensino Religioso, especialmente em suas contribuições educacionais, tanto para a cidadania global quanto para a dimensão espiritual. Para explorar com mais profundidade essa percepção dos estudantes sobre os aprendizados do Ensino Religioso, nosso estudo também fez algumas perguntas para avaliar a opinião dos estudantes sobre os tópicos e conteúdos do Ensino Religioso.

6.1. Que conteúdos devem ser ensinados no Ensino Religioso

Perguntamos aos estudantes sobre os **conteúdos** que o Ensino Religioso deveria abordar. A resposta que obteve mais apoio foi “religiões e valores humanos”, é o que 51% afirmam. Também houve um apoio muito amplo, de mais de 43%, que “todas as religiões” sejam estudadas.

Chama a atenção o fato de que, na opção de estudar “só a minha religião”, o apoio dos estudantes foi absolutamente minoritário, apenas 2,6% apoiaram essa afirmação. Também pode chamar a atenção o fato de que, em sociedades tão religiosamente diversas e com tantas tradições antigas, o estudo das religiões indígenas e afro-americanas tenha obtido apenas 3% de apoio entre os estudantes.

Gráfico 40. O Ensino Religioso deveria abordar: | Dados totais

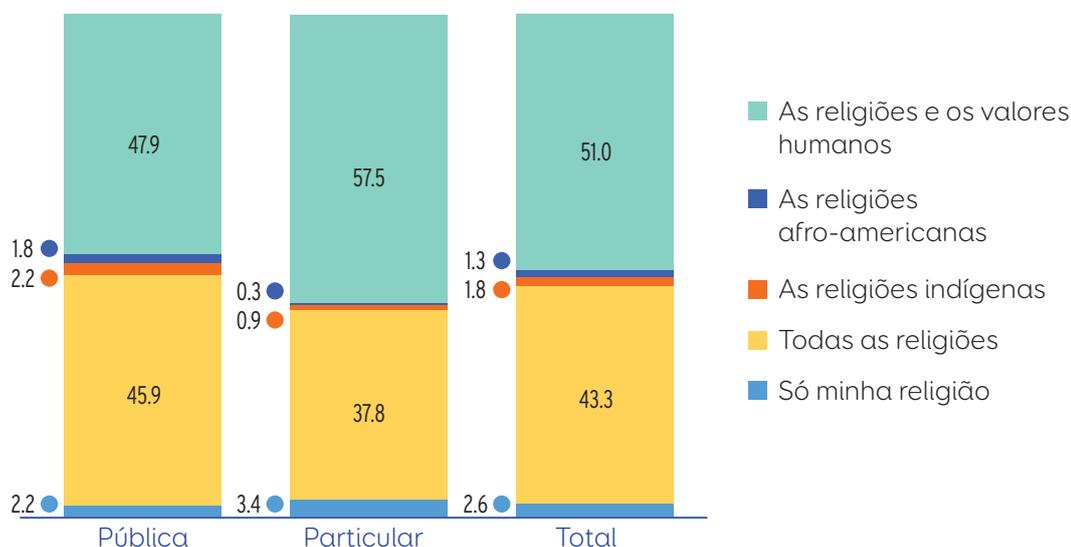


As análises das variáveis da instituição religiosa revelam que nas escolas particulares apoiam o estudo religiões e valores humanos em até 10 pontos percentuais a mais (58%) do que nas escolas públicas (48%). Por outro lado, a opção de estudar todas as religiões obteve mais apoio nas escolas públicas (46%) do que nas escolas particulares (38%). As opções minoritárias são mantidas em

todas as variáveis. Em qualquer caso, a tendência geral se mantém a mesma.

Quando se analisa a variável nível educacional, não se encontram diferenças substanciais em nenhuma das respostas, em nenhum caso com mais de cinco pontos percentuais.

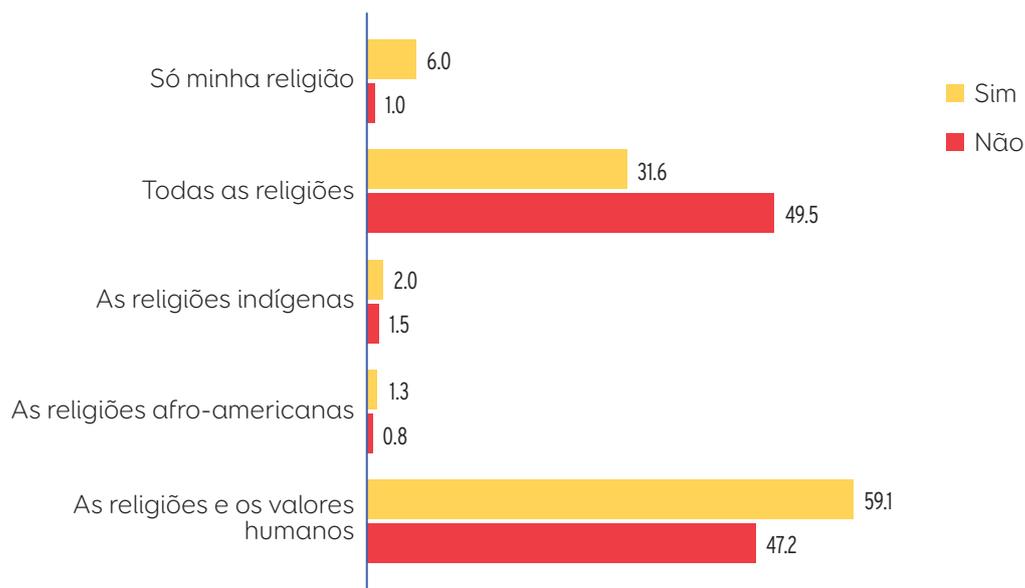
Gráfico 41. O Ensino Religioso deveria abordar: | Dados totais, por tipo de instituição



No caso do Ensino Fundamental, ao observar os dados com a variável de estudantes que assistem às aulas de Ensino Religioso, as opções minoritárias se mantêm. No caso das majoritárias, há uma diferença maior entre os estudantes que assistem e que apoiam o aprendizado das religiões e dos

valores humanos em maior medida (59%) do que os que não assistem (47%). O contrário acontece com a abordagem de todas as religiões, sendo que os que não assistem os que mais apoiam essa opção (50%) do que os que assistem (32%). Essas diferenças diminuem no Ensino Médio.

Gráfico 42. O Ensino Religioso deveria abordar: | Porcentagens de estudantes do E. Fundamental por assistência ao Ensino Religioso



Essas perguntas sobre os tópicos que devem ser abordados no Ensino Religioso, que obtiveram o apoio de metade dos estudantes para conhecer as religiões e os valores humanos no Brasil, descartando claramente o estudo apenas da sua também foram feitas em outros estudos do ORE. No relatório do ORE de 2020 na Espanha, uma grande maioria também apoiou o estudo de todas as religiões e valores humanos, cerca de dois terços, descartando também o estudo apenas da católica. No relatório do ORE de 2021 do Peru, os estudantes também optaram majoritariamente pelo estudo das religiões e dos valores humanos, em dois de cada cinco casos, e descartaram o estudo apenas da religião.

6.2. Avaliação dos temas abordados no Ensino Religioso

Perguntamos aos estudantes sobre sua avaliação de alguns dos conteúdos que normalmente são ensinados nos programas de Ensino Religioso para determinar sua avaliação. As respostas nos permitem concluir que todos os tópicos que perguntamos são avaliados como muito formativos, em todos os casos, os estudantes que avaliaram esses tópicos como formativos foram cerca de 70%, com uma minoria, entre 10 e 20%, que os classificou como pouco formativos ou muito interessantes.

Para a pergunta geral sobre os **conteúdos estudados** nas aulas de Ensino Religioso, a resposta revela que a grande maioria diz que são formativos (76%), em comparação com os que dizem que são pouco formativos (11%) ou muito interessantes (12%).

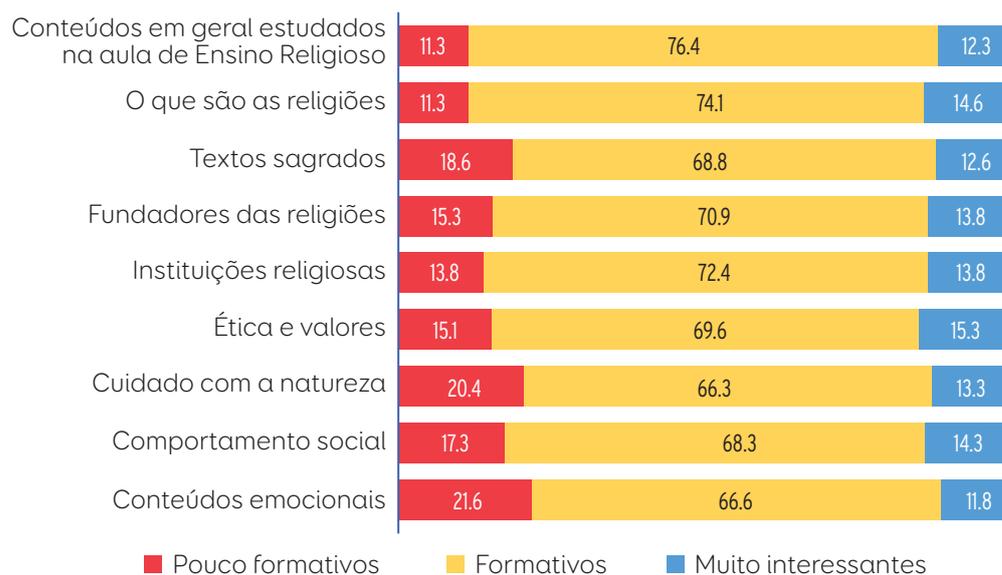
- Conteúdos sobre **“o que são as religiões”**, 88,7% respondem que são formativos ou muito formativos. Apenas 11% classificam esses conteúdos como pouco formativos.
- Conteúdos de **“textos sagrados”**, 81,4% respondem que são formativos ou muito interessantes. 18% classificam esses conteúdos como pouco formativos.
- Conteúdos sobre **“os fundadores das religiões”** são formativos ou muito interessantes, segundo 84,7%. 15% dos(as) estudantes classificam esses conteúdos como pouco formativos.
- Conteúdos sobre **“instituições religiosas”**, 86,2% respondem que são formativos ou muito interessantes. Apenas 13% classificam esses conteúdos como pouco formativos.
- Conteúdos sobre **“ética e valores”**, 84,9% respondem que são formativos ou muito interessantes. 15% dos(as) estudantes classificam esses conteúdos como pouco formativos.
- Conteúdos sobre o **“cuidado com a natureza”** são formativos ou muito interessantes, segundo 79,6%. Os que classificam esses conteúdos como pouco formativos aumentam para 20% neste tópico.

- Conteúdos sobre o **“comportamento social”**, 82,6% respondem que são formativos ou muito interessantes. Até 17% classificam esses conteúdos como pouco formativos.
- Conteúdos sobre **“conteúdos emocionais”**, 78,4% respondem que são formativos ou muito interessantes. Aqueles que classificam esses conteúdos como pouco formativos sobem para 21,6% neste tópico.

Constatamos uma tendência de avaliação positiva que se mantém em todos os casos das variáveis. Tanto nos níveis educacionais, com maior tendência a uma avaliação positiva em estudantes mais novos, quanto nas diferentes instituições educacionais, com uma leve tendência a uma melhor avaliação em escolas particulares.



Gráfico 43. Avaliação dos conteúdos estudados no Ensino Religioso | Porcentagens totais



Para estudantes do Ensino Médio, acrescentamos outra pergunta sobre os conteúdos sobre “**o sentido da vida**”. 44% responderam que são formativos e 29% muito interessantes, o que significa um apoio menor, tanto nesse tópico quanto nos

demais, em termos de formação, e maior, em termos de interesse. Aqueles que classificam esses conteúdos como pouco formativos sobem para 26,8% neste tópico.

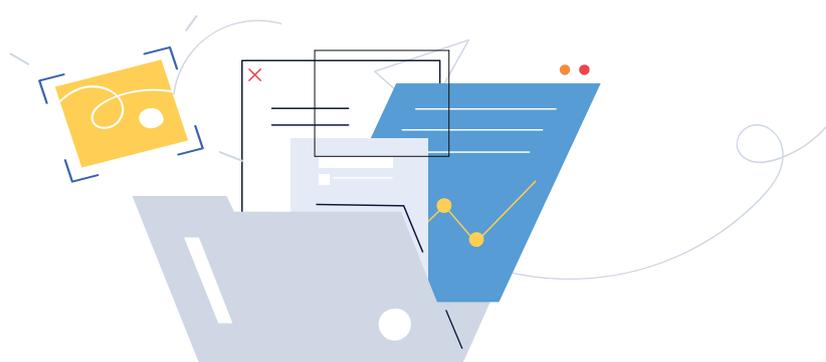
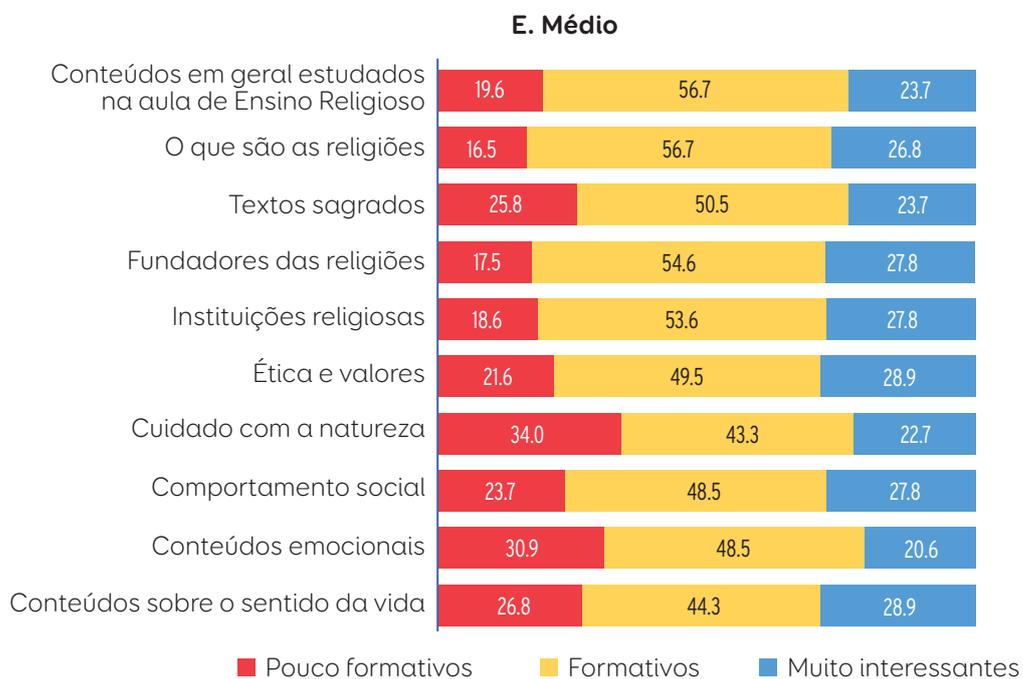
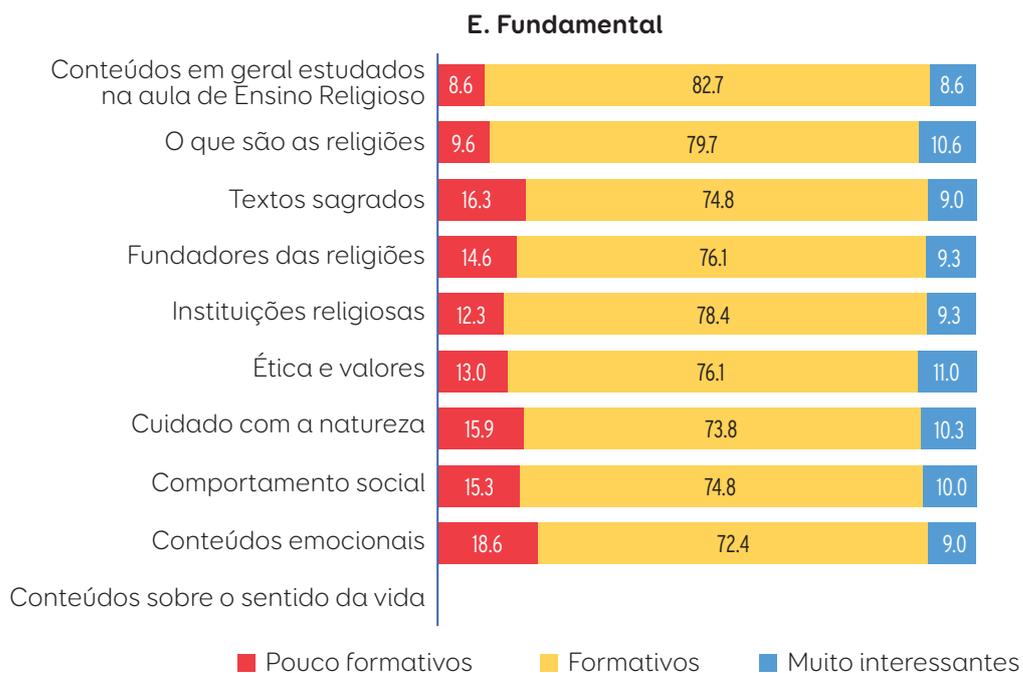


Gráfico 44. Avaliação dos conteúdos estudados no Ensino Religioso | Percentuais do E. Fundamental | Percentuais do E. Médio



Os estudantes de instituições públicas consideram mais interessante os conteúdos sobre o que são religiões, textos sagrados, instituições religiosas, o cuidado com a natureza e conteúdos emocionais.

Por outro lado, os que estudam em instituições particulares são mais críticos em relação aos conteúdos que tratam do cuidado com a natureza, do comportamento social e dos conteúdos emocionais, classificando-os como “pouco formativos” em maior proporção do que nas instituições públicas.

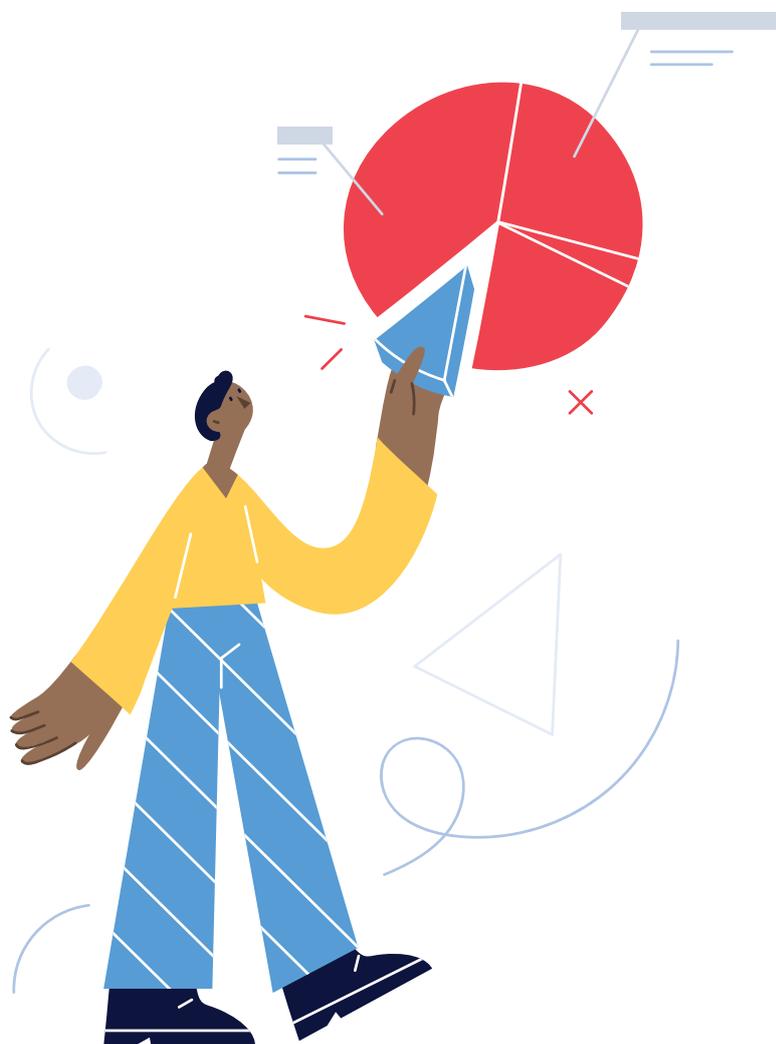
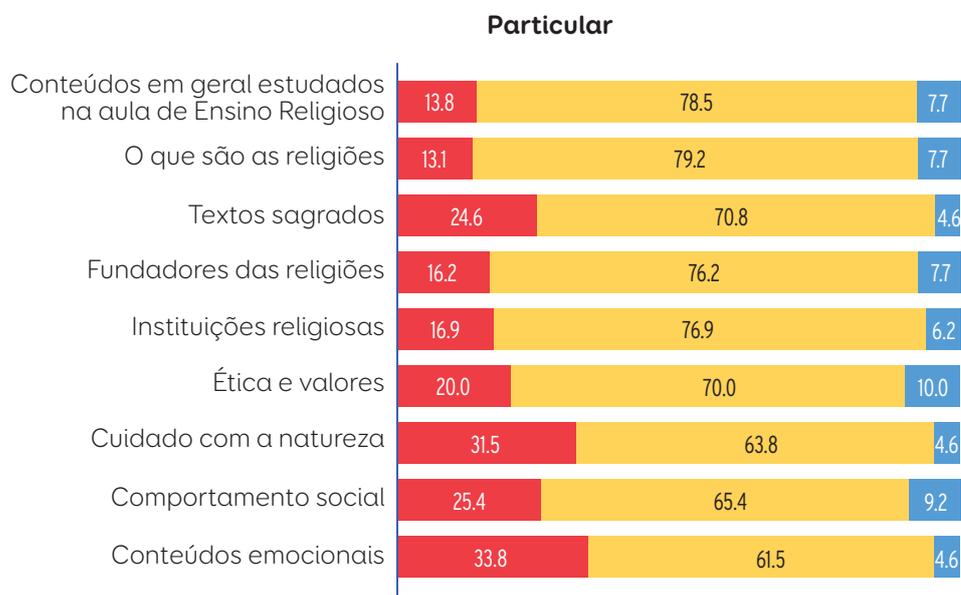
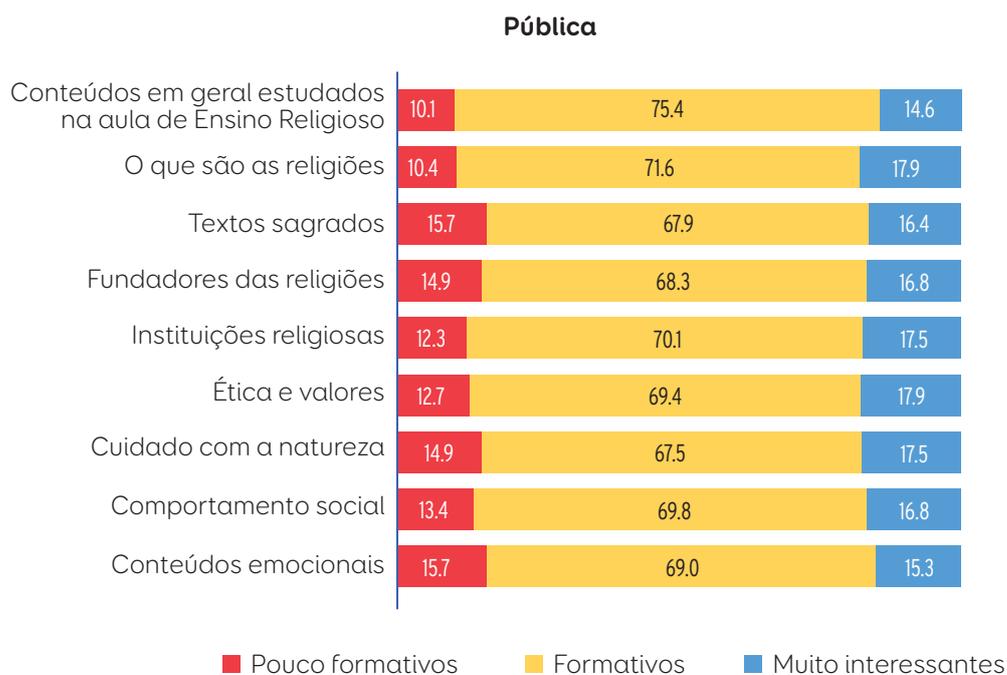
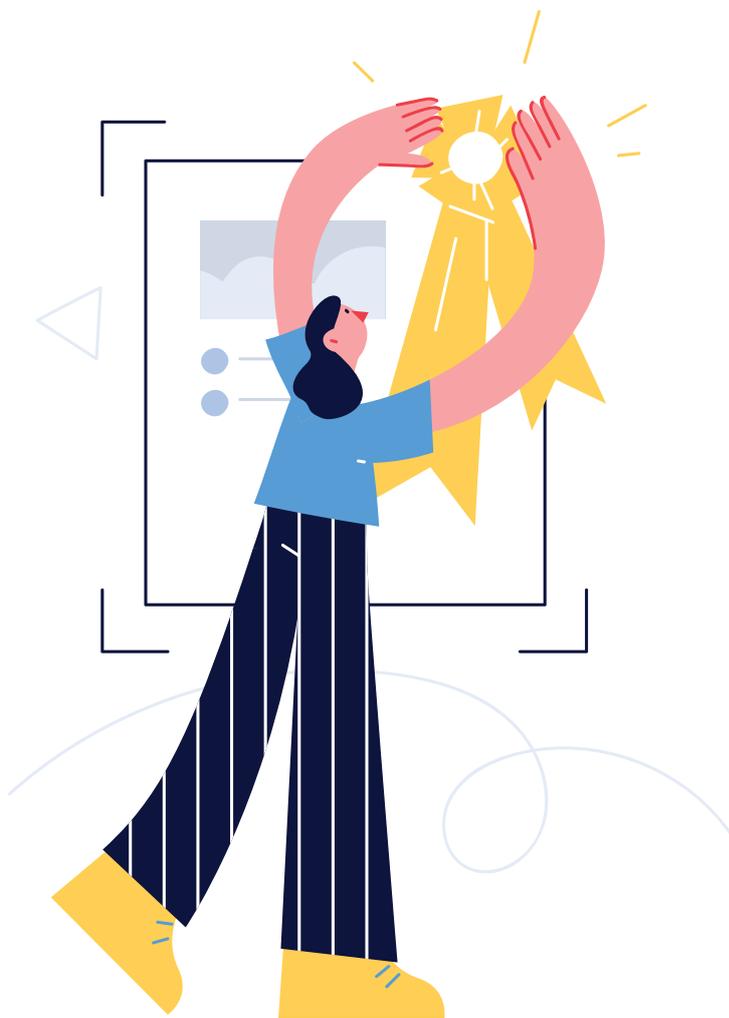


Gráfico 45. Avaliação dos conteúdos estudados no Ensino Religioso | Percentuais da escola pública Percentuais da escola particular



Observa-se uma clara tendência entre os estudantes do Brasil, como também foi constatado nas pesquisas da Espanha e do Peru, de que os estudantes sempre esperam do Ensino Religioso um aprendizado aberto sobre todas as religiões, em vez do estudo de apenas uma. Também se percebe,

nos três países, uma ligação entre religiões e valores humanos, entre crenças e valores, que também consideramos inseparáveis porque fazem parte da pedagogia da interioridade necessária para o pleno desenvolvimento da personalidade dos estudantes.

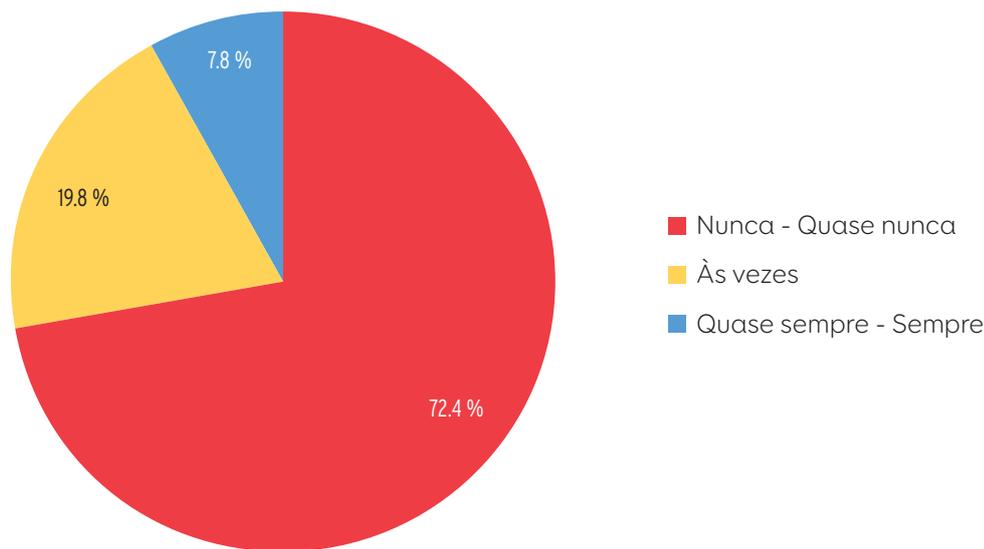


7. Os responsáveis pelo Ensino Religioso

Nossa pesquisa com estudantes do Brasil sobre sua percepção do Ensino Religioso foi complementada por algumas perguntas sobre como eles avaliam a atuação da Igreja local nas escolas, a presença de padres ou religiosos(as) nas instituições educacionais e professores de Ensino Religioso quando é ministrado como componente curricular.

27,6% dos estudantes dizem que a **Igreja está presente** em sua escola apoiando iniciativas de diálogo, 20% ocasionalmente e 8% sempre ou quase sempre. Para 72,4%, a Igreja nunca ou quase nunca aparece. A ausência da Igreja é mais evidente no caso dos estudantes que não assistem às aulas de Ensino Religioso.

Gráfico 46. A igreja local está presente na escola, apoiando algumas atividades e/ou participando de iniciativas de diálogo? | Dados totais



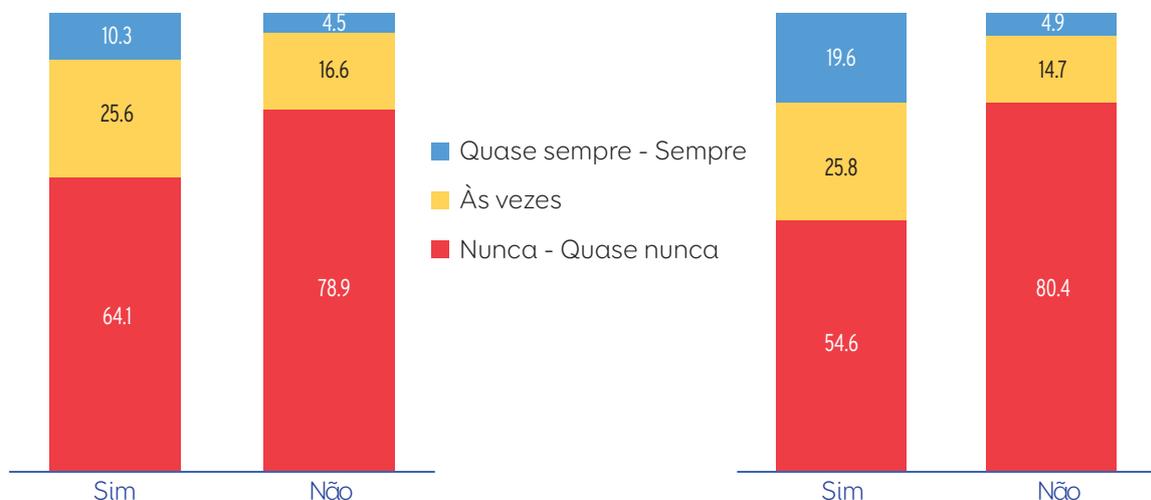
Com esses resultados, poderíamos pensar que a Igreja está afastada do sistema educacional e que não está ativamente presente; no entanto, o contexto da pergunta deve ser levado em conta para uma análise mais completa das respostas, bem como o ponto de vista dos estudantes, que pode não abranger todas as estruturas de funcionamento da escola. Assim, entende-se que o sistema

educacional é administrado por administrações públicas e não é o lugar natural para uma presença institucional da Igreja, além dos profissionais cristãos e do Ensino Religioso; de fato, 68% das instituições educacionais são públicas, enquanto 32% são particulares, incluindo aquelas mantidas pela Igreja, na opinião dos estudantes apenas 21,6%. Se levarmos em consideração a porcentagem de

escolas particulares (32%), nem todas administradas por igrejas (21,6%), as respostas já são mais previsíveis: os estudantes percebem a presença da

Igreja em instituições mantidas pela Igreja, mesmo em instituições não católicas.

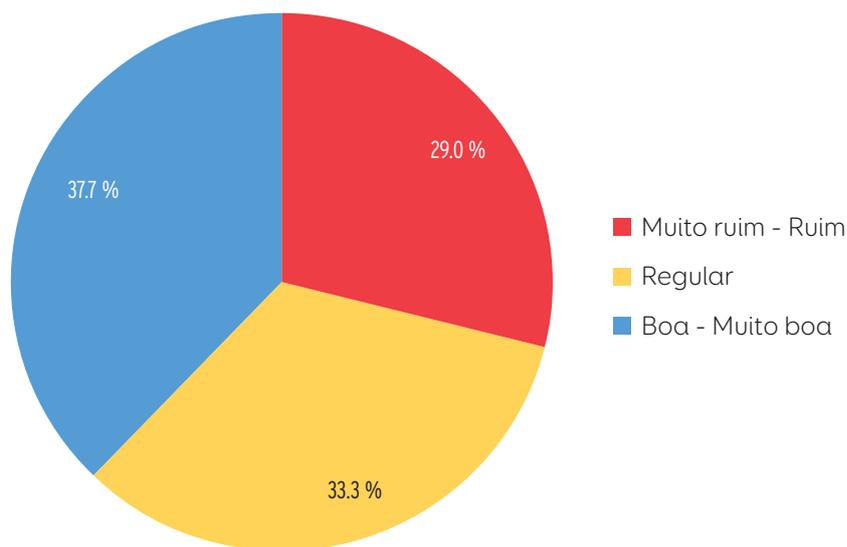
Gráfico 47. A igreja local está presente na escola, apoiando algumas atividades e/ou participando de iniciativas de diálogo? | Percentuais dos estudantes do E. Fundamental por assistência ao Ensino Religioso | Percentuais dos estudantes do E. Médio por assistência ao Ensino Religioso



Também perguntamos sobre a atuação de **padres, religiosos e religiosas** na vida cotidiana da escola para os 69 estudantes que estudam em escolas católicas. As respostas quase poderiam ser agrupadas em três terços, com poucas diferenças. Para 37,7% dos alunos, é uma atuação muito bem ou bem avaliada; 33,3% dos alunos a classificam como regular; e 29% a classificam como ruim ou muito ruim. Esta pergunta também requer contextualização, uma vez que se refere apenas a

essas figuras e não aos nas escolas, cada vez mais numerosos e responsáveis em seu funcionamento. Levando isso em conta, as respostas mostram uma percepção dos estudantes que se aplica apenas a essas figuras e não a toda a Igreja Católica. Por outro lado, as respostas positivas coincidem, até certo ponto, com as porcentagens de estudantes que assistem ao Ensino Religioso enquanto componente curricular.

Gráfico 48. Caso estejam presentes no cotidiano da escola, como avalia a atuação de padres, religiosos ou religiosas? | Dados totais de estudantes de escolas católicas



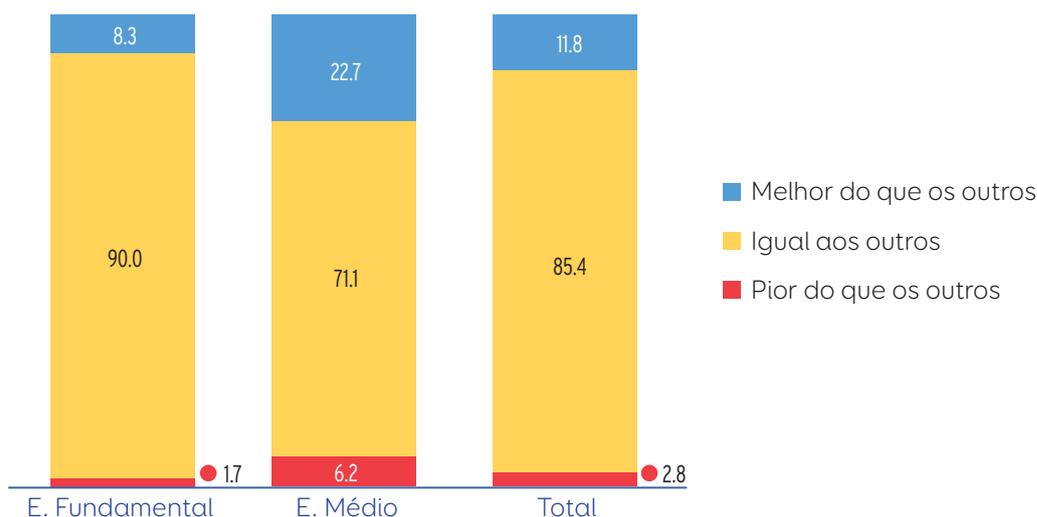
Quanto à avaliação do **professor de Ensino Religioso**, logicamente, só foi perguntado aos estudantes que responderam afirmativamente à pergunta se assistem às aulas de Ensino Religioso, que, como vimos anteriormente, foi de 40% no geral, sem diferenças entre as instituições públicas e particulares, e com uma proporção maior no Ensino Fundamental.

As respostas revelam uma percepção de que esses professores estão em igualdade de condições com os professores de outros componentes curriculares. Até 85,4% dos estudantes responderam que seu professor de Ensino Religioso é igual aos demais professores.

Somente 2,8% afirmaram que seus professores de Ensino Religioso eram piores do que os demais, com pouca diferença entre as instituições educacionais.

11,8% afirmaram que seus professores de Ensino Religioso eram melhores do que os demais. Chama a atenção o fato de que essa porcentagem aumenta para 22,7% no caso dos estudantes do Ensino Médio; no entanto, não há diferença entre as instituições educacionais.

Gráfico 49. Em comparação com outros(as) professores(as), seu(sua) professor(a) de Ensino Religioso é: | Porcentagens totais e por nível de ensino



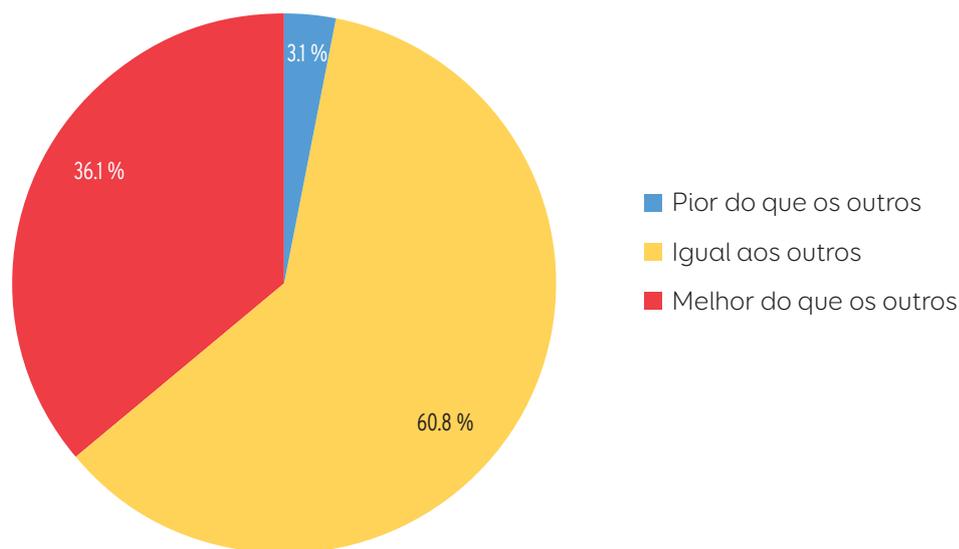
Essa avaliação positiva dos professores de Ensino Religioso constatadas no Ensino Médio está mais próxima dos resultados obtidos nos Relatórios do Observatório da Religião na Escola na Espanha (2020) e no Peru (2021), onde esses professores foram muito bem avaliados por seus alunos.

Para saber mais sobre essa **avaliação de seus professores** de Ensino Religioso, nosso estudo perguntou apenas aos estudantes do Ensino Médio sobre algumas questões específicas e pediu que os avaliassem em comparação com seus professores de outros componentes curriculares. As respostas mantêm a tendência já indicada na per-

gunta global: na maioria dos casos, considera-se que os professores de Ensino Religioso estão em igualdade de condições com os professores de outros componentes curriculares.

Quando perguntamos sobre o **testemunho de fé**, os professores de Ensino Religioso obtiveram uma porcentagem maior como melhores do que os demais (36,1%), embora a resposta majoritária tenha permanecido igual aos demais (60,8%), com apenas 3% classificando esse tópico como pior do que os demais.

Gráfico 50. Meu professor(a) da área de Ensino Religioso é para mim um testemunho de fé
| Dados totais



Perguntamos aos estudantes se a **metodologia** usada em sala de aula pelos professores de Ensino Religioso **é adequada**, e a resposta foi que 69% a consideram igual às demais, enquanto 24,7% dizem que é melhor do que as demais e 6% afirmam que é pior. Os resultados são muito consistentes com outra pergunta muito parecida sobre os **métodos de ensino** usados nas aulas de Ensino Religioso; as respostas indicam que 70% os classificam como iguais aos de outras disciplinas, 22,7% os classificam como melhores e 7% os avaliam como piores. Estamos, portanto, diante de respostas praticamente iguais a perguntas muito parecidas, o que revela uma significativa consistência nas respostas dos estudantes.

Na pergunta sobre os **conhecimentos pedagógicos** do professor de Ensino Religioso, as respostas também seguem a tendência já indicada. 78,4% dizem que são iguais aos outros professores, 17,5% consideram que são melhores e apenas 4,1% afir-

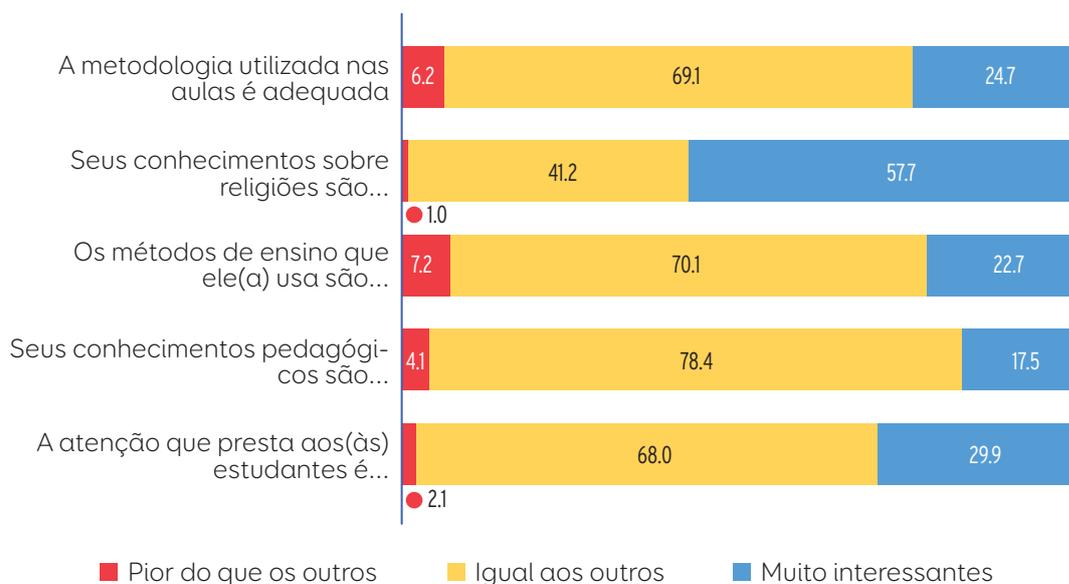
mam que são piores do que os outros professores. Portanto, mantém-se a percepção majoritária de que os professores de Ensino Religioso são iguais aos de outros componentes curriculares, embora nesta pergunta a maior porcentagem de respostas tenha sido alcançada na classificação “igual aos demais”, e a melhor porcentagem dos que responderam “melhor que os demais”.

Como um indicador da qualidade do ensino, perguntamos aos estudantes sobre a **atenção dada a eles**. As respostas estão alinhadas com as já conhecidas. 68% avaliam essa atenção do professor de Ensino Religioso como igual à de outros professores, enquanto 29,9% dizem que é melhor do que a de outros, uma das mais altas neste grupo de respostas. Chama a atenção o fato de que apenas 2% responderam que seus professores de Ensino Religioso atendem seus alunos pior do que os demais.

Por fim, a última pergunta foi sobre os **conhecimentos sobre religiões** dos professores de Ensino Religioso. Aqui a tendência se inverteu, como era de se esperar, e com 57,7% dos estudantes classificando seus professores de Ensino Religioso como tendo mais conhecimento sobre religiões do que os professores de outros componentes curriculares. No entanto, a porcentagem de estudantes que dizem que seus professores de Ensino Religioso são iguais aos outros nessa questão continua alta (41,2%). E a porcentagem dos que classificaram o conhecimento religioso de seus professores de Ensino Religioso como pior do que o dos demais foi de apenas 1%.

Em resumo, a tendência claramente predominante entre os estudantes do Ensino Médio do Brasil sobre seus professores de Ensino Religioso é que eles são iguais aos professores de outros componentes curriculares. Um indicador da integração da área de Ensino Religioso no funcionamento regular do sistema educacional. Logicamente, no conhecimento sobre religiões e no testemunho de fé, os professores de Ensino Religioso obtiveram as maiores porcentagens como melhores do que os demais.

Gráfico 51. Avaliação dos seguintes aspectos comparando o professor de Ensino Religioso com o resto dos professores | Porcentagens do E. Médio



Como conclusão, podemos dizer que, em comparação com outros estudos do ORE, os estudantes do Brasil mantêm as tendências gerais de avaliação dos estudantes do Ensino Médio sobre seus professores de Ensino Religioso obtidas em outros países.

- No relatório do Peru, realizado em 2021, os estudantes do Ensino Fundamental responderam que seus professores de Ensino Religioso eram iguais aos demais em 58%, enquanto 37% os classificaram como melhores que o resto; embora a tendência global se mantenha a mesma, as porcentagens mudam substancialmente.
- No estudo da Espanha, realizado em 2020, a porcentagem de estudantes que classificaram seus professores de Ensino Religioso como iguais ao resto também foi de 47,9%, enquanto a porcentagem dos que os consideraram melhores do que os demais foi de 36,8%.
- No presente estudo do Brasil, conforme apresentado, a porcentagem de estudantes do Ensino Médio que avaliam seus professores de Ensino Religioso como iguais aos demais chega a 85%, enquanto os que os avaliam como melhores chegam a 12%.

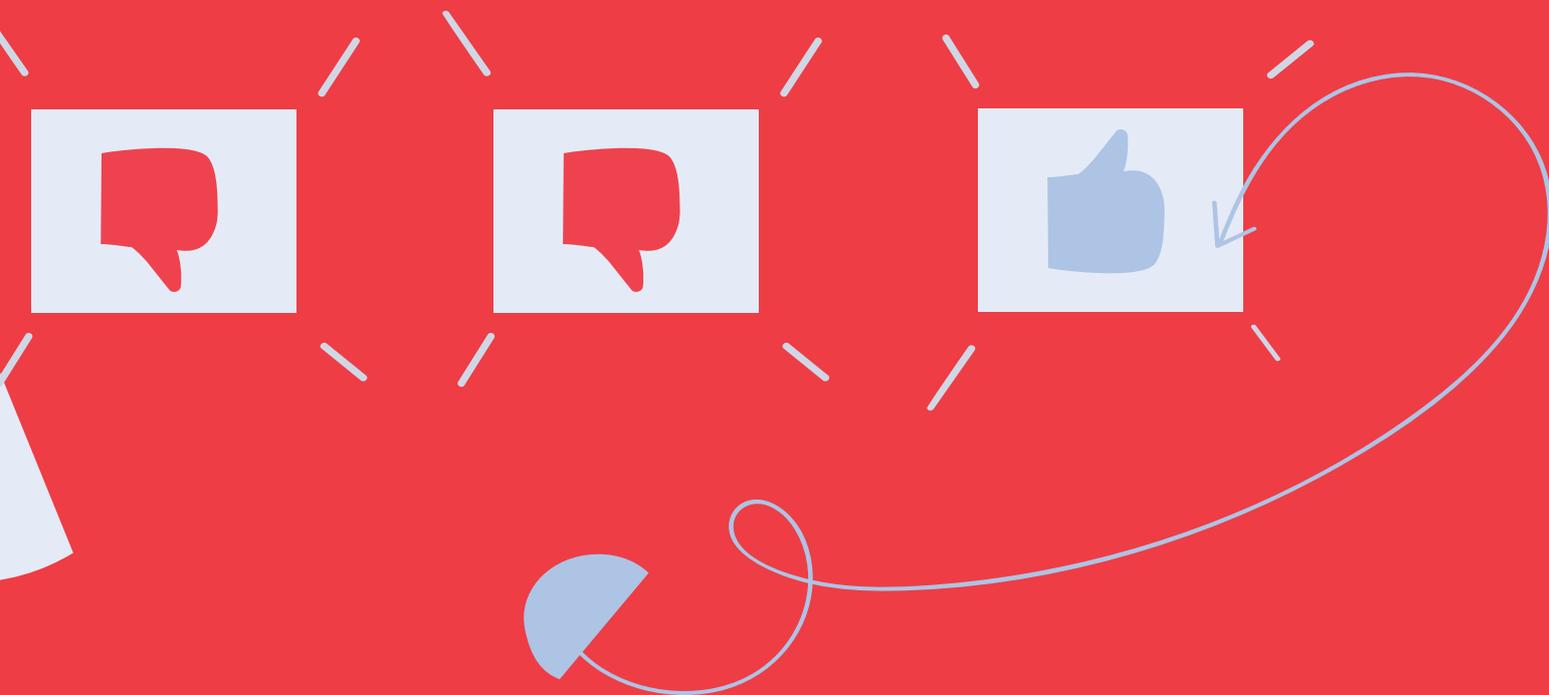


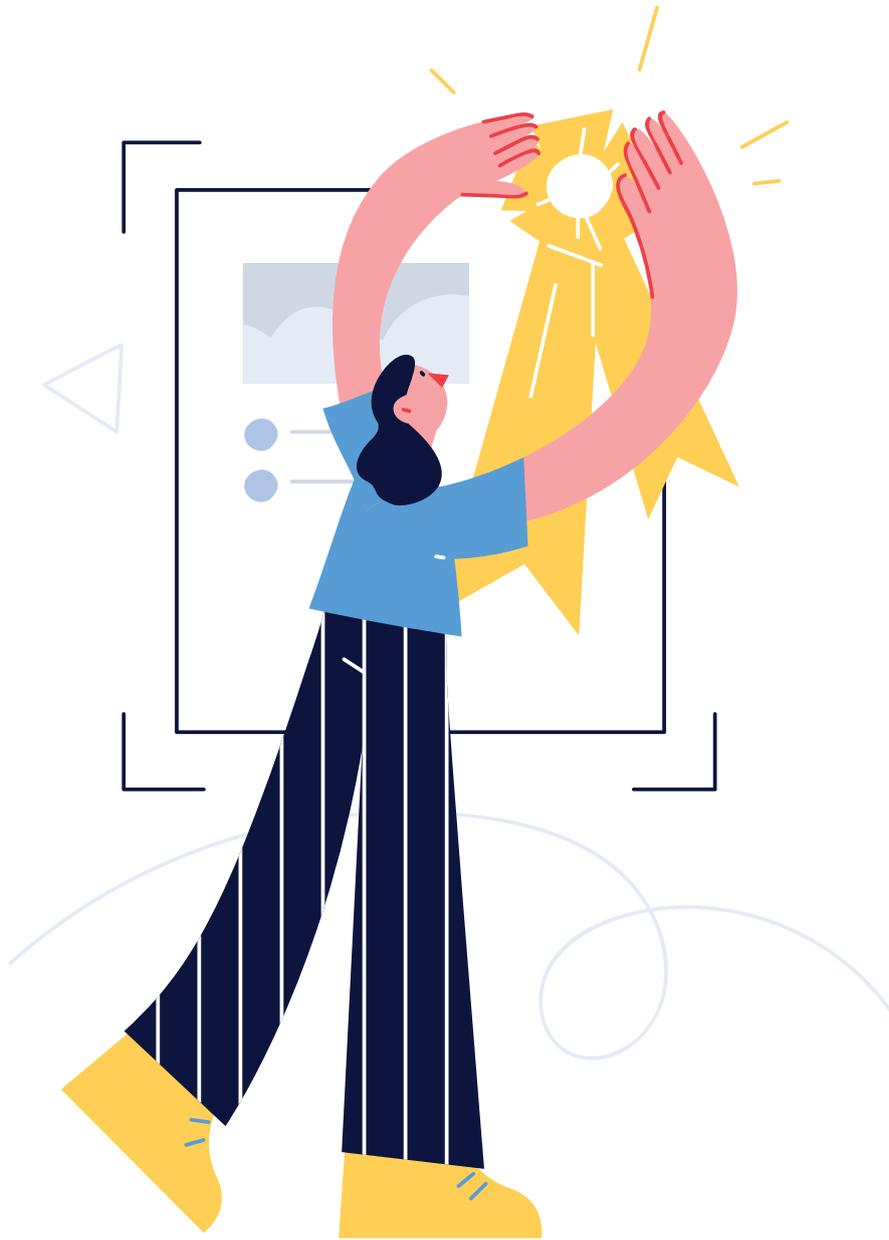


Capítulo 3

Famílias de estudantes de Ensino Religioso

1. Introdução	211
2. Perfil sociológico das famílias com filhos em idade escolar no Brasil	213
3. A primeira responsabilidade na educação é das famílias	221
4. Percepção das famílias sobre o funcionamento do sistema educacional brasileiro	223
5. Avaliação das contribuições educacionais do Ensino Religioso	226
6. Motivações das famílias para Ensino Religioso nas instituições educacionais	234
7. Elevado nível de satisfação das famílias com o Ensino Religioso de seus filhos/suas filhas	238





1. Introdução

A família constitui uma das referências culturais mais importantes para crianças e jovens quando se trata de compreender o mundo, construir sua identidade pessoal e integrar-se à sociedade de maneira bem-sucedida. Esta é uma das conclusões que tem se repetido em todos os estudos sobre jovens promovidos pela Fundação SM há décadas. Em um dos relatórios intermediários, por exemplo, o sociólogo Pedro já afirmava que: “nos últimos tempos, a família tem sido a instituição mais valorizada e melhor avaliada em todos os países”. (González Blasco, 2006)¹. Em outro relatório mais recente, José A. López-Ruiz confirma que a importância da família continua muito alta e não diminuiu ao longo dos anos: 97% dos jovens a consideram muito ou bastante importante: “atualmente, para 62% dos jovens, a família é o lugar onde as coisas mais importantes são ditas em termos de ideias e interpretações do mundo, antes de seus colegas e amigos, e até mesmo antes das escolas, dos livros ou dos meios de comunicação. Sem dúvida, mais do que nunca, os jovens vivem cercados por dados, redes de comunicação globalizadas e acesso cada vez mais instantâneo e rápido às informações; no entanto, a família continua sendo uma das referências culturais mais importantes para os jovens quando se trata de entender o mundo atual e se situar nele”. (López-Ruiz, 2017)²

Nosso interesse pelas famílias está no fato de que são protagonistas na educação dos(as) estudantes e as principais responsáveis pela educação de seus filhos. Consequentemente, são elas que decidem, se puderem devido às suas condições socioeconômicas, que tipo de escola, pública ou particular, querem para seus filhos. Em outros estudos muito semelhantes a este que realizamos na Espanha e no Peru, 99% das famílias confirmam que são as principais responsáveis pela educação de seus filhos e 75% consideram o Ensino Religioso como um direito fundamental dos pais de educar seus filhos de acordo com suas próprias convicções religiosas e morais (Garcés, 2020; Garcés 2021)³. No Brasil, mantém-se a tendência de que as famílias assumam a primeira responsabilidade pela educação de seus filhos, em torno de 95%; as famílias que consideram o Ensino Religioso como necessário para a educação de seus filhos também permanecem em torno de 75%. Portanto, entende-se que ligada a essa primeira responsabilidade claramente assumida pelas famílias está a escolha do Ensino Religioso na escola para seus filhos.

Assim sendo, acreditamos que as famílias são protagonistas no Ensino Religioso porque, sendo as principais responsáveis pela educação de seus filhos, exercem dois direitos fundamentais na

1 Cf. González Blasco. P. e outros (2006). Familia y Jóvenes. Em *Informe sobre la Juventud 2006*, Fundación SM.

2 López – Ruiz, J.A. (2017). La centralidad de la familia para los jóvenes: convivencia, libertad y educación. Em Gonzalez-Anleo, J.M e López-Ruiz, J.A. (2017), *Jóvenes Españoles “entre dos siglos”* (1984 - 2017), pp. (105-162). Fundación SM

3 Esteban, C. (2020). Las familias que eligen religión para sus hijos. Em Esteban, Panorama de la religión en la escuela, pp. (271-300). Fundación SM. Esteban, C. (2021). Familias de los alumnos y alumnas de educación religiosa. Em Esteban, Panorama de la educación religiosa en Perú, pp. (108 -134). Fundación SM.

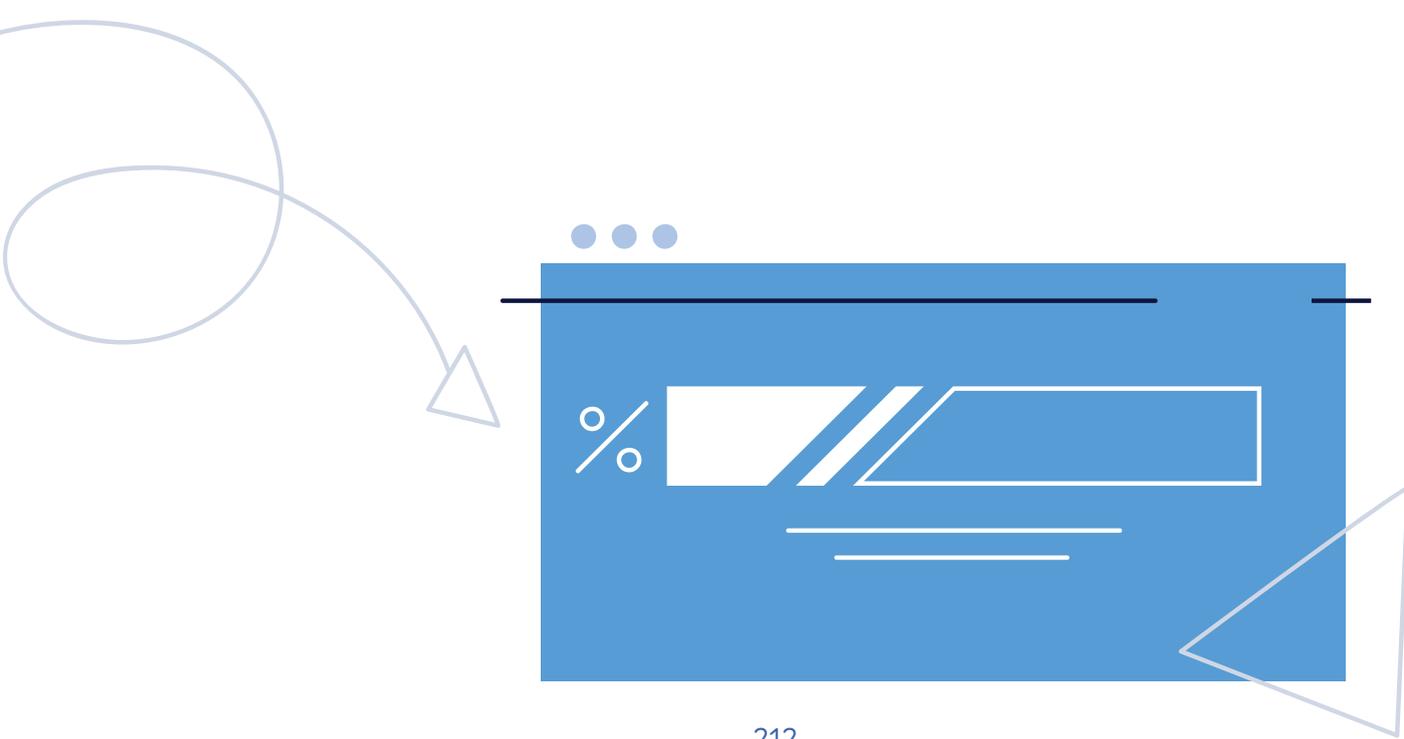
democracia: a liberdade de educação e a liberdade de religião ou de crença, ambas exercidas na escolha do Ensino Religioso no sistema educacional e na escolha do tipo de escola para seus filhos. Dessa forma, os e as estudantes que cursam o Ensino Religioso o fazem livremente e como resultado do exercício das liberdades fundamentais em educação e religião ou crença.

Essa responsabilidade das famílias no Ensino Religioso justifica o fato de elas serem o objeto de nossa pesquisa. Nosso principal objetivo era dar a palavra aos protagonistas do Ensino Religioso e obter suas opiniões sobre as contribuições educacionais do Ensino Religioso no sistema educacional.

Os grupos-alvo de nossa pesquisa foram as famílias cujos filhos participam do Ensino Religioso em todas as etapas escolares e em todos os tipos de

instituições educacionais. Também se seus filhos recebem o conhecimento religioso como conteúdo transversal ou por meio de um componente curricular específico. Todas as famílias foram alvo da nossa pesquisa.

O relatório que apresentamos agora é o resultado da análise das respostas ao questionário anexado ao final. Os resultados dessa pesquisa nos fornecerão um panorama muito completo das percepções das famílias sobre o Ensino Religioso no sistema educacional brasileiro, conforme a percepção das próprias famílias, o que não tínhamos até agora. Seus resultados nos fornecem um sólido ponto de partida para refletir sobre as deficiências e oportunidades que emergem de sua análise e as áreas de melhoria que podem ser identificadas no trabalho com as famílias. A metodologia da pesquisa foi explicada na própria nota deste relatório.

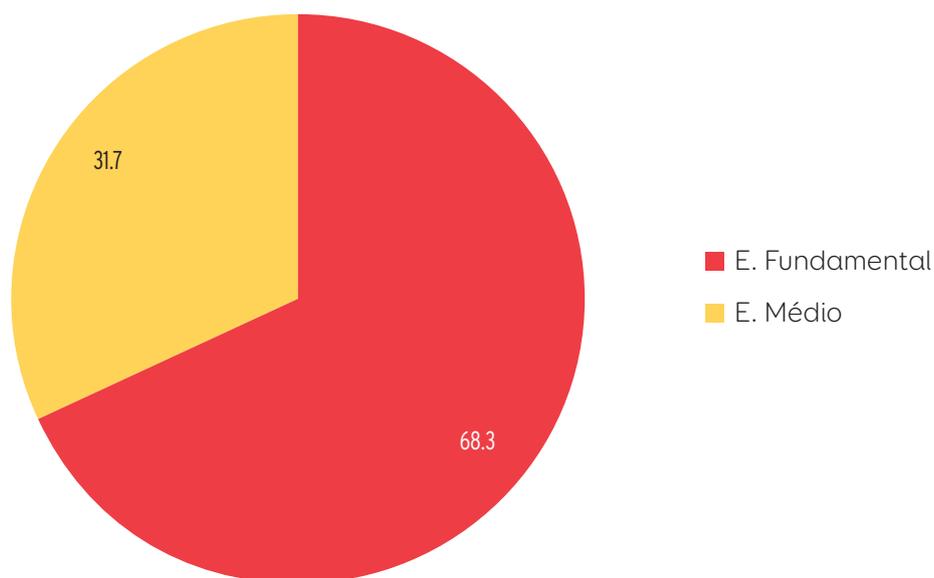


2. Perfil sociológico das famílias com filhos em idade escolar no Brasil

Para conhecer o perfil pessoal e sociológico das famílias que têm filhos na escola, nosso questionário incluiu um grupo inicial de perguntas sobre o número de filhos, o nível de educação em que se encontram, as condições das escolas, se a escola de seus filhos é pública ou particular e, se particular, se é católica ou não.

Das **famílias do Brasil** pesquisadas, 68,3 % indicaram que seus filhos estavam no Ensino Fundamental, enquanto os 31,7% restantes estavam no Ensino Médio.

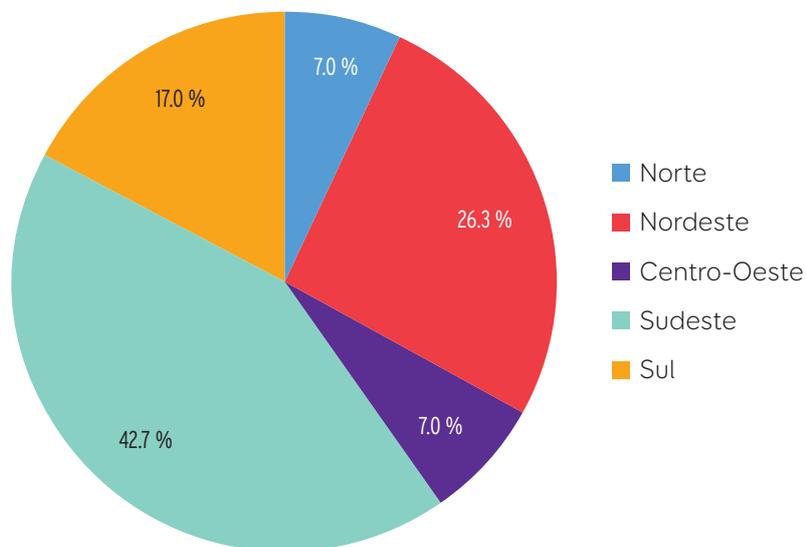
Gráfico 1. Nível educacional | Dados totais



As famílias com filhos em idade escolar no Brasil, no Ensino Fundamental e Médio, de acordo com sua **origem geográfica** por região, estão distribuídas na amostra da seguinte forma: 42,7% vivem

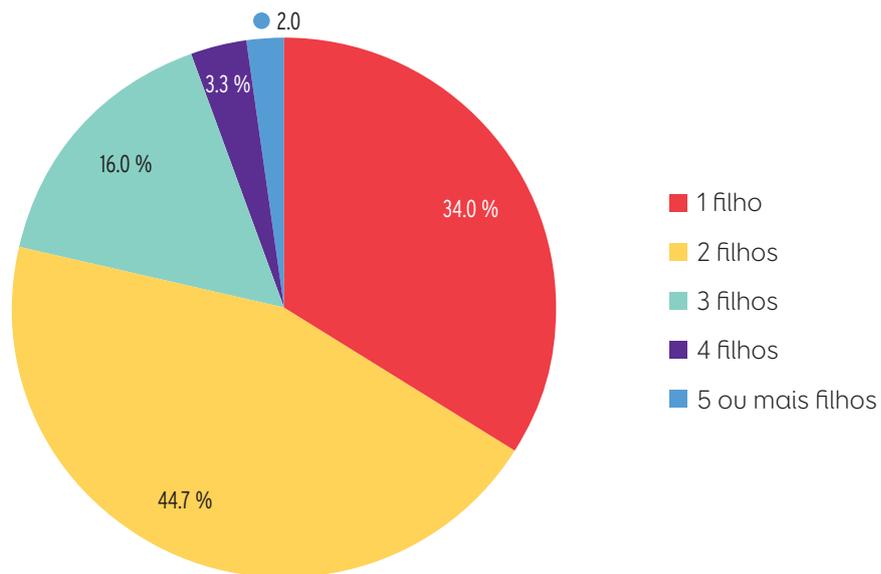
nos estados da Região Sudeste, 26,3% vivem nos estados da Região Nordeste, 17% na Região Sul, 7% na Região Centro-Oeste e 7% na Região Norte.

Gráfico 2. Região | Dados totais



Em termos de **número de filhos**, as famílias com filhos em idade escolar representam cerca de 80%; as famílias com um (34%) ou dois (44,7%) filhos, portanto, são a grande maioria. 16% das famílias têm três filhos e 5% têm quatro filhos ou mais.

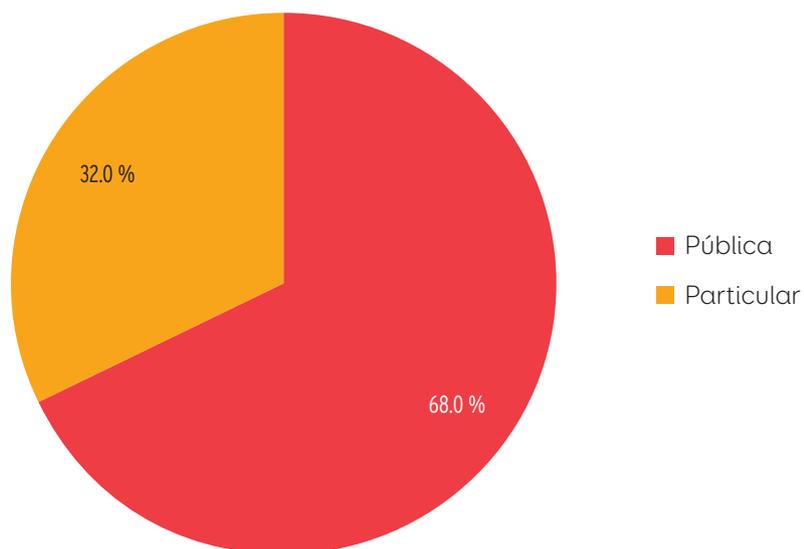
Gráfico 3. Número de filhos | Dados totais



Quanto ao tipo de escola que frequentam, duas em cada três famílias responderam que seus filhos

frequentam escolas públicas (68%), enquanto um terço frequenta escolas particulares (32%).

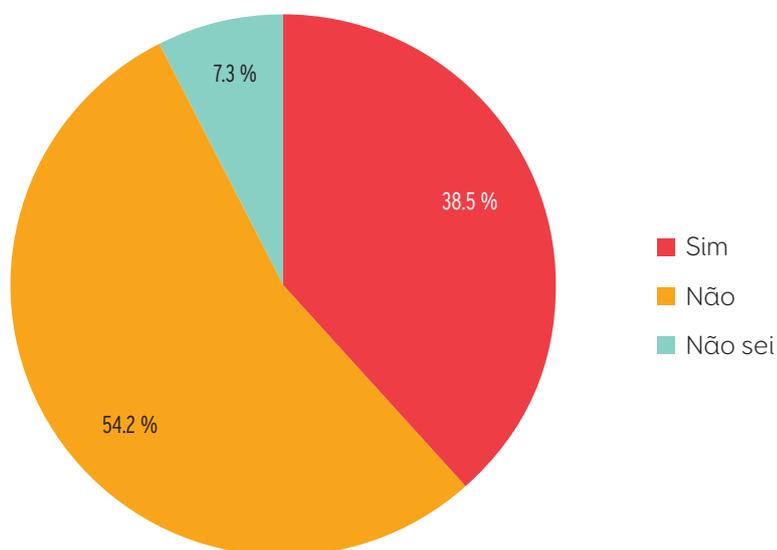
Gráfico 4. Tipo de instituição educacional em que o(s) filho(s) ou filha(as) estuda(m) | Dados totais



As escolas particulares têm seus próprios projetos educacionais, principalmente as confessionais. Por isso, as famílias que responderam que seus filhos estavam em escolas particulares foram perguntadas sobre a identidade de seus projetos educacionais, e os resultados mostram que, dos 96 casos,

há uma porcentagem muito pequena (7,3%) que não sabe se a escola é católica ou não. 38,5% afirmam que a escola de seus filhos é católica, enquanto 54,2% dizem que não é. São respostas que revelam a diversidade presente nas escolas particulares.

Gráfico 5. A escola é católica? | Dados totais

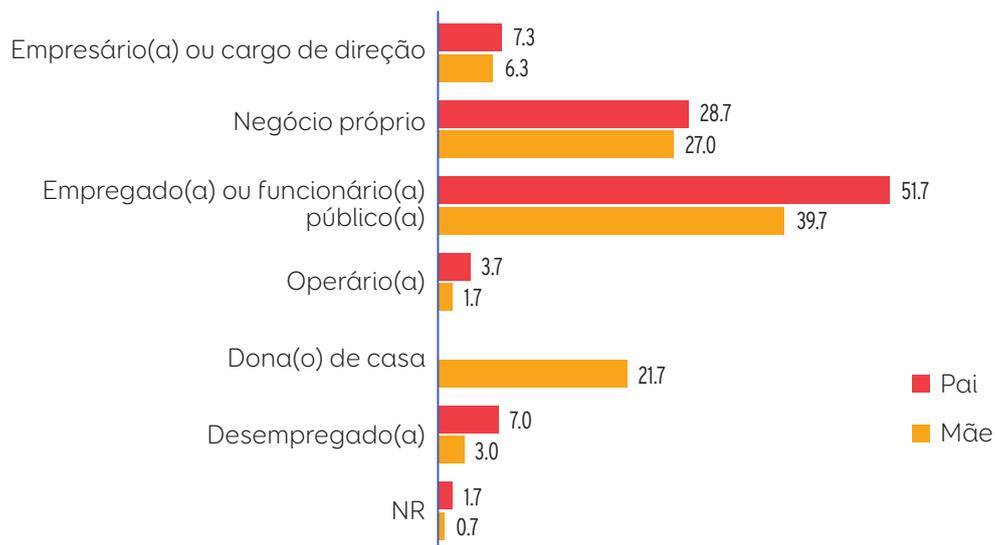


Com relação à **profissão dos pais e das mães**, os resultados de nossa pesquisa revelam que a maioria dos pais é empregada ou funcionária pública (51,7%), e as mães com essa profissão também são a maior porcentagem (39,7%), mas há uma diferença significativa. Um terço das famílias tem seu próprio negócio (28%), são empresários ou ocupam cargos de direção (7%), e chama a atenção o fato de que essas porcentagens não mostram praticamente nenhuma diferença entre pais e mães.

Com relação ao desemprego, 7% dos pais declararam estar sem emprego, em comparação com 3% das mães.

No caso das mães, uma em cada cinco disse que era dona de casa (21,7%), uma profissão para a qual não houve resposta entre os pais.

Gráfico 6. Profissão do pai e a mãe | Dados totais (%)



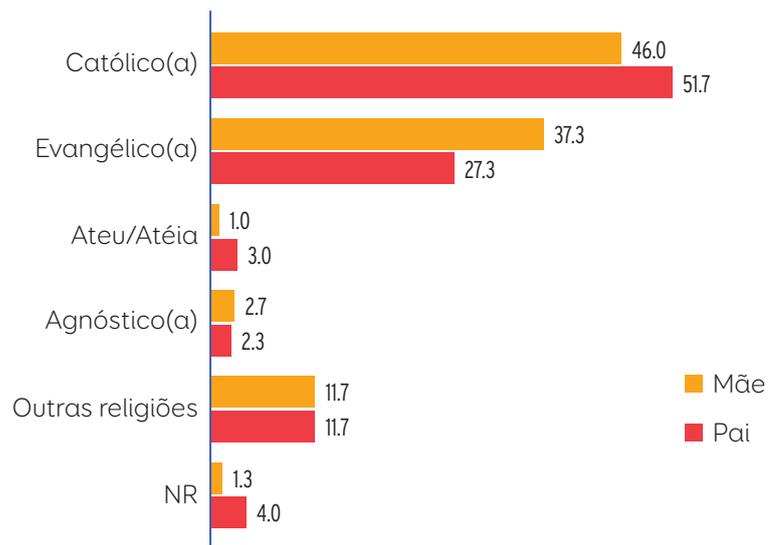
2.1. Perfil religioso das famílias

Para completar esses dados básicos sobre o perfil pessoal e sociológico das famílias com filhos em idade escolar que estão cursando o Ensino Religioso, nossa pesquisa solicitou alguns dados sobre seu perfil religioso. Em termos de sua classificação religiosa, quase metade das famílias se declara católica, com uma porcentagem maior de pais (51,7%) do que de mães (46%). Quase um terço das famílias se definem como evangélicas, sendo que as mães representam a maior porcentagem

(37,3%) em comparação com os pais (27,7%). 12% das famílias dizem ter outra religião, sem diferença entre pais e mães. Só 2% dizem que são ateus e quase a mesma porcentagem diz que é agnóstica.

Assim, o perfil religioso das famílias brasileiras com crianças em idade escolar é **predominantemente cristão**, com quatro em cada cinco famílias se definindo como cristãs, sendo que as denominações católicas superam as evangélicas em 24 pontos percentuais no caso dos pais.

Gráfico 7. Em termos religiosos, a mãe e o pai se classificam como: | Dados totais (%)



Não só a porcentagem de famílias cristãs no Brasil é muito alta, quatro em cada cinco, como também a grande maioria delas participa ativamente de uma comunidade, movimento ou outro grupo religioso cristão (60,3%). Chama a atenção o fato de que, nessas porcentagens de resposta, não há diferença entre as famílias de escolas públicas e particulares, com diferenças de apenas dois pontos percentuais.

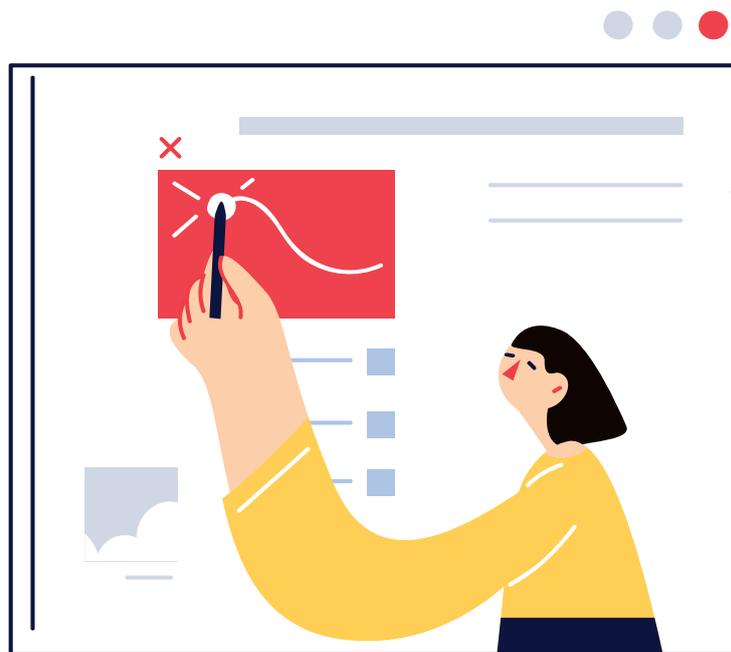
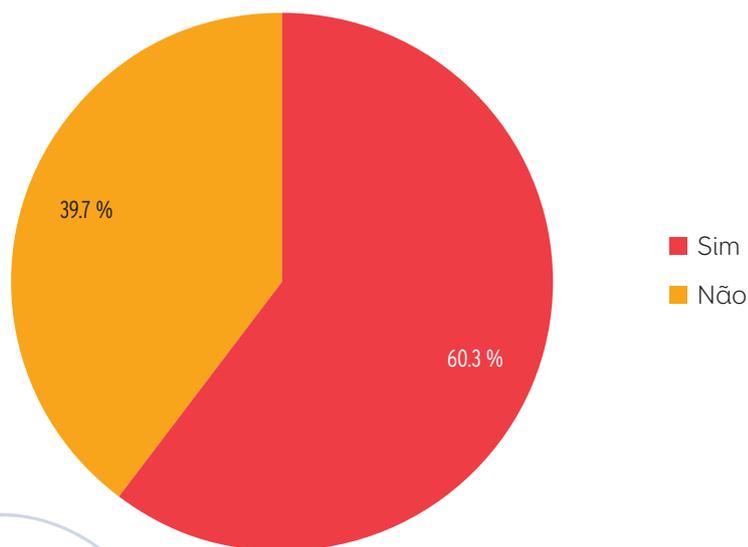


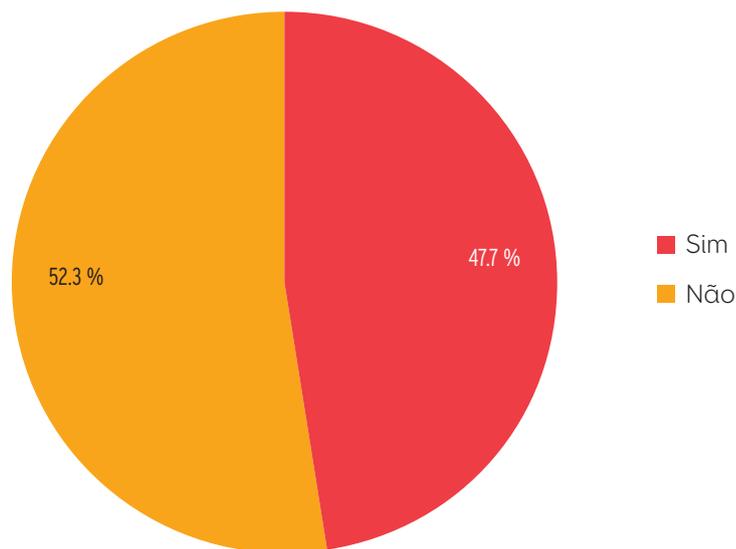
Gráfico 8. Participa de alguma igreja, movimento ou outro grupo religioso? | Dados totais



2.2. Perfil social das famílias

Para nós, um dos indicadores de experiência religiosa é a sensibilidade social e o voluntariado, por isso nossa pesquisa perguntava se as famílias tinham um compromisso de voluntariado relacionado à justiça social. Quase metade (47,7%) respondeu afirmativamente, o que revela um perfil muito comprometido socialmente com os valores de justiça e inclusão.

Gráfico 9. Tem algum compromisso social de voluntariado? | Dados totais



Trata-se de um indicador muito positivo do perfil social das famílias, já que uma porcentagem significativamente alta tem algum tipo de compromisso social ou voluntariado em projetos ou realidades relacionadas à justiça e à melhoria da sociedade. Esse alto compromisso social das famílias, que se aproxima de 50%, pode estar ligado à sua participação ativa em movimentos ou grupos religiosos, que, segundo nossa pesquisa, é de 60%.

Sem dúvida, esse perfil muito ativo de compromisso com a justiça social é uma descoberta muito interessante da nossa pesquisa sobre famílias em idade escolar no Brasil. Esses dados não se repetem em outros países, nem latino-americanos nem europeus.

Por exemplo, no estudo que o Observatório da Religião na Escola realizou no Peru em 2021, a porcentagem de famílias que participavam de movimentos ou grupos religiosos era de 28,5%, apenas

a metade do que no Brasil, onde era de 60%. Em termos de compromisso de voluntariado, no Peru, chegava a 16%, menos da metade do que no Brasil, que chegava a 48%.

Se levarmos em conta os dados revelados pelo relatório do ORE na Espanha, em 2020, os dados mostraram que 34% das famílias participavam de uma paróquia ou coletivo religioso, acima dos 28,5% no Peru, mas bem abaixo dos 60% no Brasil. Quanto às famílias espanholas que participavam de algum compromisso de voluntariado ou cooperação com uma ONG, o número foi de 43%, um bom indicador, também abaixo dos números do Brasil.

3. A primeira responsabilidade na educação é das famílias

Depois de descrever alguns traços do perfil pessoal e sociológico das famílias cujos filhos cursam o Ensino Religioso, o próximo grupo de perguntas da nossa pesquisa tinha como objetivo saber suas opiniões sobre a educação. Uma das questões mais importantes, em particular, foi sobre quem são os primeiros responsáveis pela educação.

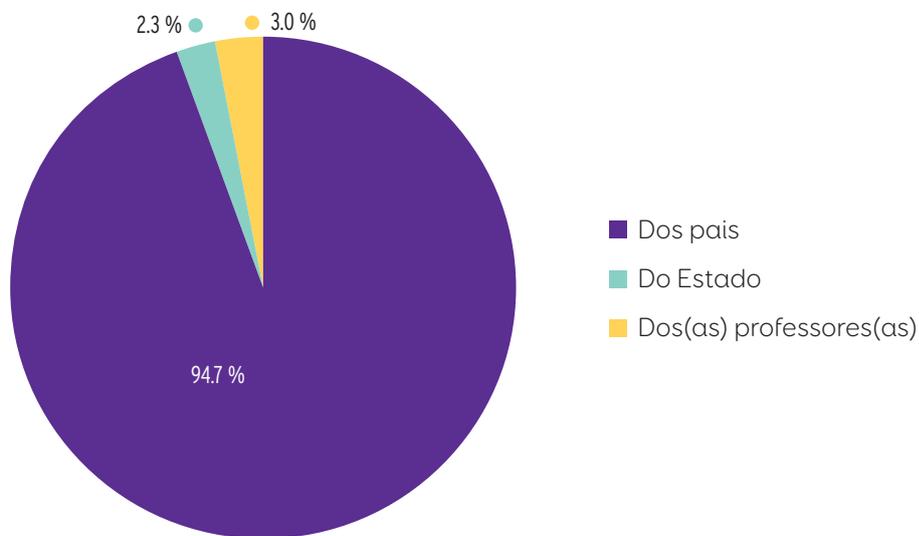
As respostas a essa pergunta revelam uma das principais conclusões do nosso estudo: os pais e as mães se consideram os primeiros responsáveis pela educação de seus filhos, muito antes de outros, como o Estado ou os professores. 94,7%

das famílias afirmam que são elas as primeiras responsáveis.

A análise das respostas pelo tipo de escola que seus filhos frequentam não mostra nenhuma diferença significativa, com as escolas públicas e particulares mantendo a primeira responsabilidade com quase nenhuma diferença percentual.

A porcentagem de pessoas que achavam que o Estado ou os professores eram os primeiros responsáveis não ultrapassou 23% em cada caso.

Gráfico 10. A primeira responsabilidade na educação dos filhos é: | Dados totais



Essa responsabilidade das famílias de escolher o tipo de educação que preferem para seus filhos, reconhecida e garantida no artigo 26.3 da Declara-

ção Universal dos Direitos Humanos, inclui explicitamente o direito de escolher uma educação de acordo com suas convicções religiosas e morais.

Portanto, a escolha de uma educação que inclua Ensino Religioso constitui um dos desdobramentos da liberdade fundamental de educação e religião ou crença.

Assim, confirma-se que as famílias têm um papel de protagonismo nesse âmbito de Ensino Religioso, pois são as primeiras responsáveis pela educação de seus filhos e exercem sua liberdade de educação e religião ou crença ao escolher o componente curricular de Ensino Religioso e, quando apropriado, ao escolher o tipo de escola.

Em outros estudos semelhantes a este, também obtivemos respostas semelhantes. Por exemplo, no Peru, a porcentagem de famílias que se sentiam as primeiras responsáveis pela educação de seus filhos chegou a 97%. No caso da Espanha, 98% em 2010 e 99% em 2020, das famílias que escolhem o componente curricular de Ensino Religioso para seus filhos confirmam que a primeira responsabilidade pela educação de seus filhos é deles como pais, descartando o Estado ou a escola.

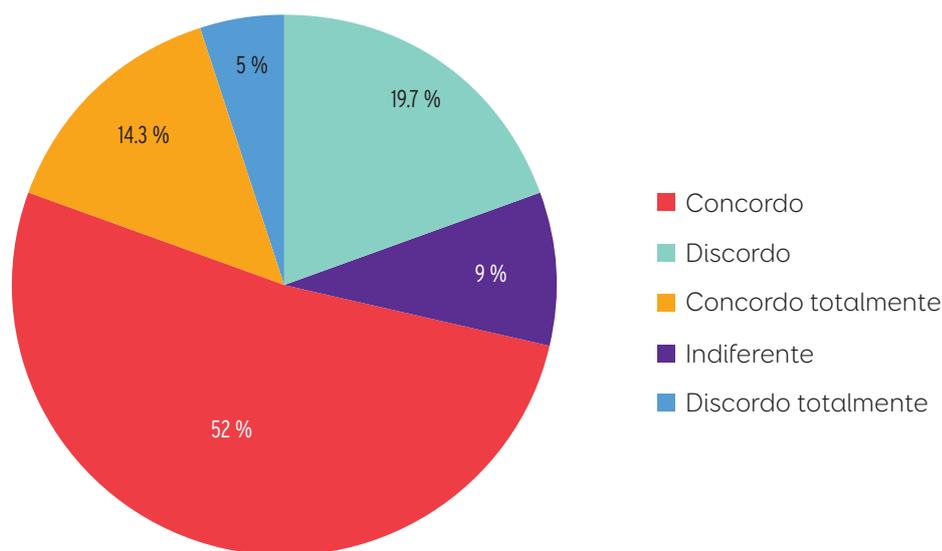


4. Percepção das famílias sobre o funcionamento do sistema educacional brasileiro

Além da questão principal sobre a primeira responsabilidade das famílias pela educação dos filhos, nossa pesquisa perguntava sobre sua avaliação do sistema educacional, sua liberdade de escolher o tipo de escola e algumas outras questões, como tutoria ou atividades complementares.

Uma das conclusões revela que, para duas em cada três famílias no Brasil, o **sistema educacional funciona bem** em geral. A análise das respostas, levando em conta o tipo de instituição em que seus filhos estudam, revela pouca variação em sua avaliação, apenas dois pontos percentuais.

Gráfico 11. O sistema educacional funciona bem, em termos gerais | Dados totais



Quando perguntamos às famílias sobre o funcionamento do sistema educacional em pesquisas semelhantes, os resultados foram um pouco diferentes. Por exemplo, no estudo realizado pelo Observatório da Religião na Escola em 2020 na Espanha, as famílias reprovaram o sistema educacional, apenas 38% responderam que funcionava, em termos gerais, bem ou muito bem; uma

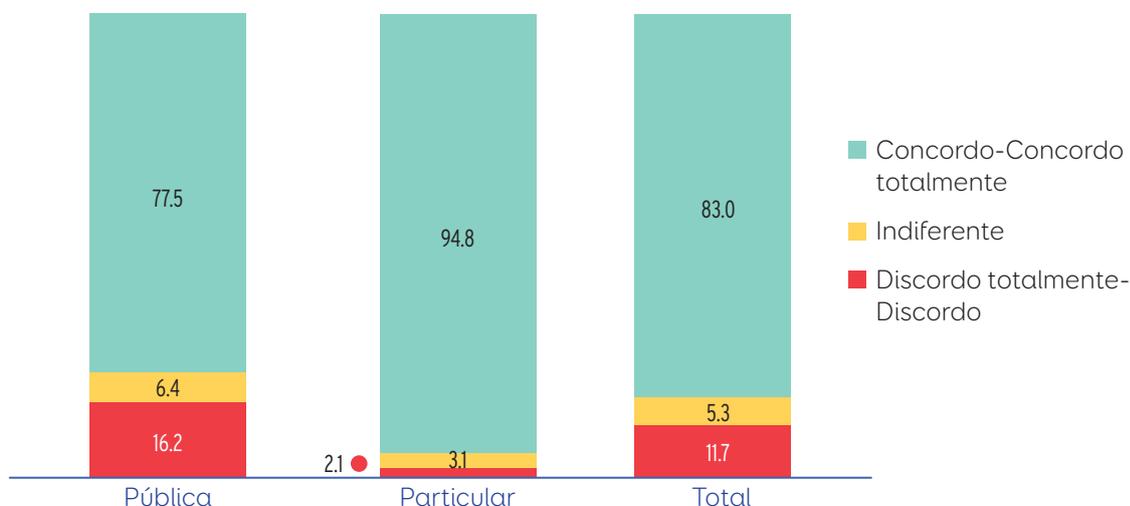
porcentagem muito semelhante à obtida em um estudo anterior realizado em 2010.

Outra questão fundamental para descrever a avaliação das famílias sobre o funcionamento do sistema educacional no Brasil é sua percepção da liberdade que têm para escolher o tipo de escola, pública ou particular, para seus filhos. 83% consi-

deram que as mães e os pais têm **liberdade para escolher** o tipo de instituição educacional que

preferem para seus filhos. Outros 12% não pensam assim e apenas 5% são indiferentes.

Gráfico 12. Os pais têm liberdade de escolher o tipo de escola que querem para seus filhos | Dados totais e por tipo de instituição (%)



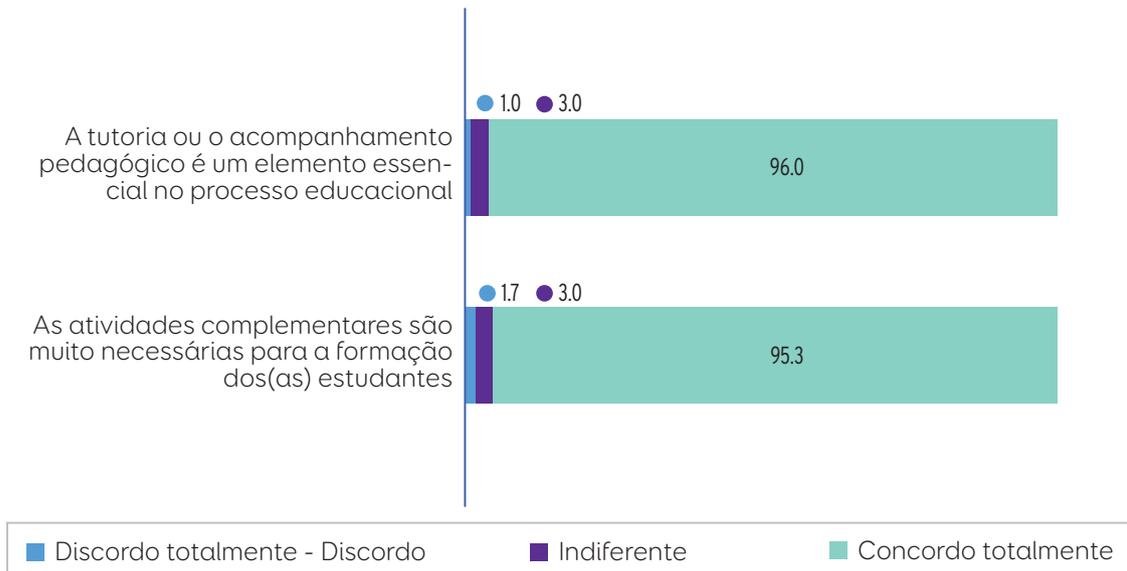
A análise das respostas com a variável escola particular ou pública mostra uma diferença que era de se esperar. As famílias que colocam seus filhos em escolas particulares consideram que exercem sua liberdade em uma porcentagem de cerca de 95%, enquanto essa porcentagem cai para 77% entre as famílias de escolas públicas.

Esse grupo de perguntas sobre o sistema educacional também incluiu uma questão relevante para seu funcionamento: a **avaliação da tutoria** e do apoio a estudantes na escola como um elemento essencial no processo educacional. As respostas revelam que a grande maioria das famílias (96%) avalia positivamente a tutoria como uma oportunidade importante na educação de seus filhos. A diferença é de apenas um ponto percentual quando a variável escola pública e particular

é levada em conta. Somente 1% das famílias discorda que a tutoria seja um elemento essencial do processo educacional.

Para completar essa percepção das famílias sobre o funcionamento do sistema educacional brasileiro, nossa pesquisa perguntava sobre a oportunidade de atividades complementares na formação dos(as) estudantes. As respostas também mostram um amplo apoio dos pais a esse elemento educacional das **atividades complementares**. 96% concordam ou concordam totalmente com isso, com uma diferença percentual de dois pontos, dependendo do tipo de instituição educacional, e com quase nenhuma rejeição (1,7%).

Gráfico 13. Grau de concordância com as seguintes afirmações: | Dados totais (%)



5. Avaliação das contribuições educacionais do Ensino Religioso

Além dos dados iniciais sobre o perfil sociológico e religioso das famílias brasileiras com filhos que cursam o Ensino Religioso e suas opiniões sobre o funcionamento geral do sistema educacional, nossa pesquisa tinha um objetivo essencial: descobrir a percepção dessas famílias sobre o Ensino Religioso que seus filhos recebem, sua avaliação das contribuições educacionais e seu nível de satisfação com esse ensino.

5.1. Percepção a respeito da obrigatoriedade do Ensino Religioso

Três em cada quatro famílias dizem que a área de **Ensino Religioso é necessária** na educação de seus filhos (75%). 10% não concordam com essa afirmação e 14% se dizem indiferentes. Portanto, no Brasil, uma clara maioria das famílias considera o Ensino Religioso como uma parte necessária na educação de seus filhos. A análise dos resultados com a variável do tipo de instituição, pública ou particular, não mostra discrepância, com uma diferença que não supera 1%.

Fizemos essa mesma pergunta às famílias em outros relatórios realizados pelo Observatório da Religião na Escola, obtendo resultados muito parecidos. No relatório do ORE de 2020 na Espanha, 74% das famílias reconheciam o Ensino Religioso como um direito fundamental dos pais e das mães. No estudo do ORE de 2021 no Peru, as famílias confirmaram, por ampla maioria, 92,3%, que o Ensino Religioso era necessária para a educação de seus filhos.

Embora três em cada quatro famílias considerem o Ensino Religioso necessário para seus filhos, chama a atenção o fato de que apenas 56% apoiam a **obrigatoriedade** desse ensino para todos os estudantes, enquanto um em cada quatro diz discordar dessa obrigação (26,3%). Uma porcentagem menor, 17,7%, diz-se indiferente à questão da obrigatoriedade do Ensino Religioso. Se levarmos em conta a variável do tipo de escola, as famílias de escolas públicas são a favor da obrigatoriedade em apenas três pontos percentuais a mais do que as de escolas particulares.

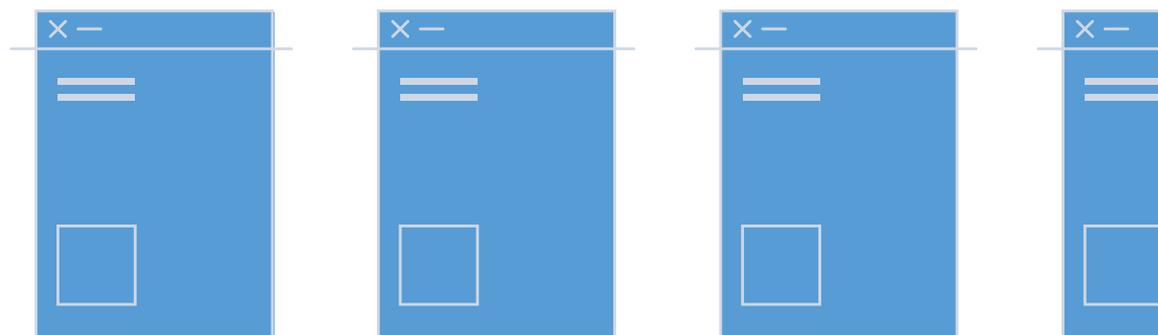
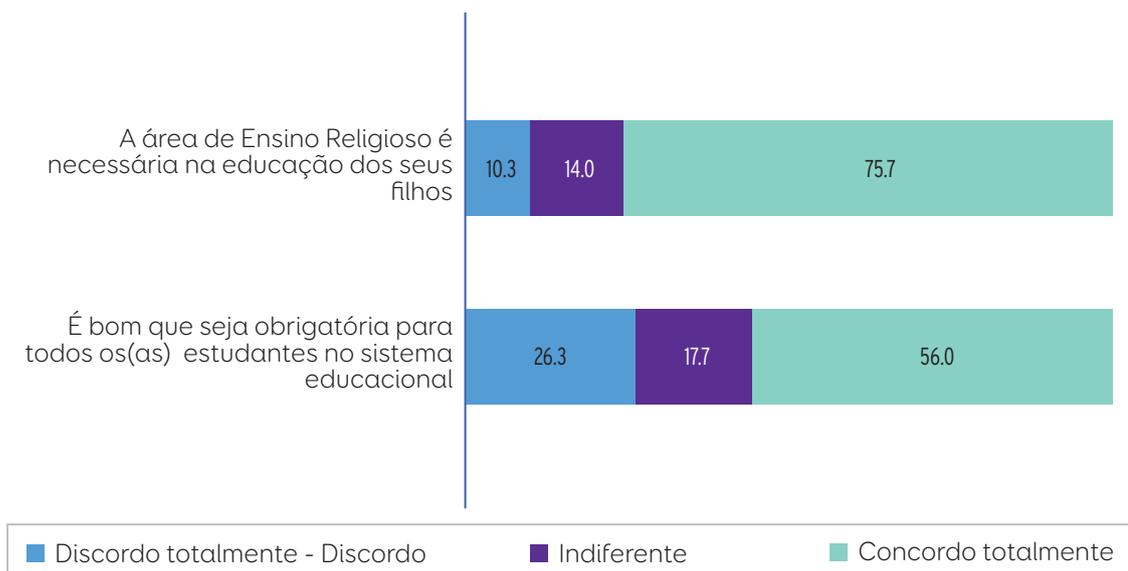
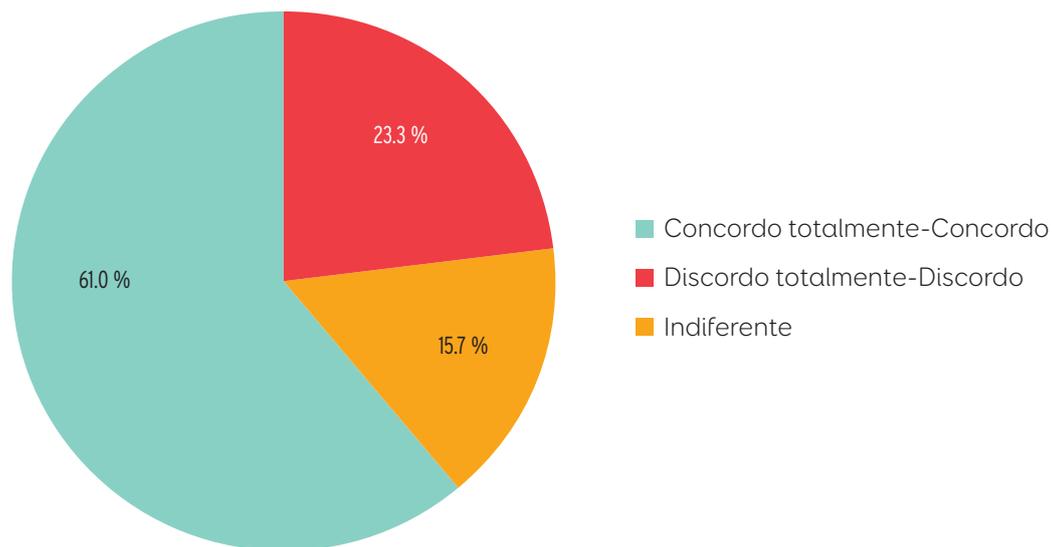


Gráfico 14. Grau de concordância com as seguintes afirmações: | Dados totais (%)



Na mesma linha, perguntamos às famílias se o Ensino Religioso deve ser mantido como **opcional** para os estudantes. Como acabamos de ver, três em cada quatro famílias dizem que esse é uma formação necessária. Porém, a porcentagem dos que consideram que deveria ser obrigatório ou manter-se opcional é semelhante (56% e 61%, respectivamente).

Gráfico 15. Deveria ser mantido como opcional para os(as) estudantes | Dados totais



Perguntamos sobre quem deve decidir sobre o Ensino Religioso, e as respostas revelam que a grande maioria dos entrevistados disse que cabe **aos pais e às mães** decidir se o escolherão no sistema educacional. Assim, 71% são favoráveis a que as próprias famílias escolham o Ensino Religioso para seus filhos, enquanto 17% discordam ou discordam totalmente. Nesta pergunta, a variável do tipo de instituição educacional revela diferenças substanciais: as famílias das escolas particulares superam as das escolas públicas em 23 pontos percentuais em suas convicções de que são os pais e as mães que devem escolher matricular seus filhos nas aulas de Ensino Religioso.

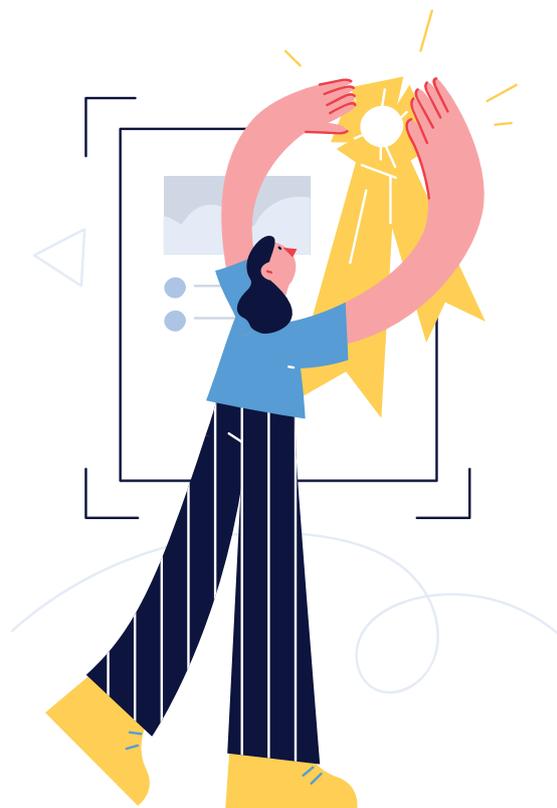
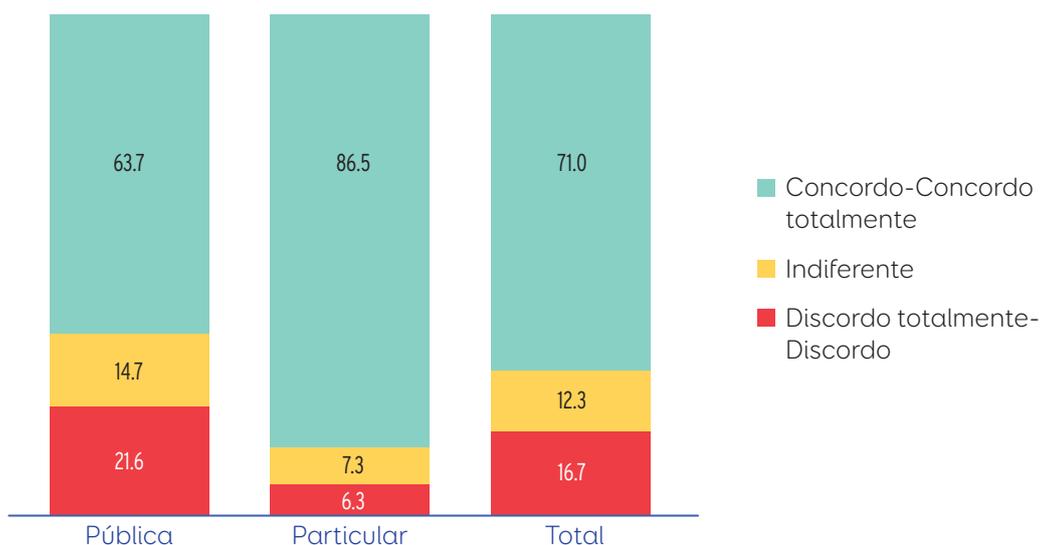


Gráfico 16. Somos nós, os pais, que devemos escolher o Ensino Religioso para nossos(as) filhos(as) | Dados totais e por tipo de instituição (%)



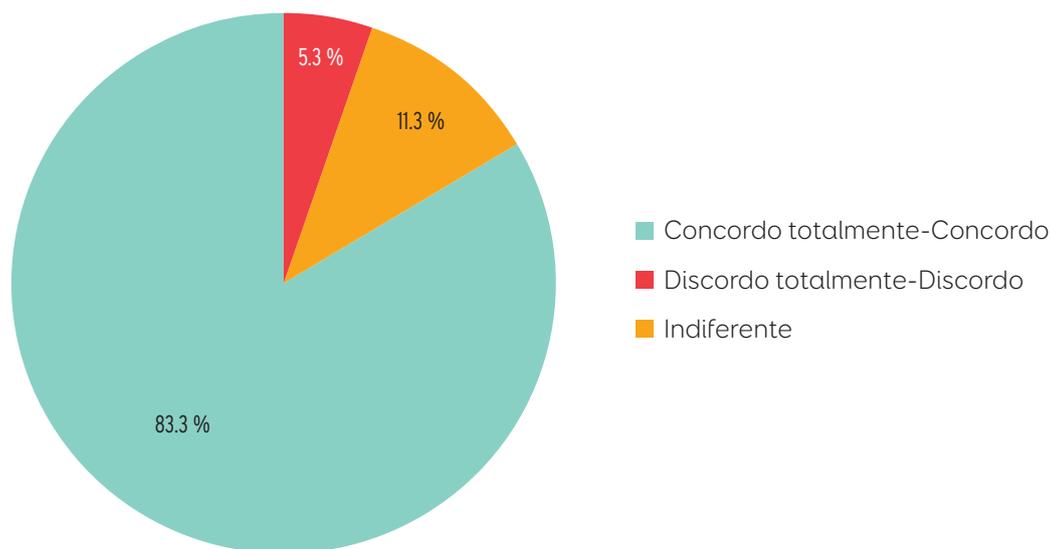
Essa pergunta sobre se as famílias devem ser as responsáveis por escolher o Ensino Religioso para seus filhos, que no Brasil obteve 71% de apoio, foi feita no Relatório do ORE de 2020 na Espanha. As respostas foram muito parecidas, com 72% de apoio. No estudo do ORE de 2021 no Peru, em que as famílias também confirmaram esse apoio em sua maioria, mas em uma porcentagem menor, 55%.

Também parece muito consistente com algumas das respostas anteriores a afirmação das famílias sobre sua responsabilidade ao reconhecer **a importância do Ensino Religioso** para seus filhos. 83% afirmam que os pais “devem reconhecer a importância do Ensino Religioso para seus filhos”, enquanto apenas 5% discordam dessa afirmação.

A consistência é vista no fato de que 95% das famílias se consideram as primeiras responsáveis pela educação de seus(suas) filhos(as).

A análise dos resultados com a variável do tipo de instituição não revela nenhuma diferença significativa nas respostas a essa pergunta sobre a importância do Ensino Religioso, que parece ser igualmente considerada pelas famílias que colocam seus filhos em um tipo de instituição escolar ou outro.

Gráfico 17. Os pais devem reconhecer a importância do Ensino Religioso para seus(suas) filhos(as) | Dados totais



5.2. Contribuições educacionais do Ensino Religioso nas escolas

O objetivo central da nossa pesquisa com famílias cujos filhos cursam o Ensino Religioso no Brasil foi analisar a avaliação que fazem do que chamamos de contribuições educacionais do saber religioso na escola. Portanto, nosso questionário perguntava sobre essas contribuições em suas questões centrais. Os resultados do estudo nos fornecem indicadores muito significativos do apreço e da estima das famílias pelo Ensino Religioso que seus filhos recebem.

Podemos concluir que as famílias, em resumo, expressam uma **alta valorização das contribuições educacionais** do Ensino Religioso nas escolas:

- 91% das famílias afirmam que conhecer sobre Deus nas aulas de Ensino Religioso ajuda seus filhos a se tornarem pessoas melhores.
- 80% das famílias concordam que a área de Ensino Religioso deve ajudar a fortalecer a experiência de fé de seus filhos.
- 76% das famílias reconhecem que a área de Ensino Religioso favorece o pensamento crítico e reflexivo de seus filhos.
- 82% das famílias consideram que a área de Ensino Religioso faz com que seus filhos tenham valores em sua formação.
- 83% das famílias consideram que a área de Ensino Religioso faz com que seus filhos tenham valores religiosos em sua formação.

- 81% das famílias consideram que o Ensino Religioso é bom para o projeto de vida de seus filhos.
- 84% das famílias são favoráveis a que a área de Ensino Religioso inclua em seu conteúdo o conhecimento de todas as religiões.
- 81% das famílias consideram que a área de Ensino Religioso melhora a cultura geral de seus filhos.

Consequentemente, temos resultados da nossa pesquisa que revelam indicadores da avaliação

positiva das famílias sobre as contribuições do Ensino Religioso. Em praticamente todas as contribuições sobre as quais perguntamos, as respostas ficaram em torno de 80%, somando os que concordam e concordam totalmente. Em todos os casos, aqueles que expressam discordância com essas contribuições educacionais não ultrapassam 8%, portanto, devemos concluir que não há rejeição percebida sobre esse aprendizado essencial do Ensino Religioso na escola e que ele é considerado fundamental na matriz curricular do Brasil em vista de suas contribuições educacionais para os estudantes.

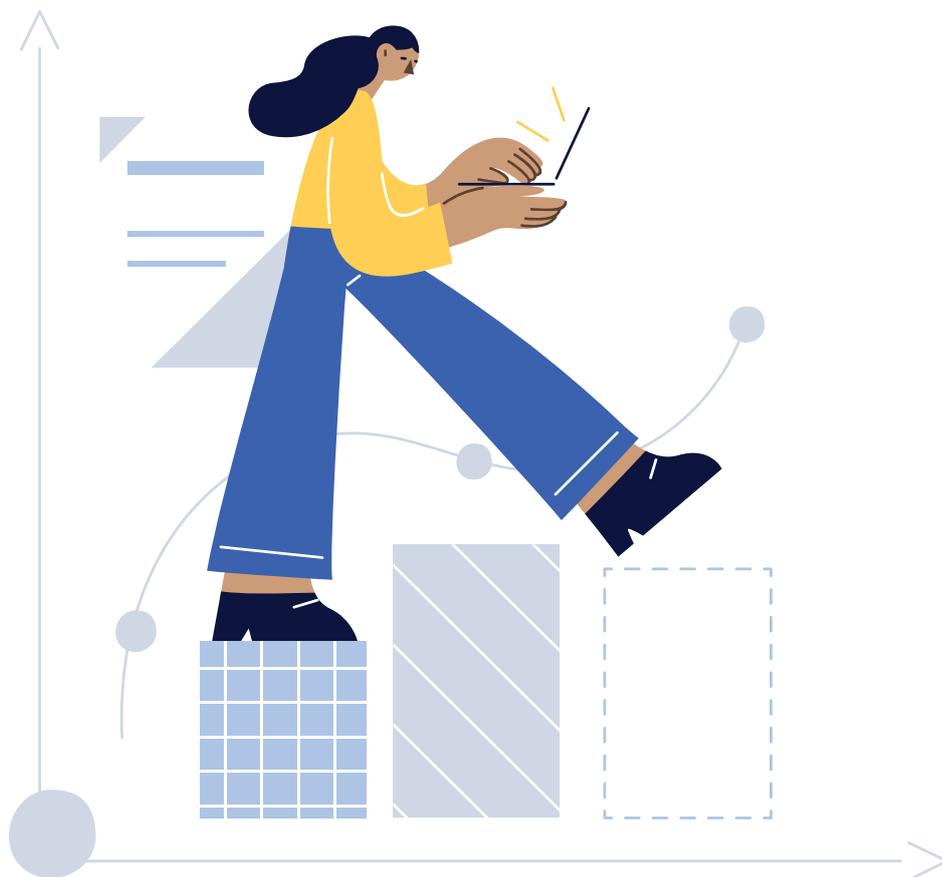
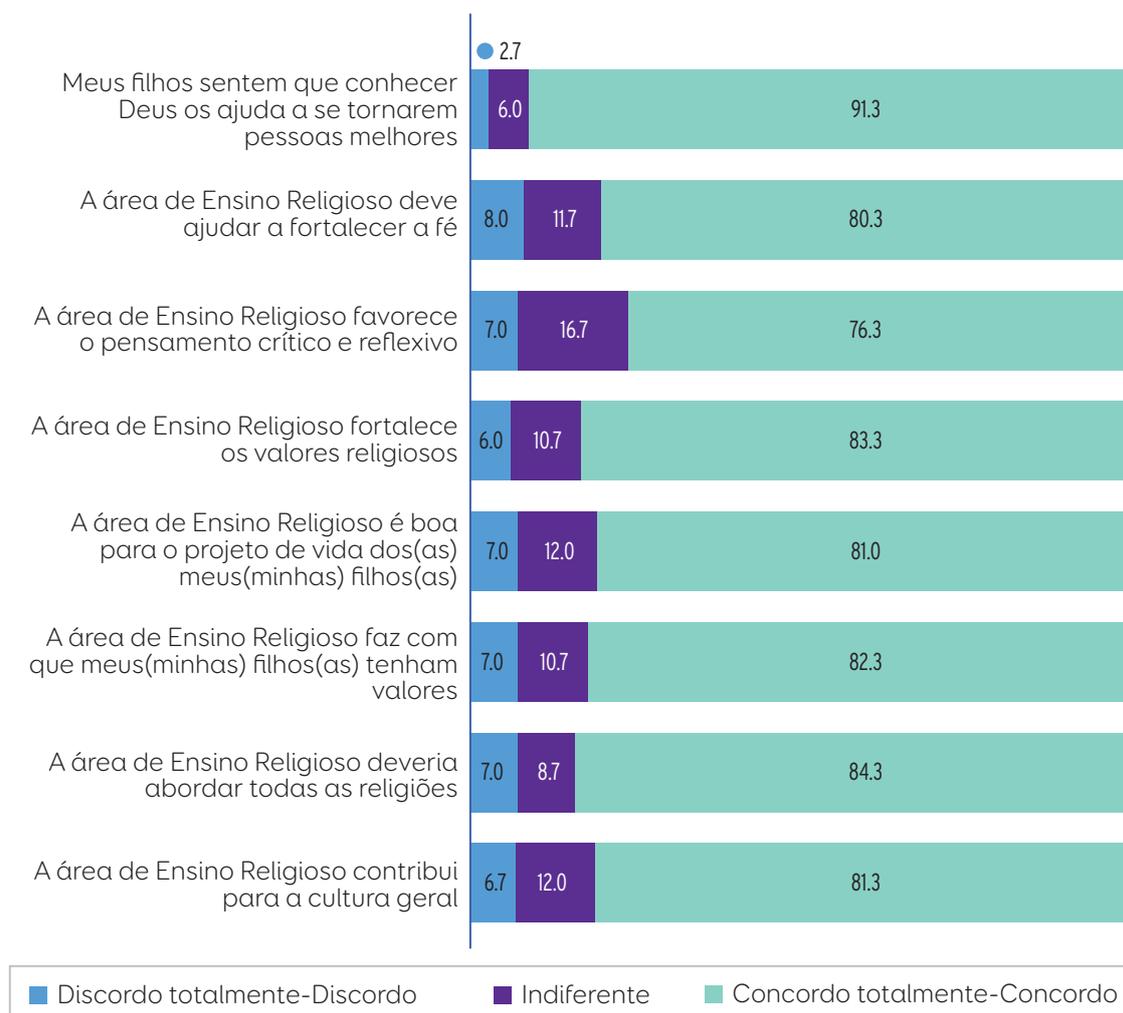


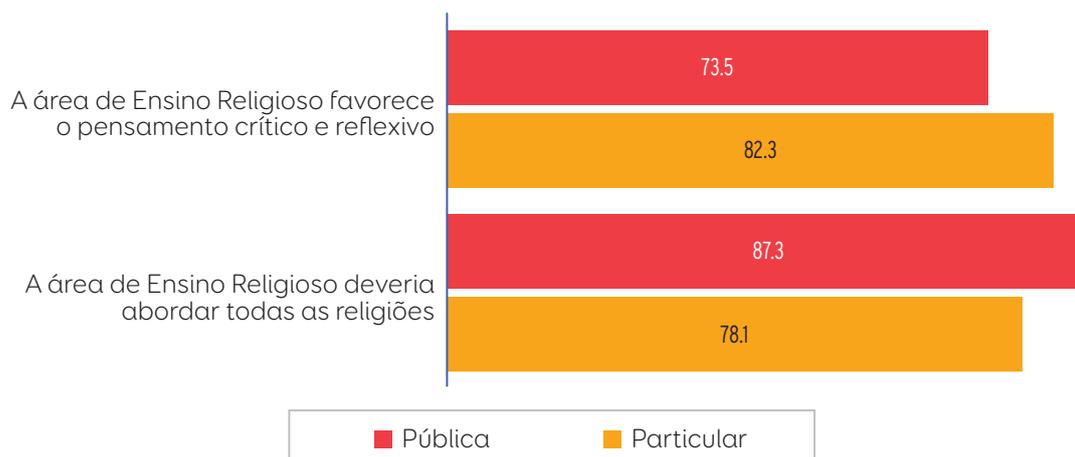
Gráfico 18. Grau de concordância com as seguintes afirmações: | Dados totais (%)



A análise dos resultados com a variável do tipo de instituição, pública ou particular, não mostra diferenças significativas em nenhuma das perguntas que fizemos nesta seção sobre contribuições educacionais, e as diferenças não ultrapassam cinco pontos percentuais, com duas exceções: a pergunta sobre se o Ensino Religioso favorece o pensamento crítico dos alunos, em que as famílias das escolas particulares são 9 pontos percentuais

mais altas do que as das instituições públicas, e a pergunta sobre se todas as religiões devem ser abordadas, em que o contrário acontece.

Gráfico 19. Porcentagem de famílias que concordam ou concordam totalmente com as seguintes afirmações | Dados por tipo de escola (%)



Por fim, nesta seção sobre a avaliação das contribuições educacionais do Ensino Religioso, perguntamos às famílias das instituições católicas sobre sua avaliação da atuação de padres e religiosos ou religiosas na vida cotidiana das escolas. Dos 37 casos, 32,4% das famílias a avaliam muito bem e 8,6% avaliam bem; 19% avaliam razoavelmente. Nenhuma das respostas indica uma avaliação ruim ou muito ruim. Em conclusão, podemos afirmar que quatro em cada cinco famílias avaliam positivamente a presença de padres e religiosos(as) na vida escolar.

Resumindo, com esse grupo de perguntas sobre as contribuições educacionais do Ensino Religioso, a principal conclusão de nossa pesquisa é que ele é altamente valorizado pelas famílias. Sempre com porcentagens de cerca de 80%, fica evidente que as famílias expressam uma aceitação muito positiva das contribuições educacionais do Ensino Religioso nas escolas. Portanto, essa é uma descoberta extremamente relevante para a

avaliação social, cultural e política do Ensino Religioso, devido à sua alta estima nas famílias. Essa avaliação positiva é evidente nas contribuições do saber religioso para a formação cidadã, bem como em suas contribuições para a formação espiritual e religiosa. Trata-se de uma tendência que merece ser analisada com mais detalhes e inspirar possíveis melhorias nas políticas educacionais que regulam esses conteúdos curriculares.

Trata-se também de uma tendência que coincide com os resultados das pesquisas realizadas na Espanha em 2020 e no Peru em 2021 sobre o mesmo tópico com os mesmos grupos-alvo. Este não é um fato isolado; a avaliação positiva das famílias sobre as contribuições educacionais do Ensino Religioso é uma evidência revelada por nossas pesquisas com inúmeros indicadores. Também na Espanha e no Peru, as famílias se mostraram altamente satisfeitas com aprendizados do Ensino Religioso em porcentagens parecidas, inclusive mais altas no caso do Peru.

6. Motivações das famílias sobre o Ensino Religioso de seus filhos em instituições educacionais

Para completar as percepções das famílias sobre o Ensino Religioso que seus filhos recebem, nosso estudo também perguntou sobre as suas motivações para receber esse ensino em instituições educacionais, bem como algumas perguntas sobre a avaliação que fazem dos professores.

As respostas revelam que metade das famílias (53%) considera que a principal motivação para que seus filhos cursem o Ensino Religioso nas escolas é a **experiência de acreditar em Deus**. 26% discordam ou discordam totalmente dessa afirmação. E 21% se dizem indiferentes a essa pergunta.

A análise das respostas levando em conta a variável da instituição educacional, pública ou particular, mostra uma diferença significativa de 12 pontos percentuais, sendo que as famílias de escolas particulares (61,5%) avaliam mais a experiência de acreditar em Deus como motivação fundamental para a escolha do Ensino Religioso para seus filhos do que as famílias de escolas públicas (49%). Mas chama a atenção o fato de que, nas escolas públicas, cerca de metade das famílias escolhe o Ensino Religioso por motivos de fé.

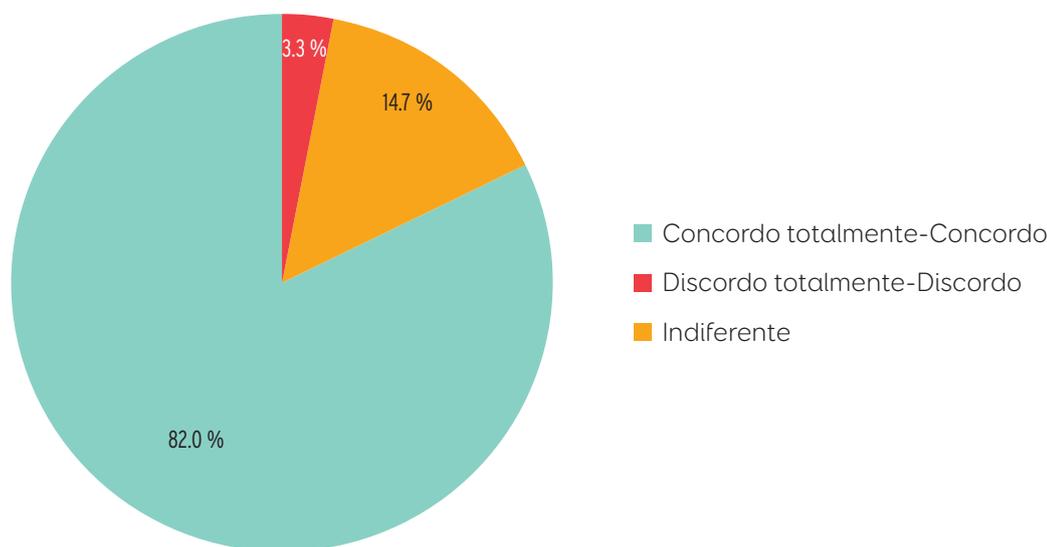
Gráfico 20. A motivação mais importante para escolher a área de Ensino Religioso é acreditar em Deus | Dados totais e por tipo de instituição (%)



O **interesse pelos tópicos** abordados nas aulas de Ensino Religioso é a motivação mais importante para uma maioria significativa de famílias ao escolher o Ensino Religioso na formação escolar. 82% das famílias concordam com esta afirmação, enquanto 3% discordam; os que se dizem indiferentes representam 15%. A variável de institui-

ções educacionais revela pouca diferença nessas respostas. As famílias que colocam seus filhos em escolas particulares apresentam maior motivação por tópicos de Ensino Religioso, com apenas dois pontos percentuais a mais (83,3%) do que as famílias de escolas públicas (81,4%).

Gráfico 21. A motivação mais importante para escolher a área de Ensino Religioso é o interesse pelos tópicos | Dados totais



Essas respostas sobre as motivações essenciais das famílias para escolher o Ensino Religioso para seus filhos no sistema educacional revelam que os tópicos abordados são mais valorizados do que a experiência de acreditar em Deus. Quase 30 pontos percentuais confirmam o interesse pelos tópicos com respeito à experiência de acreditar em Deus.

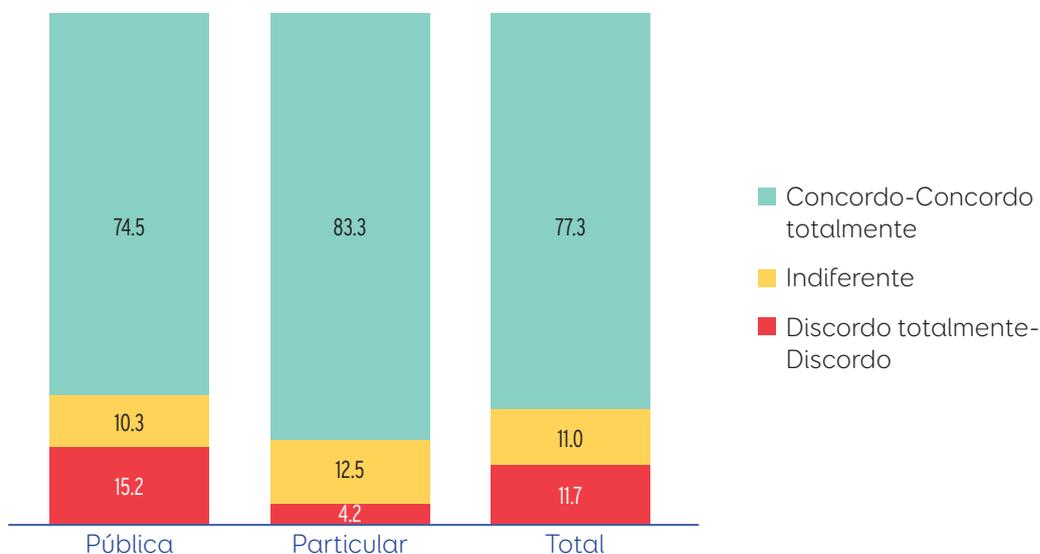
Nossa pesquisa perguntava se a área de Ensino Religioso é **recomendável para todos os estu-**

dantes, independentemente de acreditarem ou não em Deus. 77,3% responderam afirmativamente, concordando ou concordando totalmente. 12% discordaram ou discordaram totalmente, enquanto 11% disseram ser indiferentes à questão. Portanto, constatamos que uma grande maioria, três em cada quatro famílias, está convencida de que o Ensino Religioso é recomendável na escola para todos os estudantes, independentemente de orientação religiosa.

As famílias de escolas particulares são mais favoráveis ao Ensino Religioso para todos os estudantes (83,3%) do que as famílias de instituições públicas (74,5%). De qualquer forma, é uma avaliação

positiva o fato de que quatro em cada cinco famílias brasileiras percebem que o Ensino Religioso é recomendável para todos os estudantes.

Gráfico 22. A área de Ensino Religioso é recomendada para todos os(as) estudantes, acreditem ou não em Deus | Dados totais e por tipo de instituição (%)

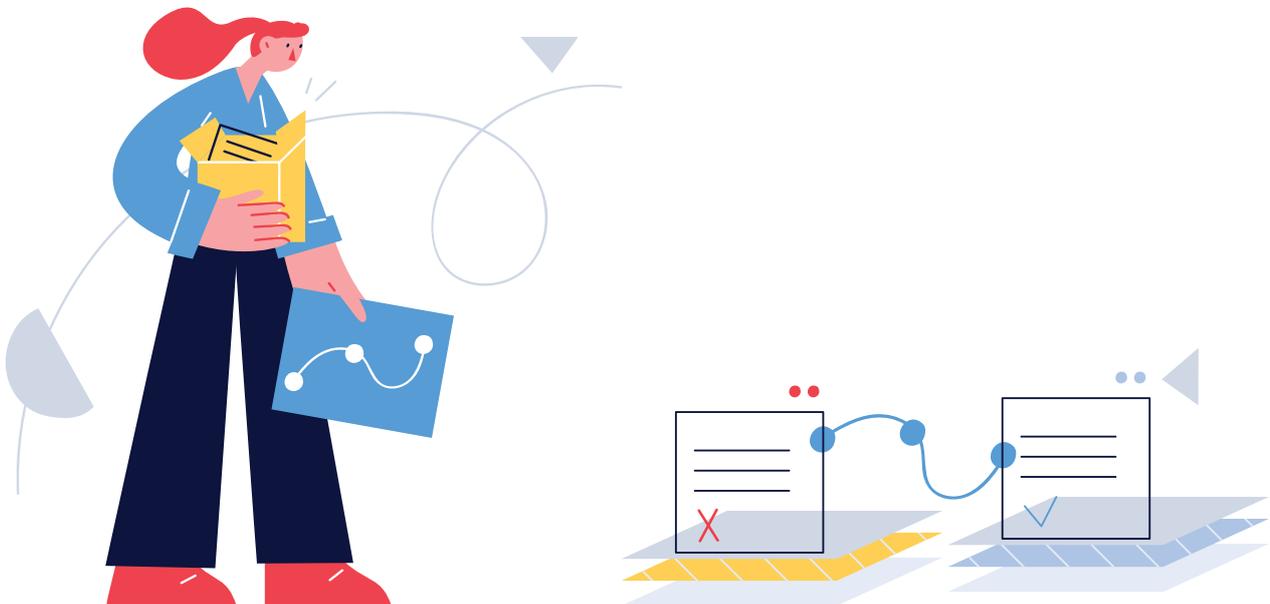
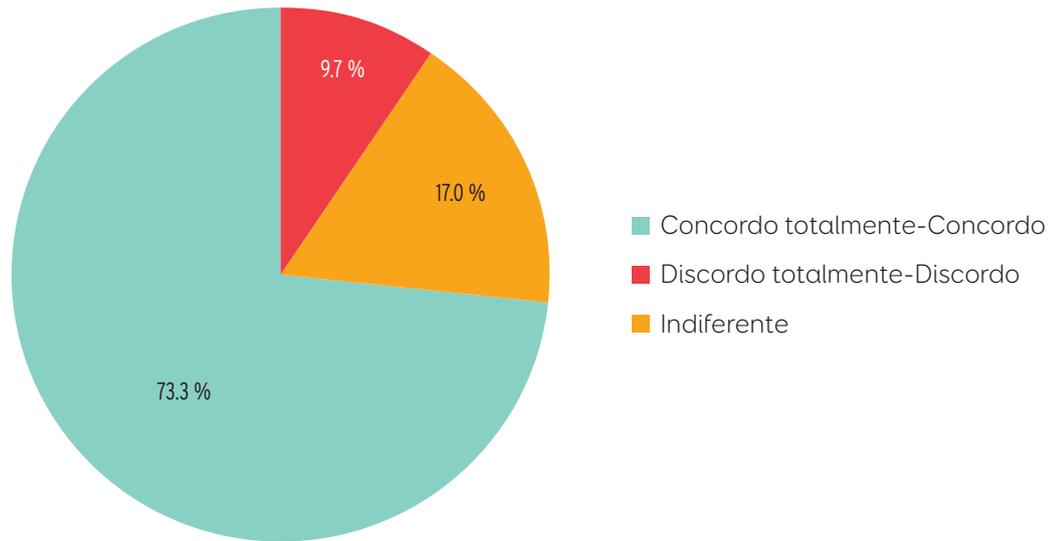


Por fim, nesta seção sobre as motivações das famílias para escolher o Ensino Religioso na escola, perguntamos se a **coerência de seus professores** influencia a fé de seus filhos. As respostas mostram que quase três em cada quatro famílias consideram que esse perfil de professores influencia seus filhos, o que indica que uma grande maioria das famílias se identifica com o impacto dos

professores na educação de seus filhos; chega a 10% o número de famílias que discordam ou discordam totalmente.

Nessa avaliação das famílias, as diferenças entre as escolas particulares e públicas são de 1% e, portanto, pouco significativas.

Gráfico 23. Reconheço que a coerência do(a) professor(a) de Ensino Religioso influencia a fé dos(as) meus(minhas) filhos(as) | Dados totais



7. Satisfação das famílias com o Ensino Religioso

Para finalizar nosso relatório sobre as opiniões das famílias a respeito do Ensino Religioso, o questionário incluiu uma pergunta sobre sua satisfação geral com o Ensino Religioso. Trata-se, portanto, de uma pergunta conclusiva que nos permitirá avaliar o nível de satisfação das famílias com o Ensino Religioso.

Os resultados de nosso estudo revelam uma **satisfação geral** das famílias com o Ensino Religioso que seus filhos recebem nas instituições educacionais. Mais da metade das famílias está satisfeita (38,7%) ou muito satisfeita (20%) com o Ensino Religioso; se somarmos ambas as respostas satisfatórias, encontraremos 58,7% de respostas positivas, uma porcentagem que representa uma significativa maioria. Aqueles que discordam (18%) ou discordam totalmente (4,7%) desta afirmação também somam uma porcentagem importante, porque temos uma em cada cinco famílias demonstrando sua insatisfação com o Ensino Religioso de seus filhos. Também é relevante o fato de que 18,7% responderam como indiferentes a essa pergunta.

Poderíamos resumir que duas em cada cinco famílias são indiferentes ou estão insatisfeitas com o Ensino Religioso de seus filhos, enquanto três em cada cinco famílias estão satisfeitas.

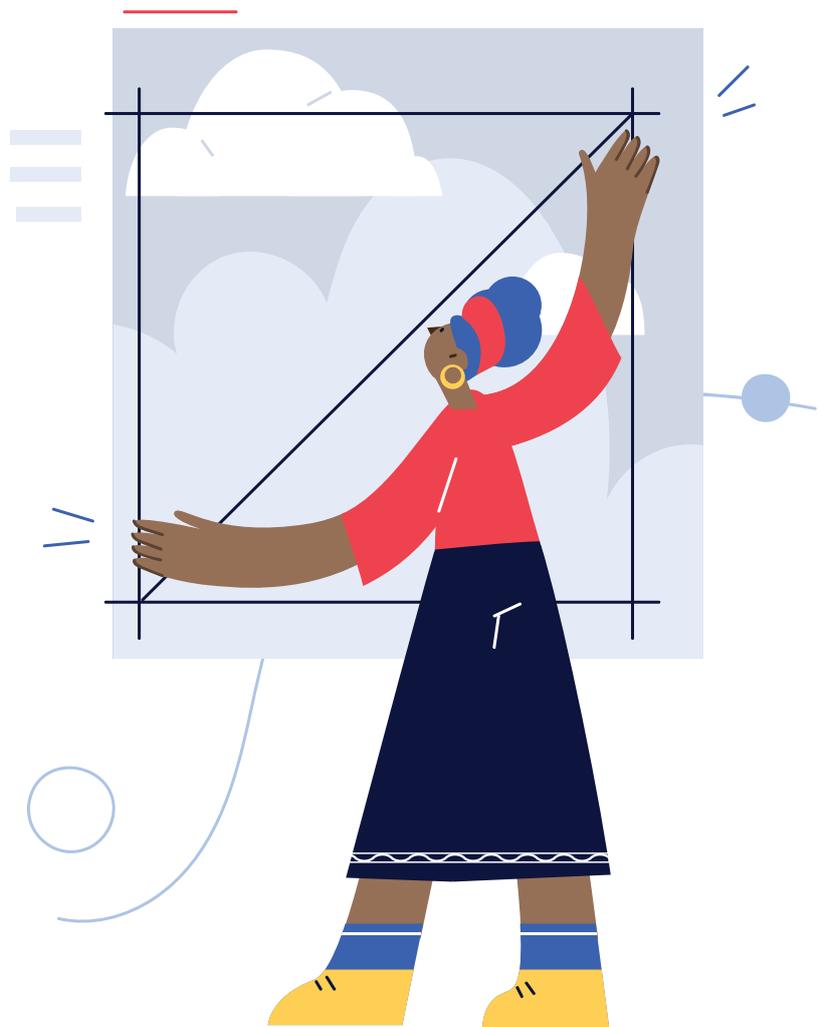
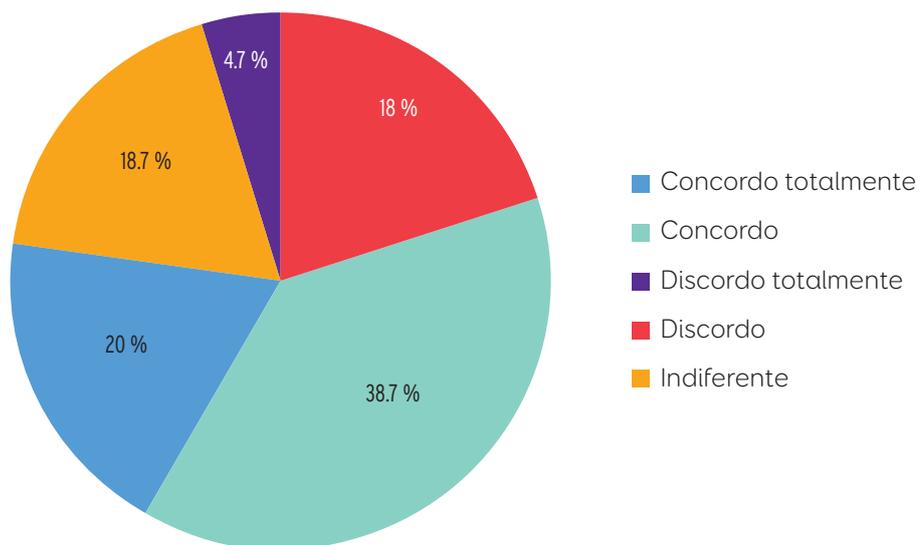


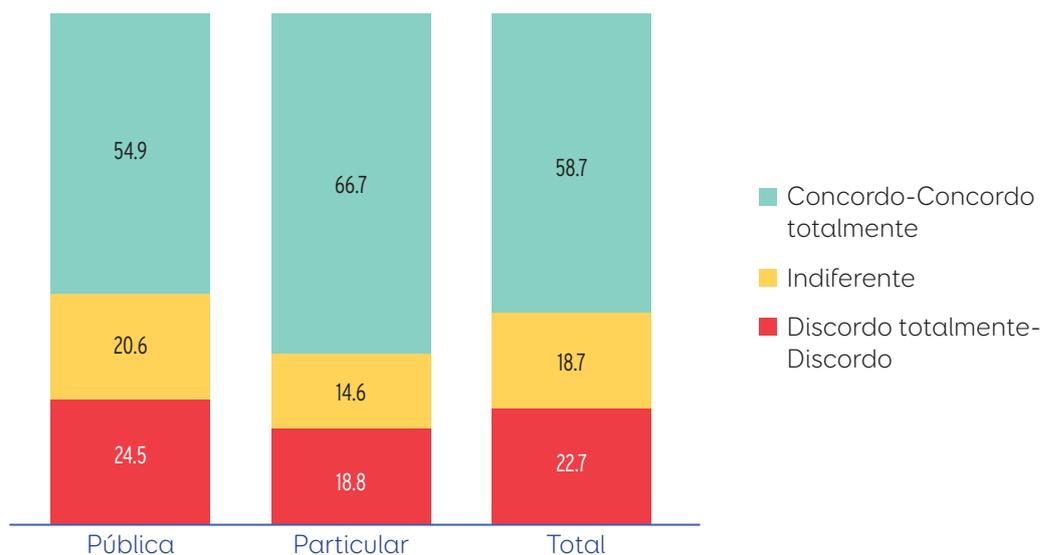
Gráfico 24. No geral, estamos satisfeitos com o Ensino Religioso que nossos(as) filhos(as) recebem | Dados totais



Quando analisamos os resultados com a variável de instituição educacional, pública ou particular, percebemos claramente uma maior satisfação entre as famílias que colocam seus filhos em escolas particulares (66,7%), o que representa 12 pontos percentuais a mais do que as famílias de escolas públicas (54,9%). As explicações poderiam indicar uma maior qualidade do Ensino Religioso nas escolas particulares, parte das quais são confessionais, porque dois terços das famílias estariam satisfeitas ou muito satisfeitas. Embora a porcentagem de satisfação nas escolas públicas ainda seja mais da metade, o que é um dado muito positivo.



Gráfico 25. No geral, estamos satisfeitos com o Ensino Religioso que nossos(as) filhos(as) recebem | Dados totais e por tipo de instituição (%)



Concluindo, os resultados da nossa pesquisa revelam uma notável valorização, por parte das famílias, do Ensino Religioso que seus filhos recebem nas instituições educacionais; o índice de **satisfação geral está próximo de 60%**, o que é bastante coerente com a valorização das contribuições educacionais do saber religioso, conforme evidenciado pelos indicadores específicos que já mostramos na seção correspondente, e que representa uma avaliação positiva próxima de 80%.

De qualquer forma, essa posição das famílias em favor da área de Ensino Religioso no sistema educacional do Brasil é uma evidência muito positiva, uma satisfação que é elevada quando se avaliam suas contribuições educacionais em seus indicadores concretos, como já vimos.

No Brasil, o índice geral de satisfação das famílias com o Ensino Religioso que seus filhos recebem é de 60%, o que representa uma maioria significativa. No estudo do ORE da Espanha, realizado em 2020, esse mesmo índice foi de 73%. No estudo do ORE do Peru, realizado em 2021, esse índice de satisfação atingiu 90%, sem dúvida o indicador mais positivo obtido até o momento. De qualquer forma, essa tendência de as famílias apreciarem e valorizarem as contribuições educacionais do Ensino Religioso é uma descoberta muito significativa.

7.1. A título de conclusão

A título de conclusão, como indicadores da avaliação positiva do Ensino Religioso no sistema educacional que as famílias revelaram em nossas pesquisas, que é a principal descoberta, propomos aqui quatro contribuições educacionais específicas para a identidade e a natureza do Ensino Religioso na escola com seus resultados nos três estudos do ORE até o momento. Logo ficará claro que a aceitação positiva e a valorização dessas contribuições do saber religioso nas escolas é de cerca de 80% ou mais em quase todos os casos; nos temas menos apoiados, sempre fica acima de dois terços.

Famílias do Brasil (estudo de 2023)

- 82% das famílias consideram que a área de Ensino Religioso contribui para que seus filhos tenham **valores** em sua formação.
- 81% das famílias consideram que a área de Ensino Religioso melhora a **cultura geral** de seus filhos.
- 80% das famílias reconhecem que a área de Ensino Religioso deve ajudar a **fortalecer a experiência de fé** de seus filhos.
- 76% das famílias reconhecem que a área de Ensino Religioso favorece o pensamento **crítico e reflexivo** de seus filhos.

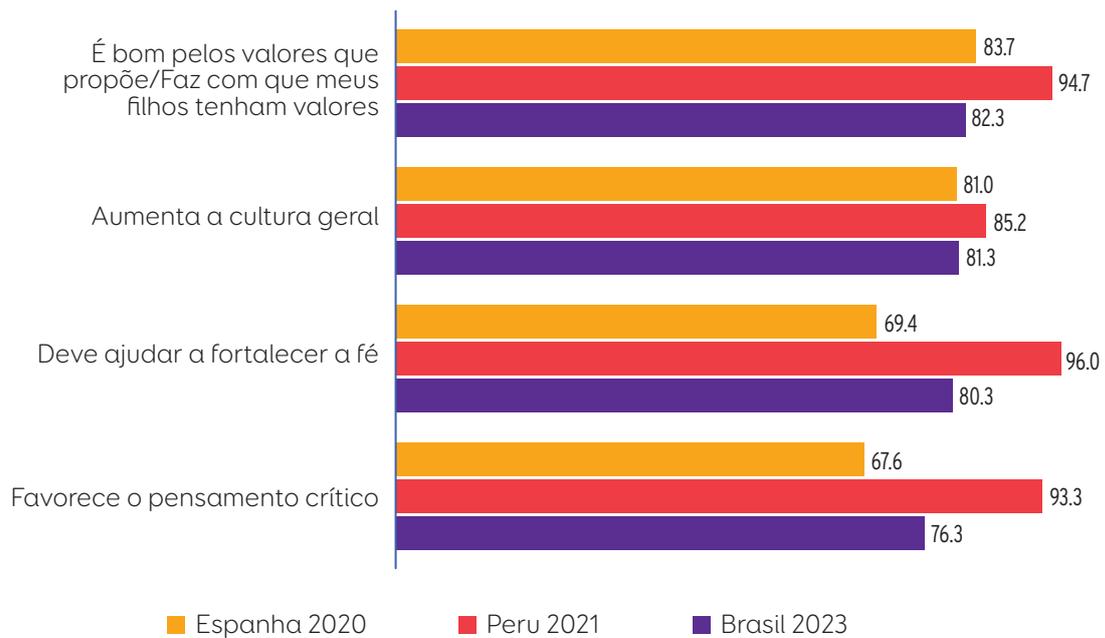
Famílias do Peru (estudo de 2021)

- 95% das famílias consideram que a área de Ensino Religioso faz com que seus filhos tenham **valores** em sua educação.
- 85% das famílias consideram que a área de Ensino Religioso melhora a **cultura geral** de seus filhos.
- 96% das famílias avaliam que a área de Ensino Religioso deve ajudar a **fortalecer a experiência de fé** de seus filhos.
- 93% das famílias avaliam que a área de Ensino Religioso favorece o pensamento **crítico e reflexivo** de seus filhos.

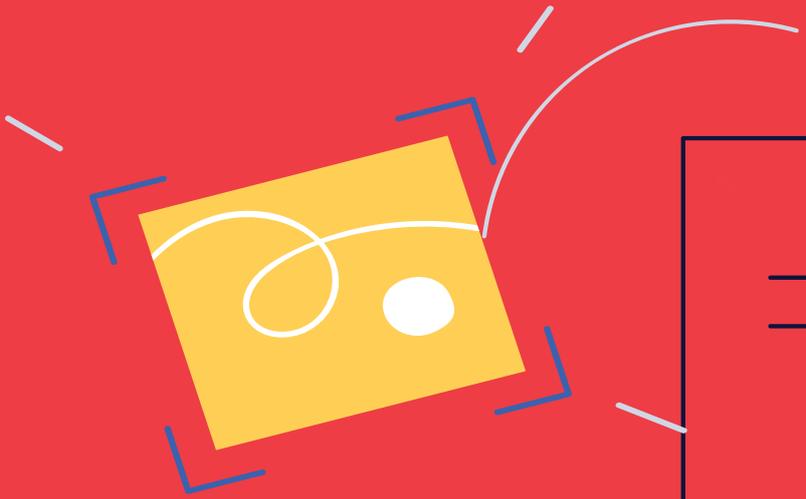
Famílias da Espanha (estudo de 2020)

- 84% consideram que a aula de Ensino Religioso **é boa por causa dos valores** que propõe para a educação de seus filhos.
- 81% consideram que o Ensino Religioso **aumenta a cultura geral** de seus filhos.
- 69% das famílias consideram que o Ensino Religioso deve ajudar a **fortalecer a experiência de fé** de seus filhos.
- 68% avaliam que o Ensino Religioso **fomenta o pensamento crítico em seus filhos**.

Gráfico 26. Porcentagem de famílias que concordam ou concordam totalmente com as seguintes afirmações | Dados por estudos (%)







Capítulo 4

Conclusões

1. Os professores e professoras valorizam as contribuições educacionais do Ensino Religioso e estão com boa saúde emocional e profissional **248**
2. Os(as) estudantes gostam do Ensino Religioso no sistema educacional e os(as) ajuda a serem mais religiosos **252**
3. As famílias estão satisfeitas com o Ensino Religioso de seus filhos e valorizam sua contribuição para a educação integral **255**





Depois de apresentarmos os resultados da pesquisa nos três grupos, protagonistas do Ensino Religioso, e avaliar seu perfil sociológico, sua percepção sobre a educação em geral e sobre Ensino Religioso em particular, apresentamos agora as principais conclusões da nossa pesquisa. Este relatório nos fornece uma radiografia rigorosa da percepção que os protagonistas têm do Ensino Religioso no sistema educacional. Trata-se do primeiro estudo em que professores(as), estudantes e suas famílias tiveram a oportunidade de expressar suas opiniões sobre o Ensino Religioso. É a primeira pesquisa no Brasil a apresentar um panorama geral sobre essa questão.

Com este relatório, tanto em seus resultados quanto em nossas avaliações, os responsáveis pela política educacional e pelo Ensino Religioso, bem como os protagonistas, têm informações completas sobre a percepção social do Ensino Religioso no sistema educacional. Os dados obtidos exigem claramente uma maior consideração da presença do saber religioso nos sistemas educacionais das novas gerações devido às suas contribuições formativas que emergem como decisivas nos processos de construção da identidade pessoal dos estudantes, com valores como assertividade e empatia, liberdade e responsabilidade; de sua inserção social e cultural, com valores como tolerância e inclusão, iniciativa e criatividade; e a construção da cidadania democrática, com valores como participação e diversidade, ecologia e bem comum. Um horizonte educacional que é necessário para formar uma cidadania global significativa e no qual o Ensino Religioso deve ter necessariamente seu lugar por suas contribuições educacionais.

O objetivo deste estudo era identificar tendências das opiniões dos protagonistas do Ensino Religioso no Brasil, estávamos interessados em conhecer a avaliação de professores(as), famílias e estudantes sobre o Ensino Religioso no sistema educacional. Sua publicação, com o necessário rigor acadêmico, oferece-nos oportunidades de melhoria em todas as questões relacionadas à educação e ao Ensino Religioso. Entre outras vantagens, as conclusões deste estudo possibilitarão superar alguns estereótipos que prejudicam a atenção ao saber religioso nos sistemas educacionais; possibilitarão melhorar a autoestima e a consideração social do Ensino Religioso na escola por parte de seus protagonistas e da sociedade; e inspirarão possíveis decisões tanto políticas quanto das próprias denominações religiosas que poderiam melhorar a presença do Ensino Religioso no sistema educacional.

As conclusões gerais apontam para uma satisfação geral com as contribuições educacionais que o Ensino Religioso faz ao sistema educacional. Tanto as famílias quanto os(as) estudantes, bem como os professores e professoras, mostram sua avaliação positiva da presença do Ensino Religioso nas escolas, apesar da diversidade de situações entre escolas, municípios e estados. Obviamente, tanto este relatório quanto as conclusões que propomos são apenas o início de futuros diálogos e análises que, esperamos, serão desencadeados a partir de agora com o objetivo de melhorar o bem comum e a educação para a qual o Observatório da Religião na Escola quer contribuir.

1. Os professores e professoras valorizam as contribuições educacionais do Ensino Religioso e estão com boa saúde emocional e profissional

A pesquisa entrevistou uma amostra representativa de professores(as) de todas as regiões do Brasil, com proporcionalidade entre instituições públicas (68%) e particulares (32%). A maioria dos entrevistados trabalha no Ensino Fundamental (85,8%), e uma minoria no Ensino Médio (14,2%).

Com relação ao **perfil sociológico** dos(as) professores(as) de Ensino Religioso do Brasil, destacamos que a grande maioria é composta por mulheres, 94%, uma tendência geral no país e que também se mantém no Ensino Religioso.

Predominam professores(as) jovens e de meia-idade, menos de 10% têm mais de 50 anos e somente 2% têm mais de 60 anos.

Em termos de opção religiosa, a maioria, 85%, dos que lecionam Ensino Religioso afirmam ser católicos.

Os resultados revelam uma alta presença de religiosos e religiosas¹ como professores(as) de Ensino Religioso, chegando a 65%. As porcentagens de padres ou diáconos são pouco significativas, em torno de 2%. O restante são leigos.

Dois em cada três professores(as) de Ensino Religioso consideram que devem estar comprometidos com suas próprias tradições religiosas.

Esses professores têm um compromisso social de voluntariado ou alguma tarefa relacionada à melhoria social em termos de justiça, em uma porcentagem de 41,8%.

Quanto ao **perfil pedagógico** dos(as) professores(as) que lecionam Ensino Religioso no Brasil, o relatório revela que quase 90% confirmam ter formação acadêmica específica para lecionar esse componente curricular no sistema educacional. Além de Ensino Religioso, 60% desses professores e professoras lecionam outros componentes curriculares.

Uma descoberta importante foi a alta porcentagem que, além de suas qualificações acadêmicas, afirma ter formação especializada em Ensino Religioso e quase dois terços têm outro diploma universitário além do exigido para exercer a profissão.

Assim, podemos concluir que os(as) professores(as) de Ensino Religioso no Brasil têm preparação suficiente, credenciada e especializada para lecionar, inclusive acima das exigências mínimas para a profissão. Sem dúvida, um indicador de

¹ En esta pesquisa, o termo “religioso” é entendido a partir de uma perspectiva ampla, que inclui, além daqueles que professam uma ordem ou congregação, aquelas pessoas que vivenciam sua fé e a praticam habitualmente.

qualidade no perfil acadêmico dos(as) professores(as).

Outro indicador positivo do compromisso pedagógico dos(as) professores(as) de Ensino Religioso é que quase 90% usam metodologias ativas em suas aulas, 85% usam livros didáticos e quase 80% elaboram seus próprios materiais didáticos.

Quanto ao **funcionamento do sistema educacional**, a maioria dos(as) professores(as) que lecionam Ensino Religioso no Brasil considera que funciona bem, 62,4%, embora os que afirmam que não funciona bem estejam próximos de 30%. O estudo não revela diferenças entre escolas públicas e particulares nem por regiões.

Quase dois terços desses professores avaliam positivamente a ideia de que as famílias são as primeiras responsáveis pela educação dos filhos, mas, embora sejam a maioria, estão muito abaixo do que as próprias famílias pensam (95%). Quando se trata de que as famílias escolham livremente a instituição educacional que querem para seus filhos, a porcentagem sobe para 87%.

Com relação ao **Ensino Religioso na escola**, 84% dos(as) professores(as) do Brasil consideram que é um direito fundamental das famílias, enquanto 55% afirmam que é um dever dos responsáveis pela políticas educacionais.

A maioria desses professores é a favor do Ensino Religioso obrigatório, até 70%; apenas um em cada cinco discorda da obrigatoriedade. 52% afirmam que o Ensino Religioso deve continuar sendo opcional para as famílias.

Quando perguntamos aos atuais professores e professoras de Ensino Religioso se esse deveria

ser “um componente curricular de apenas uma tradição religiosa”, as respostas afirmativas são de 54,4%. Entretanto, quando perguntamos se “o Ensino Religioso deveria estar aberto a outras religiões”, a resposta subiu para 86,4%, com apenas 3% contrários. E quando perguntamos a se “deveria ser uma área inter-religiosa, de todas as religiões”, a resposta foi claramente favorável, chegando a 84,4%.

Uma das descobertas mais significativas do nosso estudo é a grande valorização, não apenas pelos professores, das contribuições educacionais do Ensino Religioso no sistema educacional. Os resultados a seguir revelam os indicadores que sustentam essa conclusão:

- 87,6% dos(as) professores(as) de Ensino Religioso concordaram ou concordaram totalmente com a afirmação de que esse componente curricular “é formação humana, constitutiva do desenvolvimento integral dos estudantes”, com menos de 3% afirmando o contrário.
- 94% dos(as) professores(as) afirmam que o Ensino Religioso “ajuda a entender as culturas e a participar ativamente”, e menos de 2% afirmam o contrário.
- 91,6% dos(as) professores(as) avaliam que o Ensino Religioso “ajuda a construir a diversidade social e religiosa de forma crítica”. Os que se posicionam de forma contrária representam 3%.
- 90% dos(as) professores(as) consideram que o Ensino Religioso “contribui para a educação ética e a cidadania global” e, neste caso, apenas 5% discordam dessa afirmação.

- 85% dos professores e professoras avaliam que o Ensino Religioso: “ajuda a educar a interioridade ou espiritualidade”, aproximadamente 7% discordam.
- 82,4% dos(as) professores(as) também afirmam que o Ensino Religioso “contribui para dar sentido à identidade pessoal de cada estudante”. Os que se posicionam de forma contrária representam 7%.

Com relação ao **estado emocional e à saúde profissional dos professores** de Ensino Religioso no Brasil, os resultados da nossa pesquisa mostram que, em geral, eles têm uma percepção positiva do seu trabalho, estão bastante satisfeitos com suas condições de trabalho, sentem-se competentes para ensinar e se sentem valorizados. Sem dúvida, são evidências positivas nessa autoavaliação dos(as) professores(as) e que são consistentes com a avaliação que as famílias e os(as) estudantes também fazem de seu trabalho.

A grande maioria desses professores e professoras, quatro em cada cinco, confirma que está atualmente satisfeita com suas condições de trabalho; de fato, a grande maioria não trocaria de emprego (69%), mesmo que pudesse. Só 2% discordam totalmente dessa afirmação.

51,4% concordam ou concordam totalmente com a afirmação de que “as igrejas/religiões valorizam suficientemente o trabalho de professores de Ensino Religioso”. A porcentagem dos que discordam desse reconhecimento eclesial foi de 29,2%, e quase 20% se manifestaram como indiferentes.

40,6% concordam ou concordam totalmente com a afirmação de que “a sociedade reconhece seu

trabalho”, uma diferença considerável em relação às igrejas/religiões.

Outra descoberta relevante da nossa pesquisa é a boa saúde emocional dos(as) professores(as) de Ensino Religioso no Brasil. Como mencionamos, eles têm uma percepção positiva de seu trabalho e um bom relacionamento com o entorno, sentem-se competentes para ensinar e valorizados. Algumas evidências dessa conclusão geral são as seguintes:

- 75,8% respondem que concordam ou concordam totalmente com a valorização de seu trabalho pela equipe de professores. Só 8% discordam dessa afirmação e 13% se manifestaram com indiferença.
- 82,8% confirmam que seu trabalho é valorizado pelas equipes de gestão de suas escolas. Só 5% discordam desse reconhecimento.
- 76,8% dos(as) professores(as) de Ensino Religioso consideram positivo seu relacionamento com as famílias dos estudantes.
- 90,8% dos(as) professores(as) de Ensino Religioso consideram bom seu relacionamento pessoal com os professores de suas escolas.
- 86,2% dos(as) professores(as) de Ensino Religioso consideram que, em geral, os alunos gostam deles.
- 96,6% desses professores afirmam sua competência para ensinar bem a todos os estudantes.

Por fim, com relação ao estado emocional dos professores de Ensino Religioso, os resultados do estudo revelam uma **percepção positiva**, con-

forme demonstrado pelo fato de que dois em cada três professores(as) se declaram otimistas, e apenas 3,6% afirmam estar pessimistas.

93% responderam que se sentem bons ou muito bons professores de Ensino Religioso, e menos de 1% se sentem ruins ou muito ruins.

92,2% confirmaram que agora são melhores professores de Ensino Religioso do que há alguns anos.

Em termos de dificuldades, 38% reconheceram que têm dificuldade para entender os alunos mais difíceis e 32,4% assumiram que não conseguem despertar o interesse dos estudantes pelos aprendizados específicos do Ensino Religioso.

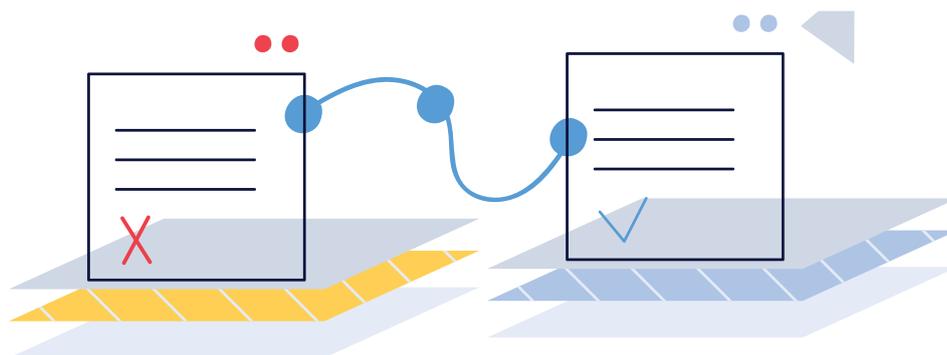
Quanto às suas qualidades, 35,2% dizem que se preocupam com todos os estudantes, e 30% dizem que sua principal qualidade é ter conhecimentos atualizados. 24,8% apontam suas metodologias variadas como sua principal qualidade.

Em suma, os(as) professores(as) de Ensino Religioso no Brasil são predominantemente mulheres, jovens e de meia-idade, majoritariamente

católicos(as), com grande presença de religiosos e religiosas, socialmente comprometidos, altamente qualificados e especializados, atualizados em metodologias e didática, avaliam muito positivamente as contribuições educacionais do saber religioso na escola e têm boa saúde emocional e profissional; de fato, 40% sentem que a sociedade reconhece seu trabalho, embora a denominação religiosa (igreja) o faça em maior proporção (51%).

Com relação à área de conhecimento Ensino Religioso, a maioria é a favor do Ensino Religioso obrigatório, embora a metade concorde que deveria ser um componente curricular opcional para as famílias e os estudantes.

E uma conclusão clara é que uma grande maioria é a favor de que o Ensino Religioso seja aberto a outras crenças religiosas (86%) e que se estabeleça como uma área inter-religiosa (84%). Apesar do apoio majoritário a esse modelo Ensino Religioso inter-religioso no sistema educacional, chama a atenção o fato de que um pouco mais da metade também aceita que se mantenha um componente curricular ligada a uma única tradição religiosa (54%).



2. Os(as) estudantes gostam do Ensino Religioso no sistema educacional e os(as) ajuda a serem mais religiosos(as)

O grupo-alvo da nossa pesquisa foi de estudantes mais velhos do Ensino Fundamental (69,9%), com um questionário mais curto, e de estudantes do Ensino Médio (30,1%), com um questionário um pouco mais longo, dado seu grau de amadurecimento e autonomia. Houve participação de todas as instituições educacionais, públicas (68%) e particulares (32%) no Brasil, mantendo as proporções necessárias também por regiões na amostra pesquisada.

Com relação ao **perfil sociológico** dos(as) estudantes do Ensino Médio, destacamos que um em cada cinco (20,9%) tem compromisso de voluntariado, um bom indicador de compromisso com o bem comum que melhora a vida de todos. O estudo revela que os estudantes de escolas públicas quase dobram (25,8%) os de escolas particulares (13,8%) nesses compromissos de voluntariado.

Em termos de sua definição religiosa, o relatório mostra que a imensa maioria dos(as) estudantes se declara religiosa. A maioria se define como católico (66,3%), mas também há evangélicos (14,8%) e de outras religiões (10,2%); somente 1,7% se definem como ateus.

Na pergunta sobre sua prática religiosa, um terço dos(as) estudantes respondeu que a pratica frequentemente ou muito frequentemente (36%), enquanto outro terço (33%) disse que tem uma prática religiosa pouco frequente. De modo geral, o estudo revela uma alta porcentagem de prática

religiosa entre crianças e adolescentes do sistema educacional.

Com relação às associações juvenis, o estudo revela uma baixa participação dos(as) estudantes brasileiros em algum tipo de associação, tanto na própria escola (9,5%) quanto fora dela (13,2%). Levando em conta a idade, os(as) estudantes do Ensino Médio superam os(as) estudantes do Ensino Fundamental (18,9%) nessa participação (10,7%).

Assim como fizemos com as famílias e os professores, perguntamos aos estudantes quem são os primeiros responsáveis pela educação. Chama a atenção que apenas 40,2% responderam que essa primeira responsabilidade é das famílias, enquanto uma porcentagem muito parecida (37,5%) afirmou que é responsabilidade do Estado e outra porcentagem de quase um em cada cinco (19,3%) considera seus professores como os primeiros responsáveis.

Sobre o **funcionamento do sistema educacional**, pesquisamos apenas estudantes do Ensino Médio. As respostas mostram que metade dos(as) estudantes “reprova” o funcionamento do sistema educacional brasileiro (50,8%), e os que pensam que funciona bem são menos (42,5%).

Outra pergunta pedia a avaliação dos estudantes sobre as **contribuições das religiões para a sociedade**, e os resultados revelam que mais da metade (56,5%) considera importante a contribuição das instituições religiosas para a sociedade;

apenas um em cada quatro discorda dessa afirmação (25,2%).

O estudo revela que 40% dos estudantes brasileiros participam de modelos curriculares com uma **área específica de Ensino Religioso**, enquanto a maioria, 60%, tem acesso ao conhecimento religioso de forma transversal. Tratava-se de uma pergunta necessária em nossa pesquisa, uma vez que o Ensino Religioso é uma realidade muito diversificada nas instituições educacionais do Brasil e que sua configuração curricular é extremamente variada de acordo com as regiões, estados e administrações locais (por exemplo, nem todos os estados ou municípios têm Ensino Religioso como um componente curricular em todos os anos/séries de ensino, sendo seus conteúdos incluídos, de certa forma, transversalmente no conjunto de áreas de conhecimento do sistema educacional.

Quando perguntamos apenas aos estudantes de Ensino Religioso curricular sobre os motivos pelos quais assistem às aulas, a resposta majoritária foi que se trata de uma formação escolhida pelos pais (60,8%), embora uma porcentagem significativa tenha dito que eles mesmos escolheram (23,9%).

Quando perguntamos aos estudantes do Ensino Médio se a área de Ensino Religioso deveria ser obrigatória para todos, apenas um em cada quatro estudantes (24,3%) respondeu afirmativamente, e a maioria (62,1%) foi contra a obrigatoriedade.

Uma das descobertas mais significativas da nossa pesquisa é que **os(as) estudantes gostam do Ensino Religioso** no sistema escolar. Os resultados revelam que 70,1% dos(as) estudantes responderam positivamente à pergunta sobre se gostam da aula de Ensino Religioso. Só 11,8% discordam ou discordam totalmente dessa afirmação.

Essa valorização do Ensino Religioso se mantém em termos parecidos quando perguntamos se o consideram necessário para sua educação. Uma grande maioria de 63,5% responde afirmativamente, embora 17,8% discordem de sua necessidade.

Quanto aos motivos pelos quais avaliam positivamente o Ensino Religioso, em três de cada quatro casos (75,7%), aparece a influência familiar. A maioria dos(as) estudantes afirma que o Ensino Religioso é importante para os pais e as mães. Também é muito alta a porcentagem de estudantes que reconhecem o Ensino Religioso como importante porque os ajuda em questões de fé (69,6%).

Também perguntamos aos estudantes se são mais religiosos graças ao Ensino Religioso na idade escolar, e as respostas são afirmativas em 59,1% dos casos. Se considerarmos as respostas por idade, há uma diferença substancial entre os alunos do Ensino Fundamental (65%) e do Ensino Médio (45%).

No mesmo sentido, perguntamos se se pertencem ou participam de uma religião graças ao Ensino Religioso, e as respostas foram similares às da pergunta anterior, com 57,8% respondendo afirmativamente.

Perguntamos aos estudantes de Ensino Religioso se esse componente curricular “deveria ser para todos os estudantes, acreditem ou não em Deus”. As respostas são muito consistentes com as anteriores, com 61% confirmando que é uma formação para todos os(as) estudantes, acreditem ou não em Deus. Entretanto, 26,5% discordam dessa afirmação.

Uma das conclusões mais relevantes do nosso estudo é que os(as) estudantes avaliam muito

positivamente as **contribuições educacionais** do Ensino Religioso porque os ajuda a serem pessoas melhores, mais responsáveis e melhores cidadãos, entre outras contribuições, o que representa uma contribuição decisiva para a formação necessária de uma cidadania global significativa. Alguns indicadores dessa conclusão:

- 67,3% dos(as) estudantes consideram que o Ensino Religioso os ajuda a serem mais responsáveis.
- 62,1% dos(as) estudantes avaliam que o Ensino Religioso os ajuda a serem mais ecológicos no cuidado com o planeta.
- 71,2% dos(as) estudantes acreditam que o Ensino Religioso os ajuda a ser melhores cidadãos na vida social e política.
- 73,4% dos(as) estudantes reconhecem que o Ensino Religioso os ajuda a ser melhores pessoas.
- 71,5% dos(as) estudantes consideram que o Ensino Religioso os ajuda a ser mais respeitosos com as outras pessoas.
- 68,4% dos(as) estudantes consideram que o Ensino Religioso os ajuda a diferenciar o bem do mal.

Essa **avaliação positiva do Ensino Religioso** expressa pelos estudantes também é confirmada por outros resultados do estudo, que mostram que:

- 66% dos(as) estudantes consideram que o Ensino Religioso lhes proporciona um maior conhecimento sobre as tradições religiosas.

- 68% dos(as) estudantes avaliam que o Ensino Religioso os ajuda a acreditar em Deus.
- 64% dos(as) estudantes afirmam que o Ensino Religioso os ajuda a distinguir a fé em Deus de outras crenças.
- 87% dos(as) estudantes consideram que o Ensino Religioso lhes proporciona mais cultura.
- 81% dos(as) estudantes acreditam que o Ensino Religioso os ajuda a conhecer a Igreja Católica e outras crenças ou religiões.
- 60% dos(as) estudantes consideram que o que aprendem no Ensino Religioso é útil para a vida.

Em suma, os(as) estudantes de Ensino Religioso no Brasil têm uma percepção muito positiva de seu **Ensino Religioso**, entre outras razões: porque gostam (70%), consideram-na necessária para sua educação (63,5%), valorizam-na por razões familiares (75,7%), ajuda-os em questões de fé (70%), a se tornarem mais religiosos (59%) e também os ajuda a pertencer a uma religião (57%).

Os estudantes, esta é uma conclusão clara, avaliam muito positivamente as **contribuições educacionais** do Ensino Religioso porque os ajuda a serem pessoas melhores, mais responsáveis e melhores cidadãos, sempre em porcentagens de aproximadamente 70%. Aumenta para 87% os que afirmam que melhora sua cultura geral e os ajuda a conhecer melhor as religiões (81%).



3. As famílias estão satisfeitas com o Ensino Religioso de seus filhos e valorizam sua contribuição para a educação integral

Os grupos-alvo da nossa pesquisa eram famílias com filhos em idade escolar que assistem o Ensino Religioso no Ensino Fundamental (68,3%) ou no Ensino Médio (31,7%), tanto em escolas públicas (68%) quanto particulares (32%). Na amostra, a proporcionalidade por regiões do Brasil também se manteve.

Quanto ao **perfil sociológico** dessas famílias, os resultados do estudo revelam que a maioria das famílias tem um (34%) ou dois (44,7%) filhos em idade escolar. 16% das famílias têm três filhos e 5% têm quatro filhos ou mais.

Com relação à ocupação de pais e mães, a maioria dos pais é empregada ou funcionária (51,7%), e as mães com essa profissão também são a maior porcentagem (39,7%). Um terço das famílias tem seu próprio negócio (28%), são empresários ou ocupam cargos de gestão (7%).

Quanto à definição religiosa das famílias do Brasil, uma grande maioria de quatro em cada cinco se define como cristã: 46% das mães se declaram católicas, 37% são evangélicas, pouco mais de 11% são de outras religiões e apenas 1% se declara atea; os pais são em sua maioria católicos (51%), evangélicas (27%), de outras religiões (11%) e ateus (3%). Chama a atenção que a grande maioria participe ativamente de uma comunidade cristã, movimento ou outro grupo religioso (60%).

Em relação ao perfil social das famílias, chama a atenção que quase metade (47%) tem algum com-

promisso social de voluntariado em projetos ou realidades que tenham a ver com justiça e melhoria da sociedade, o que revela um perfil bastante comprometido socialmente com valores de justiça e inclusão.

Com relação a **quem são os primeiros responsáveis** pela educação, uma pergunta que fizemos a todos os grupos, nosso estudo mostra que 94,7% dos pais e das mães do Brasil se consideram os primeiros responsáveis pela educação de seus filhos, bem à frente de outros, como o Estado ou os professores.

83% consideram que as mães e os pais têm liberdade para escolher o tipo de instituição educacional que preferem para seus filhos.

Quanto ao funcionamento do sistema educacional, os resultados revelam que 61% das famílias do Brasil consideram que funciona bem, em termos gerais.

No que diz respeito ao **Ensino Religioso**, uma maioria significativa (75%) afirma que é necessária na educação de seus filhos. Apenas 10% discordam dessa afirmação. Apesar dessa grande maioria, chama a atenção o fato de que somente 56% apoiam a obrigatoriedade para todos os estudantes, enquanto 61% consideram que deveria ser opcional.

Uma das descobertas mais relevantes dessa pesquisa sobre as famílias é a **grande valorização**

das contribuições educacionais do Ensino Religioso nas escolas. As evidências dessa percepção positiva podem ser resumidas nos resultados:

- 91% das famílias afirmam que conhecer sobre Deus nas aulas de Ensino Religioso ajuda seus filhos a se tornarem pessoas melhores.
- 80% das famílias concordam que a área do Ensino Religioso deve ajudar a fortalecer a fé de seus filhos.
- 76% das famílias reconhecem que a área de Ensino Religioso favorece o pensamento crítico e reflexivo de seus filhos.
- 82% das famílias consideram que a área de Ensino Religioso faz com que seus filhos tenham valores em sua formação.
- 83% das famílias consideram que a área de Ensino Religioso faz com que seus filhos tenham valores religiosos em sua formação.
- 81% das famílias consideram que o Ensino Religioso é bom para o projeto de vida de seus filhos.
- 84% das famílias são favoráveis a que a área de Ensino Religioso inclua em seu conteúdo o conhecimento de todas as religiões.
- 81% das famílias consideram que a área de Ensino Religioso melhora a cultura geral de seus filhos.

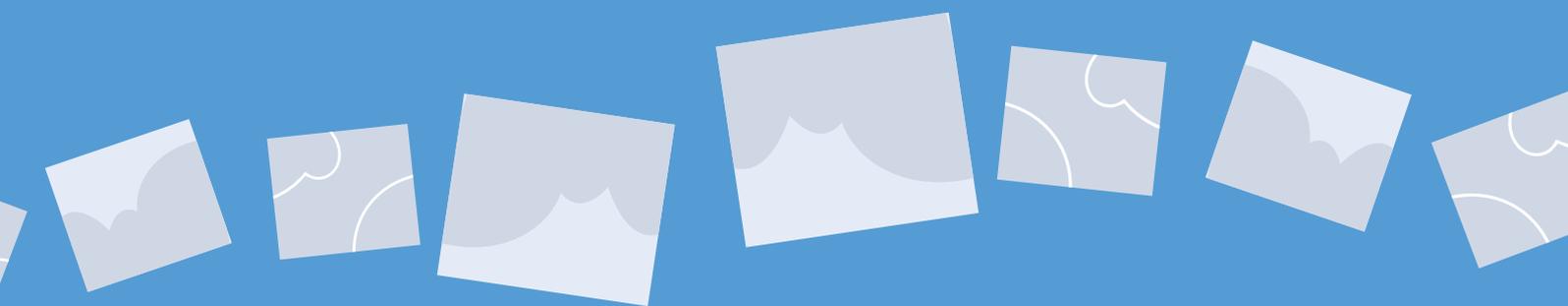
Consequentemente, temos resultados que confirmam a evidência de uma avaliação positiva das famílias sobre as contribuições do Ensino Religioso. Em praticamente todas as contribuições educacionais sobre as quais perguntamos, obtivemos respostas positivas de cerca de 80%, com porcentagens nunca superiores a 8% de pessoas que não as avaliam dessa forma.

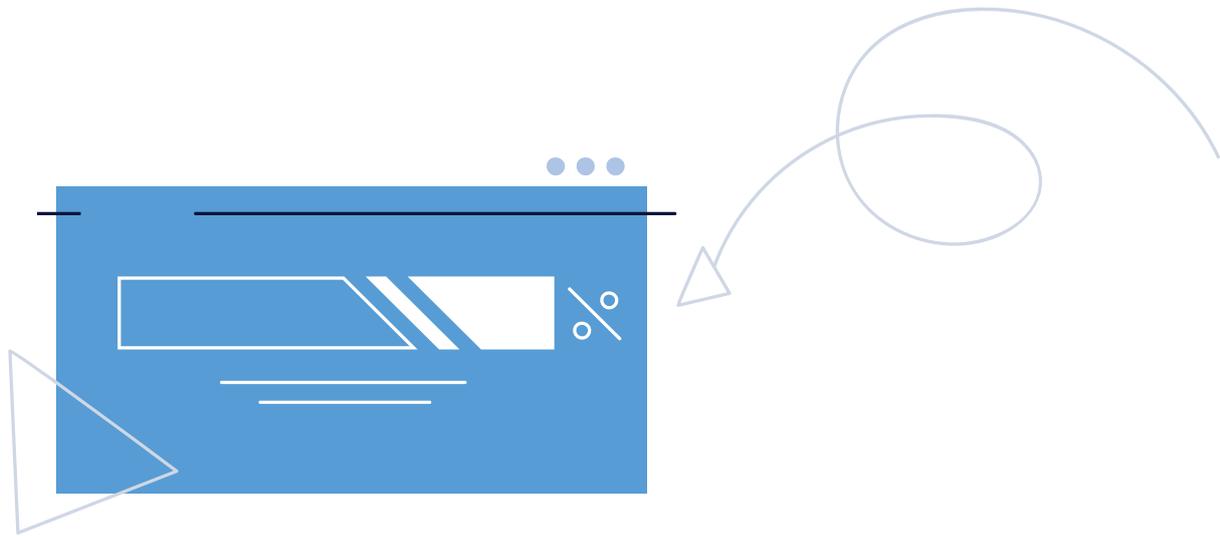
Em resumo, devemos concluir claramente que os resultados do nosso estudo revelam uma **satisfação geral** das famílias com o Ensino Religioso que seus filhos e filhas recebem nas instituições educacionais. Mais da metade das famílias está satisfeita (38%) ou muito satisfeita (20%), totalizando 58% de respostas positivas, o que representa uma clara maioria, embora uma em cada cinco famílias esteja insatisfeita com o Ensino Religioso de seus filhos.

Concluindo, a satisfação geral das famílias com o Ensino Religioso de seus filhos e filhas está próxima de 60%, o que é consistente com a avaliação das contribuições educacionais do saber religioso evidenciada pelos indicadores concretos que mostramos, e que representa uma avaliação positiva próxima de 80%.



Nota metodológica





1. Projeto

A pesquisa Panorama do Ensino Religioso no Brasil 2024 faz parte dos projetos que o Observatório da Religião na Escola, liderado pela Fundação SM, vem realizando desde sua criação, em 2019, para o estudo rigoroso e a promoção do Ensino Religioso na escola (ERE) na Ibero-América.

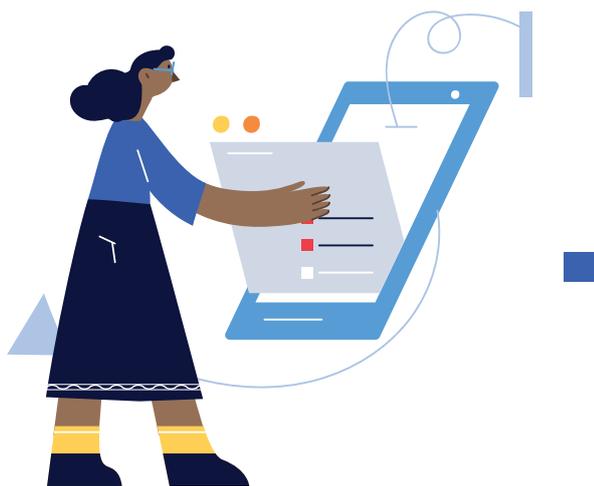
O objetivo era analisar as percepções de professores de Ensino Religioso, estudantes e famílias, que são considerados nesta pesquisa como os principais protagonistas na área de formação religiosa, sobre o Ensino Religioso. As principais áreas de foco da pesquisa são: a percepção do sistema educacional, a avaliação do Ensino Religioso, seus conteúdos e contribuições educacionais e, no caso específico dos professores, uma autoavaliação de sua formação e do trabalho realizado. A isso se acrescenta uma descrição do perfil social e religioso de cada grupo pesquisado.

Os dados foram obtidos através de uma pesquisa on-line usando a Plataforma Hello Programática

(interceptação na navegação na Internet e nas redes sociais, com base na identificação do perfil potencial desejado). Para coletar os dados, os instrumentos desenvolvidos pela equipe do Observatório da Religião na Escola (ORE) em sua série de relatórios *Panorama do Ensino Religioso* na Escola foram revisados e adaptados para fornecer, sempre que possível, dados comparativos com o restante dos países.

A elaboração da amostra, o trabalho de campo, o registro e a depuração foram realizados pela empresa Hello Group, com sede no Brasil. O processamento das bases de dados foi assumido pelo *Instituto de Evaluación y Asesoramiento Educativo - IDEA*.

O trabalho de campo foi realizado entre 13 de outubro e 7 de dezembro de 2023.



2. Amostra

Para obter uma amostra nacionalmente representativa, foram realizadas 1.800 entrevistas, distribuídas da seguinte forma: 1.000 estudantes com ou sem aulas de Ensino Religioso; 500 professores que lecionam habilidades/conteúdos de Ensino Religioso; 300 mães e pais de estudantes com ou sem aulas de Ensino Religioso. As etapas abordadas foram o *Ensino Fundamental* e o *Ensino Médio*. A base de amostragem considerada é o registro de instituições no país do *Censo Escolar da Educação Básica (2022) do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais (INEP)*.

Na elaboração da amostra, foram estabelecidas cotas com um número específico de entrevistas por grupo, de acordo com uma distribuição pro-

porcional de escolas por tipo (pública/particular) e região. O trabalho foi realizado nas cinco regiões do país: Região Centro-Oeste, composta pelos estados de Goiás, Mato Grosso e Mato Grosso do Sul, além do Distrito Federal; Região Nordeste, composta pelos estados de Alagoas, Bahia, Ceará, Maranhão, Paraíba, Pernambuco, Piauí, Rio Grande do Norte e Sergipe; Região Norte, composta pelos estados do Acre, Amapá, Amazonas, Pará, Rondônia, Roraima e Tocantins; Região Sudeste, composta pelos estados do Espírito Santo, Minas Gerais, Rio de Janeiro e São Paulo; e Região Sul, composta pelos estados do Paraná, Rio Grande do Sul e Santa Catarina.



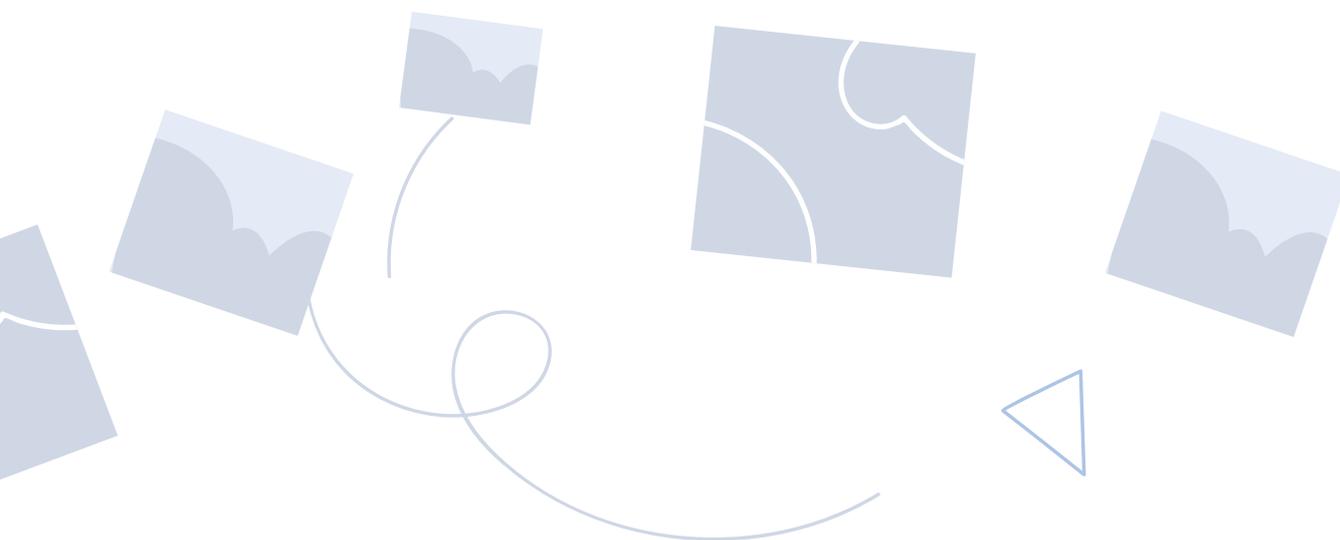
3. Método e técnica de análise

A análise dos dados obtidos na pesquisa foi realizado por meio de uma abordagem quantitativa, apoiada em técnicas de análise estatística descritiva.

Para a análise das respostas, foram utilizadas técnicas de tabulação cruzada e análise comparativa, com o objetivo de identificar padrões significativos e diferenças entre grupos de interesse, como, por exemplo, a titularidade das instituições (públicas ou privadas) e a região geográfica de origem dos

participantes. Foram realizados testes estatísticos para avaliar a significância das diferenças observadas entre os grupos, aplicando os testes pertinentes de acordo com a natureza das variáveis.

Além disso, foi garantida a comparabilidade dos resultados com estudos anteriores realizados pelo Observatório da Religião na Escola, por meio da revisão e adaptação dos instrumentos utilizados nesta pesquisa.



PANORAMA DO ENSINO RELIGIOSO NO BRASIL. RELATÓRIO 2024

Carlos Esteban Garcés



Este relatório nos fornece uma radiografia rigorosa da percepção que os protagonistas têm do Ensino Religioso no sistema educacional. Trata-se do primeiro estudo em que professores(as), estudantes e suas famílias tiveram a oportunidade de expressar suas opiniões sobre o Ensino Religioso.

As conclusões gerais apontam para uma satisfação geral com as contribuições educacionais que o saber religioso faz ao sistema educacional. Tanto as famílias quanto os(as) estudantes, bem como os professores e professoras, mostram sua avaliação positiva da presença do Ensino Religioso nas escolas, apesar da diversidade de situações entre escolas, municípios e estados.

Entre outras vantagens, as conclusões deste estudo possibilitarão superar alguns estereótipos que prejudicam a atenção ao saber religioso nos sistemas educacionais;

possibilitarão melhorar a autoestima e a consideração social do Ensino Religioso na escola por parte de seus protagonistas e da sociedade; e inspirarão possíveis decisões tanto políticas quanto das próprias denominações religiosas que poderiam melhorar a presença do Ensino Religioso no sistema educacional.

Este relatório faz parte dos objetivos do Observatório da Religião na Escola da Fundação SM. Sua finalidade é tornar a religião na escola uma cidadã do mundo, porque acreditamos que, bem entendida, é um bem comum e contribui para a melhoria de uma educação capaz de transformar a realidade e alcançar a emancipação de todas as pessoas e de todos os povos. Este é o compromisso do Observatório de Religião na Escola (ORE).

www.ore.fundacion-sm.org

A 2 2 5 0 0 0

ISBN 978-65-996010-4-0



INSTITUTO DE
EVALUACIÓN Y
ASESORAMIENTO
EDUCATIVO

